**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

QUÉFREN DE MOURA EGGERS

Sensibilidade, inteligibilidade e tradição em tradução bíblica:
um comentário sobre o projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida
na versão brasileira Revista e Atualizada

Versão corrigida

São Paulo
2019

QUÉFREN DE MOURA EGGERS

Sensibilidade, inteligibilidade e tradição em tradução bíblica:
um comentário sobre o projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida
na versão brasileira Revista e Atualizada

Versão corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. John Milton

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

E28s	<p>Eggers, Quéfren de Moura Sensibilidade, inteligibilidade e tradição em tradução bíblica: um comentário sobre o projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida na versão brasileira Revista e Atualizada / Quéfren de Moura Eggers ; orientador John Milton. – São Paulo, 2019. 210 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos da Tradução.</p> <p>1. Tradução. 2. Bíblia. 3. Revisão. 4. Língua portuguesa. 5. Igreja protestante. I. Milton, John, orient. II. Título.</p>
------	---

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Quéfren de Moura Eggers****Data da defesa: 27/06/2019****Nome do Prof. (a) orientador (a): John Milton**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 22/08/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

EGGERS, Q. M. **Sensibilidade, inteligibilidade e tradição em tradução bíblica:** um comentário sobre o projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida na versão brasileira Revista e Atualizada. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras - Estudos da Tradução.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Nilce Maria Pereira

Instituição: Universidade Estadual Paulista,
UNESP/IBILCE, São José do Rio Preto

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro

Instituição: Universidade de São Paulo,
FFLCH/DLCV, São Paulo

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof^a. Dr^a. Cláudia Santana Martins

Instituição: Sem lotação

Julgamento_____ Assinatura_____

A todos aqueles que, como eu, amam os textos bíblicos,
em seus idiomas originais e em suas traduções.

AGRADECIMENTOS

Revisitar integralmente uma tradução com a de Almeida, com sua importância histórica e seu impacto sobre as comunidades leitoras, não foi fácil, mas, sem dúvida, foi para mim uma experiência de aprendizado de grande significado. Ao participar desse trabalho — como revisora e pesquisadora —, pude vivenciar um processo extremamente enriquecedor.

Por isso, sinto-me privilegiada. A retroalimentação, tanto do projeto de tradução em relação à experiência acadêmica, quanto do projeto acadêmico em relação ao trabalho prático de revisão, propiciou a síntese apresentada aqui, além de ter marcado minha vida de formas impossíveis de descrever no curto espaço deste trabalho final.

Diante de tudo isso, quero agradecer imensamente, em primeiro lugar, ao Prof. Dr. John Milton, que, mesmo antes de me conhecer, quando ainda trocávamos *e-mails* e ele me imaginava como um senhorzinho de barba branca, me tratou com amabilidade e respeito, valorizando minhas ideias e contribuindo enormemente para que minhas reflexões sobre tradução bíblica tomassem forma. Obrigada pela orientação e pela amizade.

Aos professores e pesquisadores do antigo TRADUSP, novo Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA), por seu conhecimento e pela interlocução ao longo deste trabalho, e porque representam o que há de melhor no campo das reflexões sobre tradução no âmbito acadêmico brasileiro.

À banca examinadora, que não poderia ter sido mais bem escolhida. Prof^ª. Dr^ª. Nilce Maria Pereira, Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Santana Martins e Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro, muito obrigada por suas considerações e por dedicar seu tempo a refletir sobre as questões desta pesquisa, compartilhando, com grande simplicidade e profundidade, seus amplos conhecimentos.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, que tem sido mais do que uma segunda casa nesses meus anos de estudo, desde a primeira graduação.

À Sociedade Bíblica do Brasil e a todos os meus amigos de lá, em especial Denis Scheer Timm e Vilson Scholz, companheiros nessa grande jornada de escolhas e aprendizados.

À Prof^a. Dr^a. Suzana Chwartz, da FFLCH-USP, que, ainda em meados de 2004, me apresentou aos estudos bíblicos em âmbito acadêmico e, com suas aulas cativantes e seu profundo conhecimento sobre a Bíblia hebraica, me inspirou a estudar e me especializar.

A Esteban Voth, Marlon Winedt, Robert Bascom e Lourdes Barquín, das Sociedades Bíblicas Unidas, por sua amizade, seu apoio e seus ensinamentos. ¡Muchísimas gracias!

A todos os meus amigos, com quem, quer seja em meio a longas conversas, quer seja em curtos momentos, como num café, compartilhei os desafios dessa pesquisa.

À minha família no Brasil, na Bolívia e na Espanha. Ao meu pai, Rui, por me fazer entender a importância dos estudos e do conhecimento. Ao meu irmão, Queóps, por ser meu exemplo de inteligência e sabedoria. Aos meus sogros (e pastores), Alfredo e Hilda, por seu amor à Palavra de Deus e por me mostrar que é possível não apenas estudar a Bíblia, mas também viver os valores eternos contidos nela. E à minha mãe, Maria, a pessoa mais guerreira que já conheci e que me inspira, a cada dia, a ser uma pessoa ainda melhor. Não há palavras para agradecê-la!

Ao meu esposo e melhor amigo, Alfredo, por seu apoio tão importante em tantos momentos ao longo dessa trajetória. Amo você e me sinto extremamente privilegiada por passar os meus dias ao seu lado, junto ao Saroo.

E, acima de tudo, meu profundo agradecimento a Deus, que é o Criador de todas as coisas e, sem sombra de dúvida, a melhor tradução que existe do amor.

A letra mata, mas o espírito vivifica.
(Paulo de Tarso)

A fidelidade ao sentido é obrigatoriamente
uma infidelidade à letra.
(Antoine Berman)

RESUMO

EGGERS, Q. M. **Sensibilidade, inteligibilidade e tradição em tradução bíblica:** um comentário sobre o projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida na versão brasileira Revista e Atualizada. 2019. 210 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta dissertação se propõe a apresentar e discutir aspectos da revisão de uma tradução bíblica protestante, a saber, a de João Ferreira de Almeida na versão *Revista e Atualizada* (RA). Embora Almeida tenha traduzido a Bíblia pela primeira vez no século XVII, seu texto ainda é muito apreciado pelos leitores dos países lusófonos e continua a ser usado nas igrejas até os nossos dias. No Brasil, uma das versões mais lidas é a RA, de 1959, a primeira adaptação do texto de Almeida para o português brasileiro. Em novembro de 2017, a Sociedade Bíblica do Brasil publicou a *Nova Almeida Atualizada*, que é fruto de um trabalho de atualização dessa tão conhecida versão. O projeto de revisão desse texto, objeto do nosso estudo, é a primeira grande atualização da RA, que já havia recebido alguns ajustes pontuais em 1993. O objetivo é descrever a dinâmica adotada pela comissão designada para empreender o trabalho de revisão e seus critérios e pressupostos de tradução, marcados pelo intento de tornar um texto tão tradicional, como Almeida, mais contemporâneo, inteligível e acessível aos leitores de hoje. Uma das características importantes descritas é o diálogo com as igrejas, o que influenciou decisivamente os rumos da revisão.

Palavras-chave: Tradução. Bíblia. Revisão. Língua portuguesa. Igreja protestante.

ABSTRACT

EGGERS, Q. M. **Sensibility, intelligibility and tradition in biblical translation: a commentary on the revision project of the João Ferreira de Almeida's translation in the Brazilian version Revista e Atualizada.** 2019. 210 p. Dissertation (Master) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This dissertation intends to present and discuss aspects of the revision of a Protestant biblical translation, the João Ferreira de Almeida's translation in the *Revista e Atualizada* version (called “RA”). Although Almeida translated the Bible for the first time in the 17th century, his text is still very much appreciated by readers in Portuguese-speaking countries and it continues to be used in churches to this day. In Brazil, one of the most widely read is the RA version of 1959, the first adaptation of Almeida's text to Brazilian Portuguese. In November 2017, the Bible Society of Brazil published the *Nova Almeida Atualizada*, which is the fruit of a work to update this well-known version. The project to revise this text, the object of our study, is the first major update of the RA, which had already received some punctual adjustments in 1993. The purpose is to describe the dynamics adopted by the designated committee which undertook the revision work and its criteria and translation presuppositions, marked by the attempt to make a text as traditional as Almeida more contemporary, intelligible and accessible to today's readers. One of the important characteristics described is the dialogue with the churches, which decisively influenced the direction of the revision.

Keywords: Translation. Bible. Revision. Brazilian Portuguese. Protestant Church.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.E.C	antes da Era Comum
aprox.	aproximadamente
AT	Antigo Testamento
BH	Bíblia hebraica
<i>BHS</i>	<i>Biblia Hebraica Stuttgartensia</i>
BJ	Bíblia de Jerusalém
c.	por volta de
cf.	confira
DT	Denis Timm (revisor)
E.C.	Era Comum
l./ls.	linha/linhas
LXX	Septuaginta
NAA	Nova Almeida Atualizada (Bíblia)
NT	Novo Testamento
NTG	Novo Testamento Grego
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje (Bíblia)
NVI	Nova Versão Internacional (Bíblia)
QM	Quéfren de Moura (revisora)
RA	Almeida Revista e Atualizada (Bíblia)
RC	Almeida Revista e Corrigida (Bíblia)
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
TM	Texto Massorético
v./vs.	versículo/versículos (bíblicos)
VS	Vilson Scholz (revisor)

Nomes dos livros da Bíblia

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio

Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	Primeiro Livro de Samuel
2Sm	Segundo Livro de Samuel
1Rs	Primeiro Livro dos Reis
2Rs	Segundo Livro dos Reis
1Cr	Primeiro Livro das Crônicas
2Cr	Segundo Livro das Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cântico dos Cânticos
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações de Jeremias
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

Mt	Evangelho de Mateus
Mc	Evangelho de Marcos
Lc	Evangelho de Lucas
Jo	Evangelho de João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Carta de Paulo aos Romanos
1Co	Primeira Carta de Paulo aos Coríntios
2Co	Segunda Carta de Paulo aos Coríntios
Gl	Carta de Paulo aos Gálatas
Ef	Carta de Paulo aos Efésios
Fp	Carta de Paulo aos Filipenses
Cl	Carta de Paulo aos Colossenses
1Ts	Primeira Carta de Paulo aos Tessalonicenses
2Ts	Segunda Carta de Paulo aos Tessalonicenses
1Tm	Primeira Carta de Paulo a Timóteo
2Tm	Segunda Carta de Paulo a Timóteo
Tt	Carta de Paulo a Tito
Fm	Carta de Paulo a Filemom
Hb	Carta aos Hebreus
Tg	Carta de Tiago
1Pe	Primeira Carta de Pedro
2Pe	Segunda Carta de Pedro
1Jo	Primeira Carta de João
2Jo	Segunda Carta de João
3Jo	Terceira Carta de João
Jd	Carta de Judas
Ap	Apocalipse de João

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Almeida publicada em 1681, em Amsterdã (microfilme)	49
2. Antigo Testamento de Almeida em dois tomos (microfilme)	49
3. <i>Historia Evangelica</i> , do Frei Francisco de Jesus Maria Sarmiento	50
4. <i>Historia biblica e doutrina moral da religião catholica extrahida dos livros santos do Antigo Testamento</i> , do Frei Francisco de Jesus Maria Sarmiento	50
5. O software <i>Paratext</i> na versão 7.5	85
6. Marcadores USFM no texto do projeto	85
7. Área de trabalho para a revisão de uma tradução	87
8. Ferramenta de passagens paralelas	88
9. Janela de textos-fonte	89
10. Revista e Atualizada versiculada	90
11. Revista e Atualizada paragrafada	91
12. Diálogos sem marcação na RA	92
13. Revista e Atualizada e Nova Almeida Atualizada (Gênesis)	93
14. Nova Almeida Atualizada (tipografia)	94
15. Primeiras capas lançadas (preto, marrom e pêssego)	94
16. Capas para público jovem	95
17. Símbolos ou logomarcas da RA e da NAA	96
18. Leiaute da RA	96
19. Leiaute da NAA	97
20. NAA (Cântico dos Cânticos)	98
21. NAA (referências cruzadas e notas de tradução no rodapé)	98
22. Bíblia de Estudo NAA	99
23. Bíblia Verdadeira Identidade	99
24. Bíblia de Estudo Conselheira e Bíblia de Estudo do Discipulado	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 A TRADUÇÃO DA BÍBLIA	26
1.1 “A letra e o espírito”	26
1.2 Problemas em tradução bíblica	31
1.2.1 <i>Texto sagrado</i>	31
1.2.2 <i>Sensibilidade e tradição</i>	34
1.2.3 <i>Inteligibilidade</i>	36
1.2.4 <i>Ritmo em tradução bíblica</i>	41
1.2.5 <i>Tendências deformadoras na tradução</i>	44
2 A TRADUÇÃO DE ALMEIDA	47
2.1 Breve panorama	47
2.2 Almeida Revista e Atualizada	53
3. A TRADUÇÃO EM REVISÃO	58
3.1 A cristalização das traduções	58
3.2 A revisão da tradução	60
3.3 Projetos de revisão de traduções bíblicas	63
3.4 Os leitores da Bíblia e a revisão	74
4. A REVISÃO DA BÍBLIA DE ALMEIDA	76
4.1 Origem do projeto	76
4.2 A equipe revisora	77
4.3 Critérios e pressupostos	79
4.4 Base textual e metodologia	82
4.5 Ferramentas computacionais	84
4.6 Formatação	89
5. APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	101
5.1 Categorias de análise	101
6. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	110
6.1 Substituição dos pronomes de segunda pessoa	110

<i>Gênesis 42.27-34</i>	110
<i>Deuteronômio 31.19-21</i>	115
<i>Lucas 6.27-31</i>	117
<i>Gênesis 3.9-15</i>	121
<i>Marcos 8.27-30</i>	123
<i>Lamentações 3.55-57</i>	125
6.2 Mesóclises	127
<i>Gênesis 2.23</i>	127
<i>Êxodo 4.9</i>	128
<i>Mateus 7.7-8</i>	129
6.3 Arcaísmos e expressões pouco usuais	130
<i>Isaías 33.23-24</i>	130
<i>2Samuel 3.6-8</i>	133
<i>Jeremias 4.31</i>	135
<i>Outros exemplos</i>	136
6.4 Termos conhecidos ou teológicos	139
<i>Salmo 35.1 (peleja, contenda)</i>	139
<i>Atos 10.34-35 (acepção de pessoas)</i>	140
<i>Levítico 16.16-17 (propiciação, transgressão, expiação)</i>	142
<i>Efésios 1.3-14 (predestinar, redenção, dispensação)</i>	144
<i>Apocalipse 22.12-13 (galardão)</i>	147
<i>Hebreus 10.16-18 (remissão)</i>	149
<i>1Coríntios 15.42-45 (ressurreição)</i>	150
<i>1Timóteo 4.16-18 (arreatado)</i>	151
<i>Romanos 1.24-25 (imundícia, concupiscências)</i>	152
<i>Outros termos</i>	153
<i>Mateus 27.39-42 (blasfemar, escarnecer)</i>	153
<i>2Crônicas 2.4-6 (proposição, holocaustos)</i>	153
<i>Hebreus 10.23-25 (congregar, admoestações)</i>	154
<i>Isaías 61.8-9 (iniquidade)</i>	154
<i>Jó 13.9-10 (esquadrinhar)</i>	154
<i>Lamentações 1.21-22 (apregoar, prevaricações)</i>	155
<i>Judas 1.14-16 (miríades, ímpios, murmuradores)</i>	155
<i>Salmo 1.1-2 (escarnecedores, meditar)</i>	156

<i>Provérbios 3.33-35 (ignomínia)</i>	156
6.5 Linguagem inclusiva de gênero	157
<i>Gênesis 1.27</i>	157
<i>1Coríntios 11.23-30</i>	159
<i>Eclesiastes 3.11-13</i>	161
<i>Romanos 16.1-2</i>	161
<i>Efésios 4.10-14</i>	163
6.6 Textos iconizados ou de difícil tradução	164
<i>João 1.1-4</i>	164
<i>Deuteronômio 10.16</i>	166
<i>Salmo 23</i>	170
<i>João 3.16</i>	171
<i>Salmo 119.105</i>	172
<i>Filipenses 4.11-13</i>	172
<i>Mateus 28.19-20</i>	174
<i>Salmo 37.4-5</i>	175
<i>Gênesis 1.1-3</i>	175
<i>Isaías 53.3-5</i>	180
<i>Rute 1.16-17</i>	182
<i>Eclesiastes 3.1-8</i>	183
<i>Mateus 5.3-12</i>	184
<i>Outros textos iconizados</i>	186
<i>Romanos 8.36-39</i>	186
<i>Hebreus 11.6</i>	186
<i>Romanos 6.23</i>	187
<i>João 14.6</i>	187
<i>Romanos 8.28-30</i>	187
<i>Gálatas 5.22-24</i>	187
<i>Salmo 145.1-3</i>	188
<i>Mateus 6.33</i>	188
<i>Josué 1.9</i>	188
<i>João 8.32</i>	188
<i>Colossenses 3.13-14</i>	189
<i>Lucas 6.37-38</i>	189

<i>Mateus 6.9-13</i>	189
<i>Jeremias 29.11-13</i>	190
<i>Romanos 12.2</i>	190
6.7 Questões sobre a recepção da revisão	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
REFERÊNCIAS	202

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, os textos da Bíblia foram lidos, recitados, copiados e transmitidos. Reverberaram para muito além do *locus* no qual foram escritos e passaram a ser traduzidos para diferentes idiomas, o que os fez chegar a culturas e contextos os mais diversos. Sua vitalidade é surpreendente, e isso impulsiona projetos de tradução em todo o mundo até os dias de hoje.

Mas a tradução de textos produzidos há muitos séculos, em línguas que se transmutaram com o tempo, cujo conteúdo reflete idiossincrasias, valores e concepções muitas vezes estranhos àqueles das culturas de chegada, sempre traz desafios. A tradução da Bíblia não é exceção.

Apenas para enumerar algumas das questões que permeiam o processo tradutório da Bíblia, de início, pode-se pontuar o fato de não se tratar da tradução de um livro, em seu sentido estrito. Embora seja disponibilizada em nossos dias em formato de livro, a Bíblia originalmente não foi composta como uma obra única. Trata-se de uma coletânea de textos¹, que foram reunidos e ganharam *status* de escritura sagrada.

O cânon² protestante da Bíblia — comumente dividido em Antigo e Novo Testamento — foi composto na Antiguidade, na região da Palestina. Sua porção hebraica foi escrita ao longo de aproximadamente nove séculos. Já o chamado “Novo Testamento” foi escrito no primeiro século E.C. Muito provavelmente, os textos da Bíblia hebraica advêm de uma tradição oral anterior. Tanto a BH quanto o NT foram escritos não por um, mas por muitos autores, em diferentes contextos, com estilos diferentes. Em certos casos, acredita-se que um mesmo livro ou passagem tenha sido escrito por diversas mãos.

Originalmente, esses textos não eram organizados em porções numeradas³. A divisão em capítulos que é utilizada em nossos dias nas publicações bíblicas ao redor do mundo foi criada provavelmente por Stephen Langton, arcebispo da Cantuária, em 1227 E.C., para a Bíblia em latim. Já a separação em versículos tem sua origem pouco conhecida, embora Robert Estienne, também conhecido como Roberto Estéfano ou Stephanus, um tipógrafo parisiense do

¹ O próprio vocábulo “Bíblia”, do grego βιβλία, é o plural de βιβλίον (*biblion*), que significa “rolo” ou “livro”.

² Não há apenas um cânon bíblico válido. E uma das primeiras decisões a se tomar ao traduzir a Bíblia é qual dos cânones se irá escolher. O cânon católico possui 73 livros. Já o cânon protestante possui 66 livros. E a Bíblia hebraica, ou o *Tanakh*, possui 24 livros.

³ Uma das preocupações de quem traduz e edita a Bíblia é qual sistema de versificação utilizar, já que se trata de uma convenção, não uma regra. O editor pode escolher a forma de dividir os textos. Além disso, a inclusão de conteúdo e recursos exógenos, como títulos (para seções e perícopes), notas e referências cruzadas, é outra decisão de cunho editorial que pode influenciar a tradução.

século XVI, tenha sido o primeiro a imprimir a Bíblia com a inclusão de capítulos e versículos numerados⁴.

Na Bíblia, é possível encontrar um grande número de gêneros textuais distintos. A esse respeito, Robert Alter, em sua “Introdução ao Antigo Testamento”, no *Guia Literário da Bíblia* (1997), comentou:

De um certo ponto de vista, não é sequer uma coleção unificada, mas sim uma antologia solta que reflete nove séculos de atividade literária hebraica, desde a Canção de Débora e outros poemas arcaicos mais breves inseridos nas narrativas em prosa até o Livro de Daniel (século II a.C.). A variedade genérica dessa antologia é de qualquer modo notável, englobando historiografia, narrativas ficcionais e muita mistura de ambos, listas de leis, profecias tanto em verso como em prosa, obras aforísticas e de meditação, poemas de culto e devoção, hinos de lamentação e vitória, poemas de amor, tábuas genealógicas, contos etiológicos e muito mais. (ALTER; KERMODE, 1997, p. 25)

Além desses, há no Novo Testamento biografias, textos históricos, literatura epistolar, literatura apocalíptica e escatológica⁵ e outros.

A Bíblia também não foi escrita em um idioma, mas em três: hebraico (a maior porção da Bíblia hebraica), aramaico (capítulos em Daniel e Esdras) e grego (o Novo Testamento). Agrega-se a essa questão o problema dos autógrafos: não existem, preservados, os manuscritos originais da Bíblia. Essa questão é compartilhada com outros textos clássicos da literatura, mas quando se trata de um texto religioso e sensível, como é a Bíblia, esse problema ganha proporções maiores.

Muitos leitores não sabem da inexistência dos textos bíblicos autógrafos, ou seja, dos originais, ainda manuscritos. Acreditam que, em algum lugar, alguém detém a posse desses textos, escritos pelas mãos de seus autores e inspirados por Deus, e que é a partir deles que as traduções são feitas. Quando passam a entender a complexidade do tema dos originais da Bíblia, tomando consciência também do processo de transmissão do texto, muitos deles sentem-se inseguros quanto à fidelidade das traduções, questionando também a existência de interesses que motivariam adulterações nos textos. Isso impacta a aceitação e a distribuição das traduções.

Há muitas outras questões implicadas no processo de traduzir textos considerados sagrados. Uma delas tem a ver com os objetivos. Por vezes, o que leva à realização de um projeto de tradução da Bíblia é uma visão teológica e proselitista. Normalmente, isso está ligado com

⁴ MOORE, G. F. The Vulgate chapters and numbered verses in the Hebrew Bible. *Journal of Biblical Literature* vol. 12, n. 1, 1893, p. 73-78 (disponível em https://www.jstor.org/stable/3259119?seq=1#%20metadata_info_tab_contents, acesso em 8 ago. 2018).

⁵ Literatura escatológica, no contexto bíblico, é aquela que trata do destino final dos seres humanos e do mundo. Pode se tratar de discursos, visões e narrativas proféticas ou apocalípticas.

a Igreja católica ou a Igreja protestante, mas há projetos de tradução da Bíblia em praticamente todas as ramificações religiosas que adotam a Bíblia, em algum sentido, como escritura sagrada⁶. O fato de a motivação ser a evangelização de um grupo ou a difusão da religião pode levar a diferentes decisões metodológicas.

Uma tradução pode ser feita ou financiada por agências religiosas de tradução⁷. Se é assim, é preciso notar que há diferentes maneiras de selecionar os tradutores. Algumas organizações optam por pessoas de fora de uma comunidade linguística, normalmente missionários estrangeiros. A ideia pode ser ensinar princípios e valores cristãos a um grupo, etnia ou povo, por exemplo, oferecendo-lhe a Bíblia em seu idioma. Porém, nesse caso, a comunidade não participa, necessariamente, do processo tradutório. Os falantes são receptores de um texto produzido por agentes externos. Essas traduções costumam vir acompanhadas de longos processos de estudo e análise da estrutura das línguas, bem como da elaboração de sistemas alfabéticos e do estabelecimento de regras ortográficas por parte dos missionários. Esses são, em geral, os projetos de tradução que demandam mais tempo e investimento. Por vezes, missionários dedicam toda a sua vida a isso.

Em outros casos, as organizações que encabeçam, organizam ou financiam a tradução oferecem capacitação aos falantes nativos do idioma, a fim de que adquiram competências necessárias para o trabalho de tradução da Bíblia, por meio de seminários, oficinas, cursos, palestras, incentivo para especialização acadêmica, dentre outros. Além disso, muitos projetos vêm acompanhados de programas de letramento da população⁸.

Outras organizações, por sua vez, em vez de oferecerem capacitação prévia aos tradutores nativos, optam por encontros de imersão, nos quais os falantes do idioma (tradutores leigos)

⁶ Um exemplo, no contexto brasileiro, é a tradução do Novo Testamento feita por Haroldo Dutra Dias, apoiada pela Federação Espírita Brasileira, que se apresenta assim: “Tradução dos originais gregos, realizada por Haroldo Dutra Dias. O novo testamento apresenta o texto das escrituras sagradas estruturado de tal forma que respeita as questões culturais, históricas e teológicas da época em que Jesus viveu entre nós. Enriquecida com notas auxiliares à ambientação de expressões idiomáticas e às tradições religiosas, a obra aborda os temas direta e sucintamente, o que favorece o entendimento textual e conserva a pureza comum aos sentimentos e conselhos ofertados por Espíritos superiores.” Disponível em <http://www.febeditora.com.br/departamentos/novo-testamento-o/#.XHajI4hKiUk>, acesso em 7 ago. 2018.

⁷ Entre as mais conhecidas no Brasil, destacam-se a Associação Linguística Evangélica Missionária (ALEM), a Associação Missionária para a Difusão do Evangelho (AMIDE), a Seed Company, a Wycliffe Global, a Wycliffe Associates, a Missão Novas Tribos (MTB), a SIL International, a Sociedade Bíblica do Brasil, entre outras.

⁸ Para muitos grupos, a tradução da Bíblia, por si, é insuficiente, já que a língua não possui escrita e, conseqüentemente, os falantes não são alfabetizados. Nesses casos, pode acontecer de a organização promotora do projeto de tradução, além de estudar a língua e elaborar seu alfabeto, investir também em programas de letramento da comunidade. Em outras situações, alguns projetos optam por gravar a tradução bíblica em áudio e disponibilizar a igrejas, centros comunitários, rádios locais ou à população em geral por meio de diferentes tecnologias, dependendo do contexto da comunidade (mídias digitais, *pendrives* com arquivos de mp3, CDs, aparelhos de áudio, conhecidos como “proclaimers”, tecnologias de energia renovável etc.).

são reunidos e realizam o trabalho prático de tradução. Eles dispõem de materiais de consulta e apoio de pessoal externo, que confere o rascunho da tradução com a equipe, elaborando, em poucos dias, uma versão final do texto, numa espécie de esforço colaborativo. Esse é o caso das metodologias MAST (*Mobilized Assistance Supporting Translation*) e DOT (*Deaf Owned Translation*), ambas da organização Wycliffe Associates⁹. O objetivo é acelerar a tradução da Bíblia para idiomas que ainda não a possuem — e aqui estão compreendidos, sobretudo, os idiomas indígenas e as línguas de sinais.

Em um menor número de casos, tradutores, em geral em projetos individuais, decidem traduzir a Bíblia, completa ou em partes, a fim de defender sua interpretação dela, romper com a tradição das traduções existentes, demonstrar alguma inovação no campo da tradução, aplicar princípios de tradução a um texto clássico, “descristianizar” a Bíblia, dentre muitas outras motivações. Como exemplo, temos alguns tradutores contemporâneos, como Haroldo de Campos, Henri Meschonnic, Frederico Lourenço¹⁰ e Eugene Peterson¹¹. Embora destoem em termos de intenções, metodologias e pressupostos, todos têm em comum o fato de trabalharem individualmente na elaboração de um projeto que difere das traduções “tradicionais” da Bíblia¹².

Em outros casos, ainda, a motivação é essencialmente mercadológica, já que a publicação de uma nova tradução da Bíblia pode impulsionar as vendas de uma determinada editora.

Quanto à recepção dessas traduções, sabe-se que há uma infinidade de projetos ao redor do mundo e diferentes organizações envolvidas nesse trabalho. Obviamente, cada uma dessas iniciativas possui suas características próprias. Elas são feitas com focos específicos, partem de pressupostos diferentes e são, inclusive, direcionadas a públicos distintos. Algumas delas

⁹ Cf. <https://www.wycliffeassociates.org/>, acesso em 6 jan. 2019.

¹⁰ Frederico Lourenço propôs uma tradução da Bíblia completa do grego para o português. Como fonte, utilizou a Septuaginta. Seu trabalho vem sendo lançado por volumes, publicados no Brasil pela Companhia das Letras. Segundo o professor Pedro Paulo Funari, da Unicamp, seus critérios de tradução incluíram “a fidelidade ao campo semântico provável dos termos antigos, mesmo que em detrimento da facilidade de inteligência imediata e de adequação à tradição e expectativa” (*Rev. Estud. Class. Campinas*, SP, v.18, n.1 pp.119-122 jan./jun. 2018).

¹¹ Segundo Lenita Rimoli Esteves, “É interessante notar que Peterson afirma ter pretendido aproximar sua versão ao original hebraico, mas num sentido que difere (...) das versões ‘esotéricas’ da Bíblia. Ele diz que quis escrever uma versão que fosse terrena, ‘pé-no-chão’ (earthy), como o hebraico deveria ter soado quando os Salmos foram compostos” (2011, p. 242).

¹² Outro exemplo é a “Bíblia Freestyle”. Não foi mencionada no texto da dissertação por não se tratar de uma tradução dos originais, mas de uma versão ou paráfrase de um autor, Ariovaldo Jr., baseada nas traduções em língua portuguesa. Houve um trabalho de reescrita desse texto, adaptando-o a uma linguagem que o próprio autor define como “bem-humorada”, cheia de referências à cultura *pop* ocidental. Ariovaldo entende seu projeto como algo que pode aproximar as novas gerações, sobretudo leitores não cristãos, do texto bíblico — portanto, embora seja um autor isolado, tem em mente o evangelismo.

recebem ampla aceitação junto aos leitores; já outras, nem tanto. Um exemplo paradigmático é a histórica Bíblia de Almeida, em língua portuguesa. Apesar de ter sido traduzida em meados do século XVII e revisada inúmeras vezes, o que faz do texto de hoje algo bem distinto do texto que Almeida escreveu, continua sendo uma tradução bastante prestigiada no mundo lusófono, sobretudo nas igrejas protestantes. Portanto, em geral, tem êxito entre os leitores tradicionais da Bíblia e é considerada uma tradução confiável. Por outro lado, outros projetos, como as transcrições de Haroldo de Campos, possuem pouca ou nenhuma penetração no meio religioso brasileiro, sendo lidas mais em âmbito acadêmico e consideradas interessantes incursões, de caráter experimental, em vez de traduções para leitura devocional, individual ou nas sinagogas e igrejas¹³.

De qualquer forma, seja qual for o intuito — político, religioso, cultural, comercial, ideológico — ao fazer uma nova tradução da Bíblia, no idioma que seja, e independentemente de se tratar de um “sucesso editorial”, um *best-seller*, ou de uma tradução menos popular, é sempre possível olhar para o resultado do trabalho realizado ao longo de poucos ou muitos anos, por uma ou mais pessoas, e evidenciar as escolhas tradutórias tomadas, as quais, em conformidade com o projeto e os princípios de tradução adotados, vão, em maior ou menor grau, respeitar ou desrespeitar — ou, nas palavras de Antoine Berman, deformar ou não deformar — o “texto original”.

Considerando todas essas questões, cujo enfrentamento não é simples, este trabalho tem a intenção de refletir sobre o projeto de revisão de uma tradução bíblica de grande importância nos países lusófonos. Trata-se da Bíblia de Almeida na versão brasileira *Revista e Atualizada* (ou, simplesmente, “RA”, como é conhecida entre as igrejas protestantes). Essa é uma das traduções mais aceitas por igrejas e leitores no Brasil e é a primeira adaptação da tradução de Almeida para o português brasileiro, datada de 1959. O projeto de revisão objeto deste estudo é a primeira grande atualização dessa versão, que já havia recebido alguns ajustes pontuais em 1993.

A revisão foi feita no âmbito de uma organização protestante, sem fins lucrativos: a Sociedade Bíblica do Brasil. Essa organização integra uma fraternidade mundial, as *United*

¹³ Quanto ao desconhecimento das transcrições de Campos por parte de leitores religiosos no Brasil, é um tema que necessita maior exploração. Talvez fosse interessante um estudo paralelo com traduções como as de Buber e Rosenzweig, para o alemão, e de Henri Meschonnic, para o francês, que buscasse investigar o nível de conhecimento e aceitação desses trabalhos de tradução nas igrejas e sinagogas. Como afirma Lenita Maria Rimoli Esteves (2011, p. 250), em seu artigo “Revelação ou entendimento: alguns apontamentos sobre a tradução de textos religiosos”, o que fica patente é uma “dissonância entre as intenções dos tradutores e a recepção alcançada por sua tradução”. Resta buscar compreender as razões.

*Bible Societies*¹⁴, e tem a missão de “disseminar a Bíblia e, por meio dela, promover o desenvolvimento integral do ser humano”¹⁵. Ela foi criada pelas igrejas protestantes em território nacional, e, por isso, presta contas a elas. Assim, a decisão de iniciar a revisão da tradução RA não pôde ser unilateral. A própria ideia da revisão nasceu de um desejo manifestado primeiramente por alguns leitores e por igrejas. E foram representantes de igrejas protestantes brasileiras que deram a palavra final e afirmativa para o projeto, além de ajudar a definir alguns parâmetros essenciais da revisão.

Levando isso em consideração, a dinâmica adotada pela comissão designada para empreender o trabalho de revisão e seus critérios e pressupostos de tradução são temas de interesse desta pesquisa. Por meio de textos selecionados, ela objetiva comentar a *Nova Almeida Atualizada* — como foi chamado o texto da tradução já revisado —, publicada em novembro de 2017, à luz do texto que ela revisa, exemplificando as mudanças feitas, bem como pontos que permaneceram inalterados. Entende-se que tal descrição possa ser útil para outros estudiosos e pesquisadores, ao apresentar os percursos que levaram às tomadas de decisão no momento de revisar. Também pode ser válida a descrição das reações dos leitores e a reflexão sobre a aceitação da revisão de uma tradução tradicional da Bíblia, ou seja, um texto sensível.

Uma das características importantes a serem descritas é a abertura para o diálogo com as igrejas, porque influenciou os rumos dessa revisão. Há, reconhecidamente, por parte dos leitores de Almeida, a expectativa de preservação do estilo clássico dessa tradução; mas também existe o desejo, manifestado por muitos, de atualização de uma tradução que, embora considerada excelente, possui diversos pontos a ser repensados e possibilidades inúmeras de reescrita e recriação. Mas a extensão — ou, talvez, os limites — dessas mudanças são um elemento difícil de mensurar. É por isso que a tônica do projeto de revisão foi determinada levando em consideração o diálogo com leitores e igrejas, por meio de quem se delimitaram tais fronteiras. Foi um parâmetro considerado necessário, levando em conta o âmbito em que a revisão foi feita e o escopo do projeto.

Um detalhe que se faz necessário explicitar é que a autora deste trabalho fez parte da comissão revisora da *Nova Almeida Atualizada* — portanto, seu olhar e suas reflexões advêm de uma posição especial, privilegiada e, ao mesmo tempo, difícil. De um lado, a proximidade

¹⁴ As *United Bible Societies* (Sociedades Bíblicas Unidas) são uma rede global de sociedades bíblicas, trabalhando na tradução e na distribuição da Bíblia em mais de 200 países e territórios em todo o mundo. Para a organização, “a Bíblia é para todos”, então trabalha-se com a visão de permitir a todos o acesso à Bíblia na língua e no meio de sua escolha (cf. <https://www.unitedbiblesocieties.org/about-us/>).

¹⁵ Cf. <http://www.sbb.org.br/quem-somos/a-sbb/missao-visao-e-valores/>, acesso em 6 jan. 2018.

com o objeto permite sua descrição e a reconstrução de seu percurso. De outro, o excesso de envolvimento traz o desafio de desvencilhar-se do apego ao projeto, evitando que este trabalho de mestrado se converta em uma defesa da revisão, o que requer um olhar crítico e capaz de questionar as próprias decisões. Embora não pretenda incorrer na ilusão da objetividade absoluta, impossível em qualquer campo do conhecimento, este trabalho busca uma análise embasada do que foi feito.

Quanto à estrutura desta dissertação, começaremos refletindo sobre a letra e o espírito e os impactos desse embate para a tradução bíblica. Também destacaremos algumas das especificidades e problemáticas principais desse campo da tradução. Depois, haverá um breve retrospecto do trabalho de João Ferreira Annes d’Almeida e a leitura e o uso de seu texto ao longo da história, chegando ao Brasil. O passo seguinte será definir “revisão” e apresentar alguns projetos bíblicos realizados nas últimas décadas. Por fim, haverá o estudo de caso da revisão da tradução de Almeida na versão RA. Serão discutidas as decisões de tradução feitas, à luz dos pressupostos adotados no projeto. Para isso, foram escolhidos alguns excertos de passagens bíblicas e, a partir deles, apresentaremos pontos em que a comissão revisora preserva os principais aspectos da tradução de Almeida, outros em que ela os revisa sutilmente e outros em que altera substancialmente seu texto. Permeando as análises, o embasamento teórico se fundamentará em autores relevantes para as reflexões sobre tradução bíblica, em especial Karl Simms e Carlos Alberto Gohn e seu entendimento sobre a tradução de textos sensíveis, Eugene Nida e a teoria da equivalência dinâmica em tradução, Antoine Berman e a analítica da tradução, essencial para a análise dos excertos bíblicos, e Henri Meschonnic e suas contribuições no que concerne ao ritmo em tradução bíblica.

Considerando que textos sensíveis são um objeto particular de interesse científico, enfocá-los numa análise pormenorizada parece um caminho importante para o desenvolvimento dos estudos da tradução.

1 A TRADUÇÃO DA BÍBLIA

Neste primeiro capítulo, a tradução da Bíblia será o tema principal. Aqui serão apresentados debates e questões importantes para a compreensão das especificidades e dos desafios deste campo *sui generis* da tradução.

1.1 “A letra e o espírito”

Paulo de Tarso, um dos maiores escritores do Novo Testamento, tornou-se célebre representante do pensamento filosófico da Igreja cristã do primeiro século. Uma de suas ideias sedimentadas que mais ecoaram ao longo da história, mencionada na abertura deste trabalho, é a que se expressa no aforismo “A letra mata, mas o espírito vivifica”.¹⁶ A palavra traduzida por “letra” (em grego, γράμμα, *gramma*) é a usada para designar as letras do alfabeto, e aqui é contraposta a “espírito” (πνεῦμα, *pneuma*). A letra a que Paulo se refere é o texto, escrito com tinta ou em tábuas de pedra (2Co 3.3,7), ou seja, a Lei. Já o espírito, para a maior parte dos intérpretes, é o Espírito de Deus. Outros o entendem como o espírito humano ou, ainda, o “espírito” de um texto.

O que talvez muitos leitores da Bíblia não percebam é o grande duelo filosófico que Paulo inaugura ao proferir essas palavras à igreja de Corinto — um duelo que vem cruzando os séculos e que se espraia por várias áreas do conhecimento. Trata-se da dicotomia entre letra e espírito, a qual se apresenta, por extensão, também no campo da tradução, como uma dicotomia entre forma e sentido¹⁷.

¹⁶ O texto completo de 2Coríntios 3, que encapsula o aforismo, é este: “Estamos começando outra vez a recomendar a nós mesmos? Ou será que temos necessidade, como alguns, de entregar cartas de recomendação para vocês ou pedi-las a vocês? Vocês são a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos. Vocês manifestam que são carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações. E é por meio de Cristo que temos tal confiança em Deus. Não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, mas o Espírito vivifica” (tradução Nova Almeida Atualizada).

¹⁷ Lenita Maria Rimoli Esteves (2011, p. 235), em seu artigo “Revelação ou entendimento: alguns apontamentos sobre a tradução de textos religiosos”, propõe uma discussão sobre essa dicotomia, que acaba engendrando, para a autora, “duas estratégias bastante distintas para abordar a tradução de textos religiosos: a primeira busca dar acesso ao leitor em termos de entendimento, aproximando o texto religioso da cultura para a qual ele está sendo traduzido. A segunda estratégia é nutrida por uma ênfase na iluminação, na revelação, numa clarividência que não necessariamente passa pelo raciocínio, mas que pode ser proporcionada pela transmissão de características da língua que não pertencem ao campo dos sentidos e têm a ver com a materialidade da língua: ritmo, assonâncias, aliteraões” (ESTEVES, 2011, p. 235).

A Igreja Primitiva, assim como o próprio apóstolo Paulo, vivia no centro de um grande embate de visões de mundo, que é ilustrado nas discussões entre Paulo e Pedro¹⁸. Esse choque de ideias foi motivado principalmente pela expansão da mensagem bíblica e colocava em tensão os valores do judaísmo e as ideias proferidas por Jesus e evocadas pelos membros desse grupo nascente, a que se passou a chamar de “cristãos”¹⁹. Para Lenita Maria Rimoli Esteves (2011),

São Paulo foi o primeiro grande responsável pela divulgação do Cristianismo entre os povos não judeus, conhecidos como “gentios”. Ele defendia a ideia de que o Cristianismo, nascido dentro da tradição e da cultura hebraicas, deveria acolher toda a gente. Para tanto, todo mistério no qual pudesse estar envolvido o texto sagrado deveria ser desvelado, dando acesso direto à vida cristã. A garantia desse contato direto e da clareza no entendimento das escrituras sagradas é o próprio Cristianismo. (ESTEVES, 2011, p. 236)

Para o judaísmo, Deus, “YHWH”²⁰, sempre foi o incognoscível, a alteridade absoluta. A impossibilidade de desvelamento desse “outro” é uma característica dessa religião. No entanto, isso nunca se contrapôs à fé e ao aceite da aliança com Deus. O relacionamento com essa divindade se deu de maneira coletiva, com a aquiescência a um imperativo ético divino e a obediência a ele. Essa seria a marca da relação entre esse Deus transcendente e o povo, e não a compreensão de quem ele é ou a captação de seus mistérios. Embora os textos da Torá sempre tenham estado abertos à discussão, não há pretensão de desvendá-los por completo. A própria existência de entendimentos diversos denota, no judaísmo, a consciência do distanciamento entre o divino e o humano, que não é capaz de fechar um conhecimento a respeito de Deus. Esteves (2011), a esse respeito, afirma:

Em oposição a esse contato direto e à clareza das escrituras, temos a tradição judaica de leitura e interpretação do texto bíblico. Essa tradição tem um apego maior à materialidade do texto, não considerando necessariamente negativa a possibilidade de várias interpretações da mesma passagem. A tradição judaica dá grande importância à literalidade do texto, que muitas vezes sobrepuja a transmissão de ideias. (ESTEVES, 2011, p. 236).

Os cristãos, por sua vez, com a vinda de Jesus, entenderam que o Deus transcendente da Bíblia hebraica se fez carne, ou seja, tornou-se humano. O Verbo, como afirmou o apóstolo João em seu Evangelho (Jo 1.1), habitou entre os seres humanos, se revelou de forma compreensível, traduziu sua essência em uma linguagem cognoscível e reabriu o caminho para o

¹⁸ Cf. At 15; Gl 2, a partir do v. 6.

¹⁹ No Novo Testamento, o título “cristãos”, dado aos seguidores de Jesus, aparece apenas em At 11.26, At 26.27-28 e 1Pe 4.16. As expressões com que eles próprios se chamavam variavam entre “irmãos”, “discípulos”, “os do Caminho” (At 6.1,3; 9.2) e “santos” (Rm 1.7).

²⁰ O próprio nome de Deus, indizível, inefável, transmite sua alteridade e a incapacidade humana de compreendê-lo.

Pai, o Criador. Andrew Walls discutiu esse tema em seu livro, intitulado *The Missionary Movement in Christian History* (1996):

Christian faith rests on a divine act of translation: “the Word became flesh, and dwelt among us” (John 1:14). Any confidence we have in the translatability of the Bible rests on that prior act of translation. There is a history of translation of the Bible because there was a translation of the Word into flesh. (WALLS, 1996, p. 26)

Essa percepção é vital para compreender o papel da tradução no cristianismo. O conhecimento recebido por meio desse ato primordial de “tradução” da própria divindade traz vida. E se Deus decidiu se relacionar com a humanidade de uma forma compreensível, então há uma mudança de paradigma, inaugurada por Jesus. Como afirma Berman, “Enquanto que a tradição judaica desconfiava da tradução, é realmente um imperativo categórico do cristianismo a tradução do Livro em todas as línguas, a fim de que o sopro vivificante do Espírito atinja todas as nações (Atos dos Apóstolos, 2, 4)” (BERMAN, 2007, p. 43). Para Rimoli Esteves (2011, p. 236), a “grande novidade do Cristianismo é a substituição da morte pelo Espírito, da condenação pela justificação, daquilo que é passageiro por aquilo que permanece, justamente porque a vinda de Cristo desvela, revela, aproxima”.

Com Cristo, o véu, que antes separava o ser humano de Deus, foi rasgado. Simbolicamente, a compreensão da verdade, a captação do conhecimento, se tornou possível com a revelação do Espírito vivificante. Essa nova realidade implicou o conhecimento do mistério, que reconecta o ser humano a Deus. Essa maneira de se aproximar de Deus é diferente do que preconizava o judaísmo.

Sobretudo no protestantismo, voltado à noção de entendimento individual do texto, iluminado pelo Espírito, houve, com base nos escritos paulinos, uma insistência na busca pela revelação e uma deliberada oposição à noção de mistério da palavra, a qual fundamenta, em parte até os dias de hoje, a prática da escuta de textos em línguas desconhecidas da audiência, algo que existiu no próprio catolicismo²¹. Sobre isso, Aires A. Nascimento (2011) afirmou:

²¹ Durante muitos séculos, a Igreja Católica se ancorou na noção de mistério. A liturgia, por tanto tempo ministrada em latim, uma língua que poucos fiéis dominavam, reiterava o distanciamento dos fiéis em relação aos significados que a divindade compartilhou nos escritos sagrados. Isso era parte do domínio da própria Igreja. Por conta disso, a escuta e o recitar, ou seja, os sons e o ritmo do texto em latim, conduziriam o fiel à atmosfera sagrada, ainda que o sentido das palavras não fosse captado. Isso foi profundamente combatido pelas igrejas protestantes ao longo da história, interessadas na revelação. Nos dias de hoje, grupos evangélicos, sobretudo neopentecostais, têm retomado essa questão por meio de “moveres espirituais”, de manifestações do Espírito Santo, da própria glossolalia e de atos proféticos, os quais muitas vezes prescindem de discursos, mensagens orais ou palavras.

O contacto mais habitual com a Bíblia, por parte dos fiéis, fazia-se pelas leituras ouvidas na liturgia (que organizava os textos por ciclos já pelo séc. VII); era aprofundado esse contacto através da pregação em que essas leituras eram explicadas (...). Qualquer que fosse o nível havido nesses atos, havemos de convir que eles tendiam a garantir estruturação de um mundo largo de vivências que acabava por se repercutir na própria expressão de língua. (NASCIMENTO, 2010, p. 19)

Rimoli Esteves (2011) também comenta essa questão, retomando o que afirmou Franz Rosenzweig, tradutor da Bíblia para o alemão, juntamente com Martin Buber:

Franz Rosenzweig, que traduziu a Bíblia para o alemão (...), confessou em uma carta que preferia a leitura de uma oração em hebraico à leitura da mesma oração traduzida, mesmo quando o leitor não entendesse o significado. “O hebraico, mesmo sem ser entendido, lhe proporciona mais do que a melhor das traduções” (citado em ABDULKADER, 2009, p. 45). (ESTEVES, 2011, p. 237)

Essa noção, de preeminência do idioma original, além da ideia de impossibilidade de apreender os sentidos do sagrado, da alteridade divina, se contrapõe à ideia de um Espírito vivificante, que traduz o que é inexprimível²². Assim, se, por um lado, na noção de mistério há uma valorização da literalidade, da materialidade da letra, com sua sonoridade, seu ritmo próprio, os quais também evocariam sentidos, talvez mais espirituais e transcendentais, na visão de revelação, assumida pela Igreja Primitiva do primeiro século e pelo cristianismo protestante, o foco é o significado da letra, ou seja, o seu sentido, por vezes descolado da “forma”.

Dessa oposição histórica entre letra e espírito, literalidade e revelação, forma e significado, nasce também a longa discussão sobre a tradução de textos sagrados. Em primeiro lugar, num contexto em que a escuta e o mistério, por si, levassem a um tipo de conexão com o divino, no qual o significado fosse parte do domínio dos sacerdotes, a tradução não seria necessária — tampouco aceitável —, o que de fato ocorreu em um longo período da história do cristianismo. Nesse contexto, se assumiria que no texto em uma língua que as pessoas não entendessem residiriam os mistérios de Deus, e, portanto, sua tradução seria indesejável. Num contexto de valorização do idioma original, portador de sentidos considerados inexprimíveis em qualquer outro idioma, a tradução também seria inapropriada (isso se dá, por exemplo, com o Corão²³). Walls (1996) expressou isso da seguinte forma:

Even Judaism and Islam, which come from the same Semitic matrix as Christianity, and share the Christian characterization of God’s manward activity as speech, do not represent it as translated speech. In Islamic faith God speaks to mankind, calling to

²² Cf. Rm 8.26-27: “E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos” (tradução Almeida Revista e Corrigida).

²³ Embora haja diversas traduções do Corão para diferentes idiomas, os fiéis do Islã rechaçam a inspiração desses projetos, e cada muçulmano é instado a aprender o árabe e ler, estudar e recitar os textos no idioma original.

obedience. The sign of that speech is the Qur'an, the direct speech of God, delivered in Arabic at the chosen time through God's chosen Apostle, unaltered and unalterably fixed in heaven for ever. In prophetic faiths God speaks to humanity: in Christian faith, God becomes human... Though the earliest Church was Jewish and retained the Jewish Scriptures, the Christian approach to the Bible is not identical with the historic understanding of the Torah. The Christian Scriptures are not the Torah with an updating supplement. The translation of the speech of God, not just into human speech but into humanity, implies a different type of encounter with the divine. (WALLS, 1996, p. 26)

Por outro lado, quando os fiéis ou seguidores de uma religião entendem que a captação ou a compreensão da verdade do texto é intrínseca à sua fé e necessária ao cumprimento de um chamado divino²⁴, a profusão de traduções é inevitável.

Mas há, ainda, outro problema relacionado à dicotomia letra e espírito: se a ideia é traduzir os textos sagrados — seja qual for a razão ou a motivação —, como fazê-lo? Qual seria a maneira recomendável? Aquela que levasse em consideração os elementos formais (e rítmicos, por exemplo) do original, recriando-os na língua de chegada? A que buscasse a transmissão do sentido do original na língua de chegada, por vezes abrindo mão da forma? Novamente: letra ou espírito? Forma ou sentido? A tradução de textos religiosos num contexto como o do cristianismo deve produzir um texto claro ao leitor, ou a dificuldade inerente ao texto deve transparecer em sua recriação na língua de chegada? Certo estranhamento seria tolerado pelos leitores? Ou a noção de “Espírito vivificante” deveria também se expressar no resultado do trabalho dos tradutores, por meio da clareza de ideias e sentidos?

Susan Bassnett (2002, p. 53), em suas reflexões, chegou a afirmar que “A religion as text-based as Christianity presented the translator with a mission that encompassed both aesthetic and evangelistic criteria”. De fato, a tradução, vista dessa forma, é o que fornece vida e vitalidade para a fé, onde quer que ela chegue. Em essência, a fé cristã passa a respirar e prosperar na tradução das Escrituras. Mas isso não isenta a tradução de trazer consigo um conjunto de difíceis questões.

Embora sejam problemáticas preliminares, muitas delas de cunho filosófico, são pontos de partida para determinar os rumos de uma tradução da Bíblia. Algumas pressuposições, como as destacadas nesta introdução, determinam a orientação e a metodologia de uma tradução, definindo seus contornos. Diante desses temas, há outras questões subjacentes, que têm muito a ver com o universo específico da tradução da Bíblia. Algumas delas serão apresentadas a seguir, a fim de situar o espaço de reflexão sobre o tema principal desta dissertação.

²⁴ O chamado de Deus é conhecido como “A Grande Comissão”: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações...” (Mt 28.19-20). Esse imperativo, para muitos, só pode ser cumprido por meio de traduções, já que a ordenança é para que se leve a mensagem (o sentido) do evangelho a todo o mundo.

1.2 Problemas em tradução bíblica

Sabe-se que a prática de traduzir a Bíblia é anterior ao próprio cristianismo²⁵. Mas não é somente por essa preeminência histórica que a tradução das Escrituras se tornou o coeficiente da fé cristã. É, mais crucialmente, a natureza intrínseca dessa fé, como visto anteriormente, que compreende que o Deus transcendente se fez carne e traduziu sua essência, o que permitiu a adaptabilidade e a simbiose de sucesso entre tradução e a fé cristã. Assim, a fé é um componente importantíssimo da relação entre texto e leitor.

Porém, o distanciamento do contexto de produção do texto original bíblico em relação aos contextos das traduções nos idiomas de chegada não pode ser ignorado. Ele é abismal, não apenas em termos espaciais, geográficos e temporais, mas, sobretudo, em termos de visão de mundo, cultura e língua. Sobre isso, Sergio Waisman (2005) ponderou:

Al enfrentarnos con una traducción debemos tener en cuenta el contexto del original, el del texto de destino y, más importante aún, la distancia entre los dos. Es en esta distancia – en una Babel de desplazamientos lingüísticos, temporales y espaciales – donde ocurre todo: donde se transmiten o se pierden, se renegocian, reexaminan y reinventan textos y culturas. (WAISMAN, 2005, p. 9)

Uma vez que na Bíblia podem ser encontradas tantas cosmovisões distintas de culturas antigas — suméria, acádia, cananeia, egípcia, romana, fenícia, grega —, todas muito diferentes entre si, com concepções igualmente diferentes em relação às culturas modernas ocidentais, é fundamental manter a consciência da distância entre elas. A tradução, assim, se torna um trabalho de encarar e pensar fronteiras culturais profundas, o que, por si, já torna a tarefa de traduzir algo bastante desafiador.

1.2.1 *Texto sagrado*

Para além dessa questão, outro tema que se apresenta na tradução da Bíblia é o do texto sagrado. Embora muitos autores discutam aproximações e distanciamentos da tradução desse tipo de texto em relação a outros tipos, não há dúvidas quanto à existência de particularidades nesse campo da tradução que não deveriam ser ignoradas.

²⁵ A Septuaginta, uma das traduções mais clássicas da Bíblia hebraica, foi traduzida para o grego coine entre o terceiro e o primeiro século A.E.C., em Alexandria.

Alguns tradutores da Bíblia compreendem seu trabalho como um chamado divino ou uma tarefa espiritual. Isso faz com que certas pressuposições sejam incorporadas à tarefa de traduzir. Uma delas é a ideia de infalibilidade do texto. Ou seja, para alguns, por a Bíblia ser considerada um texto inspirado por Deus, é isenta de contradições, obscuridades ou controvérsias. Muitas vezes, essa noção aplicada à tradução promove um apagamento de certas características presentes nos textos de origem.

Além disso, para muitos, a Bíblia possui um “texto original” estável. Essa ideia, consciente ou inconsciente, é bastante discutível hoje em dia, diante do que se sabe a respeito da criação e da transmissão de textos no Antigo Oriente Próximo, incluindo Israel. O professor Emanuel Tov, em seu livro *Crítica textual da Bíblia hebraica* (2017), afirma, por exemplo, que o próprio significado de “texto original”, quando ligado à Bíblia, não é claro:

em nosso ponto de vista, a questão do texto original dos textos bíblicos não pode ser resolvida de maneira inequívoca, já que não existe evidência sólida para nos auxiliar em decidir em qualquer direção. Como resultado, a prática textual nunca deve ser descrita de uma maneira definitiva e cada geração tem de redefinir as questões envolvidas. (TOV, 2017, p. 164)

Para se ter uma dimensão do debate, dois modelos vêm sendo propostos a respeito da antiga configuração da Bíblia hebraica. Os argumentos para esses modelos são, fundamentalmente, teóricos. São eles: (1) a teoria de múltiplos textos primitivos; e (2) a teoria de um texto original ou uma série de textos determinativos (originais).

Enquanto alguns estudiosos postulam a existência de um texto original dos livros bíblicos, do qual todos ou a maioria dos textos conhecidos derivam, outros rejeitam esta suposição. Esta última abordagem pode também ser formulada positivamente como se referindo à existência de textos primitivos que, aparentemente, tinham *status* igual. Parece não haver espaço para uma posição intermediária entre estes dois pontos de vista, mas o desenvolvimento presumivelmente divergente dos vários livros bíblicos pode exigir diferentes hipóteses para livros diferentes. (TOV, 2017, p. 166)

Os estudiosos da chamada crítica textual, que tratam da natureza e da origem de todos os testemunhos de uma obra — neste caso, dos livros bíblicos —, como explica Tov, frequentemente se deparam com corrupções e problemas nos textos:

Corrupções, bem como várias formas de intervenção de cópia (modificações, correções etc.), são constatadas em todos os testemunhos textuais das Escrituras Hebraico-Aramaicas, incluindo o grupo de textos agora denominado de Texto massorético medieval bem como em seus predecessores, os textos Protomassoréticos+ (também denominados Protorrabínicos). Aqueles que não estão cientes dos detalhes da crítica textual podem pensar que não se deve esperar corrupções no texto massorético, ou qualquer outro texto sagrado, supondo que estes textos foram escritos ou transmitidos de maneira meticulosa. (TOV, 2017, p. 9-10)

A transmissão da Bíblia foi um trabalho humano, o que significa que envolveu necessariamente pessoas, em situações peculiares. Os processos relacionados a essa tarefa, ao longo de tantos séculos, são extremamente plurais e subjetivos, e, invariavelmente, produziram mudanças nos textos.

Tov (2017, p. 4) pontua, no entanto, que “o número de diferenças entre as várias edições é muito pequeno. Além disso, todos são detalhes mínimos ou mesmo minúsculos do texto, e a maior parte afeta o significado do texto apenas de modo muito limitado”. Isso significa que, se por um lado é possível reconhecer traços e erros humanos nos diferentes manuscritos da Bíblia, por outro, é possível afirmar que não são aspectos suficientemente importantes para confundir ou minar a fé daqueles que leem (ou traduzem) a Bíblia, considerando-a um livro sagrado.

Quanto ao NT, segundo Wilson Paroschi, em sua obra intitulada *Origem e transmissão do texto do Novo Testamento* (2012):

Existem atualmente cerca de 5.500 mss. [manuscritos] gregos completos ou fragmentários do NT, sem falar nos quase 13.000 mss. das versões e nos milhares de citações dos antigos Pais da Igreja. Os problemas e dificuldades da crítica textual, portanto, surgem mais por uma superabundância de evidências do que propriamente por uma insuficiência delas. Todavia, novamente a limitação se torna em vantagem, pois, apesar de a multiplicidade de mss. oferecer ensejo para os mais variados erros de transcrição, oferece também muito mais elementos de comparação. (PAROSCHI, 2012, p. 19)

Paroschi (2012, p. 18) comenta que o NT estava completo, ou essencialmente completo, por volta do ano 100 E.C., sendo que a maioria dos livros já existia cerca de vinte a cinquenta anos antes dessa data, e, de todas as cópias manuscritas que chegaram até nós, as melhores e mais importantes remontam aproximadamente aos meados do século IV. O que há, portanto, são cópias de cópias de cópias, que passaram por análise crítica e, juntas, comparadas, discutidas e questionadas, deram origem às fontes das quais se traduz:

As cópias dos autógrafos (...) converteram-se em originais no que diz respeito a outras cópias, e assim sucessivamente. Durante esse processo de cópias e recópias manuais, que se estendeu por 14 séculos até a invenção da imprensa, inevitavelmente muitos e variados erros foram cometidos, resultado natural da fragilidade humana. E, à medida que aumentavam as cópias, mais se multiplicavam as divergências entre elas, pois cada escriba acrescentava os próprios erros àqueles já cometidos pelo escriba anterior. E essas variantes textuais têm suscitado sério problema para os estudiosos do NT — dando margem para que os céticos questionem sua pureza textual. (PAROSCHI, 2012, p. 10)

Embora a crítica textual se esmere em produzir ou editar os melhores textos nos idiomas de partida, não há consenso, entre os leitores, de qual é o melhor ou mais fiel — tampouco estabilidade nos “originais”.

“Qual a forma correta do texto, ou que dizia exatamente o original?”. A essa pergunta é que tratam de responder os críticos textuais. Seu objetivo é examinar criticamente a tradição manuscrita, avaliar as variantes e reconstruir o texto que possua a maior soma de probabilidades de ser o original ou a forma primitiva do autógrafo. (PAROSCHI, 2012, p. 10)

Assim, se a questão dos originais está posta nesses termos, quando se fala em tradução bíblica fiel, a quem se é fiel? Ao original? Às fontes colocadas em comparação? Ao texto editado? A que aspectos dele? À forma? Ao sentido? Que sentido, uma vez que exegese sempre implica interpretar, uma atividade que conta com a subjetividade? Fiel ao leitor? Ser fiel a um implica ser infiel a outro?

1.2.2 Sensibilidade e tradição

O peso da tradição na tradução bíblica é muito forte. Às vezes, um tradutor procura fazer algo diferente do que vem sendo feito há muitos séculos, acreditando poder corrigir problemas na tradução — produzidos quer por carência de fontes mais acuradas, quer por diferentes entendimentos, descuido ou lapso. Mas ele nem sempre consegue traduzir da maneira que entende ser a mais adequada, quando isso vai contra uma tradição arraigada da Igreja, por exemplo. O problema é que, ao longo da história, as diferentes doutrinas que surgiram passaram a exercer uma pressão forte sobre a forma de traduzir o texto, a fim de que ele respaldasse práticas dessa ou daquela igreja.

Esse é um tema complicado, que também tem a ver com o que Karl Simms (1997) chamou de sensibilidade em tradução. Os textos religiosos costumam ser considerados matéria sensível, justamente porque suscitam em seus leitores, individual ou coletivamente, diversas emoções. Obviamente, essa característica não é algo exclusivo da Bíblia ou de escritos religiosos, mas, neste trabalho, importa refletir particularmente sobre a sensibilidade no campo da tradução de textos sagrados.

Quando se fala em texto “sensível”, ou em sensibilidade na tradução, fala-se de um tema que envolve várias questões: a cultura na qual se está inserido, a captação de estímulos os mais diversos pelos sentidos humanos, os pensamentos e as ideias que cada pessoa possui, as emoções que nutre, suas reações e impressões diante da vida, o conjunto de valores ou concepções que partilha com uma comunidade de fé etc. Isso significa dizer que as pessoas

não são sensíveis de maneira idêntica. Cada uma, à sua maneira, reage e se relaciona com questões do mundo exterior de forma única.

What makes a text sacred is the belief that it expresses the intentions of *the* Original Author, so that the “autor of the text” in the commonly understood sense is merely a scribe, one who transcribes a more originary Word with which he is inspired. This is not merely an external interpretation of sacredness internally, and in so doing themselves address questions of language and translation. (SIMMS, 1997, p. 19, grifo do original)

A questão da crença na sacralidade do texto pelos leitores, a partir da ideia de uma intencionalidade divina, apontada por Simms, é extremamente importante na tradução de textos sagrados, como a Bíblia — e, por extensão, na revisão dela. Uma vez que o texto é considerado por uma comunidade como portador das intenções e das verdades de um Autor Original, uma divindade, ainda que por meio de palavras humanas, trasladar essa mensagem de um idioma a outro é uma tarefa delicada, que implicará desconfiança. Há uma passagem clássica da Bíblia que acirra o problema:

Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro. (Apocalipse 22.18-19, RA).

Muitos cristãos aplicam a advertência contida nesses versos como sentença a todo aquele que empreender mudanças nas traduções mais conhecidas. Ao fazer alterações numa tradução bíblica tradicional, por exemplo, mexe-se com o brio das pessoas, acostumadas àquela redação.

A mudança parece fácil de ser feita, mas prevalece na mente de muitos a ideia de que o texto bíblico foi transmitido, palavra por palavra, pela divindade e de que, portanto, a redação (a que já acostumados e que, por isso, adquire um caráter de “original”) é intocável. Essa ideia “contamina” o modo como as traduções são vistas. Explica-se assim a dificuldade em se aceitar mudanças, o que provoca resistências muito fortes. (GOHN, 2001, p. 150)

O trecho citado é de Carlos Alberto Gohn, em seu texto *Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados* (2001). Quando se pensa a revisão ou a atualização de um texto, parece simples empreender mudanças que facilitem a compreensão de seus leitores. Mas, quando se trata de um texto “sensível”, sobretudo um texto religioso, como a Bíblia, a questão não é de fácil resolução.

Certas traduções da Bíblia são vistas como “intocáveis”. O que explica esse *status* é o fato de que a tradição, a história e os usos que se faz ao longo do tempo desse tipo de texto o cristalizam, tornando o trabalho de revisar, atualizar e mudar um texto extremamente delicado.

Simms (1997, p. 19) observou que a sensibilidade não é uma característica inerente ao texto, mas pertinente à forma como ele é visto. Como ponderou também Gohn (2001, p. 149),

os textos sagrados são sensíveis porque eles são passíveis de suscitar objeções por motivos ligados à religião. Há de se reconhecer, assim, que alguma coisa de peculiar existe em relação à sua tradução. O que se observa com esse tipo de texto é que, diferentemente do que pode ocorrer com a maioria de outros tipos de texto, há um grande envolvimento emocional por parte dos usuários e reações extremadas dos ouvintes/leitores podem ser esperadas. (GOHN, 2001, p. 149)

Em relação a isso, caberia refletir sobre a noção de fidelidade em tradução e como ela se desenvolveu e se modificou ao longo da história, no sentido de que aquilo que em um momento era considerado “fiel”, em outra época foi considerado “infel”. Muitas vezes, indivíduos, grupos ou instituições exercem uma influência importante, inclusive incentivando ou desestimulando (ou até censurando) o reescrever na esfera literária. Isso serve de advertência para que se entenda que a tradução de textos sagrados, embora uma tarefa constante, nunca é inocente, e, além disso, exibe uma dependência significativa do contexto social e político no qual ela acontece.

1.2.3 Inteligibilidade

Outras questões repousam (ou fervilham) sobre o tema da tradução bíblica. Muitas delas têm a ver com o pensamento de um linguista norte-americano chamado Eugene Nida.

Nida procurou tornar a tradução bíblica uma atividade científica, propondo, de forma pioneira, métodos e princípios para nortear esse trabalho. Para o linguista, a questão que deve ser levantada em tradução é a da inteligibilidade. Em seu entendimento, tradutores bíblicos não se atinham a essa questão. Produziam traduções difíceis, que não enfocavam a clareza, e o faziam em nome de uma fidelidade à sacralidade da Bíblia.

No livro *The Theory and Practice of Translation* (1982), escrito por Nida e Taber, os autores afirmam:

Unfortunately, the underlying theory of translating has not caught up with the development of skills; and in religious translating, despite consecrated talent and painstaking efforts, a comprehension of the basic principles of translation and communication has lagged behind translating in the secular fields. (NIDA; TABER, 1982, p. 1)

Ele então propõe traduções que comuniquem bem às pessoas a quem elas se destinam. Obviamente, essa proposta não é o elemento inovador de Nida. O próprio Lutero expressou,

diversas vezes, que, em sua tradução, queria um texto em alemão do povo. Assim como Esteves (2011, p. 248) aponta, “Lutero buscou, como regra geral em sua tradução, ecoar a fala das pessoas comuns”. A novidade em Nida, quando concebeu sua teoria, talvez tenha sido seu objetivo de construir um modelo de tradução aplicável a uma multiplicidade de culturas, beneficiando projetos de tradução da Bíblia em todo o mundo, com ênfase em idiomas minoritários e nacionais.

Em sua época, as traduções da Bíblia eram feitas, em geral, por missionários, em grande parte norte-americanos e europeus, que saíam de seus países, depois de receber treinamento em missões e linguística, e iam a contextos diversos, desde países nos quais havia pouca difusão do cristianismo até grupos étnicos sem qualquer contato com outros povos. Quando chegavam a campo, estabeleciam uma conexão com os grupos a serem evangelizados, passavam a viver entre eles, aprendiam sua língua e cultura e, depois, começavam a elaborar as traduções. Muitos dos projetos de tradução feitos com essa metodologia, na visão de Nida, não se propunham a ser compreensíveis, pois se preocupavam demasiadamente com a forma, abrindo mão do entendimento, ou seja, do receptor. Essa lógica, Taber e Nida (1982, p. 1) chamaram de “foco mais antigo”:

The older focus in translating was the form of the message, and translators took particular delight in being able to reproduce stylistic specialties, e.g., rhythms, rhymes, plays on words, chiasmus, parallelism, and unusual grammatical structures. The new focus, however, has shifted from the form of the message to the response of the receptor. (NIDA; TABER, 1982, p. 1)

Em alguns casos, esse tipo de tradução engendrava grandes problemas de interpretação do texto. Sobre isso, Robert Bascom, em seu artigo *The Role of Culture in Translation* (2000, p. 1), oferece um bom exemplo:

A fine example of this is from Africa, where Jesus’ having been circumcised on the eighth day was originally (mis)understood in one area as being proof of his divinity. This was because circumcision in that part of Africa was a rite of passage into puberty. Jesus having reached this state in eight days was therefore undeniably miraculous and a sign of his special status. Here new (and wrong) meaning was made where there was quite a different – but inaccessible – meaning in the original cultural context. (BASCOM, 2000, p. 1)

No caso desse grupo, especificamente, um novo significado foi dado ao texto bíblico com base no que os novos leitores trouxeram para o texto²⁶. Este tipo de mal-entendido ocupou o interesse de Nida, que então idealizou traduções da Bíblia que rompessem com a lógica

²⁶ O próprio Bascom questiona, ao final de seu artigo, se é tarefa dos tradutores — podemos, por extensão, pensar se é tarefa das traduções e revisões — fornecer conhecimento cultural, e se não seria a igreja quem deveria fazer isso.

essencialmente formal, tornando-se acessíveis às pessoas a quem elas eram pensadas — focando a cultura e levando em consideração suas idiossincrasias.

Uma vez que Nida buscava um método aplicável a qualquer idioma, ele insistiu que o sentido prescindia da forma, ou seja, o “espírito” sobrepujaria a “letra”. A esse respeito, Nida e Taber (1982) escreveram:

In the first place, it is essential to recognize that each language has its own genius. That is to say, each language possesses certain distinctive characteristics which give it a special character, e.g., word-building capacities, unique patterns of phrase order, techniques for linking clauses into sentences, markers of discourse, and special discourse types of poetry, proverbs, and song. Each language is rich in vocabulary for the areas of cultural focus, the specialities of the people, e.g., cattle (Anuaks in the Sudan), yams (Ponapeans in Micronesia), hunting and fishing (Piros in Peru), or technology (the western world). Some languages are rich in modal particles. Others seem particularly adept in the development of figurative language, and many have very rich literary resources, both written and oral. (NIDA; TABER, 1982, p. 3-4)

Nida passou então a defender a busca por aquilo que considerava possível alcançar: o “equivalente natural mais próximo” do original em um idioma de chegada. O objetivo deveria ser provocar nos leitores atuais a mesma reação que o texto original suscitou em seus leitores (NIDA, 1964, p. 18). A tradução deveria reproduzir, mediante uma equivalência natural e exata, a mensagem da língua original na língua receptora, primeiro quanto ao sentido e, logo, quanto ao estilo (NIDA, 1964, p. 29). Susan Bassnett (2002) explicou assim:

Eugene Nida distinguishes two types of equivalence, *formal* and *dynamic*, where formal equivalence “focuses attention on the message itself, in both form and content. In such a translation one is concerned with such correspondences as poetry to poetry, sentence to sentence, and concept to concept”. Nida calls this type of translation a “gloss translation”, which aims to allow the reader to understand as much of the SL context as possible. *Dynamic equivalence* is based on the principle of *equivalent effect*, i.e. that the relationship between receiver and message should aim at being the same as that between the original receivers and the SL message. (BASSNETT, 2002, p. 34)

O foco deveria ser a transmissão do sentido do original, numa linguagem simples e fluente, que permitisse aos leitores experimentar a mesma reação dos receptores contemporâneos ao texto original. Para Nida (1982), a melhor tradução seria aquela que não parecesse tradução:

The best translation does not sound like a translation. Quite naturally one cannot and should not make the Bible sound as if it happened in the next town ten years ago, for the historical context of the Scriptures is important, and one cannot remake the Pharisees and Sadducees into present-day religious parties, nor does one want to, for one respects too much the historical setting of the incarnation. (NIDA, 1982, p. 12-13)

Como aponta Rimoli Esteves (2011, p. 240): “Fica corroborada a opção por aproximar o(s) autor(es) do leitor — nos termos de Schleiermacher — ou por domesticar o texto fonte —

nos termos de Venuti. Nida é um defensor da ‘naturalidade’ do texto-alvo”. Nesse sentido, Nida (1982, p. 13) afirma: “meaning must be given priority, for it is the content of the message which is of prime importance for Bible translating. This means that certain rather radical departures from the formal structure are not only legitimate but may even be highly desirable”.

A preferência de Nida pela equivalência dinâmica foi muito criticada por inúmeros autores ao longo do tempo, dentre os quais Lawrence Venuti e Henri Meschonnic. Suas críticas afirmam o caráter imperialista e reducionista da teoria de Nida. Segundo Anthony Pym (2008, p. 7-8), Henri Meschonnic, por exemplo, acusa Nida de operar de modo muito binário, de dividir as opções de tradução em apenas duas alternativas, as quais não descrevem a complexidade dos textos sagrados. Lawrence Venuti, por sua vez, condena a equivalência dinâmica como receita de fluência ilusória e lamenta ideologicamente o essencialismo humanista de Nida e o seu chamado missionário.

Posteriormente, as proposições de Nida serão acusadas por outros teóricos de promover uma tradução impositiva e imperialista.

O sentido é captado na língua para a qual se traduz. Para tanto, deve ser despojado de tudo que não se deixe transferir. *A captação do sentido afirma sempre a primazia de uma língua.* Para que haja anexação, o sentido da obra estrangeira deve submeter-se à língua dita de chegada. Pois a captação não libera o sentido numa linguagem mais absoluta, mais ideal ou mais “racional”: ela o encerra simplesmente numa outra língua, considerada, é verdade, como mais absoluta, mais ideal e mais racional. E esta é a essência da tradução etnocêntrica; fundada sobre a primazia do sentido, ela considera implicitamente ou não sua língua como um ser intocável e superior, que o ato de traduzir não poderia perturbar. Trata-se de introduzir o sentido estrangeiro de tal maneira que seja aclimatado, que a obra estrangeira apareça como um “fruto” da língua própria. (BERMAN, 2007, p. 32-33, grifos do original)

O método de Nida, portanto, foi compreendido como uma forma de dominação e domesticação do original, deformando-o.

Na prática, a tradução da Bíblia foi muito impactada pela teoria de Eugene Nida. Sua teoria deu origem a um grande número de novos projetos de tradução em todo o mundo, baseados em uma linguagem natural, idiomática. Revisões de traduções já existentes foram sendo desencorajadas²⁷ em favor de novas traduções, que se beneficiariam dessa teoria da tradução e da comunicação. Os agentes de tradução foram aconselhados a não conceder

²⁷ As revisões também foram desestimuladas por razões políticas e técnicas. Em alguns contextos, o termo “revisão” foi usado para algo que era basicamente uma nova tradução, mas não poderia ser referida como tal, principalmente por questões políticas da igreja (“UBS Guidelines for Revision of Scripture Translations”, 2004).

recursos financeiros e humanos a projetos que não fossem baseados na equivalência dinâmica para a tradução²⁸.

Nas décadas de 1970, 1980 e 1990, surgiram inúmeros projetos, em diferentes idiomas, que se utilizaram do método da equivalência dinâmica. Como exemplo, no Brasil, uma equipe de tradutores, inspirada por Nida, fez a *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH), posteriormente revisada e denominada *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, adotando amplamente esse método. No português de Portugal, a *Bíblia Para Todos* traz a mesma proposta. Em espanhol, há a *Bíblia Dios Habla Hoy* (DHH) e a *Traducción en Lenguaje Actual* (TLA). Em inglês, a *Good News Bible*, a *Contemporary English Version* (CEV) e a *God's Word Translation*, entre outras, partem do mesmo método. Em francês, *La Bible en Français Courant* (BFC) é mais um exemplo de tradução dinâmica. Em idiomas minoritários, a profusão dessas traduções foi ainda maior.

Os tempos mudaram. Embora as traduções de equivalência dinâmica tenham tido um grande impacto dentro e fora das igrejas, é reconhecido hoje nos círculos de tradução bíblica que essas traduções não tornaram obsoletas ou redundantes as traduções de equivalência formal existentes. Isso porque a tradução de equivalência dinâmica não é a única abordagem legítima para a tradução, sendo, inclusive, bastante combatida por certas igrejas e no meio acadêmico. Por isso, há uma nova onda de revisões de textos clássicos, apreciados e conhecidos dos leitores e das igrejas, em todo o mundo.

Porém, a questão da inteligibilidade continua importante no âmbito da tradução bíblica, e mesmo os projetos de equivalência formal, como é o caso do trabalho analisado nesta dissertação, não prescindem dela — buscando compor textos que comuniquem bem à sua audiência.

Para Pym (2007, p. 2), a contribuição teórica de Nida abriu um espaço conceitual, no qual uma ampla gama de opções de tradução pode ser debatida. “That contribution should perhaps be defended against the narrow critiques” (2007, p. 2). A proposta de Nida, ao surgir no âmbito dos estudos da tradução, transformou os paradigmas deste campo do conhecimento — sendo aceita ou rejeitada por diversos tradutores (da Bíblia ou não) e amplamente debatida. O próprio Pym reconhece que

what happens if we accept that the receivers of a translated text (...) are free to do many different things with that text? In the case of Bible translation, it should be clear that some versions are for reading in church, others for private lay study, others for children, others for audiovisual presentation, and still others for philologists. Some will be very spoken, others very written. Even within the one situation several

²⁸ De acordo com dados do documento intitulado “UBS Guidelines for Revision of Scripture Translations”, de 2004 (revisado em 2010).

translations are possible... (because) the act of reception is profoundly plural. (PYM, 2008, p. 9)

Como resposta à teoria de Nida, surge no âmbito da tradução a *Skopostheorie*²⁹, uma abordagem que questiona alguns dos pressupostos que estão entrelaçados no modelo de equivalência. Por outro lado, certos elementos dessa teoria ainda se encontram nela. Christiane Nord (1997) explicou da seguinte maneira:

In the framework of this theory, one of the most important factors determining the purpose of a translation is the addressee, who is the intended receiver or audience of the target text with their culture-specific world-knowledge, their expectations and their communicative needs. Every translation is directed at an intended audience, since to translate means ‘to produce a text in a target setting for a target purpose and target addressees in target circumstances’... *Skopostheorie* was developed as the foundation for a *general* theory of translation able to embrace theories dealing with specific languages and cultures. (NORD, 1997, p. 7)

A prioridade dessa teoria, assim, está em definir, da melhor maneira possível, o “propósito” da tradução, ou seja, seu destinatário pretendido ou o público-alvo do texto. O que há de novo expressado e articulado nessa teoria é a noção de que o texto receptor pode funcionar de maneira diferente àquela do texto-fonte. Isso significa que qualquer texto-fonte pode ser traduzido de diferentes maneiras, o que redundaria em textos receptores que funcionam de formas distintas, apesar de ser provenientes de um mesmo texto-fonte. Na teoria de *skopos*, a função do texto receptor tem prioridade sobre o texto-fonte.

1.2.4 Ritmo em tradução bíblica

Diferentemente das abordagens antes mencionadas, outros autores, com uma linha de pensamento distinta, defendem que “as traduções da Bíblia devem manter o texto de chegada próximo do texto de partida em termos de sua materialidade linguística” (ESTEVES, 2011, p. 246). O entendimento, a compreensão e a iluminação são deixados em segundo plano e dão lugar a uma preocupação diferente: que o texto traduzido mantenha “um forte compromisso formal com o texto de partida. Assim, o leitor não deve ser ‘auxiliado’ no entendimento do texto. Se o texto não é claro, que assim permaneça” (ESTEVES, 2011, p. 246). A autora continua:

²⁹ Duas obras a serem mencionadas para esse tema publicadas em 1984 são *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*, de Katharina Reiss e Hans Vermeer, e *Translatorisches Handeln, Theorie und Methode*, de Justa Holz-Mänttari.

A escolha desse modo de traduzir tem suas raízes, por um lado, na tradição tradutória alemã que se inaugura com os popularmente chamados “românticos alemães” (Goethe, Schleiermacher, os irmãos Schlegel, entre outros) (...) e, por outro lado, numa tradição de leitura e interpretação considerada “rabínica”, ou seja, uma tradição ligada à cultura judaica (...). Um dos traços mais característicos dessa tradição é a boa convivência com a não-totalidade. O texto é inesgotável, e várias interpretações de uma mesma passagem podem conviver amigavelmente. Práticas de leitura em grupo e em voz alta também se relacionam com esse tipo de tradução. (ESTEVES, 2011, p. 246).

Meschonnic, tradutor da Bíblia para o francês, defendeu e demonstrou novas possibilidades e caminhos para a tradução da Bíblia, valorizando uma experiência de leitura do texto bíblico completamente distinta daquela defendida por Nida. Além disso, propôs uma desconstrução da dualidade apontada pelo autor norte-americano (equivalência formal *versus* equivalência dinâmica), a seu ver reducionista, e ampliou a discussão sobre tradução e Bíblia, incorporando ao debate, dentre outras coisas, elementos deixados em segundo plano por Nida em seu projeto de tradução.

Não, as palavras não são feitas para designar as coisas. Elas estão ali para nos situar entre as coisas. Vê-las como designações é mostrar que se tem a mais pobre ideia da linguagem. A mais comum também. É o combate, desde sempre, do poema contra o signo. David contra Golias. Golias, o signo. (MESCHONNIC, 2015, p. 4)

Em suas reflexões teóricas, Meschonnic (2006, p. 2) destaca o papel absolutamente fulcral que ocupa o ritmo numa obra literária: “o ritmo, que não está em nenhuma palavra separadamente, mas em todas juntas, é o gosto do sentido. Sua física”. Compreendê-lo e levá-lo em conta na tradução não tem apenas a ver com a estética, mas com o todo do texto. O ritmo é inseparável dos outros elementos de uma obra literária. Negar isso é tirar o gosto da obra.

A porção hebraica do texto bíblico possui um ritmo especial e característico, que é entoado na leitura em grupo. Até hoje, nas sinagogas, há uma pessoa responsável por essa leitura cantada (o *hasan*, ou “cantor”). Na maioria das traduções da Bíblia, não apenas em língua portuguesa, mas em todos os idiomas, não se incorpora o ritmo como parte de um projeto de tradução, talvez diante da dificuldade de conceber, nos idiomas de chegada, essa elaboração. Nem nos livros de Salmos, Provérbios ou Cântico dos Cânticos a maioria das traduções ousa levar o ritmo em consideração.

Para Antoine Berman, essa tendência tradutória se constitui uma deformação denominada “destruição dos ritmos”. Já para Meschonnic, o abandono do ritmo numa tradução é visto como desescritura do texto. As traduções bíblicas, sobretudo aquelas em conformidade com o proposto por Nida, em geral são “apagantes” porque desmontam o ritmo, o “recitativo”.

Meschonnic defende que o ritmo e a oralidade são a própria força da linguagem. E a linguagem literária é o melhor lugar para enxergar o ritmo, que não se separa da palavra.

No caso da Bíblia, segundo Estevan de Negreiros Ketzer (2016, p. 3), os *teamim* (pontos ou marcações nas letras hebraicas) “imprimem uma circunstância muito particular da voz e do sistema sintático, como uma organização do movimento da fala na escritura, do contínuo na linguagem”. Henri Meschonnic (1982, p. 93), diante disso, vislumbrou uma redescoberta da voz em sua entonação: “O ritmo em um poema não transgride as convenções do discurso. Ele as transforma. Ele é o sujeito na medida em que ele não pode ser nem forma, nem conteúdo, mas sua própria realização, sua atualização”.

No caso particular da língua hebraica, o que Meschonnic (2010, p. 9) propõe é um retorno à sonoridade própria da língua e às conceituações que se foram cristianizando com o tempo: “Então eu retraduzo a Bíblia por e no seu ritmo, seus ritmos, sua prosódia, para dar a entender o poema do hebraico e o hebraico do poema, e necessariamente contra todas as traduções existentes que eu conheço”. Assim, ele não só trata de uma experiência de enunciação e escuta do texto poético traduzido que resgate o sabor do original, como propõe a desconstrução da forma tradicional e corrente de se traduzir a Bíblia, que, por se tratar de um texto religioso, se revestiu de sacralidade e se teologizou ao longo do tempo. Para ele, isso descaracterizou e deturpou o texto.

para escutar o poema da Bíblia, sou levado a descristianizar, deselenizar, deslatinizar, embiblar, enritmar, taamizar (a partir de ta'am, o gosto do que se tem na boca) para dar a entender os acentos rítmicos que são a razão mesmo do texto. E esse desteologizar, esse descarolizar (que choca os religiosos que não entendem que se trata de dessemiotizar e de desacademizar para fazer ouvir a força da linguagem) leva não somente a desafrancesar, como já dizia Pierre-Jean Jouve no seu prefácio às suas traduções dos sonetos de Shakespeare, mas mais precisamente a desfrancescorrentizar. Os redutores desse texto em francês corrente, os francescorrentizadores, trabalham para o encatolicar. (MESCHONNIC, 2010, p. 10)

Isso se apresenta de forma radicalmente oposta ao que defendeu Nida, que propunha traduções nas línguas correntes que fossem naturais aos leitores e que não parecessem traduções. Dito de outro modo, o texto traduzido, para Nida, não deveria apresentar qualquer elemento “estrangeiro”. Eugene Nida também não defendeu o ritmo como um elemento imprescindível na tradução. Para (1982, p. 5-6)., inclusive, no que se refere à maioria das línguas para as quais a Bíblia é traduzida, a manutenção do ritmo é uma tarefa quase inviável. Portanto, há uma relação com o original de certa “libertação” e dessacralização, em busca de um texto inteligível na língua de chegada, embora haja a ideia de que, para alguns textos, a forma é indissociável à própria mensagem.

Meschonnic não apenas construiu uma teoria, como também aplicou seus princípios a uma proposta de tradução para o francês. Nela, o ritmo é um fator central que devolve o “sabor roubado” da Bíblia nos idiomas de chegada. Sua proposta desafia o campo da tradução, e, sem dúvida, juntamente com trabalhos como o de Haroldo de Campos, coloca aos tradutores da Bíblia a difícil missão de enxergar para além da tradição.

1.2.5 Tendências deformadoras na tradução

Para muitos cristãos, leitores da Bíblia, a “letra”, ou seja, o literalismo, mata, enquanto “o espírito vivifica”. Isso significa dizer que o foco é a compreensão, dada pelo Espírito, do que está contido na letra. Isso é extraído da interpretação de muitos dos escritos paulinos:

E é por meio de Cristo que temos tal confiança em Deus. Não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; **porque a letra mata, mas o Espírito vivifica.** (2Coríntios 3.5-6, NAA, grifos nossos)

Antoine Berman, teórico francês, critica essa postura veementemente. Para Berman (2007, p. 32), “Partir do pressuposto que a tradução é a captação do sentido é separá-lo de sua letra, de seu corpo mortal, de sua casca terrestre. É optar pelo universal e deixar o particular”. Nesse contexto, o autor profere o aforismo deste trabalho: “A fidelidade ao espírito opõe-se — como para o crente e o filósofo — à fidelidade à letra. Sim, a fidelidade ao sentido é obrigatoriamente uma infidelidade à letra” (BERMAN, 2007, p. 32).

Em seu texto *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007), Berman propôs um método que identifica em textos traduzidos treze tendências deformadoras, introduzidas pelo tradutor — produto de seu tempo — o qual, a fim de tornar o texto inteligível na língua de chegada, muitas vezes não percebe a destruição que promove do texto na língua de partida. Essas tendências são denominadas por ele: (1) racionalização; (2) clarificação; (3) alongamento; (4) enobrecimento; (5) empobrecimento qualitativo; (6) empobrecimento quantitativo; (7) homogeneização; (8) destruição dos ritmos; (9) destruição das redes significantes subjacentes; (10) destruição dos sistematismos; (11) destruição ou exotização das redes de linguagens vernaculares; (12) destruição das locuções; e (13) apagamento das superposições de línguas. Essa analítica “parte da localização de algumas tendências deformadoras, que formam um todo sistemático, cujo fim é a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do ‘sentido’ e da ‘bela forma’” (BERMAN, 2007, p. 67).

Tais tendências deformadoras acabam sendo identificadas, em seus muitos aspectos, nas traduções bíblicas. Entretanto, é importante não generalizar ou desqualificar os projetos de tradução da Bíblia, mesmo aqueles cuja motivação é religiosa. É preciso analisá-los, a fim de avaliar sua proposta e seu escopo, considerando que todos os projetos possuem, em maior ou menor grau, deformações — pontuais ou extensivas —, e o que determinará sua qualidade será em que medida a tradução se manteve fiel aos pressupostos que adotou.

No caso de uma tradução solicitada pelas igrejas, feita em diálogo com elas, o que se espera, muitas vezes, é uma “dupla fidelidade”: ao texto, mas também ao leitor. Importa que o original chegue por meio da tradução de uma forma que a sua audiência o aceite, o compreenda e desfrute dele. Berman (2007, p. 65-66) se mostrou preocupado com o tradutor que “traduz para o público”, uma vez que pode ser levado “a trair o original, preferindo seu público, a quem também trai, já que apresenta uma obra ‘arrumada’.” No entanto, esse dilema, segundo o autor, também não é absoluto: “Obviamente, o tradutor deve também pensar no público, ou, mais precisamente, na legibilidade da sua tradução” (BERMAN, 2007, p. 66).

Há muitas traduções bíblicas no mundo, como já mencionado. E, embora esse debate seja apresentado aqui em termos de dicotomia, é difícil situá-las em apenas um dos “polos” — letra ou espírito, forma ou sentido —, uma vez que, em sua maioria, as traduções oscilam e parecem estar numa área de intersecção. Alguns projetos de tradução da Bíblia, dentre os quais podemos destacar o de Henri Meschonnic, para o francês, o de Haroldo de Campos, para o português, e o de Franz Rosenzweig, para o alemão, buscam maior proximidade com o original, recriando seus elementos particulares. Assim, optam por tentar reconstruí-los na língua de chegada. No entanto, nenhum recebeu aceitação por parte das igrejas, das sinagogas ou dos leitores religiosos.

No caso da tradução de Almeida, objeto da revisão tema deste trabalho, embora tenha sido feita no contexto e no “espírito” da Reforma Protestante, a fim de dar acesso a leitores de fala portuguesa ao conhecimento da Bíblia, não é um texto focado no sentido e desinteressado da forma. Almeida, em seu tempo, trabalhou com o melhor de que dispunha do ponto de vista das fontes e de obras de consulta, e elaborou uma tradução pouco ousada em termos de ritmo, mas bastante apegada aos originais, do ponto de vista formal.

As revisões de Almeida, feitas ao longo dos séculos subsequentes à sua publicação, seguindo a tradição de seu principal tradutor, pareceram tender a caminhar na mesma direção, embora não tenha havido um abandono total da preocupação com a transmissão do significado. Há nas revisões uma tendência à clarificação, já que os revisores vêm buscando, ao longo dos

séculos, atualizar a tradução de Almeida para o leitor, trazendo-a para novos momentos históricos. Resta saber se isso vem provocando uma paulatina destruição dos originais ou, por outro lado, propiciando novos caminhos e leituras para um texto com uma longa história de tradução e muita tradição.

2 A TRADUÇÃO DE ALMEIDA

Para esta dissertação, considerou-se importante traçar um breve histórico das traduções bíblicas no contexto protestante brasileiro, porém, de forma tangencial, já que se trata de um tema bastante amplo e que, para fins da reflexão proposta neste trabalho, interessa na medida em que a revisão, objeto de análise aqui, é fruto dos esforços tradutórios no Brasil. A menção aos primórdios da tradução no mundo lusófono, porém, se faz necessária por ter sido Almeida o primeiro tradutor da Bíblia completa e porque seu trabalho chegou até o Brasil, onde se faz relevante até a atualidade.

2.1 Breve panorama

Propomo-nos apontar em breve algumas Traduções, e Edições menos vulgares dos Livros das Santas Escrituras, que se tem feito em Lingua Portugueza, ou no Reino, ou fora d'elle, ou seja por nossos Nacionaes, ou por estranhos, de que podemos alcançar noticia; e mais particularmente a daremos das Obras do Portuguez João Ferreira de Almeida, ainda pouco conhecidas, e tratadas entre nós. (SANTOS, 1806, p. 17)

Para esse breve panorama da tradução da Bíblia em língua portuguesa, é possível traçar uma linha do tempo das traduções no idioma, a começar por D. Dinis (1279—1325), que traduziu os 20 primeiros capítulos de Gênesis para o português a partir da Vulgata. Eis um trecho de seu texto:

Quando nosso Sennor deus criou en o començo o Ceo, e a Terra, e todas las cousas que en nelles som segundo que o conta moyssem, que foi seo, e sábio e outros muytos, que o acordam con el de partijo e fezo o todo em seis dias desta guisa: o primeiro dia criou a Luz, e todas las naturas dos angeos bãos e mãos que som as criaturas Spiritaes. E partijo esse dia a Luz das teebras. Eaa Luz chamou dia, e aas teebras noyte. O segundo dia fezo o firmamento, e partijo con el as aguas desuso das dejeso... (SANTOS, 1806, p. 19-20)

Na mesma época, os monges de Alcobaça traduziram o Livro de Atos dos Apóstolos ao português, também por encomenda de D. Dinis³⁰. Já nos idos do reinado de D. João I, houve a encomenda de uma tradução dos Evangelhos, Atos dos Apóstolos e as Cartas de Paulo, além de Salmos³¹. No reinado de D. João I, também foram traduzidas as Cartas Canônicas, Atos e o Apocalipse, mas “em resumo”. A Senhora Infanta D. Filippa, filha do Infante D. Pedro e neta do rei D. João I, encomendou as Epístolas e os Evangelhos, mas traduzidos do francês. Também

³⁰ EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento**: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. São Paulo: Loyola, 2005, p. 65.

³¹ Segundo Santos (1806, p. 20), não havia notícia se essas traduções ainda existiam em 1806.

consta que Julião dos Eremitas de Santo Agostinho traduziu as mesmas Epístolas e os Evangelhos. Há, ainda, registros de outras traduções fragmentárias para o português anteriores ao século XVII³².

Segundo Luís Henrique Menezes Fernandes, em sua tese de doutorado, intitulada “Diferença da Cristandade: A controvérsia religiosa nas Índias Orientais holandesas e o significado histórico da primeira tradução da Bíblia em português (1642-1694)”, defendida em 2016, “Os primórdios da transmissão escrita do texto sagrado em português, paralelamente ao seu uso litúrgico tradicional em latim, relacionam-se à progressiva aceitação social do vernáculo como língua de cultura, no período baixo-medieval” (MENEZES, 2016, p. 10). No entanto,

mesmo que a oficialização da língua vulgar pela monarquia portuguesa remonte a fins do século XIII, durante o reinado de D. Dinis, a escritora Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), por exemplo, pôde sentenciar categoricamente que, no período medieval, “*a literatura portuguesa, em matéria de traduções bíblicas, é de uma pobreza desesperadora*” – juízo que continua válido, segundo os especialistas. (MENEZES, 2016, p. 10, grifos do original)

Em *Memórias da literatura Portuguesa*, de 1806, Antonio Ribeiro dos Santos pondera a respeito das traduções e edições da Bíblia em língua portuguesa conhecidas, feitas nos séculos XIII, XIV, XV e XVI e corrobora essa ideia:

Os primeiros annos da Monarchia Portugueza não nos offerecem obras d’este genero; a rudeza dos tempos, a estreiteza dos estudos da quella idade, e a pratica geral de escrever quasi tudo na barbaria do Latim, que então cursava, não deixavão nascer ideias de trespassar a Portuguez as obras escritas em outra Lingua. Com tudo tanto que as letras se espertarão entre nós, e a linguagem começou de se polir, e enriquecer, cuidarão logo nossos maiores de tirar em Portuguez algumas obras dos antigos, e entre ellas os livros das Sagradas Escrituras, demovidos de hum Santo fervor, e zelo de facilitar, e propagar por este meio a leitura, e conhecimento das verdades da lei para edificação dos Fieis, e acrescentamento da Christandade. (SANTOS, 1806, p. 18)

Apenas com João Ferreira de Almeida é que a Bíblia completa é traduzida dos originais para o português. Em 1681, é publicado o *Novo Testamento* de Almeida, impresso em Amsterdã, grande capital protestante no século XVII e o centro editorial mais importante do continente naquele então.

³² MENEZES, 2016, p. 10.

ESTE S.S. NOVO TESTAMENTO
 he imprimido por mandado e ordem da Illustre
COMPANHIA da INDIA ORIENTAL.
 DAS UNIDAS PROVINCIAS,
 e com conhecimento da
 REVERENDA CLASSE
 da cidade de
 AMSTERDAM,
 Revisito pelos Ministros Pregadores do sancto Euangelho,
BARTHOLOMEUS HEYNEN,
JOANNES de VOOGHT.

Fig. 1. Almeida publicada em 1681, em Amsterdã (microfilme)

Em meados do século XVII, Pedro Rahmeyer, um comerciante natural de Hamburgo que viveu muitos anos em Lisboa, traduziu a Bíblia toda para o português, provavelmente do alemão³³. Em 1748, é publicado o primeiro volume da *Tradução de João Ferreira de Almeida do Velho Testamento*. O segundo volume é publicado pouco depois, em 1753.

Do
 VELHO TESTAMENTO
 O PRIMEIRO TOMO
 QUE CONTEM
 OS SS. LIVROS
 DE
 MOYSES, JOSUA, JUIZES, E RUTH
 SAMUEL, REYS, CHRONICAS
 ESRA, NEHEMIAS, E ESTHER.
 TRADUZIDOS EM PORTUGUEZ
 POR
 JOAÕ FERREIRA A. DE ALMEIDA
 MINISTRO PREGADOR DO SANTO EVANGELHO
 NA CIDADE DE BATAVIA
 COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS
 NA OFFICINA DO SEMINARIO
 POR M. MULDER IMPRESSOR NELLA.
 ANNO DE 1748.

Do
 VELHO TESTAMENTO
 O SEGUNDO TOMO
 QUE CONTEM
 OS SS. LIVROS
 DE
 JOB, OS PSALMOS, OS PROVERBIOS,
 O PREGADOR, OS CANTARES COM
 OS PROFETAS MAYORES E
 MENORES
 TRADUZIDOS EM PORTUGUEZ
 POR
 JOAÕ FERREIRA A. DE ALMEIDA.
 E
 JACOB OPDEN AKKER,
 MINISTROS PREGADORES DO SANTO EVANGELHO
 NA CIDADE DE BATAVIA
 NA OFFICINA DO SEMINARIO POR G. H. HEUSLER,
 IMPRESSOR NELLA. ANNO DE
 M. D. CC. LIII. 8.º

Fig. 2. Antigo Testamento de Almeida em dois tomos (microfilme)

³³ Sua tradução ficou conhecida como “Bíblia de Rahmeyer” e está em exposição no Museu de Hamburgo.

Entre 1777 e 1778, Francisco de Jesus Maria Sarmento publica no Porto uma paráfrase bíblica, a que chamou *Historia Evangelica* (o Novo Testamento).

Fig. 3. *Historia Evangelica*, do Frei Francisco de Jesus Maria Sarmento

Entre 1778 e 1781, é publicado em Portugal o *Novo Testamento* da Bíblia do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, em seis volumes. Entre 1778 e 1785 é lançada a *Historia biblica e doutrina moral da religião catholica extrahida dos livros santos do Antigo Testamento*, também de Sarmento.

Fig. 4. *História bíblica e doutrina moral da religião catholica extrahida dos livros santos do Antigo Testamento*, do Frei Francisco de Jesus Maria Sarmento

De 1782 a 1790, é publicado em Portugal o *Antigo Testamento* traduzido por Figueiredo, em 17 volumes, baseado não nos originais, mas na *Vulgata Latina*. Em 1790 também é publicada a *Tradução de João Ferreira de Almeida* da Bíblia completa, em dois volumes.

Já no século XIX, o padre jesuíta Luiz Brandão traduz os *Quatro Evangelhos*, e o padre António Ribeiro dos Santos traduz Mateus e Marcos.

Em 1819, há a primeira impressão da Bíblia completa em português em um único volume na *Tradução de João Ferreira de Almeida*, feita em Londres. Também é lançada uma versão da *Bíblia do Padre Figueiredo* reduzida, em sete volumes. Por fim, em 1821, a *Bíblia de Figueiredo* é lançada em um só volume em Portugal.

Em 1898, é publicada em Portugal uma revisão da tradução de João Ferreira de Almeida, que recebeu o nome de *Almeida Revista e Corrigida*. Em 1917, no Brasil, publica-se a *Tradução Brasileira*, um projeto a partir dos originais, feito ao longo de quinze anos por uma comissão de especialistas e sob a consultoria de alguns ilustres brasileiros, como Rui Barbosa, José Veríssimo e Heráclito Graça. Foi a primeira tradução completa da Bíblia feita no Brasil.

Em 1930, é lançada em Portugal a *Bíblia de Matos Soares*, baseada na *Vulgata Latina* e com deutero-canônicos.

Em 1956, conclui-se a revisão do texto de Almeida no Brasil, que ficou conhecida como *Almeida Revista e Atualizada*. Ela é publicada integralmente em 1959.

Também em 1959, a Editora Ave Maria publica no Brasil a *Tradução Católica dos Monges Beneditinos de Maredsous* em português. O trabalho de tradução foi coordenado pelo franciscano João José Pedreira de Castro, do Centro Bíblico de São Paulo. Ela foi traduzida a partir da versão francesa publicada na Bélgica³⁴. É conhecida atualmente como *Bíblia Ave Maria*.

Entre 1957 e 1970, é publicada em Portugal a *Bíblia Ilustrada* ou *Bíblia Monumental*. Em 1964, é lançada a *Tradução dos Padres Capuchinhos*. Elaborada em Portugal a partir dos originais, é posteriormente revisada em 1973 e em 1998.

Em 1967, a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, das Testemunhas de Jeová, lança no Brasil a *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas* em português, a partir da versão inglesa de 1950. Recebeu revisões em 1986 e em 2015.

Ainda em 1967, a Imprensa Bíblica Brasileira, da Juerp (igreja batista), publicou a *Versão Revisada Segundo os Melhores Textos*.

³⁴ Cf. <https://www.avemaria.com.br/pagTexto/a-editora/institucional>, acesso em 6 dez. 2018.

Em 1969 é lançada uma segunda edição da Bíblia de Almeida na versão *Revista e Corrigida* pela Sociedade Bíblica do Brasil. Em 1972, a Sociedade Bíblica do Brasil constitui um grupo de tradutores para a primeira tradução interconfessional da Bíblia em português corrente do Brasil, a partir dos originais hebraicos, aramaicos e gregos. A primeira versão, publicada em 1973, se chamou *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*.

Em 1976 é editada no Brasil a *Bíblia de Jerusalém*, publicada pela Editora Paulus, feita a partir do francês (com revisão em 2002). Em 1978, é publicada em Portugal a *Boa Nova do Novo Testamento*. E, em 1981, surge no Brasil a *Bíblia Viva*, da Editora Mundo Cristão, revista em 2010 com o título *Nova Bíblia Viva*.

Em 1983 é lançada a *Bíblia Vozes*, feita no Brasil a partir dos textos em hebraico, aramaico e grego. Em 1988 surge a *Bíblia na Linguagem de Hoje*, feita pela Sociedade Bíblica do Brasil também a partir dos textos nas línguas originais. O Novo Testamento havia sido publicado em 1973. Em 1989, é publicado em Portugal o Antigo Testamento da *Bíblia Boa Nova*, um projeto ecumênico de equivalência dinâmica. A Bíblia completa é lançada em 1993.

Em 1990, lança-se no Brasil a *Edição Pastoral* da Bíblia. Coordenada pelo teólogo Ivo Storniolo, é uma tradução que possui como princípio hermenêutico a teologia da libertação. No mesmo ano, a Editora Vida publica, também no Brasil, a sua *Edição Contemporânea da Bíblia de Almeida*. Em 1991, a editora Perspectiva publica o *Qohélet*, tradução de Haroldo de Campos do Eclesiastes.

Em 1993, é lançada uma 2ª edição da *Almeida Revista e Atualizada* pela Sociedade Bíblica do Brasil. Nesse mesmo ano surge também *A Bíblia Sagrada em Português Corrente*, feita em Portugal. Também em 1993 é lançado pela Perspectiva o *Bere'shit*, de Haroldo de Campos, uma tradução do Livro de Gênesis. Em 1994, é publicada a *Almeida Corrigida e Fiel* pela Sociedade Bíblica Trinitariana, no Brasil. Em 1995, é lançada pela SBB uma 3ª edição da *Almeida Revista e Corrigida*, posteriormente atualizada. Em 1997 surge a *Tradução Ecumênica da Bíblia*, publicada pela Editora Loyola, no Brasil.

No ano 2000, é lançada a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* pela Sociedade Bíblica do Brasil. Para essa edição, houve uma cuidadosa revisão do texto do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*. O texto do Antigo Testamento permaneceu essencialmente o mesmo da primeira edição, de 1988. Em 2001, a Editora Vida e a Sociedade Bíblica Internacional lançam no Brasil a *Nova Versão Internacional*. Também é lançada a *Bíblia Sagrada em tradução oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* (CNBB). Em Portugal é publicado *O Livro: A Bíblia para Hoje*. Nesse ano também é lançada no Brasil a *Torah Viva*, traduzida por Adolfo Wasserman,

baseada na versão inglesa. Em 2002 é lançada no país a *Bíblia do Peregrino*, uma tradução de Luís Alonso Schökel, publicada pela Editora Paulus. Também é publicada a revisão da *Bíblia de Jerusalém*, chamada de *Nova Bíblia de Jerusalém*.

Em 2006 surge no Brasil a *Tradução da Bíblia hebraica para o português*, publicada pela Editora Sêfer. Feita por David Gorodovits e Jairo Fridlin, foi revisada por rabinos e professores. Em 2007 é lançada a tradução *Almeida Século 21*, pela editora Vida Nova, no Brasil. Em 2009, surge *A Bíblia para Todos*, uma revisão da *Bíblia em Português Corrente*, feita em Portugal. Trata-se de uma tradução interconfessional de equivalência dinâmica. Nesse mesmo ano é lançada pela Unipro Editora, no Brasil, a *Reina-Valera em português*, uma tradução feita a partir da tradução do texto bíblico em espanhol.

Em 2009, é republicada e reimpressa a *Tradução Brasileira* pela Sociedade Bíblica do Brasil, com grafia atualizada de acordo com a Reforma Ortográfica de 2009. Também nesse ano, a SBB lança uma nova edição da *Almeida Revista e Corrigida*.

Em 2011 é lançada no Brasil a *Bíblia A Mensagem*, de Eugene Peterson, traduzida do inglês. Outra edição deste ano é a *Bíblia Judaica Completa*, da Editora Vida, uma tradução de David H. Stern. Em 2012, surge no Brasil a *Bíblia King James Atualizada*, traduzida do inglês para o português e publicada pelas editoras Abba Press e Sociedade Bíblica Ibero-Americana.

Em 2016, é publicada no Brasil a *Nova Versão Transformadora*, pela Editora Mundo Cristão. Nesse mesmo ano é publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil a primeira versão do Novo Testamento, Salmos e Provérbios na *Nova Almeida Atualizada*.

Em 2017, o texto da *Nova Almeida Atualizada* é publicado integralmente pela Sociedade Bíblica do Brasil, com Antigo e Novo Testamento revisados. No mesmo ano é publicado em Portugal e no Brasil o primeiro volume da tradução da Bíblia feita por Frederico Lourenço a partir da Septuaginta. Em 2018, surge o segundo volume. Também em 2018, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil lança uma nova edição da tradução da Bíblia Sagrada da CNBB.

Embora não seja uma menção a todas as traduções em língua portuguesa existentes, essa linha do tempo permite perceber que a atividade tradutória bíblica no idioma é muito profícua e não se esgota, chegando até os nossos dias.

2.2 Almeida Revista e Atualizada

Em muita estimação se teve esta tradução de Almeida, pela felicidade, e exacção com que ele se houve em trasladar, e pontualmente seguir o Texto original, e pela

propriedade, e fartura de Linguagem com que expressou o sentido das Santas Escrituras. (SANTOS, 1806, p. 27)

Indubitavelmente, João Ferreira de Almeida e os princípios da Reforma Protestante facilitaram o processo de tradução da Bíblia para o português, tanto no que diz respeito ao estímulo a traduções protestantes, como a traduções católicas, muitas das quais nasceram como resposta à iniciativa protestante.

Como afirma Luís Henrique Menezes Fernandes (2016, p. 10), as poucas versões bíblicas portuguesas anteriores a Almeida são fragmentárias, ou seja, porções da Bíblia traduzidas, muitas delas “parafraseadas, integradas a um gênero literário ‘romanceado’ que não condiz exatamente com o conceito moderno de tradução”.

Os cristãos reformados, nesse então, pretendiam contribuir para a difusão do conhecimento divino através da Bíblia, uma vez que ela era a base do culto reformado, levando os protestantes a lerem o texto sagrado. A esse respeito, Aires A. Nascimento (2010) afirmou:

As razões que terão levado o pregador reformado a empenhar-se na tradução da Bíblia por sua conta não são porventura outras que o brio em dotar-se de instrumentos de pregação que se pudessem comparar com as dos seus correligionários da congregação holandesa. Demorado foi esse trabalho, pois terá tido início em 1644 (não tinha o seu autor mais que 16 anos de idade, como ele próprio assinala) e estava ainda por acabar à hora da morte. (NASCIMENTO, 2010, p. 47)

Segundo João Pedro Meireles Tomé (2017), a biografia de João Ferreira de Almeida é pouco conhecida e pouco debatida entre os estudiosos de tradução bíblica, mas ela é fundamental para compreender o trabalho deste tradutor. João Ferreira de Almeida, de acordo com Tomé,

nasce num tempo de profunda reforma das estruturas e do pensamento religioso e doutrinal. No interior da reforma protestante, cresce um movimento (Calvinismo) (...) ao qual será exposto por força da sua migração. Os Cristãos Reformados pretendem contribuir para a generalização do conhecimento divino através da Bíblia - “o culto reformado repousa sobre (...) a bíblia, o protestante deve saber ler”; assim, *a sua tradução do texto bíblico não é um evento isolado, correspondia à necessidade dos cristãos reformados* (sucederia no século XIII com os Valdenses, como aconteceu com o Inglês com John Wycliffe no século XIV, com Lutero para o Alemão e outros autores para o francês, dinamarquês, sueco, húngaro, polaco, finlandês e islandês ao longo do século XVI...). (TOMÉ, 2017, p. 178, destaques do original)

Luís Henrique Menezes Fernandes (2016), que refletiu sobre o trabalho de Almeida e o seu significado histórico, menciona que “a iniciativa de João Ferreira de Almeida equivaleu a uma particular conclamação ao vasto mundo português – entendido agora muito mais como realidade linguística do que propriamente territorial” (p. 220). Para Menezes, a tradução da Bíblia se relaciona com o intento de emancipação protestante em relação ao catolicismo

tridentino, para que se “restaurasse para si a pureza da doutrina cristã original, mediante o livre acesso às Escrituras Sagradas em língua vulgar” (2016, p. 220). O autor conclui que

Por isso mesmo, foi razoável considerá-la histórica e sinteticamente como uma forma de tradução ao mesmo tempo moderna, protestante e anticatólico-romana, pois são estes mesmos os principais traços de sentido que se colocaram em evidência pela atenta consideração da documentação primária, cuja análise resultou da necessária aproximação epistemológica entre objeto e contexto. (MENEZES, 2016, p. 220)

Antonio Ribeiro dos Santos, no início do século XIX, escreveu a respeito de Almeida:

Foi João Ferreira A. de Almeida natural de Lisboa, e Escritor do Seculo XVII, passando de Portugal para Hollanda mudou de Religião, e abraçou o partido dos Reformados, e se fez Sacerdote e Ministro Prégador do Evangelho em Amsterdam, aonde assistio por muitos anos. Passou depois á Costa de Coromandel, paiz do Reino de Narzinga, e residio muitos tempos com os Holandezes de Tutecurim, ou Tutucurim, sobre o Estreito da Pescaria. Compoz varias Obras por que mereceo grandes louvores entre os estranhos, e ainda hoje os recebe pela ilustre memoria, que d’elle fazem muitos Letrados da sua Comunhão. Huma das principais doi esta da Tradução Portuguesa do Testamento Velho. Elle a fez do Texto Original Hebraico, usando ao mesmo tempo da Versão Holandesa de 1618, que passava então, e passa ainda agora por muito exacta e fiel; e da trasladação Castelhana de Cipriano de Valéra de 1602, não chegou porém a arrematar a obra, porque a morte o atalhou quando estava nos ultimos Capítulos de Ezequiel. (SANTOS, 1806, p. 23-25)

A tradução de Almeida foi finalizada por Jacobus op den Akker, que era pastor da Igreja Reformada Holandesa, colega de Almeida.

A Bíblia completa em português foi publicada, em dois volumes, no ano de 1753 na Holanda. Já a primeira impressão da Bíblia completa em português, em um único volume, foi feita em Londres, em 1819. Antes disso, em 1809, foi publicado pela primeira vez o Novo Testamento de Almeida pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (que havia sido fundada em 1804), para distribuição em países de fala portuguesa. A tiragem foi de cinco mil exemplares.

Esse trabalho pioneiro para o português chegou ao Brasil, como explica Luiz Antonio Giraldi, em seu livro *A Bíblia no Brasil Império* (2012), ainda nos tempos da colônia, de forma esparsa, com os navios imigrantes que desembarcavam por aqui. Mas foi durante o período imperial, com a abertura para o culto religioso, que duas agências de difusão bíblica puderam ser instaladas no país e iniciar um trabalho mais sistemático de distribuição da Bíblia: a *American Bible Society* e a *British and Foreign Bible Society*. No entanto, Giraldi pontua:

Durante o Brasil Império, a tradução católica de Figueiredo foi mais usada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira do que a tradução protestante de Almeida. Como quase todas as bíblias distribuídas nesse período foram destinadas ao público católico, essa tradução encontrou menor resistência no Brasil do que a tradução protestante de Almeida. (GIRALDI, 2012, p. 31).

No início do século XX, o panorama se transforma. A tradução de Almeida na versão Revista e Corrigida sofre uma reviravolta e passa a ser a preferida dos leitores no Brasil. Já no ano de 1927, por exemplo, 50% das bíblias vendidas pela *American Bible Society* eram da versão Revista e Corrigida de Almeida, e apenas 17% da tradução católica de Figueiredo (GIRALDI, 2013, p. 60).

Os apoios financeiros para a chamada “causa da Bíblia”, assim como os próprios livros, sempre foram enviados diretamente dos EUA e da Inglaterra para o Brasil. Como não poderia deixar de ser, a difusão das Escrituras foi intensamente prejudicada entre 1914 e 1918 no Brasil por causa da Primeira Guerra Mundial, tornando-se praticamente impossível enviar recursos e remessas de bíblias de qualquer país para o Brasil. Como consequência, o trabalho bíblico foi reduzido, fazendo com que a distribuição caísse a cerca de um terço das quantidades registradas no período anterior (GIRALDI, 2013, p. 194).

Para que a Bíblia continuasse sendo levada a diversas partes do país, se fazia necessário que algumas atitudes fossem tomadas. Por isso, Alexander Telford, secretário da *British and Foreign Bible Society* no Brasil entre 1917 e 1936, promoveu vários projetos de cooperação com a agência da *American Bible Society*, entre os quais a publicação conjunta de Escrituras, o que reduziu o custo dos livros para as duas sociedades ((GIRALDI, 2013, p. 216). Essa iniciativa integrou ainda mais o trabalho que elas faziam e foi uma forma adequada de enfrentar a crise econômica que assolou os EUA e o mundo entre as décadas de 1920 e 1930. Desse modo, a partir do “Crash” de 1929, além da redução de custos, não houve mais duplicidade na produção e na publicação de bíblias em língua portuguesa. Progressivamente, portanto, as Sociedades passaram a trabalhar cada vez mais juntas, com uma única edição/impressão da Bíblia nas traduções disponíveis naquele momento: Figueiredo, Almeida e a Tradução Brasileira. Dessas, Almeida era a Bíblia mais lida pelos cristãos protestantes.

Em 1943, a *British and Foreign Bible Society* e a *American Bible Society* decidiram empreender uma revisão do texto da Bíblia de Almeida no Brasil, tornando-o, pela primeira vez, adaptado ao português brasileiro. A revisão do Novo Testamento foi concluída em 1951. Já a revisão do Antigo Testamento foi concluída em 1956. E a Bíblia completa, na edição *Almeida Revista e Atualizada* (ou, simplesmente, “RA”), como foi chamada, foi publicada em 1959. Uma segunda edição, com pequenas modificações em relação à primeira, foi lançada posteriormente, em 1993.

Com a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil, em 10 de junho de 1948, e, posteriormente, com o surgimento de inúmeras organizações e editoras cristãs protestantes, focadas na edição e publicação da Bíblia, essa atividade ganhou enorme fôlego em solo brasileiro. Como

visto anteriormente, houve uma explosão de projetos de tradução, além da publicação de livros com temáticas teológicas, bíblias com materiais de estudo, gramáticas e léxicos dos idiomas originais bíblicos, os próprios textos originais em versões com traduções interlineares etc., o que parece ter caminhado em paralelo com a disseminação do protestantismo no Brasil.

Embora o fenômeno protestante não seja homogêneo, e abarque desde denominações tradicionalmente pequenas até aquelas de proporções gigantescas, desde as mais tradicionais às mais liberais, desde as menos efusivas até as neopentecostais, algumas das quais extremamente comprometidas com o estudo bíblico, outras menos, de um modo geral, é possível enxergar o desenvolvimento do trabalho bíblico em paralelo com a evangelização no país. Nos dias de hoje, observa-se que a Bíblia se tornou um dos livros mais lidos pelos brasileiros³⁵, e, curiosamente, João Ferreira de Almeida, tema desta dissertação, é um dos “autores” mais lembrados pelas pessoas (embora tenha sido tradutor, não autor).

O que se pode entrever é que, no futuro, a tradução bíblica não tende a desaparecer, mas a se aprimorar. A religião e a espiritualidade continuam traços fortes de sociedades como a brasileira³⁶, e a atividade de tradução vem sendo aprimorada. Paralelamente, há o ensino de teologia nos seminários e universidades, além dos estudos e pesquisas, o que, juntamente com o maior acesso a recursos e tecnologia, tende a impactar cada vez mais o campo da tradução.

Embora essa explanação não esgote o percurso da tradução de Almeida no Brasil, tampouco mencione exaustivamente todas as traduções e revisões existentes em língua portuguesa, permite reconstituir um pouco da trajetória que culminou no texto de Almeida na versão “Revisita e Atualizada”, centro desta dissertação. Isso porque é justamente esse trabalho de revisão que foi tomado como base para a elaboração da “Nova Almeida Atualizada”.

³⁵ Segundo o Relatório *Retratos da leitura* (2016), pesquisa destinada a conhecer o comportamento leitor no Brasil, a Bíblia é o livro mais lido no país. Ela ocupa a primeira posição no *ranking* dos livros mencionados como última leitura ou leitura atual entre os brasileiros e aparece em primeiro lugar como livro mais marcante. A pesquisa faz questão de mencionar que “28% dos entrevistados pertencem a religiões em que a leitura da Bíblia é central para o fiel, já que nessas denominações o principal meio de mediação com o sagrado não é via sacerdote, como por exemplo na religião católica, mas via palavra sagrada, acessada através da leitura cotidiana da Bíblia”.

³⁶ O mesmo relatório (2016) conclui: “Livros religiosos (principalmente a Bíblia) seguem sendo os tipos mais lidos pelos brasileiros” (*Retratos da leitura*, 2016, p. 130). Isso permite inferir a importância que essa sociedade dá à literatura religiosa.

3. A TRADUÇÃO EM REVISÃO

Este breve capítulo tem a intenção de conceituar a revisão de uma tradução bíblica, algo tão importante para esta pesquisa, e citar alguns exemplos de projetos de revisão nas últimas décadas.

3.1 A cristalização das traduções

Algumas traduções da Bíblia, com o tempo, revestem-se de grande autoridade, porque ganham o apreço de seus leitores (em sua maioria, religiosos), os quais conferem a esse texto certa “sacralidade”. É como se a própria divindade tivesse inspirado os tradutores a difundir a mensagem contida no livro sagrado naquele idioma de chegada, com aquela linguagem. Elas se tornam traduções consideradas fiéis, exemplares, quase como um segundo original da Bíblia. Trata-se de um processo subjetivo, que faz com que, pelo uso ao longo do tempo e pela tradição, as traduções bíblicas se consagrem diante de seus leitores e da própria igreja e ganhem um *status* especial. Isso ocorre com traduções da Bíblia em todos os idiomas.

Mas, como todos os textos traduzidos, a tradução bíblica possui um momento de elaboração, e suas características pertencem a esse tempo. Com o passar dos anos, às vezes das décadas e até dos séculos, parte do léxico usado nessas traduções se torna arcaico; as construções já não são aquelas em uso no idioma. A mensagem da Bíblia, nessas traduções, se torna codificada e, por vezes, truncada no idioma de chegada.

Para alguns leitores, isso é aceitável, compreendido como inerente à “linguagem bíblica”, o que significa dizer que a Bíblia deve soar arcaica por ser um texto sagrado. Traduções clássicas, por mais distanciadas de seus leitores que estejam, tendem a possuir maior autoridade porque a linguagem de seu texto é formal.

No entanto, para outro grupo de leitores, essas características são barreiras para uma verdadeira compreensão do texto e uma transmissão fiel da mensagem que a “Palavra revelada” de Deus contém.

Assim, existe, por um lado, um desejo de permanência e cristalização do texto bíblico nas traduções clássicas e antigas; por outro, há um ímpeto de revitalizar o texto da tradução por meio de atualizações e revisões — como uma forma de cumprir o imperativo divino de evangelizar.

Obviamente, há muitos motivos que cooperam para a cristalização de determinadas traduções. Nem sempre é fácil identificá-los. Uma das principais razões para essa sacralização de textos traduzidos, no caso da Bíblia, parece ser o pioneirismo. As primeiras traduções da Bíblia que surgem nos idiomas de chegada costumam ser as mais apreciadas ou reconhecidas como confiáveis. Isso se aplica, sobretudo, aos idiomas majoritários.

Outra questão, normalmente presente na cristalização das traduções em idiomas minoritários, é a proximidade com as principais traduções nos idiomas majoritários de um país. Em certas comunidades, uma tradução será mais aceita ou mais bem-recebida na medida em que reproduzir ou se assemelhar ao que já se conhece, ou seja, a tradução na língua majoritária. Em muitos casos, se a tradução para o idioma local destoar da redação da tradução que era lida tradicionalmente nas igrejas, ela não é aceita ou bem-vista.

Sobre isso, Seppo Sipilä (2019), consultor de traduções da Sociedade Bíblica da Finlândia, comentou:

According to my experience, when composing a translation brief the challenge is to express the ideas clearly enough for the members of the translation team to understand what the details in the brief mean in practice. Afterall, I understand the translation brief mainly as a guiding document for the translators and checkers. Especially challenging is the section Type of translation. In one of my projects the leadership wanted to phrase this by saying “modified dynamic equivalence”. When we discussed this, they admitted that they did not know themselves what a modified dynamic equivalence means in practice. What they wanted to say was, we like to see a translation that uses contemporary commonly known words and expressions, but still use literal translations on the Biblical idioms.³⁷

No que diz respeito à cristalização das traduções, outro tema relevante são as fontes. As primeiras traduções da Bíblia produzidas na Europa utilizaram como fonte o chamado *Textus Receptus* (ou “Texto Recebido”), ou seja, os textos bíblicos (manuscritos) de que dispunham naquele então. A maioria das traduções da Reforma Protestante, inclusive a Almeida, em português, tem esse texto como base.

A partir do final do século XIX, com a publicação do texto de manuscritos mais antigos do Novo Testamento, a maioria das traduções bíblicas passou a adotar os chamados textos críticos, isto é, estabelecidos através da crítica textual e baseados principalmente no *Códex Sinaiticus* e no *Códex Vaticanus*, não sem controvérsia daqueles que ainda preferiam o Texto Recebido.

É importante, nesse ponto, notar que a aceitação do *Textus Receptus*, diretamente ou através de uma de suas traduções, pelas igrejas protestantes após a Reforma se manteve

³⁷ Disponível em <https://map.bloomfire.com/posts/2795851-translation-brief>, acesso em 6 mai. 2019.

intocável no Brasil até meados do século XX. Nos dias de hoje, uma tradução da Bíblia que continua mantendo o *Textus Receptus* como base é a Bíblia Almeida Corrigida Fiel (ACF), publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. As outras Almeidas, que são publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil, passaram a se basear no Texto Crítico.

Alguns leitores rechaçam as traduções que optam pelo Texto Crítico, em lugar do Texto Recebido. Essa é uma discussão no meio cristão protestante, acirrada por polêmicas engendradas no ambiente da Internet. Alguns leitores e organizações rejeitam e demonizam fortemente o Texto Crítico.

De qualquer modo, as traduções cristalizadas adquirem *status* de “originais” para muitos leitores, e sua linguagem passa a ser vista como a linguagem na qual a própria divindade decidiu se revelar à humanidade. No momento de revisar um texto, atualizando-o, isso se torna um grande desafio.

3.2 A revisão da tradução

Poucos estudiosos se debruçaram sobre as revisões de traduções. Na verdade, parece haver certa invisibilidade dos revisores, que é ainda maior do que a invisibilidade conhecida (e profundamente debatida) dos tradutores. Mas no campo da tradução bíblica, já que é uma atividade cada vez mais comum no mundo todo e vem adquirindo importância cada vez maior, a revisão precisa ser abordada.

Revisar significa literalmente dirigir a vista (a algo) novamente. Segundo acepção do dicionário Houaiss, é “visar de novo; ter novamente sob os olhos (alguma coisa)”. No caso de um texto, trata-se de revisitá-lo, voltar a ele, lê-lo outra vez, a fim de consertar-lhe possíveis erros. Em um sentido mais amplo, revisar é levar alguma coisa novamente em consideração.

A revisão de textos é uma tarefa comumente associada ao campo editorial. Mas há revisores em muitas outras áreas, como forma de garantir a difusão de materiais textuais com bons níveis de correção e qualidade.

O revisor é o profissional que se encarrega de buscar incorreções, lapsos, erros e outros problemas nos textos e encontrar soluções para isso. Pode haver, no entanto, certa rusga entre revisores e autores (dentre os quais podemos citar os tradutores). Alguns, principalmente no campo literário, se esmeram em produzir seus textos, e o fato de revisores alterarem aquilo que fizeram pode gerar mal-estar. A revisão é, portanto, um trabalho que exige sensibilidade (assim como a tradução de textos religiosos). Mesmo assim, muitos acusam os revisores de serem maus

leitores de seus trabalhos, de quererem revisá-los a todo custo, corrigindo-os e sacrificando, com isso, a expressividade com a qual foram feitos. Mas essa relativa desarmonia parece ser mais específica do campo literário. Em outras áreas, o revisor costuma ser bem-visto e considerado o salvador de muitos textos.

No caso da revisão de uma tradução bíblica, não se trata apenas de correção textual. A revisão é uma nova versão de uma tradução. É uma revisitação do texto da tradução e uma reelaboração dela, buscando atualizá-la a um novo contexto.

Traduções bíblicas vêm recebendo atualizações ao longo de toda a história. Dificilmente uma tradução prescindirá disso, a não ser que se queira cristalizá-la, tornando-a objeto de apreciação histórica. Outra razão para não revisar pode ser o fato de uma tradução ser controversa, considerada de má qualidade ou não lida pelo público a que se destina. Não são raros os casos de traduções pouco lidas pela audiência, mas é pouco comum que sejam completamente rejeitadas e desapareçam. O mais comum é justamente que recebam revisões e sejam corrigidas ou repensadas.

Dessa forma, se há um reconhecimento da qualidade de uma tradução, além do desejo de manutenção desse texto, devido ao apreço dos leitores ou à vitalidade dessa obra, a revisão será útil para dar a ela novo fôlego e atualizá-la a um novo momento histórico e linguístico.

No campo da tradução bíblica, costuma-se dizer que as tarefas de traduzir e revisar são inesgotáveis. Primeiro porque nenhuma tradução se apresenta como definitiva. Também há que se considerar a inexistência de traduções bíblicas para muitos idiomas. Além disso, as línguas mudam com o tempo. Muitas vezes, principalmente em projetos longos, para idiomas minoritários, quando uma tradução é lançada, já é tempo de pensar sua revisão. Como o investimento para uma nova tradução, que parta do “zero”, é altíssimo, por vezes compensa, também em termos de tempo dispendido, atualizar ou revisar uma tradução antiga. Por fim, os próprios originais não são estáveis. Então, é possível dizer que sempre haverá trabalhos de tradução da Bíblia a serem repensados, revisados, atualizados, melhorados ou transformados.

Os aspectos que as revisões da Bíblia mais enfocam costumam ser os arcaísmos, as construções em desuso, as correções de lapsos ou problemas de tradução e a atualização de textos que se basearam em interpretações superadas ou fontes antigas, já que a exegese e a crítica textual podem ter avançado.

A revisão de tradução, em linhas gerais, não deveria apagar o texto anterior, nem descharacterizar seu estilo. A ideia é que os revisores mantenham as características próprias de uma tradução, sobretudo aquelas consideradas clássicas, atualizando sua linguagem. No caso

especial de uma tradução rejeitada ou com muitos problemas, o projeto pode ser focado na reformulação de toda a redação. De qualquer modo, seguir as pisadas de outro tradutor é um dos requisitos para um projeto de revisão.

Os revisores precisam conhecer o texto com o qual trabalham. Devem entender o trabalho de tradução anterior, compreender o contexto de elaboração daquele texto, as suas motivações, as fontes que o tradutor usou ou consultou e trabalhar em prol de uma atualização de seu trabalho — normalmente, não de uma destruição dele.

É por isso que, em geral, os revisores não são considerados novos tradutores, justamente para que o projeto de revisão não ganhe a conotação de uma nova tradução, em detrimento da obra revisada ou em função de seu apagamento. Novamente, a exceção são projetos com muitos problemas.

Porém, a prática do trabalho do revisor de uma tradução muitas vezes se apresenta como uma nova tradução. Em muitos casos, o revisor deve mudar substancialmente uma tradução, ou seja, lê-la por completo, repensá-la, reformular suas passagens e recriar muitos de seus textos. Isso faz do revisor, em certo sentido, também um tradutor (ou um cotradutor).

Os revisores precisam reunir uma série de competências. Além de dominar os idiomas das traduções a serem revisadas, devem possuir excelente leitura, interpretação e escrita, conhecimento da Bíblia e de métodos adequados de exegese. Atenção ao trabalho, minúcia na leitura, capacidade para propor correções pertinentes, calma para o longo trabalho com os textos e cautela para realizar mudanças são algumas características desejáveis.

São muitas as exigências para um revisor da Bíblia, porque também há muita cobrança e expectativa com relação à publicação de uma nova edição de uma tradução. Considerando que o revisor perpetuará a tradução que revisa, seu trabalho passará pelo crivo dos leitores da obra anterior. Se esta, além de tudo, for uma obra considerada clássica, como é o caso da tradução de Almeida, as exigências se acirram.

As Sociedades Bíblicas Unidas possuem diretrizes que norteiam o trabalho bíblico em mais de 200 países. Elas incentivam a revisão de traduções para idiomas majoritários e minoritários e recomendam que seja feita, em média, a cada 15 ou 25 anos³⁸, considerando que os idiomas e as culturas mudam e que a intenção da tradução bíblica é ser compreendida:

³⁸ De acordo com o *UBS Guidelines for revision of Scripture Translations* [Guia para a Revisão de Traduções das Escrituras, das Sociedades Bíblicas Unidas], documento originalmente preparado por Kees de Blois, Daud Soesilo e Carlo Buzzetti, apresentado e discutido no Encontro Trienal de Tradução de 2003 [Triennial Translation Workshop 2003] e recebido pelo Comitê de Políticas de Tradução da UBS (COTP) em 2004 (revisado em 2010).

Translations that have become popular and are in need of regular reprints tend to be subjected to more frequent revision than those that are in lower demand. Usually, before a reprint is undertaken, typographical errors and obvious mistakes in the translation are corrected. More substantial revisions are done less frequently, but most likely after 15-25 years. This may be restated as a principle that each generation should have its own version. (*UBS Guidelines for revision of Scripture Translations*, p. 11)

Por conta disso, o número de revisões de traduções da Bíblia vem crescendo, atendendo também a uma demanda dos leitores por traduções conhecidas em linguagem atual.

Resta, no entanto, saber, já que há poucos trabalhos nessa área, o que as revisões de tradução vêm fazendo com os textos — tanto aqueles nos idiomas originais quanto os das traduções. Seria interessante poder avaliá-las, a fim de observar, por exemplo, se elas têm, nas palavras de Antoine Berman, deformado os textos originais ou, antes, corrigido deformações anteriormente feitas (ou, ainda, mantido as deformações que já existiam). Consideremos que é praticamente impossível que um trabalho esteja livre das tendências deformadoras apontadas pelo teórico. O grande ponto no caso das traduções bíblicas é a insistência na expressão do significado aos leitores, o que muitas vezes se evidencia na desconstrução da forma do original, e é aí que as deformações apontadas por Berman podem ocorrer.

Por fim, seria produtivo que houvesse pesquisas nessa área, a fim de estudar e avaliar a qualidade das revisões. Esse é um campo novo e carente de maiores incursões.

3.3 Projetos de revisão de traduções bíblicas

Apesar da aparente estabilidade ou estaticidade dos textos traduzidos da Bíblia, e a despeito de muitas pessoas não pensarem nos processos que subjazem as traduções, a revisão é uma atividade extremamente dinâmica, inerente à tradução da Bíblia. Na verdade, uma breve mirada nos processos que levam à estandardização das traduções bíblicas revela movimentos surpreendentes, inclusive mudanças e retornos.

Há agências e organizações de tradução bíblica no mundo investindo em revisões de suas traduções. Como mencionado, muitas vezes um projeto de revisão é bem menos custoso do que uma nova tradução. Além disso, revisar é uma maneira de não desconsiderar esforços que foram empregados em um projeto de tradução. Mesmo que um texto já seja muito antigo, de difícil entendimento por parte de uma comunidade de leitores, a revisão ainda é uma forma de preservá-lo.

Uma questão quanto à publicação de projetos de revisão é o título. Muitos deles se utilizam da denominação “Novo” ou “Nova”, ou “Contemporânea”, “Atual”, “de Hoje” etc. acompanhando o título da tradução anterior. Tudo isso coloca em discussão o tema “tempo”: quando se passarem anos ou décadas da publicação dessas revisões, seus títulos já não farão sentido. Eles não refletirão a novidade do texto. Mas, como normalmente essas revisões se apresentam como uma nova leitura de traduções mais antigas e, normalmente, pioneiras ou clássicas, é uma forma comum de designá-las.

Nos últimos anos, inúmeras traduções bíblicas foram revisadas, em diferentes idiomas. A seguir serão mencionadas algumas como exemplo.

A *American Standard Version* (ASV), também conhecida como *American Revision of 1901*, é uma tradução bíblica para o inglês. Ela foi publicada em 1901. O projeto iniciou-se em 1870, como um trabalho de revisão da tradução King James, de 1611. Em 1881 foi publicada a “Revised Version” (RV) do Novo Testamento. O Antigo Testamento foi publicado em 1885, e os livros deuterocanônicos (também chamados de “apócrifos”), em 1894. Em 1898, editores das universidades de Oxford e Cambridge publicaram suas próprias edições da RV com sugestões recebidas dos EUA incluídas. No Prefácio à ASV, explica-se:

The American Revision Committee, after the publication of the Revised Version in 1885, resolved to continue their organization, and have regarded it as a possibility that an American recension of the English Revision might eventually be called for. Accordingly they have been engaged more or less diligently, ever since 1885, and especially in the last four years, in making ready for such a publication. The judgment of scholars, both in Great Britain and in the United States, has so far approved the American preferences that it now seems to be expedient to issue an edition of the Revised Version with those preferences embodied in the text.³⁹

Assim surgiu a ASV, como a continuação de um trabalho de revisão. Um dos aspectos principais dessa revisão foi o tratamento dado ao tetragrama, ou seja, o nome inefável de Deus no AT. Na ASV, ele é consistentemente traduzido por *Jehovah* em 6.823 lugares no AT, em vez de “LORD”, como aparece na Bíblia King James e na RV. A razão para essa mudança, segundo o Comitê de Revisão, foi a seguinte:

the American Revisers, after a careful consideration were brought to the unanimous conviction that a Jewish superstition, which regarded the Divine Name as too sacred to be uttered, ought no longer to dominate in the English or any other version of the Old Testament, as it fortunately does not in the numerous versions made by modern missionaries. This Memorial Name, explained in Ex. iii. 14, 15, and emphasized as such over and over in the original text of the Old Testament, designates God as the

³⁹ Prefácio à edição da Bíblia *American Standard Version of the Holy Bible* (1901). Disponível em http://www.ccel.org/ccel/bible/asv.ii.html&xid=17259,15700022,15700186,15700191,15700253,15700256,15700259&usg=ALkJrhjAzXUX8ovwAvxRVveWfy76_b1cIw, acesso em 10 jan. 2019.

personal God, as the covenant God, the God of revelation, the Deliverer, the Friend of his people; – not merely the abstractly “Eternal One” of many French translations, but the ever living Helper of those who are in trouble. This personal name, with its wealth of sacred associations, is now restored to the place in the sacred text to which it has an unquestionable claim.⁴⁰

A justificativa para essa mudança, portanto, foi a rejeição de uma chamada “tradição judaica” que sacralizava o nome divino.

Houve muitas outras mudanças, como a substituição de termos como “the grave”, “the pit” e “hell” por “Sheol”, uniformizando o texto. Segundo o Prefácio, “The English Revisers use ‘Sheol’ twenty-nine times out of the sixty-four in which it occurs in the original. No good reason has been given for such a discrimination. If the new term can be fitly used at all, it is clear that it ought to be used uniformly”. Outro ponto, explicitado no Prefácio, foi este:

In like manner we have carried out another alteration which was made to a limited extent by the English Revisers - the distinction between the words ‘stranger’ (‘strange’), ‘foreigner’ (‘foreign’), and ‘sojourner’. These renderings correspond fairly well to three distinct Hebrew words there is no good reason why the correspondence should not be made uniform throughout. Likewise we have carried out consistently the substitution of ‘false’, ‘falsehood’, and other terms, for ‘vain’, ‘vanity’, where the meaning of the original requires it. Here too a beginning was made by us in the Appendix. Many other examples might be adduced.

Títulos também foram adicionados e as notas de rodapé foram expandidas. A ASV, posteriormente, foi a base para outras seis revisões e uma atualização.

A *Revised Standard Version* (RSV), também em inglês, foi publicada na metade do século XX. Trata-se de uma revisão da *American Standard Version*, de 1901. O NT foi publicado pela primeira vez em 1946. Já o AT, em 1952. E os livros deuterocanônicos, em 1957. O NT foi novamente revisado em 1971. A edição católica original da RSV foi publicada em 1966, e os apócrifos foram expandidos em 1977. A segunda edição católica foi publicada em 2006.

Nos últimos anos, a RSV serviu de base para duas outras revisões: a *New Revised Standard Version* (NRSV), de 1989, e a *English Standard Version* (ESV), de 2001. Segundo o Prefácio à RSV⁴¹, há três diferenças principais entre a RSV e a KJV, a RV e a ASV: (1) os tradutores voltaram à prática da KJV e da RV de traduzir o tetragrama, ou o nome divino, em vez de transliterá-lo (“Jehovah” é uma tentativa de transliteração, não propriamente uma tradução). Na linha das versões de 1611 e 1885, a RSV traduziu o tetragrama como “LORD” ou “GOD”, em maiúsculas (dependendo se o verbete hebraico naquele versículo em particular é lido *Adonai*

⁴⁰ Prefácio à edição da Bíblia *American Standard Version of the Holy Bible* (1901). Disponível em http://www.ccel.org/ccel/bible/asv.ii.html&xid=17259,15700022,15700186,15700191,15700253,15700256,15700259&usg=ALkJrhjAzXUX8ovwAvxRVveWfy76_b1cIw, acesso em 10 jan. 2019.

⁴¹ Disponível em <http://www.bible-researcher.com/rsvpreface.html>.

ou *Elohim* na prática judaica), enquanto a ASV havia traduzido por “Jehovah”. (2) Houve mudanças em relação a arcaísmos presentes nas edições anteriores. A RSV passou a usar pronomes e verbos ingleses arcaicos apenas para se dirigir a Deus, uma prática bastante comum nas traduções da Bíblia. (3) Houve diferenciação também quanto ao uso de fontes. Para o NT, a RSV seguiu a última versão disponível do texto grego de Nestle, enquanto a RV e a ASV usaram o texto grego de Wescott e Hort, e a KJV usou o *Textus Receptus*.

Em 1989, houve uma nova revisão da tradução RSV, chamada *New Revised Standard Version* (NRSV). Trata-se de uma revisão ecumênica. A NRSV ficou conhecida como uma das primeiras traduções bíblicas a usar amplamente a linguagem neutra de gênero. Segundo seus idealizadores, a NRSV continua a tradição de William Tyndale, da Bíblia *King James*, da *American Standard Version* e da *Revised Standard Version*. “The NRSV stands out among the many translations because it is ‘as literal as possible’ in adhering to the ancient texts and only ‘as free as necessary’ to make the meaning clear in graceful, understandable English.”⁴²

Em 2001, foi publicada uma nova revisão da *Revised Standard Version*, intitulada *English Standard Version* (conhecida como ESV). Em 2007, essa versão passou por uma nova revisão, que mudou cerca de 500 palavras⁴³, concentrando-se em aspectos gramaticais do texto, consistência e clareza. Uma mudança notável foi em Isaías 53.5, em que o texto trazia “he was wounded for our transgressions”, substituído por “he was pierced for our transgressions”⁴⁴. Em abril de 2011, outra edição foi publicada, com mudanças em 275 versículos e menos de 500 palavras. A intenção das mudanças, naquele então, era corrigir a gramática, melhorar a consistência e aumentar a precisão do significado das passagens. Com isso, a edição de 2007 foi gradualmente eliminada.

Em agosto de 2016, a editora Crossway, detentora dos direitos dessa revisão, anunciou a edição permanente da ESV (“ESV Permanent Text Edition”), com 52 mudanças de palavras em 29 versículos. Ali, para eles, estaria encerrada a possibilidade de modificações textuais na ESV. No entanto, essa decisão foi abandonada no mês seguinte, com a Crossway anunciando que ainda consideraria atualizações mínimas e pouco frequentes para refletir descobertas textuais ou alterações no inglês ao longo do tempo. Lane Dennis, CEO da Crossway, declarou:

We have become convinced that this decision was a mistake. We apologize for this and for any concern this has caused for readers of the ESV, and we want to explain

⁴² Cf. <https://www.biblegateway.com/versions/New-Revised-Standard-Version-NRSV-Bible/>.

⁴³ DENNIS, Lane. “Word Changes in the ESV Bible Text -2011”. Crossway, December 7, 2012. Disponível em <http://www.bible-researcher.com/esv2011changes.pdf>, acesso em 15 jun. 2018.

⁴⁴ DENNIS, 2018, p. 13.

what we now believe to be the way forward. Our desire, above all, is to do what is right before the Lord.⁴⁵

Outra revisão bíblica conhecida, no idioma espanhol, é a tradução *Reina-Valera 1960*. Trata-se do texto bíblico mais lido e apreciado nos países hispânicos. É interessante observar que o próprio nome da tradução revela o trabalho coordenado de tradutores e revisores da Bíblia. “Reina” é o sobrenome de Casiodoro, o tradutor, e “Valera” é o sobrenome de Cipriano, o revisor — ambos reconhecidos no título do trabalho final. Para muitos leitores, a tradução Reina-Valera é insuperável. Sua história começa no século XVI:

En 1569, Casiodoro de Reina legó al mundo de habla castellana su insuperable traducción de los textos bíblicos, la cual llegó a ser conocida como la Biblia del Oso. Treinta años después, en 1602, Cipriano de Valera realizó la primera revisión de dicha traducción. Es interesante notar que, con el tiempo, esta revisión llegó a conocerse como la versión de Cipriano de Valera. El revisor había superado al traductor. Con el paso de los siglos la revisión de Cipriano de Valera ha sido a su vez objeto de continuas revisiones, entre las que destacan la de 1909 y la de 1960.⁴⁶

A Reina-Valera foi a primeira tradução completa dos textos bíblicos do hebraico, do aramaico e do grego para o castelhano. A revisão de 1960, certamente, é a mais utilizada nas igrejas protestantes da América Latina e da Espanha até hoje. O projeto de revisão surgiu em 1950, por iniciativa da *American Bible Society* e da *British and Foreign Bible Societies*. Na época, segundo Calvin George (2005),

la Sociedad Bíblica Americana y la Sociedad Bíblica Británica y Extranjera estaban informando que numerosas sugerencias se estaban recibiendo en lo que se refiere a la necesidad de una revisión nueva. Aunque la línea Valera había experimentado muchas revisiones menores, todavía retenía mucho de la gramática y las expresiones anticuadas de la traducción de Casiodoro de Reina de 1569. (GEORGE, 2005, p. 10)

Nas atas do Comitê de Traduções da Sociedade Bíblica Americana de 29 de novembro de 1946, é possível ler: “Tantas sugerencias cubren detalles específicos así como también cambios generales en forma sintáctica. Se están estrevisando a los secretarios en Latinoamérica (...) en lo que se refiere a la naturaleza específica de la revisión deseada” (GEORGE, 2005, p. 10). Assim se iniciou o projeto de revisão, com a ideia de conservar a beleza da Valera, mas atualizar o idioma e a ortografia para o espanhol em uso naquele momento. Alguns exemplos de correções ou atualizações:

⁴⁵ Cf. <https://www.christianitytoday.com/news/2016/september/crossway-reverses-decision-esv-bible-textperm-anent-mistake.html>.

⁴⁶ Cf. <http://reina-valera.com/reina-valera/>.

Referência	Reina-Valera 1909	Reina-Valera 1960
Mt 9.18	<i>es muerta poco ha</i>	<i>acaba de morir</i>
Mt 9.35	<i>achaque</i>	<i>dolencia</i>
Mt 24.29 e outros	<i>virtudes</i>	<i>podere</i>
Mt 6.28	<i>reparad los lírios</i> <i>del campo</i>	<i>considerad los lírios</i> <i>del campo</i>
Mc 8.33 e outros	<i>riñó</i>	<i>reprendió</i>
Mt 16.21 e outros	<i>convenía</i>	<i>era necesario</i>
Mt 10.34	<i>meter paz</i>	<i>traer paz</i>
Mt 27.2 e outros	<i>presidente</i>	<i>gobernador</i>
Mt 6.1 e outros	<i>merced</i>	<i>recompensa</i>
Mc 8.8 e outros	<i>espuertas</i>	<i>canastas</i>
Gn 19.22 e outros	<i>priesa</i>	<i>prisa</i>
Jo 19.13	<i>lithóstrotos</i>	<i>enlosado</i>

A grafia de nomes de lugares também mudou. Por exemplo, de Betlehem para Belén; de Jerusalem para Jerusalén; de Nathán para Natán; de Ruth para Rut; de Seth para Set; de Rachel para Raquel; de Ephraim para Efraín. Algumas palavras com conotações consideradas indecentes foram atualizadas (como *coger*, que em alguns contextos passou a significar “agarrar alguém”). Houve também substituição de termos que adquiriram conotações católicas, como *beatificación* (usado em Rm 3.9 na versão de 1602), *pontífice* (muito usado em Hebreus) e *penitencia* (Mc 1.4). As revisões anteriores da Reina-Valera traziam todas as palavras que eram consideradas acréscimos necessários ao texto em itálico. Isso foi abandonado na revisão de 1960.

Apesar da predileção pela tradução Reina-Valera na versão de 1960, em espanhol, houve outra revisão do texto, baseada na primeira Reina-Valera e nas revisões subsequentes, que redundou na tradução conhecida como *Reina-Valera Contemporánea*. O que justificou essa e outras revisões de traduções bíblicas, segundo as Sociedades Bíblicas Unidas, foi o seguinte:

La lengua es un ente vivo y en constante proceso de cambio. Lo que ayer pudo ser comunicante, hoy puede ser poco inteligible. Es un hecho innegable que la lengua castellana, que en nuestros países de América Latina ha llegado a conocerse más como idioma español, se ha ido distanciando notablemente del habla peninsular. No han sido pocos los lectores de la versión Reina-Valera que han preguntado si sería posible contar con una revisión de esta versión clásica, sin que tal revisión pierda el carácter

singular que supieron imprimirle Reina y Valera. Es decir, que la nueva revisión sea un reflejo del español que más y más va siendo reconocido como «latinoamericano».⁴⁷

Segundo a organização, a nova revisão da Reina-Valera, sem se afastar da versão clássica, procurou ser um texto atual, que se pudesse ler e desfrutar com o mesmo prazer e a mesma devoção que a tradução e a revisão de mais de quatro séculos antes. Esse projeto foi fruto do trabalho do “Comité de Revisión y Traducción” das Sociedades Bíblicas Unidas.

As características principais dessa revisão, segundo seus editores, são: (1) texto atualizado, apropriado às novas gerações, sem a pretensão de substituir a RV60, mas ser uma alternativa para uso litúrgico para aqueles que estavam migrando para outras traduções ou revisões); (2) castelhano contemporâneo e ágil; (3) fidelidade aos manuscritos mais antigos dos textos bíblicos do AT (*Biblia Hebraica Stuttgartensia*) e uso do NT de Nestle Aland (Texto Crítico); (4) melhorias na pontuação do texto; (5) mudanças sintáticas, a fim de, nas palavras dos editores, injetar uma boa dose de naturalidade da expressão no texto; (6) manutenção de passagens bíblicas conhecidas o mais perto possível da redação das revisões anteriores da Reina-Valera. Os editores deixaram bem claro que essa seria uma revisão, e não uma nova tradução. Isso significa que a base textual foi o texto Reina-Valera em suas várias edições.⁴⁸

No Brasil, em 1973, foi lançado pela Sociedade Bíblica o “Novo Testamento na Linguagem de Hoje”. Foi o primeiro projeto em português a adotar sistematicamente o método de Eugene Nida. Na época, causou grande polêmica na audiência, por destoar profundamente do que se conhecia das traduções bíblicas em língua portuguesa até então. Quinze anos depois, em 1988, a SBB lançou a Bíblia completa dessa tradução, já com o AT, com o nome de “Bíblia na Linguagem de Hoje” (BLH). Essa foi também a primeira tradução completa da Bíblia feita por iniciativa da SBB. Antes dela, a organização só havia trabalhado em revisões de traduções já existentes. O objetivo, segundo a SBB, era a evangelização do povo brasileiro. Por isso, a tradução deveria “ser adequada ao nível educacional médio da população” (Prefácio à BLH).

Um exemplo de texto da BLH é o Sl 23. Em comparação com a Almeida Revista e Corrigida (1995), tem-se:

⁴⁷ Cf. <http://reinavaleracontemporanea.com/reina-valera/>.

⁴⁸ Cf. <http://reinavaleracontemporanea.com/>.

Almeida Revista e Corrigida

A felicidade de termos o Senhor como nosso pastor

Salmo de Davi

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigerar a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.

Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do Senhor por longos dias.

Bíblia na Linguagem de Hoje

Deus, o nosso pastor

O Deus Eterno é o meu pastor: nada me faltará. Ele me faz descansar em pastos verdes e me leva a águas tranquilas. O Eterno me dá novas forças e me guia no caminho certo, como ele mesmo prometeu.

Ainda que eu ande por um vale escuro como a morte, não terei medo de nada. Pois tu, ó Deus Eterno, estás comigo; tu me proteges e me diriges.

Preparas um banquete para mim, onde os meus inimigos me possam ver. Tu me recebes como convidado de honra e enches o meu copo até a boca. Eu sei que a tua bondade e o teu amor ficarão comigo enquanto eu viver. E todos os dias da minha vida morarei na tua casa, ó Deus Eterno.

Outro exemplo é a passagem de Rm 3.19-20:

Almeida Revista e Corrigida

Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.

Bíblia na Linguagem de Hoje

Ora, sabemos que tudo o que a Lei diz se aplica aos que vivem debaixo da Lei. Isso para que todos parem de dar desculpas e para que todas as pessoas do mundo fiquem sujeitas ao castigo de Deus. Pois ninguém é aceito por Deus por fazer o que a Lei manda, porque a Lei faz as pessoas saberem que são pecadoras.

Podemos, ainda, comparar os textos de Almeida e da Bíblia na Linguagem de Hoje referentes à passagem de 1Co 2.10:

Almeida Revista e Corrigida

Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus.

Bíblia na Linguagem de Hoje

Mas Deus nos revelou o seu segredo por meio do seu Espírito. O Espírito Santo investiga tudo, até mesmo os propósitos mais profundos e escondidos de Deus.

Assim que a BLH foi lançada, a SBB

passou a receber, classificar e analisar inúmeras sugestões, enviadas de todas as partes, no sentido de aprimorar a tradução para o uso mais eficiente e amplo das igrejas. Por outro lado, a própria Comissão de Tradução sentiu que a TLH poderia ser melhorada. E, por fim, também as mudanças pelas quais a Língua Portuguesa havia passado desde o lançamento da TLH recomendavam uma revisão dessa tradução.⁴⁹

A BLH, então, foi totalmente revisada e deu lugar à *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, deixando, assim, de ser publicada. A NTLH, por sua vez, é editada até os nossos dias.⁵⁰ De acordo com o Prefácio a essa nova edição:

Mesmo seguindo os princípios que orientaram a primeira edição da TLH, a revisão foi tão profunda que é justificável designar o texto resultante como **Nova Tradução na Linguagem de Hoje** (NTLH). Como destaques dessa revisão, aparecem os seguintes: (1) O Novo Testamento foi totalmente revisado, tanto do ponto de vista de uma leitura profunda do texto original grego, como do ponto de vista da Língua Portuguesa. (2) Revisão semelhante, mas a partir do texto hebraico, recebeu o livro dos Salmos, com especial atenção à poesia. (3) Simplificou-se ainda mais uma série de construções gramaticais (...). (4) Aceitou-se mudar a designação do nome de Deus no Antigo Testamento de “Deus Eterno” ou “Eterno” para “SENHOR Deus”, “Deus, o SENHOR” ou simplesmente “SENHOR”. (...) Esta revisão sozinha afetou perto de 7 mil passagens do Antigo Testamento. (Prefácio à NTLH)

A Nova Tradução na Linguagem de Hoje foi lançada em 2000, mas a SBB continuou a acolher as sugestões que lhe foram encaminhadas. Uma mudança pode ser vista na passagem de Sl 1.1:

Bíblia na Linguagem de Hoje

Feliz aquele
que rejeita os conselhos dos maus,

Nova Tradução na Linguagem de Hoje

Felizes são aqueles
que não se deixam levar

⁴⁹ Cf. www.sbb.org.br

⁵⁰ www.sbb.org.br.

que não segue o exemplo dos pecadores
e não anda com os que zombam de Deus.
Ao contrário, o seu prazer está
na lei do Deus Eterno,
e nessa lei ele medita dia e noite.

pelos conselhos dos maus,
que não seguem o exemplo
dos que não querem saber de Deus
e que não se juntam com os que zombam
de tudo o que é sagrado!
Pelo contrário, o prazer deles
está na lei do SENHOR,
e nessa lei eles meditam dia e noite.

Em 2005, quando foi publicada a “Bíblia de Estudo NTLH”, o texto bíblico sofreu pequenas alterações e ajustes em poucos versículos. Além disso, posteriormente, novas mudanças foram feitas, incorporando as alterações previstas na Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

Outro exemplo de projeto de revisão feito na atualidade foi a revisão da tradução bíblica em quéchua da Bolívia. O quéchua é um dos idiomas mais importantes do país. Estima-se que dois milhões de pessoas usem essa língua na Bolívia.

Em 1880 houve a primeira publicação de uma porção da Bíblia na língua quéchua. Foi a tradução do Evangelho de João, feita por Jorge Alán⁵¹. Em 1923, o Novo Testamento completo foi traduzido por Jorge Alán e Crisólogo Barron. Em 1944, esse texto foi revisado por uma equipe de nativos falantes do idioma. Em 1978, houve uma nova publicação, de Novos Testamentos bilíngues, castelhano/quéchua, chamada *Diosmanta K'alapurka J'akalawa Uchuku Sumaj Willaycuna Runapaj*, revisada por falantes nativos. Em 1986, publicou-se a *Qhweshwa Biblia*, com os livros deuterocanônicos, um trabalho conjunto com tradutores católicos. Em 1996 foi publicada a Bíblia *Diosmanta Qhelqasqa*, revisão realizada por uma equipe interconfessional.

Catorze anos depois da última revisão da Bíblia em quéchua, decidiu-se revisar esse texto uma vez mais. Segundo informações das Sociedades Bíblicas Unidas,

En las primeras traducciones de la Biblia completa, se ha recurrido a muchos préstamos del castellano. En estos últimos años, con un fuerte énfasis en el afianzamiento de la lengua, el uso regular en los lugares de culto, pero sobre todo con la preparación y formación de nativos hablantes en el conocimiento de su propia lengua, existe una necesidad de ofrecer al pueblo quéchua un texto actualizado. Esta revisión de la Biblia pretende entre otras cosas, rescatar algunas palabras que cayeron en desuso por influencia del castellano, pero que son parte del conocimiento pasivo de la gente, además de eliminar los préstamos innecesarios del idioma dominante. Por otro lado, el avance en los estudios exegéticos modernos, más el desarrollo de nuevas

⁵¹ Cf. <http://www.traducciondelabiblia.org/noticias/revision-de-la-biblia-quechua-central-de-bolivia/>.

perspectivas y herramientas en el área de traducción hacen necesaria una modernización de la actual Biblia.⁵²

A meta do projeto era terminar a revisão num período de quatro anos, contando, para isso, com três revisores nativos do idioma: Juan Velasco, Blanca Bascopé e Miguel Laura. Além disso, como consultores linguísticos, foram escolhidos os missionários Cameron e Maria Hurst. Um outro membro da equipe, Alfredo Eggers, apoiou o projeto no uso de *softwares*, além de fazer as publicações de prova para leitura nas comunidades.

Foi proposto à equipe que redigisse um texto mais fluido e natural, com notas e ajudas para apoiar o crescimento espiritual dos pastores e professores quéchuas do país. Assim, o trabalho incluiu uma revisão total da Bíblia quéchua (com os deuterocanônicos), usando ferramentas computacionais e outros recursos. Fez-se substituição dos empréstimos do espanhol, houve reestruturação da redação do texto, de maneira a recuperar sua fluidez, e, além disso, informações exegéticas consideradas relevantes foram acrescentadas em notas de rodapé. Um detalhe específico, mencionado pelas Sociedades Bíblicas, foi a substituição do pluralizador castelhano “s” pelo “kuna”, próprio do quéchua⁵³.

O projeto foi iniciado em fevereiro de 2010, com uma oficina de capacitação tanto em relação a temas de tradução como ao uso de ferramentas computacionais. O objetivo era concluir a revisão em dezembro de 2014. O projeto acabou se estendendo até agosto de 2015 e, posteriormente, foi submetido a revisão antes de sua publicação, em 2018.

Por fim, cabe mencionar um projeto de revisão bíblica para um idioma indígena do Brasil. Trata-se da revisão do Antigo Testamento em kaingang.

Segundo dados do IBGE (2010), atualmente, há mais de 200 idiomas indígenas no Brasil, falados por indivíduos pertencentes a 305 etnias diferentes⁵⁴. Apenas quatro dessas etnias possuem a Bíblia completa traduzida em suas línguas. A primeira foi a Bíblia em waiwai (2002) e a mais recente é a Bíblia em kaingang (2012). Além disso, o Novo Testamento já está traduzido em 38 línguas indígenas.

O idioma kaingang é falado por uma comunidade de aproximadamente 35 mil pessoas⁵⁵. Em 2012, foi concluída uma revisão do Novo Testamento em kaingang. A edição havia

⁵² http://www.traducciondelabiblia.org/noticias/revision_de_la_biblia_quechua_central_de_bolivia/.

⁵³ http://www.traducciondelabiblia.org/noticias/revision_de_la_biblia_quechua_central_de_bolivia/.

⁵⁴ O Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, contabilizou 274 línguas indígenas no país. Também encontrou um total de 7,5% de indígenas que não falavam o português. (Disponível em <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>, acesso em 6 mai. 2019).

⁵⁵ Segundo o antropólogo e linguista Ka'egso Hery, “O povo Kaingang é a segunda maior população indígena do Brasil e está espalhado pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (<http://www.abiblia.org/ver.php?id=906>, acesso em 18 abr. 2019).

sido lançada em 1977 e estava esgotada havia algum tempo. Durante três anos, uma equipe de tradutores indígenas, coordenada pela linguista alemã Ursula Gojtéj Wiesemann, se dedicou a esse trabalho. A linguista, que veio ao Brasil na década de 1950 e iniciou a pesquisa da língua kaingang, dando-lhe forma escrita, numa iniciativa que visava contribuir para a construção e a perpetuação do idioma, também foi responsável pela coordenação da tradução da primeira edição. Ela ainda se dedicou a cursos de alfabetização e de formação para professores indígenas bilíngues.

Atualmente, a equipe de revisão do Antigo Testamento, formada por missionários e falantes nativos do idioma, reside e trabalha na comunidade de Queimadas, no Paraná, e conta com o apoio da Sociedade Bíblica do Brasil. A tradução revisada por eles havia sido feita décadas atrás, também pela missionária Ursula.

Esse pequeno elencar de projetos permite vislumbrar a pluralidade de revisões no campo da tradução bíblica e romper com a ideia sedimentada de que a “Bíblia” é um livro estático.

3.4 Os leitores da Bíblia e a revisão

A posição dos leitores da Bíblia diante da revisão de uma tradução varia muito, dependendo de que texto foi revisado. No caso da revisão de uma tradução cristalizada, a postura inicial pode ser tanto de desconfiança e rechaço, por considerarem a tradução anterior suficientemente boa e confiável, não concordando com uma mudança no texto, como positiva, de abertura, justamente por se tratar de uma boa tradução-base. Essa última atitude revela confiança na manutenção da qualidade da primeira tradução.

A postura também pode variar de acordo com o perfil do leitor. Um leitor mais tradicional talvez prefira uma linguagem antiga ou rebuscada. Para ele, essa é a linguagem adequada para um texto bíblico. Mudar esse estilo pode soar como uma desvirtuação da tradução sacralizada. Por outro lado, um leitor menos conservador talvez se mostre aberto a um projeto de revisão de uma tradução já apreciada. Ele poderia ver esse tipo de iniciativa como uma proposta de melhoria de um texto já excelente. Esse tipo de visão nem sempre tem a ver com a idade dos leitores. Por exemplo, se a igreja na qual esse leitor, jovem ou mais velho, está inserido prefere uma linguagem mais formal ou antiga, é provável que ele seja menos aberto à revisão. Por outro lado, se sua denominação já está familiarizada com textos bíblicos atualizados, com uma linguagem menos formal (como é o caso, no Brasil, de traduções como a *Nova Tradução na*

Linguagem de Hoje, a *Nova Versão Internacional*, a *Nova Versão Transformadora* e, mais fortemente, a *Bíblia A Mensagem*), ele estará mais aberto à revisão.

Há ainda outro elemento a se considerar. Esse mesmo leitor, acostumado a traduções em linguagem contemporânea, talvez não leia traduções como a de Almeida e, inclusive, pode considerá-las arcaicas. Assim, ele já está afastado dessa tradução e é possível que esteja pouco interessado em uma revisão desse texto. Então, a penetração de uma revisão poderia encontrar resistência nessa audiência apenas pelo nome da tradução. A associação seria com um texto muito antigo ou já ultrapassado. Essa é uma das consequências de um projeto de revisão como o que será estudado mais adiante.

Por fim, há uma parcela da audiência que é importante no caso das revisões, que são os jovens e os novos leitores da Bíblia, pessoas pouco familiarizadas com as formulações arcaicas e a linguagem tradicional de algumas traduções bíblicas. A relação com esse público é muito importante para os projetos de revisão, porque uma das motivações para realizá-los é justamente suprir a demanda desses leitores por um texto fluente e inteligível. Assim, importa bastante que esses leitores, em especial, se aproximem e leiam os textos dessa nova versão da Bíblia.

4. A REVISÃO DA BÍBLIA DE ALMEIDA

Neste capítulo será feita a apresentação do projeto de revisão que resultou na *Nova Almeida Atualizada*.

4.1 Origem do projeto

A Bíblia de Almeida na versão *Revista e Atualizada*, publicada pela SBB em 1959, é fruto de um trabalho de revisão do antigo texto de Almeida, de 1898, feito em Portugal. A revisão se iniciou cinco anos antes da fundação da própria SBB, em 1943. Naquele então, as Sociedades Bíblicas atuantes no Brasil observaram que o texto bíblico de Almeida, em circulação no país, não comunicava com naturalidade ao povo brasileiro. Assim, formou-se uma comissão revisora, integrada apenas por homens, todos acadêmicos, os quais se propuseram a oferecer aos leitores um texto bíblico “em linguagem de hoje sem desnaturar certa linguagem bem antiga e tudo sem fugir ao original”⁵⁶.

Depois de alguns anos de trabalho, a revisão demorava a avançar. Além da demora, observava-se também a falta de coesão e consistência nos textos produzidos. Em meados de 1950, tomou-se a decisão de reduzir a equipe a duas pessoas, Antonio de Campos Gonçalves e Paul William Schelp, a fim de concluir a revisão. Essa comissão, bem mais enxuta, concentrou o trabalho e o entregou em 1956.

A *Revista e Atualizada* é um texto que manteve o estilo clássico de Almeida, mas corrigiu pequenos lapsos encontrados na antiga tradução. Além disso, uma de suas principais características é a fluência na leitura em voz alta. Segundo Vilson Scholz (2016), os revisores deram especial atenção às cacofonias, ou seja, combinações de palavras que não soavam bem quando lidas em voz alta. Um exemplo bastante conhecido é a frase “porque ali se vê o fim de todos os homens” (Ec 7.2), que foi alterada para “pois naquela se vê o fim de todos os homens”, para impedir que, na leitura em voz alta, se formasse o nome “Alice” (SCHOLZ, 2016, p. 80).

Em 2010, mais de 50 anos depois do término da revisão de Almeida, teve início um diálogo entre a Sociedade Bíblica do Brasil, detentora dos direitos da *Revista e Atualizada*, e representantes de igrejas protestantes brasileiras, para fazer uma nova revisão desse texto. A

⁵⁶ Esse era o *slogan* da primeira Comissão Revisora de Almeida, nas décadas de 1940 e 1950 (GONÇALVES, 1959, p. 127).

SBB considerou oportuno iniciar esse projeto, já que entendia que o texto de Almeida precisava ser compreensível aos leitores atuais. Além disso, as diretrizes das Sociedades Bíblicas Unidas recomendam a revisão de uma tradução do texto bíblico entre 15 e 25 anos. Diante dessa diretriz, havia urgência em se atualizar esse texto.

O projeto começou oficialmente em 2012, com uma reunião com representantes das igrejas protestantes brasileiras, na qual uma proposta de revisão foi apresentada. Ali, perguntou-se às igrejas se elas sentiam a necessidade da revisão da Bíblia de Almeida e solicitou-se a participação de todas. Naquela reunião, houve a percepção da importância dessa revisão. A maior ressalva por parte de certos representantes das denominações foi quanto a uma descaracterização de Almeida. As igrejas solicitaram uma revisão que propiciasse ao texto que soasse mais natural e contemporâneo, com a preocupação de que a equivalência formal permanecesse como o princípio de tradução adotado e o texto se ativesse à estrutura do original. Foram aprovadas, então, mudanças lexicais e revisão exegetica.

O novo projeto de revisão da Bíblia na tradução de Almeida se iniciou em 2013. Em agosto de 2016, a SBB publicou uma edição experimental contendo o Novo Testamento, Salmos e Provérbios, a fim de, por um lado, compartilhar o trabalho em andamento e, por outro, receber sugestões, críticas e reações de pastores, líderes de igrejas, estudiosos da Bíblia e leitores em geral. A difusão do texto foi ampla e a reação, em geral, foi positiva.

Igrejas e pessoas encaminharam à SBB sugestões, que foram estudadas, muitas delas acolhidas, o que corroborou a ideia de um trabalho colaborativo entre a SBB e as igrejas do Brasil. As igrejas já demonstravam, nesse então, grande expectativa quanto à conclusão do trabalho.

Em julho de 2017, ou seja, após quase quatro anos de trabalho, a revisão foi concluída. O texto foi publicado em novembro de 2017, e a redação que resultou como a final é o objeto desta análise.

4.2 A equipe revisora

A equipe designada para fazer a revisão foi formada por profissionais do próprio corpo de colaboradores da Sociedade Bíblica do Brasil. Os principais revisores foram três, embora tenham contado, ao longo de todo projeto, com contribuições de especialistas externos.

O primeiro membro da equipe e coordenador do projeto foi Vilson Scholz, professor de teologia na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e especialista em grego bíblico. Sua

formação é em teologia, pelo Seminário Concórdia, e seu mestrado e doutorado foram em teologia, ambos pelo Concordia Seminary, em Saint Louis, nos EUA. Sua experiência na área bíblica é vasta, e ele atua como consultor de traduções da Sociedade Bíblica do Brasil. A ênfase de seus estudos está no Novo Testamento, principalmente nos temas de tradução da Bíblia, teologia bíblica, Novo Testamento, hermenêutica bíblica e lei e evangelho. Seu papel na comissão foi de coordenador e revisor principal. Também teve como trabalho a pesquisa das fontes, a fim de atualizar a tradução com as novas decisões da crítica textual.

O segundo membro da equipe foi Denis Scheer Timm, gerente editorial da Sociedade Bíblica do Brasil. Sua formação é em teologia e Letras português-grego, e sua especialização é em tradução. Atuou por muitos anos com uso de *softwares* na edição da Bíblia. Seu conhecimento nesse campo facilitou o trabalho do ponto de vista tecnológico, a fim de, por meio de ferramentas computacionais, procurar consistência nas mudanças e atualizações realizadas.

O terceiro membro da equipe é a autora deste trabalho. Sua área de estudos é História, Comunicação Social e Letras, com foco nas teorias de tradução e no texto hebraico da Bíblia. Além disso, possui formação como consultora de traduções pelas *United Bible Societies*. Como seu campo de trabalho é edição e revisão de textos, sua função na equipe foi, principalmente, como revisora de estilo.

O número reduzido de pessoas na equipe de revisão foi uma decisão deliberada, que se deveu à experiência da Sociedade Bíblica do Brasil com uma comissão de revisão muito grande, ainda nas décadas de 1940 e 1950. Essa experiência fez com que, no momento de escolher e formar a comissão revisora do novo projeto, a SBB optasse por um grupo menor, que pudesse dialogar, além de se reunir periodicamente para leitura em voz alta e revisão conjunta.

Outro aspecto importante na formação da comissão é o da participação de uma mulher jovem no grupo. Na comissão formada nas décadas de 1940 e 1950, no projeto da *Revista e Atualizada*, não houve presença feminina. Os mais de trinta componentes da comissão revisora, naquele então, foram homens. Em princípio, tal participação na nova comissão pareceu ter sido tomada como algo positivo pelas igrejas, o que se evidenciou em eventos de apresentação da tradução que houve ao redor do país, quando da menção a esse aspecto. Percebeu-se um misto de surpresa e apreço, especialmente por parte das mulheres. Parece ter havido um sentimento de identificação quanto à presença feminina num grupo de revisores. Apesar disso, essa participação não é totalmente isenta de controvérsias, já que muitos cristãos são contrários à ideia de mulheres ocupando certos espaços — especialmente o do pastado, o do diaconato e o do

ensino. Em termos de diretrizes de tradução, essa é uma prática difundida nas Sociedades Bíblicas no mundo todo, já que a heterogeneidade no projeto é vista como algo benéfico.

4.3 Critérios e pressupostos

Depois de haver decidido pelo início pronto da revisão, as igrejas definiram, por discussão e votação, os parâmetros do projeto. As opções eram: (1) uma revisão profunda do texto, incluindo mudanças de conteúdo; (2) uma revisão intermediária, mantendo, quando possível, a redação da *Revista e Atualizada*, fazendo mudanças consideradas necessárias; e (3) uma revisão sutil, corrigindo pequenos lapsos, mudando pontualmente a tradução, mantendo, o máximo possível, o texto da *Revista e Atualizada*.

O que ficou acordado foi uma revisão intermediária, que não descaracterizasse o texto já conhecido das igrejas e dos leitores, mas que passasse por uma leitura minuciosa e análise profunda, atualizando passagens bíblicas de acordo com as fontes mais recentes, trocando léxico difícil e possíveis arcaísmos por vocábulos mais fáceis, pertinentes ao português falado no Brasil atual, e substituindo os pronomes “tu” e “vós” em diálogos e narrativas por você/vocês, mantendo-se a segunda pessoa apenas nas referências a Deus, ou seja, nos Salmos, nas poesias, nas orações etc.

Assim, a tradução foi mantida formal, privilegiando, no entanto, a compreensibilidade do texto. Embora pareça um contrassenso, em vista da discussão da dicotomia “letra” e “espírito”, apresentada no princípio deste trabalho, além da polarização de métodos de tradução delineada por Eugene Nida, a *Nova Almeida Atualizada* propôs um equilíbrio entre uma tradução formal e uma tradução dinâmica. Não se adotaram os princípios defendidos por Nida de forma absoluta, nem houve rejeição total a eles. A ideia foi manter a tradução formal, assim como suas revisões anteriores, mas levar em conta a inteligibilidade do texto para as novas gerações, adotando o princípio dinâmico quando se entendesse pertinente.

Alguns aspectos gerais do projeto foram convencionados: manter os versículos paragrafados, atualizando, porém, os diálogos, que não apareciam, na edição anterior, com travessões. Os títulos que subdividem o texto bíblico, resumindo em temas o conteúdo de um ou mais parágrafos, capítulos inteiros ou até mais, não fazem parte do texto original. Como são acréscimos posteriores (cf. Gn 1.1; 2.4), poderiam ser alterados, conforme a revisão do texto.

Quanto à palavra “Senhor”, manteve-se o padrão da *Almeida Revista e Atualizada*: com letras maiúsculas (SENHOR) indica que se trata, no texto original hebraico, do nome de Deus,

“Javé” (Gn 2.4), o tetragrama. “Senhor”, por sua vez, se refere ao hebraico *adonai* ou a outras formas no grego, como *Kyrios*.

Outro ponto da revisão é a correção de eventuais erros encontrados no texto da *Almeida Revista e Atualizada*. Um exemplo é a identificação de uma incorreção em Ap 1.3. Em vez de “aqueles que leem”, o correto é “aquele que lê”.

Um elemento a se destacar foi a decisão de revisar palavras e expressões arcaicas. Essa pauta foi levantada por muitos leitores e representantes de igrejas, que afirmaram a necessidade de clarificar textos da RA que continham verbetes muito difíceis ou pouco usados em nossos dias. Um exemplo, apresentado no Prefácio à *Nova Almeida Atualizada*, é o termo “irrisão”, que na RA aparece em Jó 12.4. “Irrisão” foi substituído por “motivo de riso”. Outros exemplos serão apresentados ao longo desta análise. Um critério na mesma linha foi a eliminação das mesóclises. Assim, expressões como “dar-se-vos-á” (Mt 7.7) deram lugar a formulações mais usuais no português brasileiro atual (“lhes será dado”).

Outra característica dessa revisão foi a substituição dos pronomes “tu” e “vós” por outras formas: “você”, “vocês”, “senhor”, “senhores”, “senhora”, “senhoras”. No entanto, uma sugestão das igrejas e uma resolução da equipe foi manter a forma “tu” sempre que alguém se dirige a Deus em oração ou louvor, como, por exemplo, nos Salmos e na oração do Pai-Nosso (Mt 6.9-13). Essa é, inclusive, uma prática que se observa nas igrejas. O “tu”, além do “vós”, ainda que mais raramente, são preservados nas igrejas nos momentos de oração e no louvor a Deus, em canções e hinos. Portanto, isso se aplicou à tradução.

A Bíblia de Almeida, assim como várias traduções antigas, tentava seguir o original hebraico e grego quanto à sintaxe, sendo normal encontrar o verbo antes do sujeito nos textos da tradução. Na revisão, a pedido das igrejas, houve uma reordenação de frases, em muitos casos, colocando o sujeito antes do verbo. A exceção são as poesias, as orações e outros textos nos quais a expressividade da linguagem é importante.

Outro critério da revisão foi a comparação entre as passagens paralelas e a busca por uma tradução igual para o que é idêntico nos originais e diferente para o que não é igual. Isso foi feito com auxílio de ferramentas computacionais. Essa consistência se faz necessária uma vez que muitos textos no original são exatas réplicas de passagens escritas por outros autores. Isso se aplica de modo especial aos textos dos livros de Samuel e Crônicas, Reis e Crônicas e aos textos dos Evangelhos.

Uma característica peculiar deste trabalho foi a atenção à linguagem masculina para se referir genericamente a homens e mulheres. A tradução de Almeida trazia “homens”, “meninos”

e outras expressões masculinas quando os textos muitas vezes se referem a “pessoas”, “seres humanos”, “crianças”, “humanidade”. Isso tem a ver com o contexto, os referenciais e o estilo de Almeida. Muitas traduções, ao longo da história, copiaram Almeida nesse aspecto, o que engendrou, em certos casos, uma leitura androcêntrica da Bíblia. O que se definiu na revisão foi mexer nos textos em que o referente são homens e mulheres, sem, com isso, adotar extensivamente uma linguagem inclusiva. A proposta foi corrigir essa tendência da tradução com fins de clareza e adequação aos originais.

Mais um elemento debatido e definido em conjunto com as igrejas foi a revisão das unidades de peso (como siclos, talentos etc.), medida (côvados, estádios etc.) e capacidade (efas, batos etc.). Por pedido da audiência, essas unidades foram convertidas para pesos e medidas que são mais conhecidos e usados pelos leitores de hoje (gramas, metros, litros etc.). Como se esclarece no Prefácio à edição,

Uma vez que não se sabe com absoluta certeza qual era, por exemplo, a capacidade de um efa ou o comprimento do côvado, essas conversões foram, em muitos casos, aproximadas. Em relação especificamente a “côvados”, a medida foi mantida em textos consagrados, como Mt 6.27 e Lc 12.25 (“acrescentar um côvado ao curso da sua vida”) e Ap 21.17, uma passagem em que a conversão de 144 côvados para 64 metros acabaria por eliminar um número simbólico no Apocalipse. No entanto, notas explicativas foram acrescentadas para informar o equivalente mais próximo desses côvados no sistema métrico. (BÍBLIA SAGRADA, 2017, p. VII-VIII)

Nomes de moedas, como “denários” e “dracmas”, por sua vez, foram mantidos, segundo a comissão, “porque é arriscado atualizar seu valor num mundo de inflação constante. No entanto, notas explicativas indicam seu valor relativo” (2017, p. VIII).

Na *Nova Almeida Atualizada*, foi incluído um sistema de referências cruzadas mais amplo do que o presente na edição anterior. Foi decidido, ainda, usar notas ao longo do texto, de vários tipos: traduções alternativas, explicações de termos hebraicos e gregos que foram apenas transliterados, informações a respeito do contexto cultural bíblico, entre outras.

Por fim, houve a manutenção de alguns textos entre colchetes. Trata-se de material que se encontra no aparato crítico das edições mais recentes do texto grego, não sendo, portanto, considerado parte do original. Segundo o Prefácio, ele permanece no texto da tradução para alertar o leitor e evitar que, diante da ausência de alguns versículos conhecidos, se pense ter havido alguma incorreção ou até falha na impressão.

4.4 Base textual e metodologia

A *Nova Almeida Atualizada*, assim como outros projetos de tradução e revisão feitos no âmbito das Sociedades Bíblicas Unidas, se baseia nas edições mais recentes dos textos bíblicos nas línguas originais (hebraico, aramaico e grego). Para o Antigo Testamento, utilizou-se a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, editada entre 1967 e 1977. O conteúdo dessa Bíblia hebraica é o mesmo do Códice de Leningrado, copiado em 1008 E.C. Por isso, houve consideração ao aparato crítico dessa edição, que registra leituras em hebraico que aparecem em manuscritos mais antigos, incluindo os que foram encontrados em Qumran, na região do mar Morto, e traduções como a Septuaginta e a Vulgata, que podem refletir um texto hebraico anterior ao texto massorético.

Já o texto-base do Novo Testamento é a quinta edição de *O Novo Testamento Grego*, de 2014, que conta com pequenas modificações em relação a edições anteriores, particularmente nas Cartas de Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João e Judas. A *Nova Almeida Atualizada*, assim, foi a primeira tradução do Novo Testamento ao português que incorporou esses avanços na pesquisa relacionada com o texto original grego. Um exemplo é o de Jd 5, em que o título “Senhor” deu lugar ao nome “Jesus”.

Na Apresentação da *Nova Almeida Atualizada*, a Sociedade Bíblica do Brasil expõe, com maior detalhamento, o intuito da revisão:

A comissão responsável pela Nova Almeida Atualizada teve em mente o mesmo propósito dos revisores que prepararam a Almeida Revista e Atualizada, no século passado: apresentar um texto clássico numa linguagem atual. Assim, foi mantido o princípio de tradução formal que caracteriza a Almeida. No entanto, como o objetivo é oferecer um texto de fácil compreensão, foi adotada a conhecida norma: ‘formal ou literal sempre que possível; dinâmico sempre que necessário’. O texto resultante corresponde à norma padrão do português que é escrito no Brasil hoje. (2017, p. VI)

Quanto à metodologia de trabalho da equipe, ela seguiu uma ordem: em primeiro lugar, o primeiro revisor fazia um exame do texto bíblico (tradução) e pesquisa/consulta aos originais — e, se necessário, a materiais como enciclopédias, comentários e exegeses, dicionários semânticos de hebraico e grego, gramáticas da língua portuguesa etc. Se houvesse dificuldades ou dúvidas, ele poderia deixar notas para os outros membros da comissão, que tinham a opção de ler e responder (ou criar novas notas). Então ele propunha mudanças no texto.

Depois de dar o comando “enviar/receber” no *software Paratext* e compartilhar o texto com a equipe, a comissão também lia o texto revisado, em paralelo com os originais e o texto anterior, passava a considerar quais seriam as melhores alternativas para a atualização da

linguagem do texto e comentava ou sugeria alguma mudança, enfatizando o estilo e a fluidez do texto. Novas notas eram feitas, se necessário, até que se chegasse a uma redação semifinal.

Então a comissão se reunia para a leitura dos textos em voz alta, a fim de verificar a legibilidade e a sonoridade dos textos. Nesses encontros, ainda eram esperadas discussões e alterações. Ao escutar o texto, percebia-se sua fluidez (ou a falta dela). Novas mudanças eram propostas em equipe e o texto era editado em tempo real.

Cabe comentar que a comissão iniciou a revisão pelo NT, depois seguiu para os textos da Bíblia hebraica e retornou ao NT. Isso aconteceu porque, no início do trabalho, ainda com uma visão incipiente sobre o nível ideal de alterações a se fazer no texto, a equipe adotou uma postura mais conservadora, limitando-se bastante no que diz respeito à reelaboração dos textos. Com o tempo, o ritmo da revisão foi sendo acertado, a comissão entendeu o tipo de intervenções aceitáveis e adequadas nos textos e, assim, decidiu revisitar o NT, imbuída desse novo olhar.

Terminada essa fase inicial, o texto foi preparado para leitura das igrejas e de representantes de todo o Brasil. Depois de diagramado, foi enviado em formato físico ou digital (por *e-mail*) solicitando comentários, observações, pareceres e sugestões. Além disso, houve a publicação de uma edição preliminar como parte da iniciativa de envolver as igrejas e os leitores de Almeida no trabalho de atualização. Ao longo da revisão, houve ainda divulgação sobre o andamento do trabalho em publicações da SBB, como a revista *A Bíblia no Brasil*, e em outros veículos de comunicação.

Foram recebidos muitos retornos, de várias naturezas. Houve, então, avaliação de cada uma das sugestões e alteração dos textos cujas observações foram consideradas pertinentes. Assim, pôde-se fazer a publicação da versão final em novembro do ano seguinte.

É de se ressaltar que, mesmo depois da publicação da NAA, leitores e igrejas foram incentivados a ler os textos e continuar enviando suas observações, as quais, avaliadas pela comissão, continuarão a ser incorporadas nas novas edições/impressões do texto. Portanto, o que foi publicado não está necessariamente fechado por completo, admitindo mudanças diante das manifestações das igrejas e dos leitores.

O texto revisado respeitou o princípio tradutório de equivalência formal, embora não levado às últimas consequências, o que significa dizer que há, em muitas passagens, a utilização do princípio da equivalência dinâmica. Além disso, o texto se caracteriza por um estilo que corresponde ao português padrão escrito hoje no Brasil.

4.5 Ferramentas computacionais

Antes de apresentar excertos da revisão, será descrito o uso de ferramentas computacionais ao longo da execução do trabalho.

A comissão da *Almeida Revista e Atualizada*, de 1959, revisou o texto todo em papel e enfrentou grandes dificuldades para comparar textos e garantir a consistência da tradução. Isso levou à necessidade de revisão de alguns pontos críticos em 1993⁵⁷.

Atualmente, as tecnologias computacionais ajudam muito no trabalho de tradução e revisão. No caso da Bíblia, há grande agilidade na pesquisa dos originais, além de acesso mais fácil a obras de referência. Nesse projeto em especial, o uso de ferramentas para a tradução da Bíblia tornou possível verificar com maior acuidade o trabalho realizado.

O programa utilizado para a revisão foi o *Paratext*, nas versões 7.5 e 7.6 — atualmente ele está disponível em versões mais novas. O *Paratext* é o principal *software* existente hoje no mundo para o trabalho de criação, edição e verificação de textos de novas traduções da Bíblia ou revisões de traduções. Desenvolvido em conjunto pelas Sociedades Bíblicas Unidas e pela SIL International, esse programa permite fazer uma tradução baseada em textos originais e modelada em versões nos principais idiomas. Isso significa que o *software* já fornece toda a formatação necessária de capítulos e versículos bíblicos, com base em um modelo escolhido pelo tradutor/revisor.

⁵⁷ No prefácio à edição de 1993, foram pontuadas as principais mudanças na tradução: “(A RA) tem sido revisada através desses trinta e três anos, com vistas ao seu aperfeiçoamento. Publica-se agora o texto que se convencionou chamar de 2ª edição, visto que sofreu revisão mais profunda e vem acrescido de várias ajudas ao leitor, a saber, uma cronologia bíblica, um pequeno atlas bíblico acompanhado de índice dos nomes geográficos, uma tabela de pesos, dinheiro e medidas e um plano anual de leitura da Bíblia. Fez-se uma acurada revisão da pontuação. Foram corrigidas algumas falhas de revisão e consertados uns poucos erros de concordância. Não foram poucas as incorreções encontradas nas referências bíblicas de subtítulos. Substituímos a palavra ‘oxalá’ por ‘prouvera Deus’ ou por ‘tomara que’, conforme o caso. E ‘Cão’ (nome próprio) foi substituído por ‘Cam’. Algumas referências a pesos e medidas foram acertadas. É o caso de ‘gômer’, equivalente a 1,76 litros (Êx 16.16-36), que é diferente de ‘ômer’, equivalente a 176,2 litros (Is 5.10). Em Ed 2.69; 8.27 e Ne 7.70-72 temos agora ‘daricos’ (como em 1Cr 29.7), em vez de ‘dracmas’. Em Ez 40.5,43 e 43.13 ‘palmo’ dá lugar a ‘quatro dedos’, como está em Êx 25.25; 37.12; 1Rs 7.26 e 2Cr 4.5. E, em pouquíssimos casos, foi feita nova tradução. O leitor pode verificar esse fato comparando a segunda edição com a primeira, por exemplo, nas seguintes passagens: 1Sm 13.21; Ez 22.28-29; 45.12; Os 13.2; Ag 2.3; MI 2.15.”

Fig. 5. O software Paratext na versão 7.5

Existem muitos recursos neste *software* que ajudaram a revisão. Em primeiro lugar, ele é um editor de textos, tal qual outros editores conhecidos. A diferença é que ele incorpora códigos denominados “USFM” (*Unified Standard Format Markers*), uma linguagem de marcadores especiais que identificam os componentes e a estrutura de um documento eletrônico e permitem combinar informações extras sobre o texto juntamente com o próprio texto — o que pode incluir informações sobre a apresentação/formatação pretendida do texto ou instruções sobre como um *software* (como o *Adobe InDesign*, por exemplo) deve lidar com o texto.

Fig. 6. Marcadores USFM no texto do projeto

Os marcadores USFM começam com um caractere de barra invertida (“\”) e terminam com um espaço. Com o passar do tempo, muitos “padrões” diferentes para o uso de USFM foram identificados, desenvolvidos, adaptados e usados para apoiar os diversos requisitos de tradução da Bíblia em diferentes projetos no mundo todo.

Ao longo da revisão da Almeida, por meio do uso USFM, foi possível estilizar o texto bíblico, além de delimitar suas quebras (como no caso da poesia). Isso possibilitou a posterior publicação sem necessidade de grandes ajustes, já que tudo foi definido *a priori* pela comissão de revisão.

Um segundo aspecto desse *software* é o compartilhamento dos textos do projeto entre uma equipe. O *Paratext* permite o envio e o recebimento remoto de textos atualizados, ou seja, cada projeto possui diversos membros que, ao alterar os textos, utilizam um sistema que possibilita a transmissão contínua de atualizações pela Internet. Usando o *Paratext*, os membros da equipe de revisão puderam colaborar e contribuir para o projeto, mesmo a partir de locais distintos.

No *Paratext*, os usuários podem criar uma “área de trabalho” personalizada, com diferentes janelas combinadas com os diversos recursos do próprio programa. Por exemplo: uma janela principal com o texto revisado; uma janela com o texto anterior trabalhado, que pode estar sincronizada com o texto principal, a fim de que, ao mudar de passagem bíblica, seja possível visualizar o mesmo texto em ambas as janelas; uma janela com os textos originais da Bíblia; outra com diferentes traduções para comparação; outra com listas de palavras nas línguas originais relacionadas ao texto que será traduzido; uma janela com enciclopédias e dicionários de vocábulos e termos bíblicos; outra com manuais de tradução etc. Cada usuário do programa só precisa selecionar os recursos que de fato deseja utilizar em seu trabalho com o texto e combiná-los da forma mais prática. Cada revisor, no caso da atualização do texto de Almeida, montou sua área de trabalho de acordo com a tarefa que realizava.

Fig. 7. Área de trabalho para a revisão de uma tradução

Além disso, há várias ferramentas relacionadas aos idiomas da tradução. Uma delas é uma lista de palavras do projeto que o programa gera automaticamente, com o número de vezes que cada verbete aparece no texto. Essa lista pode ser usada, dentre outras coisas, para revisar e definir o *status* de ortografia das palavras no texto da tradução, além de ser útil para encontrar incorreções — é possível selecionar palavras que ocorrem apenas uma vez em toda a Bíblia e verificar se ali houve erros de digitação ou incorreção na grafia.

Há também a opção de incluir notas ao longo do projeto, que podem registrar lembretes, observações, perguntas e respostas relacionadas a uma tradução. As notas são vinculadas a palavras ou frases específicas no texto e podem ser atribuídas a membros do projeto — e, depois, ser rastreadas. Uma janela com uma lista de notas permitiu à equipe pesquisar, filtrar e exibir notas do projeto por critérios como tipo, *status*, autor etc. Isso foi muito útil para o grupo, já que foram produzidas por volta de 17 mil notas ao longo da revisão.

Outra ferramenta útil ao trabalho de tradução e pesquisa são os “termos bíblicos” do *Paratext*. Esse recurso auxilia os tradutores e consultores no processo de verificação da consistência nas representações de várias palavras e conceitos bíblicos encontrados no texto traduzido (com base nos textos do idioma de origem). O programa possui uma base de dados com conceitos em grego e hebraico e possibilita ao usuário registrar diferentes traduções possíveis para eles. Depois, pode-se validar essas traduções e encontrar problemas de consistência, quando a tradução destoa do que foi registrado.

Há, ainda, comandos para verificação de texto, com os quais se pode encontrar conteúdo ausente ou inválido, números de capítulos e versículos faltantes, marcadores incorretos, caracteres inexistentes, pontuação duplicada, letras maiúsculas e minúsculas misturadas, palavras repetidas, pares de pontuação correspondentes incorretos, aspas faltantes, sintaxe de referências erradas e outros. Esse conjunto de ferramentas foi muito útil e necessário ao longo do projeto, já que o texto bíblico é volumoso.

Outra ferramenta é a de passagens paralelas, que ajuda a revisar sistematicamente as passagens da Bíblia que ocorrem mais de uma vez no Antigo Testamento ou no Novo Testamento. Por meio desse recurso, é possível selecionar quais tipos de passagens paralelas exibir (por exemplo, NT/NT, NT/AT, Evangelhos Sinópticos etc.), além de verificar, mostrar ou ocultar informações do texto original, configurar outros textos de recursos para comparar com o projeto e salvar ou imprimir uma seleção de passagens paralelas.

Fig. 8. Ferramenta de passagens paralelas

Observa-se, por meio da imagem, textos destacados em verde. Trata-se de textos idênticos nas diferentes passagens assinaladas. Assim, sua tradução pode ser feita da mesma forma. As expressões ou os trechos em amarelos são semelhantes, embora variáveis, e os textos sem destaque são totalmente diferentes.

Um dos recursos mais utilizados no trabalho de revisão foi a janela de textos originais. Nela se pode ver o texto da passagem trabalhada no idioma de origem, além de uma ou mais

4	GÊNESIS 1 — 2	GÊNESIS 2 — 3	5
<p>²⁴Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez.</p> <p>²⁵E fez Deus os animais selváticos, segundo a sua espécie, e os animais domésticos, conforme a sua espécie, e todos os répteis da terra, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom.</p> <p>²⁶Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem^c, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.</p> <p>²⁷Criou Deus, pois, o homem à sua imagem^d, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou^e.</p> <p>²⁸E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.</p> <p>²⁹E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento.</p> <p>³⁰E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez.</p> <p>³¹Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia.</p>	<p>2 Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército.</p> <p>²E, havendo Deus terminado no dia sétimo^a a sua obra, que fizera, descansou nesse dia^b de toda a sua obra que tinha feito.</p> <p>³E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera.</p> <p>A formação do homem</p> <p>⁴Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o SENHOR Deus os criou.</p> <p>⁵Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o SENHOR Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo.</p> <p>⁶Mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo.</p> <p>⁷Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente^c.</p> <p>⁸E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado.</p> <p>⁹Do solo fez o SENHOR Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida^d no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal.</p> <p>¹⁰E saía um rio do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços.</p> <p><small>¹26 Co 11,7 ²27 Gn 1,1-2 ³27 Mt 19,4; Mc 10,6 ⁴22 Lv 20,11 ⁵22 Hb 4,10 ⁶27 Co 15,45 ⁷29 Ap 2,7; 22,14</small></p>	<p>¹¹O primeiro chama-se Píson; é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro.</p> <p>¹²O ouro dessa terra é bom; também se encontram lá o bdélio e a pedra de ônix.</p> <p>¹³O segundo rio chama-se Gíom; é o que circunda a terra de Cuxe.</p> <p>¹⁴O nome do terceiro rio é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto é o Eufrates.</p> <p>¹⁵Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.</p> <p>¹⁶E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente,</p> <p>¹⁷mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.</p> <p>A formação da mulher</p> <p>¹⁸Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.</p> <p>¹⁹Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles.</p> <p>²⁰Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.</p> <p>²¹Então, o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne.</p>	<p>²²E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lhe trouxe.</p> <p>²³E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada.</p> <p>²⁴Por isso, deixa o homem pai e mãe^e e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.</p> <p>²⁵Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam.</p> <p>A queda do homem</p> <p>3 Mas a serpente^a, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?</p> <p>²Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer,</p> <p>³mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.</p> <p>⁴Então, a serpente disse^b à mulher: É certo que não morreréis.</p> <p>⁵Porque Deus sabe que no dia em que dele comereis se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.</p> <p>⁶Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto</p> <p><small>¹24 Mt 19,5; Mc 10,7-8; 1 Co 6,16; Ef 5,31 ²3,1 Ap 12,9; 20,2 ³4,2 Co 11,3</small></p>

Fig. 10. Revista e Atualizada versiculada

As Almeidas mais recentes, incluindo a NAA, por sua vez, são paragrafadas, ou seja, não há quebra do texto em versículos, o que privilegia uma leitura mais contextual. A tradição de ler a Bíblia em versículos separados tem muito a ver com a leitura responsiva que se faz nas igrejas. Os versículos separados por quebras permitem que os leitores identifiquem melhor onde inicia e termina a parte que cada um lerá. Por outro lado, o texto com versículos marcados dentro de um mesmo parágrafo faz entrever melhor a unidade dos textos.

<p>MATEUS 5</p> <p>15Nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. 16Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.</p> <p>Jesus não veio revogar a Lei, mas cumprir 17Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. 18Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. 19Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. 20Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.</p> <p>Jesus completa o que foi dito aos antigos <i>Do homicídio</i> 21Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. 22Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. 23Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, 24deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta. 25Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. 26Em verdade te digo que não saíras dali, enquanto não pagares o último centavo.</p> <p><i>Do adultério</i> 27Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. 28Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. 29Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja</p>	<p>8</p> <p>tudo o teu corpo lançado no inferno. 30E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno. 31Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. 32Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério.</p> <p><i>Dos juramentos</i> 33Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos. 34Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; 35nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; 36nem jures pela tua cabeça, porque não podes tomar um cabelo branco ou preto. 37Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno.</p> <p><i>Da vingança</i> <i>Lc 6.27-30</i> 38Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. 39Eu, porém, vos digo: não resistas ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; 40e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. 41Se alguém te obrigou a andar uma milha, vai com ele duas. 42Dá a quem te pede e não voltas as costas ao que deseja que lhe emprestes.</p> <p><i>Do amor ao próximo</i> <i>Lc 6.32-36</i> 43Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. 44Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; 45para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. 46Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? 47E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? 48Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.</p> <p>9</p> <p>A prática da justiça 6 Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.</p> <p>Como se deve dar esmolas 2 Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. 3 Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; 4 para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.</p> <p>Como se deve orar 5 E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. 6 Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. 7 E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. 8 Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.</p> <p>A oração dominical <i>Lc 11.2-4</i> 9 Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; 10 venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; 11 o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; 12 e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; 13 e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]! 14 Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; 15 se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.</p> <p>Como jejuar 16 Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. 17 Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, 18 com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.</p> <p>Os tesouros no céu 19 Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; 20 mas ajantai para vós outros tesouros no céu, onde a traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; 21 porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.</p> <p>A luz e as trevas <i>Lc 11.34-36</i> 22 São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; 23 se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!</p> <p>Os dois senhores 24 Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecerse de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.</p> <p>A ansiosa solicitude pela vida <i>Lc 12.22-31</i> 25 Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? 26 Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não vales vós muito mais do que as aves? 27 Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? 28 E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. 29 Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como</p>
---	--

Fig. 11. Revista e Atualizada paragrafada

Uma outra questão na *Nova Almeida Atualizada* é a opção pela inserção de travessões e formatação dos textos em diálogos. A *Revista e Atualizada* não trazia sinalização tipográfica alguma que marcasse as falas dos personagens.

mem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres vivos, esse seria o nome deles. ²⁰Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.

²¹Então, o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne.

²²E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lhe trouxe. ²³E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada.

²⁴Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. ²⁵Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam.

A queda do homem

3¹Mas a serpente,^a mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? ²Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, ³mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. ⁴Então, a serpente disse^b à mulher: É certo que não morrereis. ⁵Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. ⁶Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável

aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. ⁷Abriam-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si.

⁸Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. ⁹E chamou o SENHOR Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? ¹⁰Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. ¹¹Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? ¹²Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. ¹³Disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou,^c e eu comi. ¹⁴Então, o SENHOR Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida. ¹⁵Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. ¹⁶E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará. ¹⁷E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra^d por tua causa; em

^a2.24Mt 19:5; Mc 10:7-8; 1Co 6:16; Ef 5:31 ^a3.1Ap 12:9; 20:2 ^b3.24Co 11:3 ^c3.132Co 11:3 ^d3.17Hb 6:8

Fig. 12. Diálogos sem marcação na RA

Com essa mudança, o novo texto se estendeu em relação ao anterior. Uma alternativa a isso teria sido, como acontece em outras traduções, colocar as falas entre aspas.

Fig. 13. Revista e Atualizada e Nova Almeida Atualizada (Gênesis)

Uma outra decisão foi a adoção de uma fonte (tipografia) nova para esse novo texto, em tamanhos que facilitassem a leitura. A fonte selecionada foi a “Karmina”, criada pelos *designers* José Scaglione e Veronika Burian. Sobre ela, afirma-se que

Some of Karmina’s most representative features are the rather large serifs intended to work perfectly in small reproduction sizes, the sharpness of the shapes, some calligraphic influences, and the large yet graceful inktraps in the acute connections. Structurally, Karmina combines a large x-height with relatively compressed letterforms to optimise space-saving. The cumulative result of these features grants Karmina outstanding legibility and economy, and the italic weights capitalise on the inktraps and calligraphic styling to easily set text apart from the roman.⁵⁸

Trata-se, portanto, de uma fonte serifada clássica, vívida e versátil, que facilita a leitura por ser bem desenhada:

⁵⁸ Cf. <https://www.type-together.com/karmina-font>, acesso em 15 mai. 2019.

Fig. 14. Nova Almeida Atualizada (tipografia)

Alguns desses aspectos, como as quebras de poesia, foram trabalhados pela comissão no próprio *Paratext* — e, posteriormente, incorporados às diagramações da *Nova Almeida Atualizada*. Outros, como o *design* e as capas, foram feitos por uma equipe de diagramadores. No entanto, por causa da inovação da tradução, as capas foram pensadas considerando o público a que esse texto se destina. Se o foco era atrair novos leitores e jovens, além daquelas pessoas que já apreciam as traduções de Almeida, as capas precisariam ser variadas, de forma a alcançar esse público heterogêneo.

Fig. 15. Primeiras capas lançadas (preto, marrom e pêssego)

Fig. 16. Capas para público jovem

Também foi pensado um símbolo para essa tradução, seguindo uma tradição não apenas da SBB, mas de diversos publicadores de traduções da Bíblia.

Fig. 17. Símbolos ou logomarcas da RA e da NAA

Assim, houve a decisão de organizar os textos em parágrafos (e não versiculados, como em muitas traduções antigas, como a Almeida Revista e Corrigida ou a Corrigida Fiel), colocar diálogos com travessões e prover o texto de uma formatação e endentação especial para poesia e citações internas da Bíblia (quando um texto se refere a outro).

Fig. 18. Leiaute da RA

1CORÍNTIOS 1

1636

²²Gaio,⁴ meu hospedeiro e de toda a igreja, manda saudações. Também mandam saudações Erasto,⁵ tesoureiro da cidade, e o irmão Quarto.²⁴ [A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vocês. Amém!]¹

Doxologia

²⁵Ora, ao Deus que é poderoso para confirmar vocês segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo,

conforme a revelação do mistério guardado em silêncio desde os tempos eternos,²⁶ e que, agora, tornou-se manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas,⁹ segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência da fé,⁸ entre todas as nações,²⁷ a este Deus único¹ e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, para sempre. Amém!

PRIMEIRA CARTA DE PAULO AOS

CORÍNTIOS

Prefácio e saudação

1 ¹Paulo, chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Cristo Jesus, e o irmão Sóstenes,² à igreja de Deus que está em Corinto,³ aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todos os lugares invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.

³Que a graça e a paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam com vocês.

Ação de graças

⁴Sempre dou graças ao meu Deus por vocês, por causa da graça de Deus que foi dada a vocês em Cristo Jesus.

⁵Porque em tudo vocês foram enriquecidos⁸ nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento,⁶ assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vocês,⁷ de maneira que não lhes falta nenhum dom, enquanto aguardam a revelação⁹ de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁸Ele também os confirmará⁴ até o fim, para que vocês sejam irrepreensíveis⁴ no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁹Fiel é Deus,¹ pelo qual vocês foram chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.

Exortação à unidade

¹⁰Irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, peço-lhes que todos estejam de acordo naquilo que

falam e que não haja divisões entre vocês; pelo contrário, que vocês sejam unidos no mesmo modo de pensar⁹ e num mesmo propósito. ¹¹Pois, meus irmãos, fui informado a respeito de vocês por alguns membros da casa de Cloe de que há brigas entre vocês.⁸ ¹²Refiro-me ao fato de cada um de vocês dizer: "Eu sou de Paulo", "Eu sou de Apolo",¹ "Eu sou de Cefas",¹ "Eu sou de Cristo". ¹³Será que Cristo está dividido? Será que Paulo foi crucificado por vocês ou será que vocês foram batizados em nome de Paulo?

¹⁴Dou graças a Deus por não ter batizado nenhum de vocês, exceto Crispo⁸ e Gaio,¹ ¹⁵para que ninguém diga que vocês foram batizados em meu nome. ¹⁶Batizei também a casa de Estéfanas.⁸ Além destes, não me lembro se batizei algum outro. ¹⁷Afinal, Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho,⁹ não com sabedoria de palavra, para que não se anule a cruz de Cristo.

A mensagem da cruz

¹⁸Certamente a palavra da cruz é loucura⁹ para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, ela é poder de Deus.¹ ¹⁹Pois está escrito:

"Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes."⁴

²⁰Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o questionador deste

1637

1CORÍNTIOS 1

mundo? Não é fato que Deus tornou louca a sabedoria deste mundo?²¹ Vis-to que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, Deus achou por bem salvar os que creem por meio da loucura da pregação. ²²Porque os judeus pedem sinais⁵ e os gregos buscam sabedoria,²³ mas nós pregamos o Cristo crucificado,¹ escândalo para os judeus, loucura para os gentios. ²⁴Mas, para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. ²⁵Porque a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte do que a força humana.

A vocação dos santos

²⁶Irmãos, considerem a vocação de vocês. Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento. ²⁷Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes. ²⁸E Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são, ²⁹a fim de que ninguém se glorie⁹ na presença de Deus.

³⁰Mas vocês são dele, em Cristo Jesus, o qual se tornou para nós, da parte de Deus, sabedoria, justiça, santificação e redenção, ³¹para que, como está escrito, "aquele que se gloria, glorie-se no Senhor".⁹

⁴16.23 At 19.29; 1Co 1.14 / 2Tm 4.20 / 16.24 O texto entre colchetes se encontra apenas em manuscritos mais recentes / 16.26 Rm 1.2 / 16.27 1Tm 1.17 / 1.2 At 18.1 / 1.5 2Co 8.7,9 / 1.7 Fp 3.20; 2Ts 1.7 / 1.8 2Co 1.21 / 1Ts 5.23 / 1.9 1Co 10.13; 2Co 1.18; 1Ts 5.4

#1.10 Rm 15.5; Fp 2.2 / 1.11 1Co 3.3 / 1.12 At 18.24 / 1Co 3.22; 9.5; 15.5; Gl 1.18; 2.9,11,14 / 1.14 At 18.8 / At 19.29; Rm 16.23 / 1.16 1Co 16.15 / 1.17 Rm 1.1; Gl 1.16 / 1.18 1Co 1.23; 2.14 / Rm 1.16; 1Co 1.24 / 1.19 Is 29.14 / 1.20 Is 44.25 / 1.22 Lc 11.16; Jo 2.18 / 1.23 1Co 2.2; Gl 3.1 / 1.26 Mt 11.25; Tg 2.5 / 1.29 Rm 3.27; Ef 2.9 / 1.31 Jr 9.24; 2Co 10.17; Gl 6.14; Fp 3.3

Fig. 19. Leiaute da NAA

Tudo isso impactou o trabalho de revisão, pois foi a comissão, e não os *designers*, que determinaram a maior parte da formatação do texto. Uma vez que a base textual foi estabelecida no *software Paratext*, os diagramadores só tiveram de puxar o texto e seguir o leiaute pré-definido pela comissão.

CÂNTICO 1	978	979	CÂNTICO 1
pelas janelas, os seus olhos. ⁴ Faça isso antes que as portas da rua se fechem e o ruído das pedras do moinho se torne difícil de ouvir; quando você se levantar à voz das aves, e todas as harmonias, filhas da música, comecem a desaparecer; ⁵ quando você tiver medo do que é alto e se espantar no caminho; quando florescer como a amendoeira, e o gafanhoto lhe for um peso; e quando você perder o apetite. Porque o ser humano vai à morada eterna, e os pranteadores andarão rodeando pela praça. ⁶ Lembre-se do seu Criador, antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre a roda junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço, ⁷ e o pó volte à terra, de onde veio, e o espírito volte a Deus, que o deu.	Conclusão ⁸ O Pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento; e, atentando e examinando, compôs muitos provérbios. ⁹ O Pregador procurou achar palavras agradáveis e escrever com retidão palavras de verdade. ¹⁰ As palavras dos sábios são como agulhões, e as coleções de sentenças são como pregos bem-fixados; elas provêm de um único Pastor. ¹¹ Além do mais, meu filho, leve em conta o seguinte: não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne. ¹² De tudo o que se ouviu, a conclusão é esta: tema a Deus e guarde os seus mandamentos, ¹³ porque isto é o dever de cada pessoa. ¹⁴ Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más.	⁴ Leve-me com você! Vamos depressa! O rei me introduziu nos seus aposentos. <i>Coro</i> ⁵ Exultaremos e nos alegraremos por sua causa; do seu amor nos lembraremos, mais do que do vinho. Não é sem razão que o amam. <i>Esposa</i> ⁶ Eu sou morena e bonita, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, ⁷ como as cortinas de Salomão. ⁸ Não olhem para a minha pele morena, porque o sol me queimou. Os filhos de minha mãe se indignaram contra mim e me puseram por guarda das vinhas; mas a minha vinha, que me pertence, não a guardei. ⁹ Diga-me, ó amado de minha alma: Onde você apascenta o seu rebanho? Onde você o faz repousar ao meio-dia? Diga, para que eu não ande vagando junto ao rebanho dos seus companheiros. <i>Esposo</i> ¹⁰ Se você, a mais bela das mulheres, não o sabe,	siga as pisadas dos rebanhos e apascente os seus cabritos junto às tendas dos pastores. ¹¹ Compare você, minha querida, com as éguas das carruagens de Farão. ¹² O seu rosto fica lindo com os enfeites. ¹³ Faremos para você enfeites de ouro, com incrustações de prata. <i>Esposo</i> ¹⁴ Enquanto o rei está assentado à sua mesa, o meu nardo exala o seu perfume. ¹⁵ O meu amado é para mim como um sachê de mirra, posto entre os meus seios. ¹⁶ O meu amado é para mim como um ramalhete de flores de hena ¹ nas vinhas de En-Gedi. <i>Esposo</i> ¹⁷ Como você é bela, minha querida! Como você é bela! Os seus olhos são como pombas. <i>Esposo</i> ¹⁸ Como você é belo, meu amado! Como é encantador! O nosso leito é de viçosa relva. ¹⁹ As vigas da nossa casa são os cedros, e o nosso teto são os ciprestes.
CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE SALOMÃO			
1 ¹ Cântico dos cânticos de Salomão. ²	Porque o seu amor é melhor do que o vinho. ³ Suave é o aroma dos seus perfumes; como perfume derramado é o seu nome. Por isso, as donzelas o amam.		
Primeiro cântico <i>Esposa</i> ² Beije-me com os beijos de sua boca!			
^{12,12} Ec 1.18 ^{12,13} Ec 5,7; Dt 10.12 ^{1,1} 1Rs 4.32		^{1,5} Sl 120.5 ^{1,14} Plantinha que produz flores aromáticas em forma de cachos. As mulheres ricas costumavam usar um sachê feito de flores de hena	

Fig. 20. NAA (Cântico dos Cânticos)

APOCALIPSE 10 — 11	1770	1771	APOCALIPSE 11 — 12
⁹ Então fui ao anjo, pedindo-lhe que me desse o livrinho. ¹⁰ Ele, então, me falou: — Pegue o livrinho e devore-o. No seu estômago ele será amargo, mas na sua boca será doce como mel. ¹¹ Peguei o livrinho da mão do anjo e o devorei. Na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. ¹² Então me disseram: — É necessário que você ainda profetize a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.	chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para transformá-las em sangue, ² bem como para ferir a terra com todo tipo de flagelos, tantas vezes quantas quiserem. ³ Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge ⁴ do abismo fará guerra contra elas; a besta vencerá e matará as testemunhas. ⁵ E os seus cadáveres ficarão estirados na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma ⁶ e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado. ⁶ Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplarão os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio, e não permitirão que esses cadáveres sejam sepultados. ⁷ Os que habitam sobre a terra se alegrarão por causa da morte dessas duas testemunhas, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porque esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra. ⁸ Mas, depois dos três dias e meio, entrou neles um espírito de vida vindo da parte de Deus, ⁹ e eles se ergueram sobre os pés, e aqueles que os viram ficaram com muito medo. ¹⁰ E as duas testemunhas ouviram uma voz forte vinda do céu, dizendo-lhes: — Subam para cá. ¹ E subiram ao céu ¹ numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram. ¹¹ Naquela hora, houve grande terremoto, ¹² e ruuiu a décima parte da cidade. Nesse terremoto, morreram	sete mil pessoas. As outras pessoas ficaram aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu. ¹³ Passou o segundo ai. ¹⁴ Eis que, sem demora, vem o terceiro ai. A sétima trombeta ¹⁵ O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu vozes fortes, dizendo: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.” ^m ¹⁶ E os vinte e quatro anciãos que estavam sentados no seu trono, ¹⁷ diante de Deus, prostraram-se sobre o seu rosto e adoraram a Deus, ¹⁸ dizendo: “Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, ¹⁹ porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar.” ²⁰ Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, ²¹ aos santos e aos que temem o teu nome, ²² tanto aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra.”	¹⁹ Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, ²⁰ e foi vista a arca da sua aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, ²¹ vozes, trovões, terremoto e forte chuva de granizo. A mulher e o dragão 12 ¹ Viu-se grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas ² na cabeça. ³ A mulher estava grávida e gritava com dores de parto, ⁴ sofrendo tormentos para dar à luz. ⁵ Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças e dez chifres, ⁶ e, nas cabeças, sete diademas. ⁷ A sua cauda arrastou a terça parte das estrelas ⁸ do céu, as quais lançou para a terra. E o dragão se deteve diante da mulher que estava para dar à luz, a fim de devorar o filho dela quando nascesse. ⁹ Ela deu à luz um filho homem, ¹⁰ que há de governar todas as nações ⁹ com cetro de ferro. E o filho da mulher foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono. ¹¹ A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde Deus lhe havia preparado um lugar, para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias. ¹² Então estourou a guerra no céu. Miguel ¹⁰ e os seus anjos lutaram contra o dragão. Também o dragão e os seus anjos lutaram, ¹³ mas não conseguiram sair vitoriosos e não havia mais lugar para eles no céu. ¹⁴ E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, ¹⁵ que
^{10,9} Ez 2.9-9 ^{10,10} Ez 3.1-3 ^{11,1} Ez 40.3 ^{11,2} Lc 21.24 ^{11,14} Zc 13.11-14 ^{11,16} 1Rs 17.1 ^{Ex 7.17-19} ^{11,7} Dn 7.3.21 ^{Ap 13.5-7; 17.8} ^{11,18} Is 1.9-10 ^{11,11} Is 37.10 ^{11,12} Ap 4.1 ^{2Rs 2.11} ^{11,13} Ap 16.18		^{11,14} Ap 8.13; 9.12 ^{11,15} Dn 7.14.27 ^{11,16} Ap 4.4 ^{11,17} Ap 14.8 ^{11,18} Ap 19.6 ^{11,19} Ap 10.7 ^{11,20} Ap 15.5 ^{11,21} Ap 15.5 ^{11,22} Gn 37.9 ^{11,23} Mg 4.10 ^{12,2} Dn 7.7 ^{12,4} Dn 8.10 ^{12,5} Is 66.7 ^{12,9} Sl 2.9 ^{12,10} Dn 10.13.21; 12.1 ^{12,11} Gn 3.1	

Fig. 21. NAA (referências cruzadas e notas de tradução no rodapé)

Em dezembro de 2018, foi lançada a *Bíblia de Estudo NAA – Nova Almeida Atualizada*, com recursos de estudo associados a essa nova revisão. Ela foi elaborada por uma equipe de

quase 100 especialistas, incluindo acadêmicos, professores e pastores. Além da tradução NAA, essa publicação conta com mais de 44 mil notas sobre as Escrituras Sagradas, além de mapas coloridos, imagens, introduções, esboços e artigos acadêmicos sobre temas como línguas originais, arqueologia, cosmovisão bíblica e outros.

Fig. 22. Bíblia de Estudo NAA

Paulatinamente, outros projetos de Bíblias de Estudo vêm sendo lançados com essa nova tradução.

Fig. 23. Bíblia Verdadeira Identidade

Fig. 24. Bíblia de Estudo Conselheira e Bíblia de Estudo do Discipulado

Assim, não houve apenas uma revisão de conteúdo, mas também uma atualização estética, que corrobora a ideia de um texto mais inteligível, voltado às novas gerações de leitores, falantes do português atual. Os aspectos relacionados ao *design* foram decididos levando em consideração os princípios de tradução acordados no início da revisão.

5. APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Para apresentar um bom recorte do que foi feito pela comissão revisora, foi escolhido um *corpus* de 54 excertos bíblicos, posteriormente divididos em seis categorias. A seguir justificaremos o recorte e a classificação por categorias.

5.1 Categorias de análise

A heterogeneidade do conteúdo textual bíblico é um dos desafios no trabalho com *corpus*. Ela dificulta a seleção de textos exemplares. Por conta disso, ao iniciar esta análise, decidiu-se separar algumas amostras da revisão a partir dos principais critérios que nortearam o trabalho da equipe. Assim, foram definidas seis categorias, que, embora não esgotem o que foi feito ao longo da revisão, permitem um olhar mais aprofundado sobre o trabalho da comissão.

A primeira categoria selecionada foi “Substituição dos pronomes de segunda pessoa”. Na variante brasileira do português atual, a pessoa a quem se fala no discurso pode ser referida pelos pronomes de segunda pessoa, “tu” e “vós”, ou por pronomes de tratamento, como “você” e “vocês”, e pelas formas “senhor” e “senhora”, com suas flexões, que também funcionam como tratamento de segunda pessoa (equivalente a “tu”/“vós”), mas exigem a concordância do verbo com a terceira pessoa (equivalente a “ele”/“eles”).

No Brasil, os pronomes de tratamento, principalmente o “você” e o “vocês”, se sobrepujaram progressivamente ao uso de “vós” e “tu”. Lindley Cintra e Celso Cunha, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2013), afirmam que

no português do Brasil, o uso de tu restringe-se ao extremo sul do país e a alguns pontos da região norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por você como forma de intimidade. Você também se emprega (...) como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. (CINTRA; CUNHA, 2013, p. 306)

De fato, em certas regiões do Brasil, como o Sul e partes do Norte, o uso do “tu” é comum, na modalidade do português padrão ou conjugado na 3ª pessoa do singular, sendo ainda mais empregado do que o “você”. Mas o uso de você, segundo Maria Teresa Camargo Biderman (1972-1973) tem-se expandido ao longo das décadas, sendo hoje empregado em praticamente todo o país.

Considerando essas características da língua falada no Brasil atual, mesmo entendendo se tratar de um idioma de um país de dimensões continentais, com inúmeras variações, no

projeto de revisão da Bíblia de Almeida houve a decisão de adaptar períodos em que havia ocorrência de pronomes de segunda pessoa — “tu” e “vós” —, substituindo-os por “você”, “vocês”, “senhor”, “senhores”, “senhora”, “senhoras”. Essa mudança foi feita em toda a Bíblia, excetuando textos em que há referência direta à divindade ou em que se busca uma linguagem expressiva ou poética. Assim, em salmos, poesias, orações e evocações a Deus, optou-se por manter os pronomes de segunda pessoa. Essa decisão foi tomada em reunião na sede da Sociedade Bíblica do Brasil, por meio da consulta a representantes de denominações protestantes.

No trabalho prático de revisão da tradução, a mudança pronominal deu origem a inúmeros problemas e desafios, uma vez que não se trata apenas da substituição de pronomes, mas de completa reelaboração textual — em alguns casos, de uma reelaboração profunda, a fim de evitar ambiguidades ou interpretações errôneas. Os pronomes “tu” e “vós” permitem facilmente a elipse do sujeito, uma vez que não se confundem com a terceira pessoa. Já com o uso de “você” e “vocês”, assim como “senhor”, “senhora”, “senhores” e “senhoras”, por vezes se faz necessária, por motivo de desambiguação, a explicitação do sujeito, para evitar a confusão com o objeto, o que implica alterações profundas no versículo ou trecho comentado, como se verá adiante, tornando-o bastante distinto do texto já conhecido dos leitores.

Essa, de fato, é uma das características da revisão que mais promoveram mudanças claras no texto e que produziram efeitos mais sensíveis na leitura — e, conseqüentemente, geraram mais críticas. É por isso que, para o *corpus* de estudo, foi separada uma categoria de análise só para ela. Mesmo assim, diante daquilo que foi acordado com as igrejas, era uma demanda dos leitores, que desejavam um texto mais fluente e formulações mais simples, que lhes permitissem compreender melhor a Bíblia. O próprio desconhecimento de certas conjugações, sobretudo de verbos pouco utilizados no cotidiano, promovia um abismo entre o texto e o leitor.

Dentro dessa categoria de mudanças, uma das questões mais difíceis enfrentadas pela comissão foi o pronome ou a forma de tratamento para se referir a Jesus. “Tu” e “vós” no Brasil hoje são formas, para a maior parte dos brasileiros, mais ligadas à literatura, e menos ao cotidiano, à fala (exceto em regiões nas quais a variante utiliza essas formas), o que acaba recobrando as formulações que adotam esses pronomes de uma carga semântica (desejada ou indesejada) relacionada com formalidade, respeito e reverência. Por conta disso, na tradução de Almeida, mesmo em diálogos informais, o uso de “tu” elevava os textos. No caso de diálogos em que um dos personagens era Jesus, essa elevação era aceitável — e até desejável — pelos leitores,

porque levava a uma leitura reverente e respeitosa da figura de Jesus. A opção por um pronome mais usual, como é o “você” no Brasil, por outro lado, sugeriu, para alguns leitores, um tratamento demasiadamente informal, e até desrespeitoso, a alguém tão importante na Bíblia, revestido de sacralidade — que o Novo Testamento apresenta como o Filho unigênito de Deus (Jo 3.16), o Verbo encarnado (Jo 1.1), o Senhor do universo (Cl 1.16; Hb 1.2), o Alfa e o Ômega (Ap 22.13). Portanto, como referir-se a ele com um pronome de tratamento que denota tanta intimidade e proximidade? Não seria falta de reverência?

Uma opção que surgiu no momento de revisar o texto foi o uso do pronome de tratamento “senhor”, em substituição ao “tu”. Isso foi adotado em muitos casos pela comissão, já que manteria o tom respeitoso da conversa, bem como estabeleceria, em casos em que discípulos se dirigem a ele, a hierarquia da conversa: seguidores falando a um mestre. Porém, uma questão foi levantada: se Jesus é entendido como Filho de Deus, ou o próprio Deus encarnado, esse “senhor” não deveria ter a inicial maiúscula? Deixar o pronome em minúsculas poderia ser interpretado como uma diminuição da divindade de Jesus?

“Senhor”, com inicial maiúscula, é um pronome exclusivo de Deus na Bíblia. Na tradução da Bíblia hebraica, “SENHOR”, em versal-versalete, traduz o tetragrama, ou seja, o nome divino inefável. Já “Senhor”, com apenas a inicial maiúscula, costuma traduzir o vocábulo *Adonai*, quando se refere a Deus. A adoção de “Senhor” para substituir os pronomes que se referem a Jesus, assim, poderia implicar outros problemas, dependendo do contexto: talvez, sem que essa fosse a intenção, os leitores entenderiam que naquela passagem, em que há apenas um pronome pessoal no original, o texto estaria se referindo ao Deus “Pai”, a Javé, não a Jesus. Ou, então, os leitores seriam levados a pensar que naquele texto, o grego traz efetivamente o vocábulo *kurios*, “Senhor”, quando não é o caso, de fato. Isso poderia criar uma obscuridade no texto. Mas, se um personagem evidentemente de menor prestígio social ou espiritual se dirigisse a Jesus como “você”, os leitores poderiam entender (como de fato o fizeram, e se verá a seguir) que a comissão revisora não respeitou o tratamento adequado para a pessoa de Jesus. Essas são apenas algumas das consequências que a adoção desse parâmetro pela comissão, ou seja, a mudança pronominal para atualizar a linguagem do texto bíblico, apresentou no momento de revisar o texto.

Diante dos desafios implicados na substituição de pronomes em uma revisão, serão explorados exemplos nos quais problemas práticos como esses apareceram e como foram tratados pela comissão. Os textos a se comentar serão: Gn 42.27-34, Dt 31.19-21, Lc 6.27-31, Gn 3.9-15, Mc 8.27-30 e Lm 3.55-57.

A segunda categoria desta análise diz respeito à substituição de mesóclises por formas verbais mais usuais no português contemporâneo. A mesóclise é a colocação do pronome oblíquo átono entre o radical e a desinência das formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito (p. ex.: vê-lo-ei, reunir-se-ão, dar-se-vos-á, ter-nos-íamos etc.). Contudo, quando o verbo no futuro do presente ou futuro do pretérito é precedido por um fator de próclise, a mesóclise precisa ser substituída. A mesóclise é pouco empregada em textos atuais e praticamente inexistente no português falado no Brasil.

Uma das marcas da Bíblia na tradução de Almeida, na versão *Revista e Atualizada*, é o uso bastante corrente de construções mesoclíticas. Elas não estavam presentes na versão *Revista e Corrigida* em número tão grande. A comissão das décadas de 1940 e 1950 decidiu usar amplamente a mesóclise em seu texto e, com isso, imprimir um estilo bastante erudito à redação final de sua tradução.

A Nova Almeida Atualizada, por sua vez, com seu projeto mais moderno, optou por eliminar as mesóclises, em geral pospondo um fator de ênclise, como o pronome ou nome (por ex., em vez de “contar-me-ás”, “você me contará”). Há um grande número de ocorrências de mesóclises na Almeida *Revista e Atualizada* e nenhuma em sua revisão.

O uso das mesóclises na Bíblia confere a certos discursos um caráter de rebuscamento e elevação. Alguns textos, por causa do uso das mesóclises, se tornaram demasiadamente complicados, mesmo quando a redação original é simples. Por isso, a opção por revisar as mesóclises se coaduna com o objetivo de tornar a linguagem de Almeida mais atual e acessível. Para essa categoria, os textos comentados serão: Gn 2.23, Êx 4.9 e Mt 7.7-8.

A terceira categoria de análise tem a ver com arcaísmos e expressões pouco usuais. Arcaísmos são expressões e vocábulos da língua que deixaram de ser usados na norma corrente. Uma vez que se trata de uma tradução elaborada no século XVII e revisada nas décadas de 1940 e 1950, eles estão presentes em grande número na tradução de Almeida na versão *Revista e Atualizada*. Alguns advêm ainda da primeira edição de Almeida; outros, de suas primeiras revisões; mas, curiosamente, há um número elevado de vocábulos arcaicos que foram incluídos pela comissão revisora brasileira, nas décadas de 1940 e 1950, preocupada em variar o léxico e, muito provavelmente, entregar ao povo brasileiro, sobretudo à igreja, uma tradução erudita, num português elevado. A esse respeito, Vilson Scholz, em seu artigo “O desafio da tradução bíblica para o português hoje” (2010), pontuou:

Em se tratando da Almeida *Revista e Atualizada*, seria possível perguntar até que ponto ela é, de fato, uma revisão brasileira. Será que ela exemplifica o padrão literário culto brasileiro normal, ou teria sido feita ao sabor de uma elite intelectual que colocava a norma abstrata acima do uso linguístico local? Por exemplo, segundo o gramático brasileiro Mário Perini, os pronomes aglutinados do tipo “lho” e “ma” são coisa de um passado remoto, na linguagem escrita do Brasil. No entanto, em Almeida *Revista e Atualizada*, “mo” aparece 19 vezes; “mos”, três vezes; “ma”, cinco vezes. (SCHOLZ, 2010, p.135)

Em contextos em que uma formulação mais usual ou simples poderia ter sido empregada, parece que a comissão optou por uma mais rara, difícil, específica ou pouco usada já naquela época. Para esses casos, houve leitura dos textos e verificação da raiz ou da palavra no hebraico e no grego. Depois, fez-se buscas com as ferramentas computacionais e tentativas de uniformização, quando possível, do uso de uma palavra específica para verter um determinado significado. O objetivo foi produzir uma tradução fiel aos originais e, ao mesmo tempo, atual e próxima dos leitores, no que diz respeito à inteligibilidade e compreensibilidade.

É importante observar que o teórico Antoine Berman, cuja analítica fundamenta alguns critérios de avaliação das opções de tradução nesta dissertação, entende esse processo como uma deformação dos originais. Se considerarmos a Almeida *Revista e Atualizada* como um “segundo original”, o próprio projeto de atualização da sua linguagem pode produzir uma perda de especificidade nos termos, ou levar ao uso do recurso da explicação. Por outro lado, a comissão que elaborou o texto de 1959 havia optado pelo uso de muitas palavras diferentes e sinônimas para a tradução de verbetes e conceitos que no original eram um só. Isso fez com que se perdessem muitas palavras-guias no hebraico, a fim de enobrecer o texto bíblico.

A forma como a comissão revisora atual lidou com essa questão ao longo do projeto não foi por meio da eliminação de todos os arcaísmos, inadvertidamente, mas com avaliação caso a caso, em contexto. Assim, verificou que opções seriam condizentes e aceitáveis para uma tradução literária, levando em consideração também o conhecimento dos receptores quanto à linguagem bíblica.

Para muitos leitores, sobretudo dentro das igrejas, certos vocábulos e expressões pouco usuais são familiares, devido à leitura corrente da Bíblia, principalmente as passagens mais conhecidas. Mudou-se, portanto, apenas em casos de ganho significativo, optando-se por uma linguagem mais contemporânea, e mantiveram-se as expressões da RA quando se observou não haver problemas de compreensão ou sentido.

Adiante serão apresentados alguns exemplos, excluídos nomes próprios, espécies de plantas e animais e adjetivos pátrios e gentílicos, além de nomes de pesos, medidas e moedas

da época — todos esses estranhos aos nossos dias, mas coerentes dentro da obra em questão. Os textos do *corpus* para essa categoria serão: Is 33.23-24, 2Sm 3.6-8 e Jr 4.31.

A quarta categoria de análise são os termos conhecidos ou teológicos. A revisão da tradução de Almeida tem como especificidade o fato de ter sido produzida não por um autor, mas por uma comissão, e não por uma editora, mas por uma organização sem fins lucrativos, a pedido das igrejas. Isso faz com que a revisão responda a uma demanda ou a um anseio dos cristãos protestantes brasileiros. Por causa disso, houve um cuidado especial com o vocabulário pertinente às igrejas.

Como visto, na reunião com as igrejas, houve um pedido bastante enfático pela eliminação de arcaísmos e sua substituição por um léxico mais conhecido dos leitores contemporâneos, pensando, sobretudo, nas novas gerações. Porém, houve um questionamento: e os termos arcaicos conhecidos das igrejas? “Fornicação”, “concupiscência”, “jugo”, “quebrantar”, “tribulação”, “peleja” e outros? Eles podem soar como arcaísmos para pessoas que não estão familiarizadas com essas palavras, mas passaram a fazer parte de um vocabulário especializado das igrejas cristãs leitoras de traduções mais antigas. Muitas expressões de uso cotidiano dos cristãos se basearam nesses vocábulos.

Além disso, há palavras traduzidas que se tornaram, com o passar do tempo e o estudo das Escrituras, conceitos teológicos, como “propiciação”, “redenção” e “expição”. Essas são palavras que certos leitores estimam e das quais sentiriam falta, em caso de substituição por vocábulos como “oferta”, “resgate” e “purificação”.

Portanto, como se viu na categoria anterior, decidiu-se alterar certos arcaísmos, mas tomar especial cuidado com palavras-chave, optando pela substituição de termos incompreendidos e pela manutenção de conceitos repletos de sentido para as igrejas. Obviamente, na prática do trabalho de revisão, foi necessário tomar decisões e definir o que era parte desse dialeto das igrejas, pertencente a essa variante, e o que era apenas mais um arcaísmo. Os exemplos do *corpus* procurarão delinear melhor essa questão: Sl 35.1, 1Jo 2.1-2, Hb 10.16-18, 1Co 15.42-44, Ap 12.5-6, Rm 1.24-25, Mt 27.39-40, Lc 6.4, Hb 10.23-25, Is 61.7-8, Jó 13.9-10, Lm 1.21-22, Jd 1.14-16, Pv 3.34-35, Sl 1.1 e Pv 10.12.

A quinta categoria de análise e apresentação da revisão tem a ver com a linguagem inclusiva de gênero na Bíblia. Essa categoria foi escolhida com cuidado, porque, embora diga respeito a uma decisão tomada pela comissão à luz dos princípios de tradução e diretrizes das

Sociedades Bíblicas Unidas, não retrata mudanças amplas, como em outras traduções atuais da Bíblia⁵⁹.

Muitas traduções bíblicas, ao longo dos séculos, foram produzidas por homens, em contextos predominantemente masculinos, e refletem, por conta disso, uma visão de mundo igualmente masculina. O uso de palavras no gênero masculino para traduzir expressões que deveriam incluir a mulher produz, na prática de leitura dos textos, um apagamento sistemático da figura feminina. Um bom exemplo está em Cl 1.28, em que as traduções mais antigas trazem “ensinando a todo homem”, quando se trata de um ensinamento a todas as pessoas. Nesse caso, muitas traduções novas vêm alterando a passagem, utilizando expressões abrangentes e neutras.

Essa é uma característica de várias traduções contemporâneas. A *New Revised Standard Version* (NRSV), mencionada anteriormente, foi uma das primeiras grandes traduções da Bíblia a adotar a linguagem neutra de gênero.

Essa decisão da equipe revisora de Almeida, de substituir uma palavra no masculino ou uma palavra masculina, como “homens”, por expressões neutras, como “pessoas”, “gente”, “povo”, “seres humanos”, se baseia numa visão que não pretende incluir mulheres onde elas não são consideradas ou mencionadas na Bíblia, mas sim evitar que a referência gramatical e lexical do gênero masculino em português continue dando subsídios a (ou até engendrando) leituras que diminuem a mulher, promovendo, então, mudanças que tornem o texto mais próximo do que ele realmente foi pensando por seus escritores ou editores.

Está claro que esse é o tipo de intervenção no texto que pode gerar controvérsia entre leitores mais conservadores. A comissão recebeu alguns comentários sobre essa questão, de pessoas que criticavam a própria Sociedade Bíblica do Brasil e a atacavam, chamando-a de transgressora do texto ou dizendo que ela estaria “cedendo às demandas de grupos que lutam pela igualdade feminina”. Esse tipo de afirmação não fez com que a comissão retrocedesse em sua decisão.

⁵⁹ Existem alguns projetos de tradução que se preocupam particularmente com o tema da linguagem neutra de gênero, como forma de corrigir ou melhorar a precisão dos textos bíblicos. Embora seja um debate atual, ainda é um pouco controverso no meio cristão. Algumas dessas traduções optam por mudanças substanciais nos textos, como o uso do composto “discípulas e discípulos” substituindo o vocábulo “discípulos”, ou expressões neutras para se referir a Deus (“divindade”, “Força divina”, “Pai/Mãe” etc.). Tome-se como exemplo o versículo 16 de João 3, numa versão em inglês: “For God so loved the world that God gave God’s only **Child**, so that everyone who believes in that **Child** may not perish but may have eternal life” (*The New Testament and Psalms: An Inclusive Version*, de 1995, grifos nossos). Não é o caso do projeto da Nova Almeida Atualizada.

Embora a ala mais conservadora dos leitores rechace a ideia de um texto chamado “inclusivo”, entendeu-se, nessa revisão, que essa era uma forma de corrigir uma deformação no texto — a qual, dentre outras coisas, levou a uma diminuição da figura feminina dentro do próprio cotidiano das igrejas, leitoras dessas traduções.

Os exemplos de textos para essa categoria estão nas seguintes passagens bíblicas: Gn 1.27, 1Co 11.21-29, Ec 3.11-13, Rm 16.1, 1Co 2.11 e Ef 4.10-14.

Por fim, a última categoria tem o intuito de exercitar, de certa forma, uma prática muito comum observada nos leitores do texto revisado: abrir a Bíblia em suas passagens, textos ou versículos preferidos (os mais conhecidos) e observar como ficaram depois da revisão. Esse é um dos critérios que a maior parte dos leitores utiliza para aceitar ou rejeitar uma nova tradução ou revisão. Uma tradução que se afaste por completo de como um texto soava tradicionalmente, no que diz respeito à Bíblia, pode ter o efeito de promover uma recusa total do novo projeto.

Obviamente, esse é um dos desafios que uma equipe de tradução e revisão precisa enfrentar. Isso não significa dizer que uma tradução está, obrigatoriamente, subordinada ao que os primeiros tradutores fizeram, ou que uma tradução que se afaste dos textos consagrados está fadada ao insucesso. Se fosse assim, traduções novas, como a *Nova Versão Transformadora*, da editora Mundo Cristão, a *Nova Versão Internacional*, da editora Vida, e a própria *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, da Sociedade Bíblica do Brasil, não teriam ganhado espaço nas igrejas. Elas têm seus leitores fiéis. Mas há, claramente, um público menos aberto a mudanças, para quem o texto deve se manter atrelado ao que se vem lendo desde o passado.

Isso se deve, dentre outras questões particulares, à aceitação que as traduções clássicas e tradicionais possuem no meio eclesiástico e junto aos leitores. Quando se fala em revisar uma tradução como tal, torna-se um desafio produzir mudanças que atendam às expectativas desses leitores e igrejas e, ao mesmo tempo, sejam fiéis e comuniquem bem. Portanto, nessa categoria serão elencados textos bastante conhecidos dos leitores, usados nas igrejas, e apontadas as mudanças e as permanências no texto, com explicitação dos critérios para chegar a essa redação final. Também, quando for o caso, serão apontadas críticas dos leitores à opção de tradução da comissão revisora — e se essas críticas redundaram ou não em mudança no texto bíblico final.

É de se ressaltar que os textos iconizados foram um desafio à parte para a comissão. Os textos selecionados para essa categoria são: Jo 1.1-4, Dt 10.16, Sl 23, Jo 3.16, Sl 119.105, Fp 4.11-13, Mt 28.19-20, Sl 125, Gn 1.1-2, Is 53.2-5 e 61.1-3, Js 1.2-6, Rt 1.16-17, Jó 2.11-13, Ec 3.1-8, Mt 5.3-12, Jr 1.5, Hb 11.6, Rm 6.23, Jo 14.6, Jr 29.11, Rm 8.28, Gl 5.22, Pv 3.5, Rm 12.2, Sl 46.1, Mt 6.33, Js 1.9, Jo 8.32, Cl 3.23-24, Lc 6.38 e 2Co 12.9.

6. ANÁLISE DO *CORPUS*

Neste capítulo, além da discussão de excertos do texto revisado, remontando aos percursos da revisão, serão apresentadas as decisões tomadas em equipe e outros aspectos que consideramos relevantes para a compreensão deste trabalho. Para isso, além do próprio texto revisado, haverá menções a notas e comentários da equipe, extraídos do *software Paratext*, além de algumas reações de leitores — dadas pessoalmente, enviadas por *e-mail* ou expostas em comentários em *websites* e nas redes sociais.

Alguns dos textos do *corpus*, para fins deste trabalho, serão acompanhados de transliteração e tradução interlinear. Para os textos do Antigo Testamento, foi utilizada a obra de Edson de Faria Francisco, *Antigo Testamento Interlinear hebraico-português*, de 2012. Já para os textos do Novo Testamento, utilizou-se a obra de Vilson Scholz e Roberto G. Bratcher, *Novo Testamento Interlinear grego-português*, de 2004.

Muitas passagens bíblicas selecionadas entrariam em mais de uma categoria dentre as subdivisões propostas nesta dissertação. O uso das categorias tem apenas o sentido de nortear o foco da análise, mas cada excerto será tratado de acordo com seus elementos particulares, mesmo que extravase a categoria em que esteja inserido. Além disso, a tradução de alguns versículos bíblicos será discutida dentro do contexto maior ou da perícopes à qual os versículos pertençam, se isso privilegiar a análise pretendida.

6.1 Substituição dos pronomes de segunda pessoa

Gênesis 42.27-34

O primeiro exemplo dessa categoria de análise foi extraído de uma narrativa do Antigo Testamento, ou Bíblia hebraica, advinda do livro de Gênesis, o *Bereshit*, o primeiro livro da Torá. Bastante conhecida, essa história apresenta José, um dos filhos do patriarca Jacó, que havia sido vendido por seus irmãos ao Egito quando jovem, agora governador daquele país. Diante de uma fome que assolava a terra, os irmãos vão até ele comprar comida, sem saber de quem se tratava. José, que havia muitos anos não sabia nada de sua família, queria notícias do pai, bem como rever o irmão mais novo, Benjamim, que também era filho de Raquel, a mãe de José. Então, ele finge não entender o idioma com que os irmãos falam uns aos outros e lhes exige uma série de coisas que, em princípio, lhes parecem estranhas. Nos versículos a seguir,

astutamente ele ordena que seus servos encham de cereal os sacos dos irmãos e lhes restituam o dinheiro que deram em pagamento pelo mantimento, a cada um no seu próprio saco de cereal, e, além disso, os supram de comida para o caminho. Sem saber da devolução do pagamento, eles vão embora, carregando o cereal sobre os seus jumentos. Ao chegar à casa do pai e se dar conta do dinheiro, os irmãos se desesperam. Por fim, no desenlace da história, os irmãos voltam ao Egito e José revela quem ele é. Emocionado, se reencontra com o pai e o irmão Benjamim.

27 וַיִּפְתָּח הָאָחִיד אֶת־שָׁקוֹ לָתֵת מִסֶּפֶּא לַחֲמֹרֹ בְּמִלּוֹן וַיֵּרָא אֶת־כַּסְפּוֹ וְהִנֵּה־הוּא בְּפִי אִמְתָּחֹוֹ
 'amtaḥtō bapī wəhinnēh-hū' 'et-kaspō wayyar' bammālōn laḥāmōrō mispō' lāṭet 'et-šaqqō hā'eḥād wayyiptāḥ
 o fardo dele, na boca de e eis que ela a prata dele, e viu na estalagem, para o jumento dele forragem para dar o saco dele, o um E abriu

28 וַיֹּאמֶר אֶל־אָחִיו הוֹשֵׁב כַּסְפִּי וְגַם הִנֵּה בְּאִמְתָּחֹתַי וַיֵּצֵא לָבָם וַיִּחְרְרוּ אִישׁ אֶל־אָחִיו לֵאמֹר מִה־זֹּאת עָשָׂה אֱלֹהִים לָנוּ:
 :lānū 'elohīm 'asāh mah-zzo't le'mor 'el-'āḥiḡw 'iṣ wayyeḥērdū libbām wayyēṣē' ba'amtaḥtāi hinnēh wəgām kaspī hūšab 'el-'eḥāyw wayyo'mer
 a nós? Deus fez Que isto dizendo: ao outro dele, cada um e estremeceam, o coração deles, e saíu no meu fardo; eis aqui e também a minha prata, Foi retornada aos irmãos dele: E disse

29 וַיָּבֹאוּ אֶל־יַעֲקֹב אֲבִיהֶם אֶרְצָה כְּנָעַן וַיַּגִּידוּ לוֹ אֵת כָּל־הַקֶּלֶת אֲתָם לֵאמֹר:
 :le'mor 'otām kāl-haqqorot 'et lō wayyaggidū konā'an 'arṣāh 'ābīhem 'el-ya'āqob wayyābo'ū
 dizendo: a eles, todos os que aconteceram *** a ele e relataram Canaã, para a terra de o pai deles, para Jacó, E foram

30 דָּבָר הָאִישׁ אֲדֹנֵי הָאֶרֶץ אֲתָנוּ קִשּׁוֹת וַיִּתֵּן אֲתָנוּ כְּמִרְגָּלִים אֶת־הָאֶרֶץ:
 :'et-hā'areṣ kimraggallīm 'otanū wayyittēn qāšōt 'ittānū hā'areṣ 'adonē hā'is dibber
 a terra, como os que espionam a nós e colocou duras; conosco a terra os senhores de o homem, Falou

31 וַנֹּאמֶר אֲלָיו כִּינִם אֲנַחְנוּ לֹא הִינּוּ מִרְגָּלִים:
 :maraggallīm ḥāyīnū lō' 'ānāḥnū kēnīm 'elāyw wanno'mer
 os que espionam, somos não nós, Honestos a ele: E dissemos

32 שְׁנַיִם עָשָׂר אֲנַחְנוּ אָחִים בְּנֵי אָבִינוּ הָאֶחָד אֵינָנוּ וְהַקֶּלֶן הֵיּוֹם אֶת־אָבִינוּ בְּאֶרֶץ כְּנָעַן:
 :kanā'an ba'ereṣ 'et-'ābīnū hayyōm wahaqqāṭon 'ēnennū hā'eḥād 'ābīnū banē 'āḥīm 'ānāḥnū šanēm-'asār
 Canaã, na terra de com o nosso pai, hoje e o pequeno ele, não, o um o nosso pai, os filhos de irmãos, nós doze

33 וַיֹּאמֶר אֲלֵינוּ הָאִישׁ אֲדֹנֵי הָאֶרֶץ בְּנֹאת אֲדָעַ כִּי כִנִּים אַתֶּם אֲחֵיכֶם הָאֶחָד הֵנִיחוּ אֹתִי וְאֶת־רַעְבּוֹן בְּתִיכֶם קָחוּ וְלָכוּ:
 :wālekū qahū bāttēkem wa'et-ra'ābōn 'ittī hannīḥū hā'eḥād 'aḥīkem 'attem kēnīm kī 'ēda' bazo't hā'areṣ 'adonē 'elēnū wayyo'mer
 e ide; pegai as vossas casas e para a fome de comigo, deixai o um o vosso irmão, vós, honestos que saberei Com isto a terra: os senhores de o homem, a nós E disse

34 וַיִּהְיֶיז אֶת־אֲחֵיכֶם הַקֶּלֶן אֲלֵי וַאֲדָעָה כִּי לֹא מִרְגָּלִים אַתֶּם כִּי כִנִּים אַתֶּם אֲתֵי אֶת־אֲחֵיכֶם אֲתָן לָבָם וְאֶת־הָאֶרֶץ תִּסְחָרוּ:
 :tiṣḥārū wa'et-hā'areṣ lakem 'ettēn 'et-'āḥīkem 'attem kēnīm kī 'attem maraggallīm lō' kī wa'ēd'ah 'elay haqqāṭon 'et-'āḥīkem wəhabfū
 comerciareis. e a terra para vós, entregarei o vosso irmão vós, honestos porque vós, os que espionam não que e saberei a mim, o pequeno, o vosso irmão, e fazei vir

Revista e Atualizada (RA)

Abrindo um deles o saco de cereal, para dar de comer ao seu jumento na estalagem, deu com o dinheiro na boca do saco de cereal. Então, disse aos irmãos: Devolveram o meu dinheiro; aqui está na boca do saco de cereal. Desfaleceu-lhes o coração, e, atemorizados, entreolhavam-se, dizendo: Que é isto que Deus nos fez? E vieram para Jacó, seu pai, na terra de Canaã, e lhe contaram tudo o que lhes acontecera, dizendo: O homem, o senhor da terra, falou conosco asperamente e nos tratou como espíões da terra. Dissemos-lhe: Somos homens honestos; não somos espíões; somos doze irmãos, filhos de um mesmo pai; um já não existe, e o mais novo está hoje com nosso pai na terra de Canaã. Respondeu-nos o homem, o senhor da terra: Nisto conhecerei que sois homens honestos: **deixai** comigo um de **vossos** irmãos, **tomai** o cereal para

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Quando um deles abriu o saco de cereal, para dar de comer ao seu jumento na estalagem, encontrou o dinheiro na boca do saco de cereal. Então disse aos irmãos:

— Devolveram o meu dinheiro. Está aqui na boca do saco de cereal.

O coração dos irmãos se encheu de medo, e, tremendo, entreolhavam-se, dizendo:

— O que é isto que Deus nos fez?

E vieram para Jacó, seu pai, na terra de Canaã, e lhe contaram tudo o que lhes havia acontecido, dizendo:

— O homem, o senhor da terra, falou conosco de maneira ríspida e nos tratou como espíões da terra. Dissemos a ele: “Somos homens honestos e não espíões. Somos doze irmãos, filhos de um mesmo pai; um já não existe, e o mais novo está hoje com o nosso pai na terra de Canaã.” Então

remediar a fome de **vossas** casas e **parti**; **trazei-me vosso** irmão mais novo; assim saberei que não **sois** espíões, mas homens honestos. Então, **vos** entregarei **vosso** irmão, e **negociareis** na terra. (Grifos nossos)

o homem, o senhor da terra, respondeu: “Nisto saberei que **vocês são** homens honestos: **deixem** comigo um de **seus** irmãos, **peguem** o cereal para remediar a fome de **suas** casas e **vão** embora. Mas **tragam-me** o seu irmão mais novo. Assim **saberei** que **vocês** não **são** espíões, mas homens honestos. Então entregarei o irmão **de vocês**, e **vocês poderão negociar** na terra.” (Grifos nossos)

Em primeiro lugar, é possível observar que, diferentemente da antiga versão, na nova, optou-se por destacar o diálogo com dois-pontos, travessão e a fala em linha separada. A intenção da comissão revisora foi apresentar um texto mais estruturado ao leitor, que permitisse a identificação mais clara do discurso direto. Na versão anterior, as falas não se distinguiam do restante dos textos narrativos, o que tornava difícil perceber onde terminavam. Essa decisão foi tomada logo no início do projeto e culminou na mudança de todos os diálogos ao longo da Bíblia.

Como se vê, o início do excerto permanece quase inalterado, exceto pela substituição do gerúndio e pela inversão da ordem sujeito-verbo: “Abrindo um deles...” / “Quando um deles abriu...” No texto anterior, foi usada a expressão “deu com o dinheiro”. A revisão mudou para “encontrou o dinheiro”, mais usual. Quanto ao hebraico, o texto tem apenas *wayyar’ et kaspô*, algo como “viu a prata dele”.

Outro ponto que a comissão discutiu foi uma possível mudança no trecho “Desfaleceram-lhes o coração, e, atemorizados, entreolhavam-se, dizendo...” Em agosto de 2016, como registra nota do projeto, VS sugeriu à equipe a seguinte redação como tradução da expressão hebraica *wayyēšē’ libbām*: “Eles ficaram muito assustados.” Embora seja o que o texto denota, ou seja, o pavor dos irmãos diante do acontecimento do dinheiro recolocado dentro do saco, a expressão literalmente quer dizer “saíram seus corações”. A resposta da equipe revisora foi sugerir algo não tão direto, mas que mantivesse a expressividade desse texto e trouxesse de volta o “tremaram”, que na antiga versão tinha sido substituído por “atemorizados”: “Esse texto no hebraico é bastante poético. Acho que dizer ‘ficaram muito assustados’ ou ‘apavorados’ faz perder um pouco essa característica. Talvez pudesse ser algo como: ‘O coração dos irmãos se encheu de medo, e, tremendo, entreolhavam-se, dizendo’...” (QM). Essa sugestão foi aprovada pela equipe, que então alterou o texto. Outra possibilidade teria sido “o coração dos irmãos foi tomado de medo”.

Mais um detalhe presente nessa passagem, e que ilustra um dos princípios adotados pela comissão, é a mudança na ordem das orações. É sutil, mas aparece aqui e em outras passagens bíblicas que haviam sido traduzidas, nas décadas de 1940 e 1950, num estilo que invertia a ordem das frases. A RA traz: “Respondeu-nos o homem, o senhor da terra...” Já no texto revisado, tem-se: “Então o homem, o senhor da terra, respondeu...”, um rearranjo sintático. Para Berman, essa pode ser uma tendência deformadora, quando o rearranjo tem a intenção de reorganizar a lógica do original.

É verdade que a ordem do hebraico não é a ordem sintática mais comum (ou usual) do português. Talvez o maior exemplo disso seja já o primeiro verso da Bíblia, onde se tem: *Bereshit bara' 'elohim et hashamayim ve'et ha'aretz*, literalmente, “No princípio criou Deus os céus e a terra”. Embora “criou Deus” seja menos comum do que “Deus criou”, essa redação, que se cristalizou ao longo do tempo e se tornou tão conhecida e lembrada pelos leitores, recria no português a estruturação de frases típica do hebraico.

Ainda na passagem aqui discutida, na versão anterior, o texto trazia: “para remediar a fome de vossas casas”. “Casas”, aqui, traduz o substantivo hebraico *בַּתֵּיכֶם* (*bāttêkem*), no singular *בֵּית* (no construto, *בֵּית*). Trata-se de um termo hebraico encontrado mais de duas mil vezes na Bíblia. Significa literalmente “casa”, e é usado para designar desde a “casa do Senhor” (o templo), até a “casa do tesouro”, a “casa de Davi” (linhagem), as casas (famílias), a “casa de Judá”, a “casa de Israel” (povo) e a “casa do pai” (a família patriarcal). Depreende-se, de sua recorrência no texto, que é um conceito fundamental na Bíblia hebraica, e em cada contexto, associado a diferentes elementos, possui um significado particular.

Sobre o termo associado à família, Suzana Chwartz (2014), estudiosa da Bíblia hebraica, sobretudo das relações familiares nos ciclos patriarcais, pontua:

O termo *bêit av* (literalmente, “casa do pai”) designa o núcleo familiar estendido. O *bêit av* é patriarcal e patrilinear e está estruturado a partir de laços de consanguinidade e afinidade: inclui pai, mãe, filhos e filhas não casados, filhos casados com suas esposas e filhos, viúvas e órfãos aparentados, servos, escravos e gerím (estrangeiros) sob a proteção do patriarca. A família estendida é também padrão na Mesopotâmia. Nas cartas de Mari, do século 18 AEC, ela é designada pela expressão *bit abim*. (CHWARTS, 2014, p. 130-131, destaques do original)

Suzana afirma que, na Bíblia hebraica, formar uma família equivale a edificar uma casa. As implicações de consanguinidade e solidariedade implícitas no termo *beit av* se estendem a ponto de toda a nação de Israel ser designada como a Casa de Israel, no sentido corporativo, ou seja, *beit israel* (CHWARTS, 2014, p. 131-132).

A equipe revisora poderia ter optado por fazer a substituição do vocábulo “casas” por “famílias”, a fim de tornar mais claro ao leitor do que trata o texto. O verbete “família” parece clarificar essa noção, mas como “casa” é um conceito caro ao contexto hebraico — e à noção familiar antiga —, decidiu-se manter e propiciar uma leitura mais precisa da passagem. Até porque, nos dias de hoje, “casa” continua sendo um termo associado à família, e o próprio contexto ajuda a entender que se trata de um conceito abstrato (as famílias), não concreto (edificações).

Quanto à substituição de “vós” por “vocês” propriamente, nesse excerto, na oração que começa com “Nisto conhecerei que sois homens honestos...”, a redação antiga apresentava os verbos relacionados aos personagens a quem José se dirigia conjugados na segunda pessoa do plural. Essa conjugação parece ser mais explicitante e trazer consigo, de forma mais marcada, o referente, sem a necessidade do uso do pronome (“que sois homens honestos”). Já na opção da revisão, se não houvesse o “vocês”, a frase ficaria vaga, podendo se referir a um “eles” ou a um “vocês”. Ou seja, foi necessário referenciar (“que vocês são homens honestos”). Essa foi a percepção da comissão revisora em todo o processo de revisão, o que gerou inúmeras dificuldades. Quase sempre os revisores se viram diante da necessidade de adaptar os textos e explicitar o referente. Por vezes, isso prejudicou a fluência de uma frase ou impôs a repetição de pronomes, o que pode soar cansativo para o leitor.

Outra característica da versão de Almeida é que o texto traduzido com a segunda pessoa do plural pode sugerir, a alguns leitores, um tom de solenidade na leitura em voz alta. Essa questão foi levada em conta na tradução bíblica, pois a Bíblia é um dos poucos textos lidos constantemente em grupo e em voz alta, nas reuniões e nos cultos. Para certos leitores, os textos que utilizam o pronome da segunda pessoa do plural podem se apresentar particularmente difíceis e truncados, e isso prejudica a leitura.

Nesse caso, de Gn 42.27-34, a reelaboração da tradução introduziu alguns elementos que poderiam ter desmontado, em parte, os textos-fonte — como o rearranjo sintático e a explicitação dos diálogos por meio do uso do travessão —, embora a intenção fosse apenas atualizar a linguagem e facilitar a leitura. Por outro lado, do ponto de vista do projeto de revisão, o produto final se coaduna com os pressupostos adotados: um texto mais fácil de ler, com uma disposição mais clara para o leitor. Além disso, houve o respeito a conceitos bíblicos caros, como a “casa do pai”, e a revisão não deformou o original, inserindo conceitos externos ao texto.

Deuteronômio 31.19-21

19	וְעַתָּה כְּתוּב לָכֶם אֶת־הַשִּׁירָה הַזֹּאת וְלִמְנָחָה אֶת־בְּנֵי־יִשְׂרָאֵל שִׁמְרוּ בְּפִיהֶם לִמְנוֹחַ	lema'an bəpīhem šimāh 'et-bənê-yisrā'el wəlamməḏāh hazzo't 'et-hašširāh lākem kitbū wə'attāh	para.que na.boca.deles; o.põe aos.filhos.de.Israel, e.o.ensina o.este, o.cântico para.vós escrevei E.,agora,
	וְהָיָה־לִּי הַשִּׁירָה הַזֹּאת לְעֵד בְּבִנְיִי יִשְׂרָאֵל:	tiyeh-lī hašširāh hāzō't biḇnê yiśrā'el	Israel. contra.os.filhos.de como.testemunha o.este a.cântico seja.para.mim
20	כִּי־אֲבִיאֲנִי אֶל־הָאֲדָמָה אֲשֶׁר־נִשְׁבַּעְתִּי לְאֲבוֹתַי זִבַּת חֶלֶב וְדָבָשׁ וְאָכַל וְשָׂבַע וְדָשֵׁן	ki-'ābī'ennū 'el-hā'ādāmāh 'āšer-nišba'tī zābat la'ābotāyw 'āšer-nišba'tī wə'ābādūm 'āḥērīm 'el-'ēlohīm ūpānāh	e.engordará; e.se.saciará e.comerá e.mel, leite o.que.emana aos.pais.dele, que.jurei para.o.solo, Porque.o.farei.ir
	וּפָנָה אֶל־אֱלֹהִים אֲחֵרִים וַעֲבָדוּם וְנֹאצְוִי וְהָפַר אֶת־בְּרִיתִי:	ūpānāh 'el-'ēlohīm 'āḥērīm wa'ābādūm wəni'āšūm wəhēpēr 'et-bərītī	a.minha.aliança; e.romperá e.me.desrespeitarão, e.os.servirão, outros, a.deuses e.se.virará
21	וְהָיָה כִּי־תִמְצָאן אֹתוֹ רַעוֹת רַבּוֹת וְצָרוֹת וְעָנְתָה הַשִּׁירָה הַזֹּאת לִפְנֵי לְעֵד	ki-timše'nā wəhāyāh 'el-hā'āreš 'āšer-nišba'tiy 'āšer	como.testemunha, perante.eles, o.este o.cântico e.responderá e.angústias, numerosas maldades a.ele quando.encontrarem e.acontecerá,
	כִּי לֹא תִשְׁכַּח מִפִּי זִרְעוֹ כִּי יָדַעְתִּי אֶת־יִצְרוֹ אֲשֶׁר הוּא עֹשֶׂה הַיּוֹם בְּיָמֶיךָ	lo' ki tīššākaḥ mippī zar'ō ki yāda'tī 'et-yiśrō 'ośch hū' bə'terem hayyôm	não.porque antes.que hoje, o.que.faz ele que o.impulso.dele, conheci.porque a.descendência.dele; da.boca.de.será.esquecido
	אֲבִיאֲנִי אֶל־הָאָרֶץ אֲשֶׁר נִשְׁבַּעְתִּי:	'ābī'ennū 'el-hā'āreš 'āšer	o.faç.a.ir para.a.terra, que.jurei.

Deuteronômio é o quinto livro da Torá hebraica, ou “Pentateuco”. A palavra deuteronômio (literalmente “segunda lei” ou “lei repetida”) vem da tradução grega (*deuteronomion*) de uma expressão que no hebraico significa “cópia da Lei” (Dt 17.18). No hebraico, esse livro leva o nome de *Devarim*, “Palavras”. Nele estão os discursos de Moisés quando o povo de Israel estava no território de Moabe, no lado leste do Jordão, pronto para entrar na Terra Prometida, depois da longa caminhada pelo deserto (o êxodo).

No trecho em questão, Deus revela a Moisés e a Josué, líderes dos hebreus, que o povo de Israel se tornará infiel, buscando os deuses da terra de Canaã (Dt 31.16). Deus ordena que Moisés e Josué escrevam um cântico “para que seja sua testemunha contra o povo”, isto é, para que fique claro que o povo foi advertido.

Revista e Atualizada (RA)

Escrevei para vós outros este cântico e ensinai-o aos filhos de Israel; ponde-o na sua boca, para que este cântico me seja por testemunha contra os filhos de Israel. Quando eu tiver introduzido o meu povo na terra que mana leite e mel, a qual, sob juramento, prometi a seus pais, e,

Nova Almeida Atualizada (NAA)

— Escrevam para vocês este cântico e tra-tem de ensiná-lo aos filhos de Israel. Ponham este cântico na boca de cada um deles, para que me seja por testemunha contra os filhos de Israel. Quando eu tiver introduzido o meu povo na terra que mana leite e mel, a qual, sob juramento,

tendo ele comido, e se fartado, e engordado, e houver tornado a outros deuses, e os houver servido, e **me irritado**, e anulado a minha aliança; e, quando o tiverem alcançado muitos males e angústias, então, este cântico responderá contra ele por testemunha, pois a sua descendência, sempre, o trará na boca; porquanto conheço os desígnios que, hoje, estão formulando, antes que o introduza na terra que, sob juramento, prometi. (Grifos nossos)

prometi aos pais deles, e eles tiverem comido, se fartado e engordado, então eles se voltarão para outros deuses, os servirão e **me desprezarão**, anulando a minha aliança. E, quando muitos males e angústias os tiverem alcançado, este cântico será minha testemunha contra eles, pois os descendentes deles sempre o trarão na boca. Porque conheço os desígnios que hoje estão formulando, antes que os leve para a terra que, sob juramento, prometi. (Grifos nossos)

Observa-se aqui que houve novamente mudança no uso dos pronomes, de “vós” (segunda pessoa do plural) para “vocês” (pronome pessoal de segunda pessoa, conjugado como terceira), e que isso tem implicações e demandou certas adaptações. A equipe de revisão precisou fazer mudanças em todos os níveis do texto. Na oração que se inicia com “Ponham”, foi necessário repetir o “cântico”, a fim de evitar a sonoridade “Ponham-no na”, e “na boca” precisou de um complemento que referenciasse de quem era a boca. A opção pelo “sua” acarretaria ambiguidade — talvez o leitor fosse levado a pensar que se tratasse da boca de Moisés e Josué, quando se tratava da boca dos filhos de Israel. Na tradução anterior, com o “vós”, não havia essa possibilidade de compreensão errônea.

Esse processo tornou algumas formulações do texto um pouco mais longas, uma tendência que Antoine Berman denomina “alongamento” — no caso desta análise, não apenas em relação ao original em hebraico, mas também em relação à tradução que o texto novo revisa:

Toda tradução é tendencialmente mais longa do que o original. É uma consequência, em parte, das duas primeiras tendências evocadas. Racionalização e clarificação exigem um alongamento, um desdobramento do que está, no original, “dobrado”. (BERMAN, 2007, p. 51)

Por outro lado, observa-se que, do ponto de vista lexical, houve manutenção do termo “cântico” na revisão, que talvez pudesse ter sido substituído por um verbete mais contemporâneo, como “canção” ou “música”. Com a manutenção desse léxico, a sonoridade de Almeida se manteve e não houve perda qualitativa, uma vez que “cântico” é uma palavra mais específica para “música religiosa” do que simplesmente “música” ou “canção”. Portanto, não houve uma generalização no uso de palavras na revisão e não se comprometeu a especificidade do termo empregado. Aqui poderíamos ter evidenciado uma tendência deformadora, como aponta Antoine Berman, a qual não se introduziu na revisão.

Outro termo que foi mantido foi “desígnio”. Esse não é um arcaísmo, propriamente, mas um termo pouco usual. Poderia ter sido substituído por vocábulos como “intenção”, “propósito”

ou “vontade”. De fato, em alguns casos, foi assim que a *Nova Almeida Atualizada* revisou esse termo. Na antiga versão, ele aparece 44 vezes; na nova, ele só surge em dez passagens. O que ocorre de particular é que esse termo é o mesmo usado em Gn 6, no episódio do dilúvio, em que Deus, ao reconhecer que os desígnios do coração humano eram maus, se arrependeu de ter criado as pessoas e, por isso, decidiu destruir a humanidade e sua criação. É o mesmo termo também de Gn 8.24, quando Deus faz uma aliança com Noé, depois do dilúvio, e diz: “Nunca mais vou amaldiçoar a terra por causa das pessoas, porque é mau o desígnio íntimo do ser humano desde a sua mocidade.” A manutenção de “desígnio” aqui, em Deuteronômio, e nesses textos de Gênesis é uma boa prática, pois remete o leitor da tradução em língua portuguesa a uma palavra-guia no hebraico: o termo יָצָר, *yēšer*, “desígnio”, “impulso”, “vontade”, no contexto de Noé. Essa preocupação, em ser coerente com o hebraico, se revela equilibrada com o objetivo de atualizar o texto e, ao mesmo tempo, permite a manutenção de palavras-chave nas narrativas bíblicas.

Por fim, algumas mudanças sutis ocorreram nesse excerto. O verbo “irritar”, no texto antigo, foi substituído por “desprezar”. No hebraico, tem-se יָצָר, um verbo que aparece 24 vezes na Bíblia hebraica e que, segundo o *The Abridged Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon of the Old Testament*⁶⁰, é mais bem-traduzido por “desrespeitar”, “desprezar” ou “rejeitar”. Segundo o *Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico*⁶¹, significa tratar Deus ou pessoas e coisas que pertencem a Deus ou o representam com desrespeito e falta de afeição. Foi assim que o texto revisado se apresentou ao final.

O próximo excerto que será apresentado está no Novo Testamento.

Lucas 6.27-31

Esse exemplo foi extraído do Evangelho de Lucas, o terceiro livro do Novo Testamento. Nessa passagem, Jesus já havia iniciado o seu ministério. Certo dia, depois de haver pregado no monte para muitas pessoas, desce e se reúne com seus discípulos. Ele discorre sobre diversos temas, naquele que foi chamado de “Sermão das bem-aventanças”, e, em seguida, fala sobre o amor aos inimigos.

⁶⁰ Recurso do *software Paratext*. Disponível em exemplar físico: BROWN, Francis; DRIVER, S.; BRIGGS, Charles. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic: Coded With the Numbering System from Strong's Exhaustive Concordance of the Bible Hardcover. Hendrickson Pub; Reprint edition (June 1, 1996).

⁶¹ Disponível em <http://www.sdbh.org>, acesso em 8 out. 2018.

O texto grego traz:

- 27* Ἀλλὰ ὑμῖν λέγω τοῖς ἀκούουσιν, Ἀγαπάτε τοὺς ἐχθροὺς ὑμῶν, καλῶς ποιεῖτε τοῖς μισοῦσιν ὑμᾶς,
 Alla humin legō tois akouousin, Agapate tous echthrous humōn, kalōs poieite tois misousin humas,
 Mas a_vós digo*8* aos que_estais_ouvindo: amai os inimigos vossos, (o)_bem fazei aos que_odeiam a_vós,
- 28* εὐλογεῖτε τοὺς καταρωμένους ὑμᾶς, προσεύχεσθε περὶ τῶν ἐπηρεαζόντων ὑμᾶς.^P
 eulogeite tous katarōmenous humas, proseuchesthe peri tōn epēreazontōn humas.
 bendizeí os que_amaldiçoam a_vós, orai*r* por os que_maltratam a_vós.
- 29* τῷ τύπτοντί σε ἐπὶ τὴν σιαγόνα πάρεχε καὶ τὴν ἄλλην, καὶ ἀπὸ τοῦ αἵροντός σου τὸ ἱμάτιον καὶ τὸν
 tōi tuptontí se epí tēn siagona pareche kai tēn allēn, kai apo tou aírontos sou to himation kai ton
 Ao que_bate a_ti em a face oferece também a outra, e de o que_toma tua *** capa também a
 χιτῶνα μὴ κωλύσης.^Q
 chitōna mē kōlusēs.
 túnica não recuses.
- 30 παντὶ αἰτοῦντί σε δίδου, καὶ ἀπὸ τοῦ αἵροντός τα σὰ μὴ ἀπαίτει.^r
 panti aitountí se didou, kai apo tou aírontos ta sa mē apaitēi.
 A_todo o_que_pede a_ti dá,*\$* e de o que_toma as tuas_coisas não peças_(de_volta).
- 31* καὶ καθὼς θέλετε ἵνα ποιῶσιν ὑμῖν οἱ ἄνθρωποι ποιεῖτε⁶ αὐτοῖς ὁμοίως.^S
 kai kathōs thelete hina poiōsin humin hoi anthrōpoi poieite autois homiōs.
 E como quereis que façam a_vós as pessoas fazei a_elas semelhantemente.

Os textos da RA e da NAA traduzem essa passagem da seguinte forma:

Revista e Atualizada (RA)

Digo-vos, porém, **a vós outros** que me **ouvis**: **amai** os **vossos** inimigos, **fazei** o bem aos que **vos** odeiam; **bendizeí** aos que **vos** maldizem, **orai** pelos que **vos** caluniam. Ao que **te** bate numa face, oferece-lhe também a outra; e, ao que tirar a **tua** capa, **deixa-o** levar também a túnica; **dá** a todo o que **te** pede; e, se alguém levar o que é **teu**, não **entres** em demanda. Como **que-reis** que os homens **vos** façam, assim **fazei-o** vós também a eles. (Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

— Digo, porém, a **vocês** que me **ouvem**: **amem** os seus inimigos, **façam** o bem aos que odeiam **vocês**. **Abençoem** aqueles que **os** amaldiçoam, **orem** pelos que **maltratam** vocês. Ao que **lhe** bate na face, ofereça também a outra; e, ao que **lhe** tirar a capa, **deixe** que leve também a túnica. **Dê** a todo o que **lhe** pedir alguma coisa; e, se alguém levar o que é **seu**, não **exija** que seja devolvido. **Façam** aos outros o mesmo que **vocês que-rem** que eles façam a **vocês**. (Grifos nossos)

Aqui Jesus discursa para seus discípulos, os doze. Há uma relação de hierarquia: Jesus é o mestre que fala a seguidores. Isso já justificaria a opção pelo “vocês”, a fim de estabelecer de forma mais marcada essa distinção de funções ou *status*. Mas, ao mesmo tempo, Jesus fala a seus amigos mais íntimos. Para muito além de seguidores, os doze se tornaram pessoas queridas de Jesus. O “vocês”, em português, também é adequado para relações amistosas. Portanto, a opção da revisão pareceu acertada na perspectiva de traduzir um diálogo entre pessoas muito próximas.

Além da mudança da pessoa pronominal, logo no início do excerto há a substituição de “Digo-vos... a vós outros” por “Digo... a vocês”. Esse também é um traço da revisão. O uso de “a vós outros” foi uma opção estilística da primeira comissão de revisão da tradução de Almeida para o português do Brasil. Embora pouco usual já na década de 1940, quando a comissão revisava o texto, “a vós outros” pareceu naquele então uma solução para evitar o cacófono “avós” ou “a voz”, que se formaria com formulações de verbo seguido do pronome. É o que explica Vilson Scholz, em seu artigo *As traduções da Bíblia publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil: breve histórico e características* (2016):

A locução “a vós outros” (...) aparece apenas quatro vezes na Revista e Corrigida, porém 232 vezes na *Revista e Atualizada*. Como explicar isto? Acontece que os revisores quiseram impedir a compreensão desse “a vós” no sentido de “avós” ou “a voz”, levando-os a preferir a combinação “a vós outros”. Diga-se de passagem que esta formulação aparece também nos escritos de Almeida, do século XVII, só que não com tanta frequência. Em olhar retrospectivo, pode-se dizer que a preocupação com os desagradados cacofônicos era perfeitamente válida, mas os revisores como que exageraram na dose, eliminando até combinações que dificilmente seriam percebidas como “desagradáveis”, a menos que os ouvintes estivessem ou fossem avisados. (SCHOLZ, 2016, p. 80)

A expressão “a vós outros” é uma forma bastante antiga, e não é comum no português de hoje, em nenhuma de suas variantes. Trata-se, portanto, de um arcaísmo. Com a substituição de “vós” por “vocês”, tornou-se desnecessário incluir esse “outros”. Além disso, nos verbos pronominais, onde Almeida trazia sistematicamente as formas tônicas de pronome pessoal (“mim”, “ti”) regidas da preposição “a” acompanhando um pronome átono (clítico) para ressaltar o objeto/complemento direto ou indireto (por exemplo, Lc 10.16: “Quem vos der ouvidos ouve-me a mim”), a comissão atual optou por eliminar um dos pronomes (deixando apenas “ouve a mim”) — para evitar a redundância de ter, numa mesma construção, dois pronomes que se referem à mesma pessoa (“me” e “mim”).

Nessa passagem bíblica, onde antes havia “orem pelos que vos caluniam”, passou a ser “orem pelos que maltratam vocês”. Embora o termo em português tenha mudado, de uma palavra que denota acusação verbal (“caluniar”) para uma que implica atitude (“maltratar”), foi uma opção consciente dos revisores, que está em concordância com um dos sentidos do verbo grego *epereazonton*. Outras traduções mais recentes da Bíblia, como a *Bíblia para Todos*, a *Nova Versão Internacional*, a *Nova Versão Transformadora* e *A Mensagem*, trazem em seus textos a mesma exegese.

Outra mudança significativa de uma tradução para a outra foi a expressão “não entres em demanda”, da RA. Na *Nova Almeida Atualizada* ela foi substituída por “não exija que seja

devolvido”. O grego, na verdade, traz *me apaitei*, que significa “não volte a pedir”. A Almeida Revista e Corrigida, anterior à RA, trazia exatamente essa redação: “não lho tornes a pedir”. Quando a comissão das décadas de 1940 e 1950 revisou esse texto, provavelmente no intento de melhorar a redação, enobreceu-o, por meio do uso da expressão “entrar em demanda”. Mas o emprego dessa expressão era no sentido de solicitar ou exigir algo. No entanto, uma vez que “demanda” se tornou sinônimo de processo judicial, essa opção acabou levando a um entendimento que deforma o original. Muitos leitores passaram a entender esse texto como uma advertência aos cristãos para não processarem irmãos na fé, ou seja, não se envolverem em processos legais contra outros cristãos. Mas esse não é o sentido do texto. Na NAA optou-se por corrigir essa deformação e retornar a uma redação mais simples, como está no grego.

Ainda na passagem bíblica de Lc 6.27-31, o verbo “bendizer” foi substituído por “abençoar”, traduzindo o grego *eulogeite*, sem prejuízo de sentido, uma vez que significa invocar uma bênção a alguém. “Abençoar” é hoje o termo mais usado pelas igrejas cristãs protestantes. Outras traduções mais dinâmicas trazem “desejem o bem”, simplificando um conceito importante da Bíblia. A Nova Almeida Atualizada, embora tenha optado pela substituição do verbo “bendizer” por uma forma mais contemporânea, manteve a terminologia bíblica, o léxico adotado pelos leitores e igrejas cristãs e o sentido do texto.

Na última oração, há um rearranjo sintático que implica uma transformação mais identificável no texto da *Nova Almeida Atualizada*. O texto anterior trazia: “Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (RA). Já a revisão tem: “Façam aos outros o mesmo que vocês querem que eles façam a vocês” (NAA). Nesse caso, houve a decisão de alterar sensivelmente a ordem do texto, segundo se evidencia nas notas dos revisores: “Aqui, para fins de clareza, acho que vale a pena inverter a ordem das frases” (VS). “Concordo com a mudança” (DT). Observe-se a ordem do texto grego:

* καὶ καθὼς θέλετε ἵνα ποιῶσιν ὑμῖν οἱ ἄνθρωποι ποιεῖτε ὁμοίως.⁵
 kai kathōs thelete hina poiōsin humin hoi anthrōpoi poieite autois homoiōs.
 E como quereis que façam a_vós as pessoas fazei a_elas semelhantemente.

Essa reorganização das frases, segundo Antoine Berman (2007, p. 48-49), deforma o texto por meio de um processo de racionalização que “recompõe as frases e sequências de frases de maneira a arrumá-las conforme uma certa ideia da ordem de um discurso”. No entanto, está coerente com o projeto de revisão, ao tornar mais clara a ideia do texto.

Um último elemento destacável, ainda nesse excerto, é a substituição de “homens”, em “Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles”, por “outros”: “Façam aos outros o mesmo que vocês querem que eles façam a vocês”. Nesse versículo, o grego traz *anthropos*. Embora a Almeida *Revista e Atualizada* tenha empregado a palavra “homens”, a ideia do texto é fazer a qualquer ser humano, independentemente do gênero, somente aquilo que se quer para si. Portanto, a comissão decidiu pelo uso de “outros”, que parece resolver melhor a questão, sem identificar o gênero da pessoa a quem se refere a ação mencionada na fala de Jesus.

Gênesis 3.9-15

- 9 וַיִּקְרָא יְהוָה אֱלֹהִים אֶל-הָאָדָם וַיֹּאמֶר לוֹ אֵיכָה:
 :ayyekkāh lô wayyo'mer 'el-hā'ādām 'ēlohīm yəhwhāh wayyiqrā'
 Onde.tu? a.ele: e.disse ao.humano; Deus YHWH E.chamou
- 10 וַיֹּאמֶר אֶת-קִלְעֶי שָׂמַעְתִּי בָּנִן וַאֲרָא כִּי-עֵרֹם אָנֹכִי וָאֶחָבֵא:
 :wā'ēhābē 'ānokī kī-'ērom wā'rā' baggān šama'tī 'et-qolkā wayyo'mer
 e.me.escondi. eu porque.desnudo e.temi, no.jardim; escutei A.tua.voz E.disse:
- 11 וַיֹּאמֶר מִי הִגִּיד לְךָ כִּי עֵרֹם אָתָּה הָמוֹן-הָעֵץ אֲשֶׁר צִוִּיתִיךָ לֵבִלְתִּי אֲכַל-מִמֶּנּוּ אֲכַלְתָּ:
 :'ākālta 'ākāl-mimmennū labiltī šiwvītīkā 'āšer hāmin-hā'ēš 'āttāh 'ērom kī lakā higgīd mī wayyo'mer
 comeste? comer.dela, para.não te.ordenei que Acaso.da.árvore tu? desnudo que a.ti relatou Quem E.disse:
- 12 וַיֹּאמֶר הָאָדָם הָאִשָּׁה אֲשֶׁר נָתַתָּה עִמָּדִי הִוא נָתַתָּה-לִּי מִן-הָעֵץ וָאֲכַל:
 :wā'okel min-hā'ēš nātnāh-llī hiw' 'immādī nātattāh 'āšer hā'iššāh hā'ādām wayyo'mer
 e.comi. da.árvore, deu.para.mim ela comigo, deste que A.mulher o.humano: Então,.disse
- 13 וַיֹּאמֶר יְהוָה אֱלֹהִים לְאִשָּׁה מַה-נָּתַת עִשִּׂית וְהָאִשָּׁה הִנָּחֵשׁ הִשְׁיֵאֲנִי וָאֲכַל:
 :wā'okel hiššī'anī hannāhāš hā'iššāh watto'mer 'āšit mah-zzo't lā'iššāh 'ēlohīm yəhwhāh wayyo'mer
 e.comi. me.enganou, A.áspeide a.mulher: E.disse fizeste? Que.isto à.mulher: Deus YHWH E.disse
- 14 וַיֹּאמֶר יְהוָה אֱלֹהִים אֶל-הִנָּחֵשׁ כִּי עִשִּׂית זֹאת אַרְוִיר אֶתָּה מִכָּל-הַבְּהֵמָה וּמִכָּל
 :wā'okel hiššī'anī hannāhāš hā'iššāh watto'mer 'āšit mah-zzo't lā'iššāh 'ēlohīm yəhwhāh wayyo'mer
 e.dentre.todo dentre.todo.o.animal.selvagem, tu a.que.amaldiçoada isto, fizeste Posto.que à.áspeide: Deus YHWH Então,.disse
- חַיַּת הַשָּׂדֶה עַל-נִחְנָךְ תֵּלֶךְ וְעַפְרָה תֹאכַל כָּל-יְמֵי חַיֶּיךָ:
 :hayyeykā kāl-yomē to'kal wə'āpār tēlēkə 'al-gəḥonkā haš,šādeh hayyat
 as.tuas.vidas. todos.os.dias.de comerás e.poeira andarás, sobre.a.tua.barriga o.campo; o.vivente.de
- 15 וַאֲיִבָּהּ אִשִּׁית בֵּינֶךָ וּבֵין הָאִשָּׁה וּבֵין זֶרְעָךְ וּבֵין זֶרְעָהּ הִוא יִשְׁפָּךְ רֹאשׁ וְאַתָּה תִּשְׁפָּנֶנּוּ עָקֵב:
 :'āqēb tašūpennū wə'attāh ro'š yašūpkā hū' zar'āh ūbēn zar'ākā ūbēn hā'iššāh ūbēn bēnākā 'āšit ləwə'ēbāh
 calcanhar. a.esmagará e.tu cabeça, te.esmagará esta a.semente.dela; e.entre a.tua.semente e.entre a.mulher, e.entre entre.ti colocarei E.inimizade

Essa é mais uma narrativa contida no primeiro livro bíblico, o Gênesis, cap. 3, vs. 9-15. Depois da criação do Universo e do mundo, a humanidade, na figura de Adão e sua companheira (ainda não nomeada), vive no Jardim do Éden. Depois de se alimentar do fruto do conhecimento do bem e do mal, os seres humanos são encontrados e confrontados por Deus. Essa passagem

escolhida mostra, portanto, a primeira desobediência humana e suas consequências. Nesse diálogo, Deus se dirige a todos os agentes do pecado original: homem, mulher e serpente.

Revista e Atualizada (RA)

E chamou o SENHOR Deus ao homem e lhe perguntou: Onde **estás**? Ele respondeu: Ouvi a **tua** voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem **te fez saber** que **estavas** nu? **Comeste** da árvore de que **te** ordenei que não **comesses**? Então, disse o homem: A mulher que me **deste** por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. Disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isso que **fizeste**? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então, o SENHOR Deus disse à serpente: Visto que isso **fizeste**, maldita **és** entre todos os animais domésticos e o **és** entre todos os animais selváticos; **rastejarás** sobre o **teu** ventre e **comerás** pó todos os dias da **tua** vida. Porei inimizade entre **ti** e a mulher, entre a **tua** descendência e o **seu** descendente. Este **te** ferirá a cabeça, e **tu** lhe **ferirás** o calcanhar. (Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

E o SENHOR Deus chamou o homem e lhe perguntou:
— Onde **você está**?
Ele respondeu:
— Ouvi a **tua** voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi.
Deus perguntou:
— Quem **lhe disse** que **você estava** nu? **Você comeu** da árvore da qual ordenei que não **comesse**?
Então o homem disse:
— A mulher que me **deste** por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi.
Então o SENHOR Deus disse à mulher:
— Que é isso que **você fez**?
A mulher respondeu:
— A serpente me enganou, e eu comi.
Então o SENHOR Deus disse à serpente:
— Por causa do que **você fez**, **você é** maldita entre todos os animais domésticos e entre todos os animais selvagens. **Você rastejará** sobre o **seu** ventre e **comerá** pó todos os dias da **sua** vida. Porei inimizade entre **você** e a mulher, entre a **sua** descendência e o **descendente dela**. Este **lhe** ferirá a cabeça, e **você lhe ferirá** o calcanhar. (Grifos nossos)

O primeiro aspecto que chama a atenção no excerto da tradução revisada é a disposição textual. O texto anterior não fazia uso de travessões, nem de aspas para o discurso direto. É por isso que esse texto está disposto num só bloco. Essa é a forma como está nos textos originais. No entanto, em português, considerou-se que a ausência de um marcador para o discurso direto confundia o leitor e dificultava a compreensão dos movimentos dialógicos do texto. A revisão tratou a questão tomando a decisão de organizar o texto por meio de parágrafos, travessões e recuos, tanto quanto necessário para que a estrutura fosse facilmente compreendida pelo leitor.

Logo no início desse trecho, quando Deus pergunta ao ser humano: “Onde estás?”, na nova versão houve a mudança para o pronome “você”. A elipse do pronome, nesse caso, não seria recomendada. Fez-se necessário explicitá-lo, ou a pergunta de Deus se tornaria extremamente vaga (“Onde está?”). Quando se usa o “tu”, como na Almeida de 1959, há uma

diferenciação bastante notável entre a segunda e a terceira pessoa. Na revisão, com a opção de adaptar para o pronome “você”, que se conjuga como terceira pessoa, o “você” e o “ele” por vezes se confundem, o que gera a necessidade de adaptações maiores. A explicitação se faz necessária, por exemplo, na menção a teu/seu descendente — da serpente, com quem Deus falava — e a seu descendente/descendente dela — ou seja, da mulher, de quem Deus falava.

Esse excerto permite também exemplificar uma das decisões importantes dessa revisão, que foi a manutenção dos pronomes de segunda pessoa em orações, salmos ou quando um personagem se dirige diretamente a Deus: “Os pronomes ‘tu’ e ‘vós’ deram lugar a ‘você’ e ‘vocês’ (...). No entanto, **sempre que alguém se dirige a Deus** em oração, como, por exemplo, nos Salmos, a forma de tratamento é ‘tu’. Outro exemplo é a oração do Pai-Nosso (Mt 6.9-13)” (*Nova Almeida Atualizada*, 2017, p. VII, grifos nossos).

Essa característica da Nova Almeida Atualizada, particularmente, reflete a atenção a um pedido das igrejas cristãs, que solicitaram a continuidade do uso de “tu” quando um personagem se dirige a Deus. Isso talvez se justifique pela tradição e pela reverência à divindade. Por essa associação que muitas pessoas fazem com o “tu” como um pronome formal, e o “você” como um tratamento mais informal, para ser usado entre iguais, há o desejo de manter a alteridade divina e a separação entre as esferas do sagrado e do humano/profano, por meio do recurso da linguagem. Ao se referir a Deus, o ser humano deve guardar reverência e respeito. Essa reverência, na versão antiga de Almeida, era alcançada pela própria linguagem repleta de arcaísmos do texto. Com a renovação da tradução e a revisão de sua redação, a audiência do texto muitas vezes associa a simplificação a uma falta de respeito por Deus. Por se tratar de um projeto que tem como princípio a atenção às necessidades e demandas dos leitores, sobretudo das igrejas, acatou-se.

O próximo excerto que será apresentado é um dos textos nos quais a mudança dos pronomes recai sobre a pessoa de Jesus Cristo.

Marcos 8.27-30

Trata-se de uma passagem do Evangelho sinóptico de Marcos, cujos paralelos se encontram em Mt 16.21-28 e Lc 9.22-27.

- 27 Καὶ ἐξῆλθεν ὁ Ἰησοῦς καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ εἰς τὰς κώμας Καισαρείας τῆς Φιλίππου·
 Kai exēlthen ho Iēsous kai hoi mathētai autou eis tas kōmas Kaisareias tēs Philippou:
 E saiu*7* *** Jesus e os discípulos dele para as aldeias de_Cesareia *** de_Filipe;
- καὶ ἐν τῇ ὁδῷ ἐπηρώτα τοὺς μαθητάς αὐτοῦ λέγων αὐτοῖς, Τίνα με λέγουσιν οἱ
 kai en tēi hodōi epērōta tous mathētas autou legōn autois, Tina me legousin hoi
 e em o caminho perguntava (a)os discípulos dele dizendo*8* a_eles: Quem eu[5] dizem[3]*8* as[1]
- ἄνθρωποι εἶναι;
 anthrōpoi einai?
 pessoas[2] ser[4]?*6*
- 28 * οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ λέγοντες [ὅτι] Ἰωάννην τὸν βαπτιστὴν, καὶ ἄλλοι, Ἐλίαν,
 hoi de eipan autōi legontes [hoti] Iōannēn ton baptistēn, kai alloi, Ēlian,
 eles[2] E[1] disseram*8* a_ele dizendo:*8* *** João *** Batista, e outros, Elias,
- ἄλλοι δὲ ὅτι εἷς τῶν προφητῶν.
 alloi de hoti heis tōn prophētōn.
 outros[2] e[1] que um dos profetas.
- 29 * καὶ αὐτὸς ἐπηρώτα αὐτούς, Ὑμεῖς δὲ τίνα με λέγετε εἶναι; ἀποκριθεὶς ὁ
 kai autos epērōta autous, Humeis de tina me legete einai? apokritheis ho
 E ele perguntava a_eles: vós[2] E[1] quem eu[3] dizeis[1]*8* ser[2]?*6* Respondendo*t* ***
- Πέτρος λέγει αὐτῷ, Σὺ εἶ ὁ Χριστός.
 Petros legei autōi, Su ei ho Christos.
 Pedro diz*8* a_ele: Tu és*6* o Cristo.
- 30 * καὶ ἐπετίμησεν αὐτοῖς ἵνα μηδενὶ λέγωσιν περὶ αὐτοῦ.ⁱ
 kai epetimēsen autois hina mēdeni legōsin peri autou.
 E advertiu a_eles para_que a_ninguém falassem*8* a_respeito_de ele.

Os textos da RA e da NAA, respectivamente, trazem:

Revista e Atualizada (RA)

Então, Jesus e os seus discípulos partiram para as aldeias de Cesareia de Filipe; e, no caminho, perguntou-lhes: Quem **dizem os homens** que sou eu? E responderam: João Batista; outros: Elias; mas outros: Algum dos profetas. Então, lhes perguntou: Mas **vós**, quem **dizeis** que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: **Tu** és o Cristo. Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito. (Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Então Jesus e os seus discípulos foram para as aldeias de Cesareia de Filipe. No caminho, perguntou-lhes:

— Quem **os outros dizem** que eu sou?

Os discípulos responderam:

— Uns dizem que é João Batista; outros dizem que é Elias; e ainda outros dizem que é um dos profetas.

Então Jesus perguntou:

— E **vocês**, quem **dizem** que eu sou?

Respondendo, Pedro lhe disse:

— O **senhor** é o Cristo.

Então Jesus os advertiu de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito. (Grifos nossos)

A primeira questão que se apresenta, logo no início do excerto, é o “perguntou-lhes”. Essa expressão demanda uma abstração do leitor, já que o referente da oração anterior é um sujeito

composto: “Jesus e os seus discípulos”. O grego repete a menção aos discípulos, talvez para desambiguar. A revisão não optou pela repetição, talvez por uma questão de sonoridade do texto, mas colocou um ponto final na primeira oração, desatrelando o referente composto e ajudando a sugerir que um pergunta a muitos — nesse caso, Jesus aos discípulos.

No v. 28, por sua vez, já que o texto grego é bastante aberto, tinha-se a opção de usar o discurso indireto ou o discurso direto, com aspas: “Uns dizem: ‘João Batista’; outros dizem: ‘É Elias’...” Optou-se por não usar as aspas, mas sim o discurso indireto: “Uns dizem que é João Batista; outros dizem que é Elias.”

Nesse texto, Pedro, discípulo de Jesus e um de seus amigos íntimos, na antiga versão, se dirige a Jesus como “tu”: “Tu és o Cristo”. Mariú M. M. Lopes, em sua tese *A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais* (2009, p. 127), afirma: “evidencia-se a doutrina do Deus-homem, Cristo ora é reconhecido em sua posição divina, ora em sua posição humana”. Para a pesquisadora, o uso de “você” em lugar de “tu” para se referir a Jesus seria aceitável aqui por ele também ser reconhecido como homem, o que não aconteceria se houvesse uma referência a Deus. No entanto, a NAA opta pela adoção do pronome de tratamento “senhor”, em lugar de “você”, já que, no entendimento da comissão revisora, o uso do pronome “você” poderia desconstruir a hierarquia espiritual que se estabeleceu entre os personagens. Afinal, Jesus aqui é o Messias, e especificamente nessa passagem enfatiza essa característica. Embora a relação com os discípulos seja de intimidade e amizade, havia a compreensão e o reconhecimento da divindade de Jesus, o que é expresso pela frase *Su ei ho Christos*.

Para finalizar, nesse excerto, duas outras características da revisão se evidenciam na fala de Jesus: “Quem dizem os homens que sou eu?” (RA). Na nova versão, houve reordenação sintática e a opção por uma linguagem mais abrangente, com o uso de “os outros” em lugar de “os homens”: “Quem os outros dizem que eu sou?”

Lamentações 3.55-57

Esse breve texto bíblico foi selecionado como parte do *corpus* deste estudo justamente por se tratar de uma passagem bíblica em que há uma referência direta a Deus. Trata-se de uma oração de lamento (poesia), composta pelo profeta Jeremias, um dos profetas mais importantes da história de Israel.

<p>קָרָאתִי שְׁמֶךָ יְהוָה מִבּוֹר תַּחְתִּיּוֹת: 55</p>					
<p>:taḥtiyyōt mibbôr yəhwāh šimkā qārā'tî [partes.inferiores] desde.fosso YHWH, o.teu.nome, Invoquei</p>					
<p>קוֹלִי שָׁמַעַתָּ אֶל-תַּעֲלֹם אֶזְנֶךָ לְרוֹחֲתִי לְשׁוֹעָתִי: 56</p>					
<p>:ləšaw'atîy lərawḥatî 'āznəkā 'al-ta'lēm šāmā'tā qôlî para.a.minha.xxx para.a.minha.xxx o.teu.ouvido que.não.xxx escutaste; A.minha.voz</p>					
<p>בַּיּוֹם אֶקְרָאֲךָ אֶמְרָתְךָ אֶל-תִּירָא: ס 57</p>					
<p>s :al-tîrā' 'āmartā 'eqrā'ekā bayôm qārabtā *** Que.não.temas. disseste: te.invoquei, em.dia Aproximaste-te</p>					

A RA e a NAA traduzem assim essa passagem:

<i>Revista e Atualizada (RA)</i>	<i>Nova Almeida Atualizada (NAA)</i>
Da mais profunda cova, SENHOR, invoquei o teu nome. Ouviste a minha voz; não escondas o ouvido aos meus lamentos, [ao meu clamor. De mim te aproximaste no dia em que te [invoquei; disseste: Não temas.	<i>Cofe</i> — Da mais profunda cova, SENHOR, invoquei o teu nome. Ouviste a minha voz, quando pedi: “Não feches os teus ouvidos aos meus lamentos, ao meu clamor.” No dia em que te invoquei, chegaste perto de mim e disseste: “Não tenha medo.”

Como visto anteriormente, como princípio, essa revisão optou por manter as orações, os louvores e as evocações a Deus na segunda pessoa. É o que ocorre aqui. O efeito disso é que a atualização da linguagem não se dá pelo uso de pronomes e construções mais usuais, mas por outros elementos. Um deles é a própria exegese, a interpretação, que em certos casos foi atualizada. Na versão antiga, a oração “Ouviste a minha voz”, na l. 3, está no passado. Ela é seguida de ponto e vírgula e a oração imperativa: “não escondas o ouvido aos meus lamentos...” É como se essa segunda oração fosse algo novo e distinto da primeira. Já o entendimento da mesma estrofe na NAA é diferente: “Ouviste a minha voz quando pedi: ‘Não feche os teus ouvidos...’” O “Não feche os teus ouvidos” é o próprio pedido do poeta, que ocorreu no passado. Ele complementa a oração anterior, em vez de surgir como uma unidade nova e independente. Esse é um dos aspectos inovadores da revisão.

Outro detalhe é que no hebraico “ouvido” está no singular. Isso é respeitado na antiga versão, bem como na Almeida Revista e Corrigida. Já na nova versão, seguindo outras

traduções contemporâneas, “ouvido” surge no plural — uma tendência à antropomorfização divina (entendendo que os seres humanos possuem o ouvido em par).

Por fim, a primeira versão trazia a frase final do excerto com uma ordem invertida: “De mim te aproximaste no dia em que te invoquei; disseste: Não temas.” Seguindo, mais uma vez, os princípios do projeto de revisão, houve um rearranjo sintático: “No dia em que te invoquei, chegaste perto de mim e disseste: ‘Não tenha medo.’” Observa-se também que, embora a poesia de lamentação esteja na segunda pessoa, quando Deus é quem se dirige ao ser humano, o tratamento usado é “você”.

Uma característica desse capítulo 3 do Livro das Lamentações de Jeremias é que ele é todo escrito de forma acróstica, assim como os capítulos 1, 2 e 4. Cada estrofe inicia com uma das letras do alfabeto hebraico. Quanto a isso, a comissão fez uma ponderação: “Será que podemos pensar numa forma de manter os acrósticos hebraicos aqui? (...) A Almeida 1819 traz ‘Aleph... beth... gimel...’ etc. antes do versículo. Interessante” (QM). Houve discussão do tema em equipe e estudaram-se diferentes formas de incorporar a forma de acróstico ao texto revisado. Na versão final, o texto de fato ficou, como se pode ver pelos excertos, com a indicação do acróstico por meio do nome hebraico, por extenso, das letras correspondentes a cada estrofe. O alfabeto hebraico, como é sabido, é composto por um número menor de letras em relação ao alfabeto latino. Por conta disso, não se tentou fazer um jogo na tradução ao português com as letras do alfabeto latino. Ao grafar o nome das letras hebraicas antes de cada estrofe, a intenção da comissão foi chamar a atenção do leitor para a forma do texto original.

6.2 Mesóclises

Gênesis 2.23

לְקַחָהּ זֶאת:	מֵאִישׁ	כִּי אִשָּׁה בְּי	זֶאת יִקְרָא	וּבֶשֶׁר מִבְּשָׁרִי	וְהָאָדָם הָאֵלֶּם עֲצָם מֵעֲצָמִי	וַיֹּאמֶר הָאָדָם זֶאת הָפַעַם	23
:luqôḥāh-zzo't	mē'is	kī 'iššāh	yiqqārē' lezo't	mibbašārî ūbāšār	mē'āšāmāy 'ešem happa'am	zo't hā'ādām wayyo'mer	
a.que.tomada.esta.	desde.homem	porque	mulher,	será.chamada	para.esta	dentre.a.minha.carne;	
				e.carne	dentre.os.meus.ossos	osso	a.vez,
						Esta.o.humano:	E.disse

Para essa segunda categoria, o primeiro exemplo está no capítulo 2 de Gênesis, em que Deus, assim que fez todas as coisas, criou a humanidade. Aqui essa criação é detalhada. Primeiro o texto conta que Deus formou o homem do pó da terra, soprou nele o fôlego de vida e o colocou em um Jardim chamado Éden. Depois, o texto afirma que Deus confiou a esse homem

a tarefa de dar nome a todos os animais. Foi então que o homem se deu conta de que não havia um ser que o complementasse. Deus, assim, o fez dormir profundamente, e de uma de suas costelas criou um outro ser, a mulher. No momento em que se dá conta da existência do feminino, de sua contraparte, o homem dá a esse novo ser um nome.

Revista e Atualizada (RA)

E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

E o homem disse:
“Esta, afinal, é osso dos meus ossos
e carne da minha carne;
será chamada varoa,
porque do varão foi tirada.”

Na *Nova Almeida Atualizada*, houve a adaptação da frase para eliminar a mesóclise. Em vez de “chamar-se-á”, optou-se por “será chamada”. Nesse caso, a maneira de resolver foi colocando o verbo “ser” no futuro, sucedido do particípio feminino do verbo chamar. Isso desfez a mesóclise e tornou o texto mais fluente e simples. Por outro lado, nesse mesmo excerto, já no início da frase, houve a opção por rearranjar a ordem sintática, a qual, segundo Berman, pode deformar o original.

Outro elemento que se destaca nesse excerto é a manutenção dos vocábulos “varão” e “varoa” na NAA. Embora soem um tanto estranhos, e possam ser considerados arcaísmos, por serem formas pouco usuais para se referir a “homem” e “mulher”, traduzem os vocábulos hebraicos *ísh* e *isháh*, respectivamente (os gêneros masculino e feminino da humanidade). Sobre isso, a estudiosa da Bíblia hebraica, Suzana Chwartz (2016, p. 129), afirma: “É ao se deparar com a mulher (*isháh*) que o homem reconhece a si próprio como *ísh* (homem), sendo estabelecido um vínculo de espelho entre ambos”. Imbuída dessa percepção, a comissão quis escolher palavras em português que possuíssem a mesma raiz e que se diferenciasssem apenas pela desinência nominal de gênero — trazendo a ideia de uma mesma origem ou essência (o vínculo de espelho). O uso de dois vocábulos totalmente distintos (“mulher” e “homem”) desfaria esse efeito do hebraico. Assim, a manutenção de um léxico aparentemente arcaico se justifica nesse contexto e se mostra coerente com o original, o que é um ganho para a revisão da Almeida.

Êxodo 4.9

Aqui, tem-se um texto do segundo livro da Torá, o Êxodo, em que Moisés recebe a incumbência divina de libertar o povo de Israel da escravidão e da dominação egípcia.

Revista e Atualizada (RA)

Se nem ainda crerem mediante estes sinais, nem te ouvirem a voz, tomarás das águas do rio e as derramarás na terra seca; e as águas que do rio **tomares tornar-se-ão** em sangue sobre a terra. (Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Se eles ainda não acreditarem mediante esses dois sinais, nem ouvirem o que você disser, pegue um pouco de água do rio e derrame na terra seca; e a água que você **pegou** do rio **se transformará** em sangue sobre a terra. (Grifos nossos)

Nessa passagem, observa-se que a mesóclise foi substituída pela próclise, adequada e possível aqui. Optou-se também por substituir a locução “tornar-se-ão em” por “se transformará em”. Outra substituição observável é a do verbo “tomar” por “pegar”. Isso se dá aqui porque “tomar”, sobretudo relacionado à água, pode sugerir ingerir, beber. E, nesse contexto, trata-se de água que foi recolhida do rio. Assim, “pegar” pareceu uma opção mais usual e de fácil entendimento.

A expressão “te ouvirem a voz” (RA) deu lugar a “ouvirem o que você disser”, embora a palavra “voz” esteja no hebraico. Não há perda de sentido, nem de imagem significativa, apesar da mudança. O que cabe questionar é: se não há grave perda ou mudança, tampouco, grande ganho na substituição, por que a revisão, então, não manteve a imagem da voz? Talvez, e essa é uma hipótese (uma vez que não houve registro de discussão quanto a essa mudança entre a equipe de revisão), tenha havido essa elipse e a substituição pela expressão “o que você disser” como forma de explicar que o que se ouviria era conteúdo racional, e não ruído, barulho ou som desprovido de sentido.

O próximo texto que será apresentado está no Novo Testamento, no Evangelho de Mateus, capítulo 7, versos 7 e 8. Essa mesma passagem aparece também no Evangelho sinóptico de Lucas (11.9-13) e em João (16.24). São palavras do próprio Jesus.

Mateus 7.7-8

Dentro do contexto do sermão das bem-aventuranças, Jesus diz:

Revista e Atualizada (RA)

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

— Peçam e lhes será dado; busquem e acharão; batam, e a porta será aberta para vocês. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, a porta será aberta.

Essa é uma passagem muito conhecida dos leitores de Almeida. Muitos hinos cristãos e canções evangélicas foram compostos com base na redação da RA: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á...” Portanto, não se poderia deixar de mencionar justamente esse texto, cuja mesóclise é tão familiar aos cristãos. Revisá-lo, assim, foi algo delicado.

Um primeiro achado da revisão foi o fato de os verbos traduzidos ao português por “achar e “encontrar”, presentes no excerto, serem o mesmo no grego. Trata-se da proliferação de sinônimos característica da RA. Se houvesse opção pela homogeneização do termo, seria necessário alterar também a redação de Lc 11.9. No entanto, “achar” e “encontrar” compartilham valor semântico, e, por considerar essa redação muito conhecida e cristalizada, não se viu prejuízo em ter esses verbos nesses contextos e, com isso, preservar a sonoridade do texto.

Por outro lado, as questões da substituição do “vós” por “vocês” e das mesóclises por formas mais usuais foram discutidas pela comissão e consideradas necessárias. Com essa reelaboração, houve uma modificação substancial na passagem. Por outro lado, o ganho está em torná-la mais natural: “Peçam e lhes será dado; busquem e acharão; batam, e a porta será aberta para vocês. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, a porta será aberta.”

Como se pode ver, houve a explicitação de um elemento ausente no texto grego e na versão RA: “e a porta será aberta para vocês”; “e, a quem bate, a porta será aberta”. A RA trazia “batei, e abrir-se-vos-á”; “e, a quem bate, abrir-se-lhe-á”. Com a mudança da mesóclise, fica a dúvida: o que será aberto? Supõe-se que, ao bater e esperar que algo se abra, esse algo seja uma porta (ou portão, ou algo que permita a entrada). Essa explicitação de elementos pode ser considerada, por Berman, uma deformação introduzida pelos tradutores e revisores, que teve o objetivo de clarificar algo que no original estava obscuro. A redação final ficou, de fato, explicitante.

6.3 Arcaísmos e expressões pouco usuais

Isaías 33.23-24

A primeira passagem bíblica na categoria de arcaísmos e expressões pouco usuais foi extraída do Livro de Isaías, um dos profetas mais importantes da Bíblia, que desempenhou seu ministério numa época de muito conflito, violência e hostilidade em Israel (o Reino do Norte).

É importante destacar que a literatura profética, um gênero muito especial na Bíblia, tematiza a escatologia, mesclada com inúmeras metáforas, analogias e visões quanto ao juízo de Deus às nações. Assim, esse é um livro marcado pela expressividade e pela alternância de bênçãos e maldições. As bênçãos futuras são decorrentes do cumprimento da aliança e das leis de Deus; as maldições são fruto da desobediência e consequência do pecado dos povos — sobretudo a idolatria.

Revista e Atualizada (RA)

Agora, as tuas **enxárcias** estão frouxas; não podem ter firme o mastro, nem estender a vela. Então, se repartirá a presa de abundantes despojos; até os coxos participarão dela. Nenhum morador de Jerusalém dirá: Estou doente; porque ao povo que habita nela, perdoar-se-lhe-á a sua **iniquidade**. (Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Agora as suas **cordas** estão frouxas;
não permitem firmar o mastro,
nem estender a vela.
Então se repartirá a presa de muitos despojos;
até os coxos participarão dela.
Nenhum morador de Jerusalém dirá: “Estou
[doente];
o povo que habita nela terá o seu **pecado**
[perdoado].
(Grifos nossos)

O capítulo 33, em que se encontra esse versículo, conclui uma seção que se inicia no cap. 28. A linguagem desse conjunto de capítulos lembra uma ordem de culto: (a) um pedido de proteção (vs. 2-4); (b) um hino de louvor (vs. 5-6); (c) um lamento (vs. 7-9); (d) uma mensagem para os povos (vs. 10-13) e para os pecadores (vs. 14-16); e (e) uma mensagem de esperança para o povo de Deus (vs. 17-24). Portanto, os vs. 23-24 estão inseridos num contexto de promessa de esperança.

O elemento principal identificável nessa passagem, além da disposição textual, que na NAA é a de poesia, é a substituição dos vocábulos “iniquidade” por “pecado” e “enxárcias” por “cordas”, uma palavra de uso comum. Para essa última mudança, foi necessária pesquisa a fim de entender o significado de “enxárcias” e o termo hebraico a que se refere.

Em primeiro lugar, trata-se da palavra hebraica **חֶבְלֵי**, cuja raiz tem sentido, explicado por James Strong em seu *Léxico hebraico, aramaico e grego* (2002; 2005), de “corda”, “cordão”, “linha de medir”, e, ainda, “território”, “faixa”, “companhia”, “dor”, “tristeza”, “dores de parto”, “pontada”, “união” e “destruição”. Vemos uma amplitude semântica, embora a temática do excerto seja náutica, com elementos como mastro, vela etc. Assim, no contexto das bênçãos futuras, trata-se de uma linguagem metafórica, que aponta para a restauração de Israel.

Quanto à palavra portuguesa “enxárcia”, segundo o dicionário Aulete, significa: “Nas embarcações a vela, conjunto dos cabos fixos que sustentam os mastros e mastaréus e dão acesso às vergas.” Segundo o Houaiss, provém do grego *exártia*, plural de *exártion*, “cabo” ou “corda”. O uso desse verbete para traduzir o termo hebraico poderia ser uma forma que os revisores de 1959 encontraram de mostrar a raridade da palavra no idioma de partida, embora, ao que parece, “enxárcia” tenha dificultado muito a compreensão (talvez se pudesse usar palavras alternativas, como “cabo” ou “amarra”).

Provavelmente, a equipe revisora da Almeida Atualizada pesquisou o termo e o encontrou na Tradução Brasileira da Bíblia, de 1917, que traz: “As tuas enxárcias estão afrouxadas...”, ou na literatura portuguesa, em textos como de Camões:

Assim dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indómitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miúda **enxárcia** assoviando.
(CAMÕES, *Lusíadas*, Cant. 6, Est. 84, grifo nosso)

A Almeida Revista e Corrigida, texto anterior à Atualizada, trazia “cordas” em vez de “enxárcias”. Além disso, nenhuma outra tradução, em língua portuguesa, além da Tradução Brasileira, traz o arcaísmo da Atualizada.

Algo curioso é que a palavra no hebraico é empregada também no v. 20 desse capítulo de Isaías, mas, nele, a Almeida *Revista e Atualizada* usa a palavra “cordas”: “Olha para Sião, a cidade das nossas solenidades; os teus olhos verão a Jerusalém, habitação tranquila, tenda que não será removida, cujas estacas nunca serão arrancadas, nem rebentada nenhuma de suas cordas.” Na Nova Almeida Atualizada, com a mudança, observa-se uma maior consistência na tradução de um mesmo verbete, ainda que haja uma perda de especificidade, já que o termo “corda”, muito mais genérico, designa vários tipos desse objeto (usado de diferentes formas). A enxárcia é especificamente uma corda náutica. Assim, do ponto de vista bermaniano, seria possível argumentar quanto à existência da tendência de empobrecimento qualitativo. Porém o que se observa aqui é que a RA incorreu na tendência denominada “enobrecimento”, uma vez que elevou o léxico, utilizando um verbete ultraespecializado na língua de chegada, difícil para qualquer leitor médio ou pouco familiarizado com o contexto da navegação, e diferente da palavra com que traduziu o mesmo verbete do hebraico dentro da mesma seção (v. 20). Sob esse ponto de vista, houve a correção de uma tendência deformadora observada anteriormente, com a adequação do texto ao original.

2Samuel 3.6-8

Essa passagem pertence ao Segundo Livro do profeta Samuel, capítulo 3, versos 6 a 8. Esse livro está no conjunto de textos bíblicos chamados “históricos”. Seu tema principal é a vida e o reinado de Davi, o maior rei de Israel. No entanto, antes de Davi reinar, ungido pelo próprio Deus por meio do profeta, quem está no poder é o rei Saul e, depois da morte dele, Isbosete, seu filho.

6 וַיְהִי בַּחַיּוֹת הַמִּלְחָמָה בֵּין בֵּית שָׁאוּל וּבֵין בֵּית דָּוִד וְאַבְנֵר הָיָה מִתְחַזֵּק בְּבֵית שָׁאוּל:
 :ša'ul bəbēt mīṭḥazzēq hāyāh wə'abnēr dāwid bēt ūbēn ša'ul bēt bēn hammillḥāmāh biḥyōt wayhī
 Saul, na casa de o, que se mostrou forte se tornou e Abner Davi; a casa de e entre Saul a casa de e entre a guerra, em haver E houve

7 וּלְשָׁאוּל פִּלְגֶשֶׁת וְשִׁמְהָ רִצְפָּה בַת-אֵיָּהּ וַיֹּאמֶר אֶל-אַבְנֵר מְדוּעַ בָּאתָה אֶל-פִּילְגֶשֶׁת אָבִי:
 :'abiy 'el-pīlegeš ba'tāh maddūa' 'el-'abnēr wayyo'mer bat-'ayyāh rišpāh ūšmāh pīlegeš ūlšā'ul
 o.meu.pai? para a concubina de entraste Por que a Abner: e disse a filha de Aiá; Rispa, e o nome dela concubina, E para Saul

8 וַיַּחַר לְאַבְנֵר מְאֹד עַל-דִּבְרֵי אִישׁ-בִּשְׁתִּי וַיֹּאמֶר הָרֹאשׁ כָּלֵב אֲנֹכִי אֲשֶׁר לִיהוּדָה הַיּוֹם
 hayyôm lihūdāh 'āšer 'ānokī keleb hāro'š wayyo'mer 'iš-bošet 'al-dibrē mē'od la'abnēr wayyiḥar
 Hoje de Judá? que eu, cão Acaso cabeça de e disse: Isbosete, por causa das palavras de muito para Abner Então, se inflamou

אֲנִישָׁה חֹסֵד עִם-בֵּיתִי שָׁאוּל אָבִיךָ אֶל-אֶחָיו וְאֶל-מִרְעֻהוֹ וְלֹא הִמְצִיתָךְ בְּיַד-דָּוִד וְתִפְקֹד עָלַי
 'alay wattipqod bayad-dāwid himšitikā wəlo' wə'el-mērē'ehū 'el-'ehāyw 'abikā ša'ul 'im-bēt 'e'ešeh-ḥesed
 contra mim mas verificas na mão de Davi; te expus e não e ao amigo íntimo dele, aos irmãos dele, o teu pai, Saul, com a casa de faço benevolência

עֹן הָאִשָּׁה הַיּוֹם:
 :hayyôm ha'iššāh 'āwīn
 hoje? a mulher o delito de

Nesse excerto, o personagem de nome Abner, primo do rei Saul e capitão do exército (por conseguinte, defensor da casa de Saul), embora soubesse que Davi tinha sido ungido por Deus para ser rei de Israel, proclama Isbosete sucessor de Saul. No entanto, aqui há um evidente desentendimento entre Abner e Isbosete. Abner tem relações sexuais com Rispa, uma das concubinas de Saul, e isso é considerado por Isbosete como uma traição à memória do rei falecido. Quando confrontado, Abner responde que se fosse tão vil quanto Isbosete dizia, não teria apoiado nem servido a casa de Saul de forma tão fiel por tanto tempo.

Revista e Atualizada (RA)

Havendo guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi, Abner se fez poderoso na casa de Saul. Teve Saul uma concubina, cujo nome era Rispa, filha de Aiá. Perguntou Isbosete a Abner: Por que **coabitaste** com a concubina de meu pai? Então, se irou muito Abner por causa das palavras de Isbosete e disse: Sou eu **cabeça de cão** para Judá? Ainda hoje faço **beneficência** à casa de

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Enquanto durou a guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi, Abner se tornava cada vez mais poderoso na casa de Saul.

Saul teve uma concubina chamada Rispa, filha de Aiá. Isbosete perguntou a Abner:

— Por que você **teve relações** com a concubina de meu pai?

Saul, teu pai, a seus irmãos e a seus amigos e te não entreguei nas mãos de Davi? Contudo, me queres, hoje, culpar por causa desta mulher. (Grifos nossos)

Abner ficou indignado com as palavras de Isbosete e disse:

— Sou eu **um cão a serviço de Judá**? Ainda hoje **sou fiel** à casa de Saul, seu pai, e aos irmãos e amigos dele e não entreguei você nas mãos de Davi. No entanto, hoje você quer me culpar por causa dessa mulher! (Grifos nossos)

Nessa passagem, talvez a primeira questão que salte à vista seja a estrutura. Como em outros excertos já apresentados, enquanto a RA traz um texto bloqueado, a NAA organiza o texto em parágrafos e travessões marcando o diálogo. Isso alonga o texto revisado.

No que diz respeito a arcaísmos, a atenção se volta ao verbo “coabitar”. Esse é um verbo particularmente especial por se tratar ao mesmo tempo de uma palavra pouco usual e de uma expressão utilizada em muitas igrejas, sobretudo as mais tradicionais, para se referir de forma mais suave ou eufemística ao ato sexual. Muitos pastores, ao pregar nos púlpitos das igrejas, usam esse verbo para evitar expressões mais diretas. Na RA, esse verbo aparece em 26 passagens, dentre as quais o texto icônico da concepção de Jesus: “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo” (Mt 1.18).

Mesmo sabendo do uso que alguns pastores e comunidades evangélicas fazem desse verbo, e da familiaridade que possuem com esse léxico particular, a comissão entendeu que se trata de uma expressão incomum em nossos dias, pouco conhecida e pouco empregada fora do âmbito de certas igrejas, e fez a substituição pela expressão “teve relações”. Pareceu a decisão mais acertada, uma vez que “ter relações” tampouco é uma forma que possa ser considerada grosseira de se referir ao sexo entre duas pessoas, o que respeita a leitura piedosa do texto, mas, ao mesmo tempo, atualiza sua linguagem.

Outro elemento arcaico, porém conhecido das igrejas, presente no texto é o substantivo “beneficência”. O hebraico traz *’e ‘ēšeh-ḥesed*, que também pode ser traduzido como “faço benevolência”. Na revisão, a comissão decidiu por uma redação mais atual, mudando o substantivo por uma expressão: “sou fiel”. *Hesed*, na Bíblia hebraica, aparece mais de duzentas e cinquenta vezes e é um conceito importante. A revisão acabou por simplificá-lo, a fim de facilitar seu entendimento.

O último ponto é a expressão “cabeça de cão”. Para leitores atuais, talvez ela soe um pouco obscura. “Sou eu cabeça de cão...?” traduz literalmente o hebraico. Para compreender o sentido presente aqui, é preciso refletir sobre o significado do cão ou cachorro na Bíblia.

A palavra hebraica para cão é *keleb*, כֶּלֶב. Ela aparece 31 vezes em passagens como Êx 11.7; 22.30; Jz 7.5; 1Sm 17.43; 24.15; 2Sm 3.8; 9.8; 16.9; 1Rs 14.11; 16.4; 21.19,19,23-24; 22.38; 2Rs 8.13; Sl 68.24; Pv 26.17; Ec 9.4; Is 56.10-11; Jr 15.3. De algumas dessas passagens, pode-se depreender que a visão bíblica sobre o cachorro era negativa. Talvez o fato de os cães mexerem no lixo e a associação da figura desses animais a alguns deuses egípcios fez com que os hebreus os vissem como animais impuros. Referir-se a alguém como cão, portanto, era algo muito desrespeitoso.

Uma conotação adicional associada com os cachorros era a perversão ou promiscuidade sexual. Essa conotação nasce provavelmente do fato de os cães no cio nem sempre diferenciarem os sexos quando se trata de copular, além de copularem com vários cães. Em Ap 22.15, por exemplo, a expressão parece se referir a pervertidos sexuais ou pessoas promíscuas.

No caso de 2Sm 3.8, a expressão “cabeça de cão”, para alguns comentaristas, é uma referência à máscara sagrada com cara de cachorro que os sacerdotes egípcios do deus Anúbis usavam, e, com isso, o personagem quis dizer algo como uma pessoa falsa ou infiel. Outros comentaristas defendem que a expressão se refere à promiscuidade sexual, e que, portanto, significa algo como “homem luxurioso de Judá”. Pelo contexto, ambas as interpretações são possíveis, e é provável que a imagem da cabeça de cão inclua as duas conotações, e a frase signifique algo como “traidor luxurioso”.

A redação final da NAA revisada ficou assim: “Sou eu um cão a serviço de Judá?” A metáfora do cão se manteve, e a ideia de “a serviço de” pareceu expressar bem a noção de alguém traidor, falso, que está trabalhando em prol de Judá.

Jeremias 4.31

Aqui há um caso diferente. Em vez de um léxico próximo dos leitores tradicionais, encontram-se vocábulos muito provavelmente pouco conhecidos para a maioria dos leitores brasileiros: “Pois ouço uma voz, como de **parturiente**, uma angústia como da **primípara** em suas dores; a voz da filha de Sião, ofegante, que estende as mãos, dizendo: Ai de mim agora! Porque a minha alma desfalece por causa dos assassinos” (grifos nossos). Numa imagem forte e poética, vemos uma mulher, em meio a dores de parto, angustiada, simbolizando o povo de Deus agonizando e sofrendo, sem forças, diante de seus inimigos.

“Parturiente” é a mulher (ou fêmea) em processo de dar à luz, ou aquela que acabou de fazê-lo. Certamente, essa é uma palavra conhecida no contexto médico, sobretudo na área

obstétrica. Bastante específica, foi a opção da comissão de 1959 para traduzir a ideia de uma mulher gritando, em trabalho de parto. Depois, há a palavra “primípara”, que traduz o hebraico *פְּרִמִּיפָרָה*. A raiz dessa palavra só aparece quatro vezes em toda a Bíblia hebraica, em Lv 27.2, Dt 21.1, Ez 47.1 e na passagem de Jeremias, apresentada aqui. Trata-se especificamente da mulher que tem o seu primeiro filho.

Nesse texto, a NAA traz: “Porque ouço um grito como de **parturiente**, uma angústia como da **mulher que está dando à luz o seu primeiro filho**” (grifos nossos). Na continuação, o texto mantém uma redação similar à anterior: “É o grito da filha de Sião, ofegante, que estende as mãos, dizendo: ‘Ai de mim agora! Porque a minha alma desfalece diante dos assassinos.’” Observa-se a manutenção do vocábulo especializado “parturiente”, mas uma substituição do termo primípara por uma explicação: “mulher que está dando à luz o seu primeiro filho”. Embora tenha havido um alongamento em relação ao texto da RA, a revisão condiz com a expressão hebraica e o entendimento se mantém.

Outros exemplos

Há muitos outros exemplos de arcaísmos e expressões pouco usuais na RA. Podemos citar alguns deles com suas respectivas atualizações na NAA:

Referência	RA	NAA
Sl 106.21	“portentosas”	“grandiosas”
Hb 13.11	“oblação”	“sacrifício”
Sl 45.13	“vestidura... recamada”	“vestidos... enfeitados”
Jr 48.29	“sobranceria”	“ vaidade”
1Sm 4.13	“prorrompeu em gritos”	“começou a gritar”
At 23.10	“celeuma”	“discussão”
Jó 15.2	“ilhargas”	“cintura” (ou “costas”, em outra passagem)
Sl 68.13	“brilho flavo do ouro”	“brilho do ouro puro”
Lv 13.49	“esverdinhada”	“esverdeada”
Pv 20.29	“ornato”	“glória”
At 26.14	“recalcitrares”	“ficar dando coices”

Sl 10.9	“na sua rede, o enleia”	“o arrasta com a sua rede”
Jó 11.2	“palavrório”	“todas essas palavras”
Pv 21.19	“iracunda”	“geniosa”
Jó 11.3	“parolas”	“palavreado”
Ez 31.10	“se exalçou”	“ficou orgulhoso”
Ef 5.15	“néscios”	“tolos”
Jr 48.12	“trasfegadores”	“derramadores”
Lc 8.23	“soçobrar”	tem o sentido de o barco virar, mas na NAA foi omitido
Dn 8.4	“marradas”	“chifradas”
Is 10.30	“estrídulo”	“grite bem alto”
Sl 73.4	“nédio”	“forte”
Lm 5.1	“opróbrio”	“desgraça” nesse contexto; “de- boche”, em outros, como Ez 5.15
Os 10.12	“pousio”	“(campo) não cultivado”
Ez 5.15	“escarmento”	“exemplo de castigo”
Pv 21.9	“rixosa”	“briguenta”
Jn 4.5	“enramada”	“abrigo”
Sl 73.10	“sorvos”	“bebe com avidez”
Hb 13.13	“vitupério”	“desonra”
Pv 20.29	“cãs”	“cabelo branco”
At 23.9	“vozearia”	“gritaria”
Ef 5.4	“chocarrices”	“coisas indecentes”
Lc 16.8	“atiladamente”	“esperteza”
Na 2.10	“vacuidade”	“vazio”
Pv 16.15	“serôdia”	“(chuva) fora de época”
Is 24.4	“enlanguescem”	“enfraquecem”
Jr 50.36	“gabarolas”	“adivinhos”
2Rs 4.24	“albardar”	“preparar (a jumenta)”
Jó 15.27	“enxúndia”	“gordura que se acumulou”
Pv 26.14	“gonzos”	“dobradiças”

Sl 54	“homiziado”	“escondido”
Is 57.4	“chasqueais”	“estão zombando”
Sl 55.8	“procela”	“tempestade”
Is 22.2	“estrepitosa”	“barulhenta”
At 7.24	“rilhavam”	“rangiam (os dentes)”
2Tm 3.4	“enfatuados”	“convencidos”
Sl 15.4	“réprobo”	“o que merece reprovação”
2Rs 7.12	“esfaimados”	“famintos”
Jl 2.23	“temporã”	“as primeiras (chuvas)”
Jó 38.41	“pintainhos”	“filhotes”
Ct 3.11	“desposório”	“casamento”
Is 8.19	“chilreiam”	“sussurram”
Sl 42.7	“catadupas”	“cachoeiras”
Ap 2.15	“outrossim”	“além disso”
Ob 1.17	“herdades”	“heranças”

Essa lista tem o objetivo de apenas citar, sem pormenorizar, alguns casos de arcaísmos e expressões pouco usadas em nossos dias, a fim de dar alguma dimensão do trabalho de atualização da linguagem realizado na comissão. Algo a se notar é que não houve simples substituição de palavras por seus sinônimos mais atuais. Houve releitura das passagens bíblicas, e as escolhas dependeram muito do contexto e do texto original. Por isso, a tabela acima não é uma tabela de sinônimos, mas de substituições.

A maior parte das mudanças feitas ficou a cargo do revisor Vilson Scholz, que se preocupou em manter a sonoridade de Almeida, uma tarefa desafiadora e, ao mesmo tempo, difícil em relação aos leitores. Isso porque, como afirmado anteriormente, certas mudanças desagradam algumas igrejas ou denominações cristãs que se acostumaram com a linguagem mais antiga.

Em alguns textos, arcaísmos foram mantidos, ou por respeito a uma redação muito tradicional, ou porque seu sentido é bem-conhecido. É o caso de Is 52.13, um texto que retrata o Servo Sofredor, um protótipo do Messias: “Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado, e será **mui** sublime” (grifo nosso). “Mui”, segundo o Houaiss, é um advérbio, o mesmo que “muito”, e é empregado com restrições, já que adquire conotação irônica, pedante, pouco atual etc. Na *Nova Almeida Atualizada*, esse verbete aparece apenas oito vezes,

em geral na literatura poética ou em textos expressivos. Na RA, o “mui” aparecia 108 vezes. Houve uma grande atualização desse arcaísmo, embora ele não tenha desaparecido na revisão.

Outro exemplo é o verbete “novas” como substantivo. Embora não seja usual, foi mantido em Gn 29.13: “Quando Labão ouviu as novas de Jacó, filho de sua irmã, correu ao encontro dele, abraçou-o, beijou-o e o levou para casa.” Aqui, ele poderia ter sido substituído por algo como “notícias sobre Jacó” ou “novidades a respeito de Jacó”. Esse foi o único caso em que essa palavra, nesse sentido, se manteve assim.

6.4 Termos conhecidos ou teológicos

Salmo 35.1 (peleja, contenda)

Para esse texto, a Almeida *Revista e Atualizada* trazia a seguinte redação: “**Contende**, SENHOR, com os que contendem comigo; **peleja** contra os que contra mim pelejam” (grifos nossos). Esse exemplo é singular por trazer dois vocábulos pouco usuais no português brasileiro contemporâneo, mas bastante especiais no contexto das igrejas protestantes. Trata-se dos verbos “contender” e “pelejar”, pouco empregados pelos falantes de hoje, porém, parte do vocabulário próprio de algumas igrejas evangélicas, principalmente pentecostais.

Sabe-se que, embora tenham deixado de ser usados na norma geral do português padrão, muitos arcaísmos sobrevivem em determinados dialetos e variantes. Alguns exemplos paradigmáticos são a linguagem jurídica, variantes regionais e a fala de interlocutores mais velhos. Acrescente-se a essa lista a linguagem de algumas igrejas evangélicas, cuja característica é a incorporação desse léxico bíblico considerado antigo e difícil à enunciação entre os membros da igreja.

Muito provavelmente por lerem traduções bíblicas mais tradicionais, os protestantes dessas igrejas têm contato contínuo com certos arcaísmos, os quais passam a fazer parte do vocabulário comum desses falantes. Não é estranho, por exemplo, numa conversa informal entre alguns evangélicos, o emprego de “peleja” para referir-se às lutas cotidianas das pessoas, ou “contenda” como sinônimo de conflitos entre pessoas. Outros vocábulos bíblicos que passaram a fazer parte do cotidiano desses falantes são “fariseu”, para designar uma pessoa que tenha o costume de julgar os outros, ou cuja atitude não seja condizente com sua fé, “vaso”, para homem temente e usado por Deus, “misericórdia” como interjeição, expressão de espanto, “varão” e “varoa” para designar homem e mulher de Deus, “levita” para se referir aos músicos da igreja,

“tribulação” como sinônimo de “momento difícil”, “sobejar” para a ideia de ter fartura, entre outros.

Houve cuidado com a atualização dessas expressões e palavras na NAA, embora, em geral, diante dos objetivos dessa revisão, se tenha optado por substituí-las. Isso porque a revisão foi pensada levando em grande consideração novos leitores, além de jovens e pessoas pouco familiarizadas com a Bíblia. Talvez essa opção possa desagradar leitores mais tradicionais. Porém, foi uma decisão acordada com as igrejas. No caso do versículo comentado, na *Nova Almeida Atualizada*, o texto ficou assim: “Ó SENHOR, **defende a minha causa** contra os que **me acusam**; **luta** contra aqueles que **me atacam**” (grifos nossos).

Na revisão, observa-se uma reelaboração do versículo, com a atualização do léxico. Embora a redação tenha ficado clara, e muito provavelmente jovens e leitores atuais se sintam identificados ou mais próximos a esse texto, há uma mudança de tom (de “pelejar” para “defender a causa”), além do uso de verbos e expressões diferentes para aquilo que no hebraico se trata de uma mesma raiz. A forma do texto anterior trazia algo mais próximo da sonoridade do original, cuja aliteração é evidente com a repetição dos verbos. A NAA, ao optar por uma construção mais contemporânea, desfez esse efeito.

Atos 10.34-35 (acepção de pessoas)

Esse é um texto muito especial para as igrejas cristãs. Trata-se de uma das passagens bíblicas que afirmam que “Deus não faz acepção de pessoas”, ou seja, que ele não favorece nenhuma pessoa ou povo, mas trata a todos de forma igual.

“Acepção de pessoas”, segundo o Houaiss, é “escolha, predileção por alguém; inclinação, tendência em favor de pessoa(s) por sua classe social, privilégios, títulos etc.” Embora não seja uma palavra muito usada com esse sentido na variante brasileira do português de hoje, as igrejas conhecem muito bem essa expressão e a empregam em seu cotidiano eclesialístico, sobretudo em pregações e ensinamentos.

Quando se revisou esse texto, e também passagens como Ef 6.9, surgiu a questão da mudança ou permanência da expressão “acepção de pessoas”. Isso porque, mesmo que as igrejas a conheçam, ela poderia ser simplificada ou atualizada para um público menos familiarizado com o dialeto das igrejas. Pensando, portanto, em novos leitores, provavelmente jovens e não cristãos, decidiu-se mudar a expressão. Buscou-se uma palavra ou ideia que favorecesse o entendimento.

Depois de pesquisa e reflexão sobre os contextos em que a expressão “acepção de pessoas” é empregada na RA, houve a decisão pela palavra “parcialidade”. Na RA ela aparecia em nove passagens, e foi revisada assim:

Referência bíblica	Almeida Revista e Atualizada	Nova Almeida Atualizada
Dt 16.19	Não torcerás a justiça, não farás acepção de pessoas...	Vocês não devem torcer a justiça, não devem tratar as pessoas com parcialidade...
Jó 32.21	Não farei acepção de pessoas...	Não tratarei nenhum de vocês com parcialidade...
At 10.34	Deus não faz acepção de pessoas...	Deus não trata as pessoas com parcialidade...
Rm 2.11	Porque para com Deus não há acepção de pessoas...	Porque Deus não trata as pessoas com parcialidade...
Ef 6.9	... o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas...	... o Senhor, tanto deles como de vocês, está nos céus, e que ele não trata as pessoas com parcialidade...
Cl 3.25	... pois aquele que faz injustiça receberá em troca a injustiça feita; e nisto não há acepção de pessoas...	... E quem fizer injustiça receberá em troca a injustiça feita. E nisto ninguém será tratado com parcialidade...
Tg 2.1	... não tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas...	... vocês não podem ter fé em nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória, e ao mesmo tempo tratar as pessoas com parcialidade...
Tg 2.9	... se, todavia, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado...	Se, no entanto, vocês tratam as pessoas com parcialidade, cometem pecado...

1Pe 1.17

... aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um...

... aquele que, sem parcialidade, julga segundo as obras de cada um...

“Parcialidade” tem a ver com tomar partido a favor ou contra uma pessoa, sem se importar com o que é justo. No momento de revisar, pareceu uma solução adequada para os casos em que a expressão surge, uma vez que contrasta com a justiça de Deus, que trata a todos de forma igual.

Levítico 16.16-17 (propiciação, transgressão, expiação)

Essa passagem bíblica está em Levítico, o terceiro livro da Torá. David Damrosch, em seu artigo para o livro *Guia Literário da Bíblia* (1997), de Alter e Kermode, explica que

Levítico é de grande interesse literário em si mesmo, como a mais plena expressão do esforço pentatêutico de não apenas estabelecer a lei dentro de um contexto narrativo, mas realmente de subordinar a narrativa a uma ordem simbólica mais ampla. Um olhar atento às leis mostra como foi possível para os escritores sacerdotais entremear lei e história tão facilmente: em suas mãos, a própria lei assume qualidades narrativas. Em vez de uma oposição estéril entre lei e narrativa, o texto mostra uma interação complexa, mas harmoniosa, entre duas *formas* de narrativa. (...) Ao atingir essa união, o Levítico tipifica um movimento central em muitas partes da Bíblia: o uso de técnicas profundamente literárias para fins, em última instância, não literários. (DAMROSH, 1997, p. 80, grifo do autor)

Portanto, embora realmente se trate de legislação na Bíblia, o Levítico é uma amostra interessante e relevante para os estudos bíblicos. Os conceitos contidos ali, muitas vezes, serão recuperados e ressignificados na literatura posterior, sobretudo no NT, como é o caso de “propiciação”.

Em hebraico, o texto de Lv 16.16-17 é assim:

16 וְכִפֶּר עַל-הַקֹּדֶשׁ מִטְּמֵאֹת בְּנֵי יִשְׂרָאֵל וּמִפִּשְׁעֵיהֶם לְכָל-חַטָּאתָם וְכֵן יַעֲשֶׂה לְאֹהֶל
 lə'ohel ya'áseh wəkēn ləkāl-ḥaṭṭō'tām ūmippiš'êhem yiśrā'el bānē miṭṭum'ot 'al-haqqodeš wəkipper
 por.tenda.de fará e.assim por.todas.as.transgressões.deles; e.pelos.crimes.deles Israel, os.filhos.de as.impurezas.de pelo.lugar.sagrado E.expiará
 מוֹעֵד הַשָּׁכֵן אֹתָם בְּתוֹךְ טְמֵאֹתָם:
 :ṭum'otām bəṭōkə 'ittām haššokēn mō'ed
 as.impurezas.deles. no.meio.de com.eles o.que.reside encontro,
 17 וְכָל-אָדָם לֹא-יֵהְיֶה בְּאֹהֶל מוֹעֵד בְּבֹאֵי לְכַפֵּר בְּקֹדֶשׁ עַד-צֵאתוֹ וְכִפֶּר בְּעָדוֹ וּבְעָד
 ūb'ad ba'ādō wəkipper 'ad-še'tō baqqodeš ləkappēr babō'ō mō'ed bə'ohel | lo'-yihyeh wəkāl-'adām
 e.em.favor.de em.favor.dele, e.expiará até.o.sair.dele; no.lugar.sagrado para.expiar no.entrar.dele encontro em.tenda.de não.estará E.todo.humano
 בֵּיתוֹ וּבְעָד כָּל-קָהָל יִשְׂרָאֵל:
 :yiśrā'el kāl-qahal ūb'ad bêtō
 Israel. toda.a.congregação.de e.em.favor.de a.casa.dele,

Nesse excerto, há pelo menos três conceitos bíblicos importantes: “expição”, “transgressão” e “propiciação”. O primeiro, “expição”, é muito recorrente na Bíblia hebraica. Surge, na sua forma de substantivo, 84 vezes no texto da RA. Trata-se do “ato mediante o qual os pecadores são reconciliados com Deus — pela eliminação do pecado, que faz separação entre Deus e os pecadores”⁶².

O “Dia da Expição”, por sua vez, era o grande dia do arrependimento nacional entre os filhos de Israel. Era um jejum anual, quando o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos para fazer sacrifícios pelos pecados do povo. Os sacrifícios oferecidos nesse dia purificavam a nação inteira — até mesmo das transgressões inconscientes ou involuntárias (Lv 4.2). Os preceitos para essa manifestação de dor e humilhação conjunta estão descritos no cap. 16 do Livro de Levítico.

A noção de “transgressão”, por fim, reflete a inobservância dos preceitos divinos expressos na Torá, ou seja, a quebra da aliança com Deus. Significa não cumprir os termos do pacto do povo com YHWH, seus mandamentos éticos.

Quanto a “propiciação”, a definição mais simples é o ato ou efeito de propiciar algo a alguém. Em termos religiosos ou espirituais, trata-se da ação ou do próprio ritual com que se procura agradar uma divindade, uma força sobrenatural ou da natureza para conseguir seu perdão, seu favor ou sua boa vontade. Em alguns contextos, é o sacrifício ou a oferenda que se faz para aplacar a ira do divino. Essa é a acepção, por exemplo, do Houaiss.

A inovação que o Novo Testamento traz, em termos do uso dessa palavra, é a associação dela com Jesus: ele é a propiciação enviada por Deus. A propiciação se personifica em Jesus. Ou seja, há notoriamente uma inversão: em vez de os seres humanos sacrificarem algo em oferta

⁶² Cf. <http://biblia.com.br/dicionario-biblico/>.

a uma divindade, a própria divindade oferece um sacrifício em favor dos seres humanos — não para agradá-los, mas para salvá-los. Trata-se da misericórdia e do amor de Deus em sua expressão maior. É o que texto bíblico explica:

Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. (1Jo 4.9-10, NAA)

Outra forma de entender é que a propiciação requerida pela justiça de Deus é manifestada em Cristo Jesus pela misericórdia do próprio Deus. O que Deus requer do povo, ele mesmo realiza por meio de Jesus.

Na RA, o termo “propiciação” aparece nos textos seis vezes (Êx 32.30, Lv 16.17, Rm 3.25, Hb 2.17, 1Jo 2.2 e 1Jo 4.10), três das quais referindo-se a Jesus. Na NAA, o termo se manteve em todas elas. Apenas em 1Jo 1.4 houve uma retificação. É possível observar que “propiciação”, na RA, constava no subtítulo da perícopes. Isso foi revisado na NAA e essa menção a “propiciação” foi tirada, já que a palavra não se encontra naquele excerto.

“Expição”, termo empregado em muitas passagens da Bíblia, da mesma forma, se manteve, já que reflete uma prática e um conceito importante na Bíblia. Por fim, “transgressão” foi outro conceito que permaneceu no texto depois da revisão:

Revista e Atualizada (RA)

Assim, fará **expição** pelo santuário por causa das impurezas dos filhos de Israel, e das suas **transgressões**, e de todos os seus pecados. Da mesma sorte, fará pela tenda da congregação, que está com eles no meio das suas impurezas. Nenhum homem estará na tenda da congregação quando ele entrar para fazer **propiciação** no santuário, até que ele saia depois de feita a expiação por si mesmo, e pela sua casa, e por toda a congregação de Israel. (Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Assim, fará **expição** pelo santuário por causa das impurezas dos filhos de Israel e por causa das suas **transgressões** e de todos os seus pecados. Fará o mesmo pela tenda do encontro, que está com eles no meio das suas impurezas. Ninguém poderá estar na tenda do encontro quando Arão entrar para fazer **propiciação** no santuário, até que ele saia depois de feita a expiação por si mesmo, pela sua casa e por toda a congregação de Israel. (Grifos nossos)

Efésios 1.3-14 (predestinar, redenção, dispensação)

Esse excerto bíblico foi extraído de uma passagem do Novo Testamento, especificamente da Carta do apóstolo Paulo aos Efésios. A igreja de Éfeso foi fundada por Paulo por ocasião da sua primeira visita à cidade, durante a segunda viagem missionária (At.18.19). Já

em sua terceira viagem missionária, o apóstolo passou quase três anos ali (At 19.1—20.1), e Éfeso se tornou um importante centro do trabalho cristão na província romana da Ásia.

Essa Carta foi escrita quando Paulo estava preso (Ef 4.1). O assunto principal é o plano de Deus de “fazer convergir em Cristo, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra” (1.10). A epístola não trata de nenhum problema particular dos leitores, mas fala de um modo geral a respeito da Igreja e da vida cristã. E, ao contrário do que acontece nas outras epístolas, no fim dessa não aparece nenhuma saudação pessoal, pois é bem possível que ela tenha sido escrita não somente para os cristãos de Éfeso, mas também para os de outros lugares. A falta da frase “da cidade de Éfeso” (1.1) em alguns dos melhores manuscritos gregos também indica essa possibilidade.

Na primeira parte da epístola (caps. 1—3), o apóstolo fala de como os cristãos são um só povo por causa da morte de Cristo na cruz e também de como o Espírito Santo lhes dá o poder de viverem sempre unidos uns com os outros. Na segunda parte (caps. 4—6), ele fala da nova vida que os seguidores de Cristo têm por estarem unidos com ele. E fala também de como essa vida se manifesta no relacionamento que eles têm uns com os outros. A fim de tornar mais claro o que quer dizer a união do povo de Deus, o apóstolo usa três figuras para a Igreja: a de um corpo, do qual Cristo é a cabeça (1.22-23); a de um edifício, do qual Cristo é a pedra fundamental (2.20-21); e a de um casal, no qual a Igreja é a esposa, e Cristo é o marido (5.25-32).

Na passagem de Ef 1.3-14, há muitos conceitos-chave do cristianismo, além de um desenvolvimento teológico profundo e complexo. A título de exemplo, tomem-se três elementos importantes: predestinação, redenção e dispensação. Nenhum deles é simples ou de fácil explicação, e nesta dissertação não haverá grande aprofundamento das diferentes vertentes teológicas que discutem cada um deles. Será feita uma breve explicação, em linhas gerais, e depois discutida a possibilidade ou viabilidade de mudança dessas palavras na tradução bíblica.

Em primeiro lugar, há o verbo “predestinar”, que se liga ao conceito de predestinação. Predestinar significa “destinar com antecipação (algo ou alguém) a ou para (uma finalidade)”; na teologia, “escolher (alguém) para um certo destino” (Houaiss). Para muitos teólogos e estudiosos do cristianismo, trata-se da noção de que Deus determina todas as coisas de antemão (Rm 8.29). Isso gerou, posteriormente, a ideia de que o próprio Deus escolheu indivíduos para a salvação e outros para a condenação. Normalmente, essa ideia entra em choque com a noção de livre-arbítrio.

“Redenção”, por sua vez, é um termo menos polêmico, mas igualmente importante para os cristãos. Trata-se da base da fé evangélica. Há a noção de que os seres humanos, ao

desobedecerem a Deus, no episódio do Éden, cometeram o pecado primordial, foram afastados da presença divina e condenados à morte. Mas Deus, ainda no Éden, constrói um plano de redenção, a fim de trazer de volta a humanidade decaída e salvá-la da condenação. Ele prometeu que o “descendente da mulher” esmagaria a cabeça da serpente (Gn 3.15), o que é interpretado no cristianismo como a vitória de Jesus na cruz. Portanto, o sacrifício de Cristo e a sua ressurreição trazem redenção à humanidade.

O terceiro conceito presente no texto, talvez o menos conhecido dos leitores, é “dispensação”. Segundo as orientações para tradutores das Sociedades Bíblicas Unidas, “A frase ‘na dispensação da plenitude dos tempos’ significa ‘quando tudo for completado e o tempo escolhido por Deus chegar’.”⁶³ Isto se refere ao futuro, quando Cristo voltar à terra e começar a governar como rei sobre todas as coisas.

Na comparação entre a versão de 1959 e a NAA, observa-se que há uma grande reelaboração deste texto. Na RA, há um período longo, que na NAA é refeito com pontos finais e o recurso da retomada do referente (repetindo-o a fim de iniciar um novo período).

Revista e Atualizada (RA)

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos **predes-tinou** para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a **redenção**, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na **dispensação da plenitude dos tempos**, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra; nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo; em quem também

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Antes da fundação do mundo, Deus nos escolheu, nele, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele. Em amor nos **predestinou** para ele, para sermos adotados como seus filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o propósito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado. Nele temos a **redenção**, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e entendimento. Ele nos revelou o mistério da sua vontade, segundo o seu propósito, que ele apresentou em Cristo, de fazer convergir nele, na **dispensação da plenitude dos tempos**, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra. Em Cristo fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo. Nele também vocês, depois que

⁶³ Disponível no *software Paratext*.

vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória. (Grifos nossos)

ouviram a palavra da verdade, o evangelho da salvação, tendo nele também crido, receberam o selo do Espírito Santo da promessa. O Espírito é o penhor da nossa herança, até o resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória. (Grifos nossos)

Observa-se, quanto ao uso desses conceitos, que não houve substituição por vocábulos mais conhecidos ou fáceis. Uma substituição dessas palavras provavelmente ocasionaria uma reelaboração textual que talvez demandasse o recurso da explicação. Dificilmente se encontraria um substantivo que substituisse plenamente cada um deles. No caso de “redenção”, talvez se pudesse ter optado por um sinônimo, como libertação, resgate ou salvação. No entanto, não se observa desconhecimento do conceito ou necessidade de substituição a ponto de sobrepor a força do uso dessa palavra na cosmovisão cristã. O mesmo se dá com predestinar. Trata-se de uma noção bastante assimilada pelas igrejas (mesmo sendo um tema controvertido). Portanto, a manutenção dessas palavras na revisão tem a ver com o respeito não apenas à tradição desses vocábulos, mas à força com a qual ainda sobrevivem no imaginário e na visão de mundo cristã protestante.

Apocalipse 22.12-13 (galardão)

Revista e Atualizada (RA)

E eis que venho sem demora, e comigo está o **galardão** que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. (Grifo nosso)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

— Eis que venho sem demora, e comigo está a **recompensa** que tenho para dar a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. (Grifo nosso)

Esse texto menciona um conceito bastante conhecido pelas igrejas: galardão. Genericamente, se trata da consequência das ações humanas ou do pagamento que se recebe ao agir de determinada forma. De modo mais específico, refere-se à recompensa que os fiéis receberão da parte Deus na vida eterna.

Há 26 ocorrências de palavras relacionadas a “galardão” e “galarduar” na tradução de Almeida na versão *Revista e Atualizada*, sete das quais no Antigo Testamento.

A ideia de receber uma recompensa na vida eterna não é livre de controvérsias. Isso porque, em parte, ela cria certo paradoxo com a ideia de graça. Se a salvação foi dada pela graça divina, e se as pessoas não são merecedoras, mas Deus, por amor, concedeu a todos a liberdade

de aceitarem-na, a noção de recompensa na vida eterna não deveria existir. Mas ela existe e é mencionada na Bíblia. Jesus, por exemplo, em seu “Sermão do Monte”, ao concluir a lista de “bem-aventuranças”, afirmou: “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós” (Mt 5.11-12, RA). Ou seja, o próprio Jesus afirma que haverá um galardão para aqueles que sofrerem por causa dele.

Alguns autores debatem o que seria esse galardão ou essa recompensa. A verdade é que é um conceito obscuro, sem muita explicação nos textos de escatologia. Portanto, é difícil determinar exatamente do que se trata. O que se pode entrever dos textos é que a recompensa ou o galardão podem ser bons ou ruins. Em Mt 6.2, está escrito: “Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.” Essa é a redação na tradução de Almeida na versão Revista e Corrigida. Na RA, traduziu-se assim: “Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.” Ou seja, a própria RA já variava entre galardão e recompensa. Observa-se, portanto, que o galardão ou a recompensa podem ser bons ou ruins, dependendo das ações humanas. A RA reservou o verbete “galardão” para as recompensas boas. “Recompensa” ficou para a retribuição negativa.

Na NAA, esse termo, em geral, foi substituído na Bíblia por palavras mais usuais, como “recompensa”. No entanto, uma busca nos textos revela que em quatro passagens bíblicas houve retenção do verbete, a saber, em Sl 127.3, Is 40.10, Is 62.11 e Ap 11.18. Dentre essas passagens, a que mais chama a atenção é a de Apocalipse. Isso porque no texto de Ap 22.12, “galardão”, do grego *μισθός* (*misthos*), foi substituído por “recompensa”. Termo semelhante em Ap 11.18, *μισθὸν*, *misthon*, foi vertido como “galardão”. Há uma nota em 2014, de DT, dizendo que preferiria “‘recompensa’, mas o ‘galardão’ é um termo importante”. Em Is 62.11, o que se pode ver é a existência de um paralelismo no texto, que justifica o uso dos dois termos, “recompensa” e “galardão”:

Eis que o SENHOR fez ouvir
até os confins da terra
estas palavras:
“Digam à filha de Sião:
Eis que vem o seu Salvador;
com ele vem a sua **recompensa**,
e diante dele vem o seu **galardão**.” (NAA, grifos nossos)

O mesmo ocorre em Is 40.10:

Eis que o SENHOR Deus
virá com poder,
e o seu braço dominará;
eis que o seu **galardão**
está com ele,
e diante dele
vem a sua **recompensa**.
(NAA, grifos nossos)

Em SI 127.3 também há paralelismo, mas, nesse caso, se a ideia era atualizar “galardão”, a substituição poderia ter sido feita: “Herança do SENHOR são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão.” Já em Apocalipse, o que se vê é uma falta de uniformidade no uso do termo.

O fato de a palavra ter sido mantida, mesmo que apenas em alguns contextos, preserva a existência desse conceito, por mais complexo ou obscuro que seja. Na maioria dos contextos, no entanto, a comissão entendeu que seria possível e particularmente elucidativo usar outra palavra para expressar a ideia de “galardão” e alcançar os leitores de maneira mais compreensível.

Hebreus 10.16-18 (remissão)

Revista e Atualizada (RA)

Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei,
acrescenta:
Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre.
Ora, onde há **remissão** destes, já não há oferta pelo pecado. (Grifo nosso)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

“Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Imprimirei as minhas leis no coração deles e as inscreverei sobre a sua mente”,
acrescenta:
“Também dos seus pecados e das suas [iniquidades] jamais me lembrarei.”

Ora, onde há **remissão** de pecados, não existe mais necessidade de sacrifício pelo pecado.
(Grifo nosso)

Esse é um texto extraído de uma Carta do NT, de autoria desconhecida, escrita para cristãos judeus de nascimento. Por conta disso, ela é chamada de “Carta aos Hebreus”.

Na passagem de Hb 10.16-18, o autor escreve à sua audiência que, se houve remissão de pecados, já não há necessidade de ofertas pelos pecados. É um texto que dialoga com a história do povo de Israel, já que remete às ofertas queimadas para perdão dos pecados do povo.

Aqui o autor mostra que, com a vinda de Jesus, ele, por sua morte, se tornou oferta pelos pecados do mundo todo, e, com isso, ofereceu a remissão. Assim, não é necessário haver mais sacrifícios.

Há uma evidente mudança de paradigma expressa aqui: “Imprimirei as minhas leis no coração deles e as inscreverei sobre a sua mente”. A lei não é mais apenas a letra, ou seja, os escritos, as ordenanças, os mandamentos, as prescrições. Ela agora é parte de quem o indivíduo é. Ela é escrita nos corações e nas mentes. Além disso, a divindade afirma que não se lembrará mais dos pecados e das transgressões do povo. De fato, uma nova aliança é escrita.

Na revisão de Almeida, considerou-se a necessidade de reescrever o último versículo deste trecho: “Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado” (RA). Não se mexeu no conceito de “remissão”, pois ele é central na Bíblia e une as noções do AT e do NT. Porém, houve um alongamento do versículo com uma breve explicação da expressão “já não há oferta”. O que pareceu necessário explicar é que esse texto não está afirmando a inexistência das ofertas, como se as pessoas não mais as fizessem, mas que elas são desnecessárias num contexto em que já houve o pagamento completo e eterno pelos pecados humanos.

1Coríntios 15.42-45 (ressurreição)

Revista e Atualizada (RA)

Pois assim também é a **ressurreição** dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante. (Grifo nosso)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Pois assim também é a **ressurreição** dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. Pois assim está escrito: “O primeiro homem, Adão, se tornou um ser vivente.” Mas o último Adão é espírito vivificante. (Grifo nosso)

Não é difícil perceber a centralidade da ideia de “ressurreição” para o cristianismo. Houve diversos milagres de ressurreição ao longo da Bíblia, nos quais personagens foram extraordinariamente trazidos de volta à vida — não a outra vida, mas à mesma que já se vivia, com o mesmo corpo e a mesma essência. Porém, a ressurreição que se tornou o legado do cristianismo foi a de Jesus Cristo, que não apenas significou o retorno à vida, mas a vitória sobre a morte, já que, depois de voltar a viver, Jesus não permaneceu na terra, envelheceu e

morreu, como aconteceu com os outros personagens, mas foi levado ao céu, onde continua a viver ao lado de Deus e um dia retornará.

Não houve quaisquer dúvidas quanto à manutenção do verbete “ressurreição” nos textos, não apenas por ser um conceito caro ao cristianismo, mas por ser bastante conhecido e difundido no português atual. Não se trata de um arcaísmo ou de um conceito muito abstrato e complexo.

1Timóteo 4.16-18 (arreatado)

“Arreatar” significa levar com força ou de súbito, arrancar, raptar, levar pelos ares. Embora alguns leitores não se deem conta, o termo “arreatamento”, como substantivo, não existe nas traduções da Bíblia em língua portuguesa. Mas o verbo “arreatar” está presente nos textos. A passagem de 1Tm 4 é a que cristaliza a ideia de “arreatamento”, posteriormente construída na teologia cristã.

Revista e Atualizada (RA)

Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos **arreatados** juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Porque o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos **arreatados** juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolem uns aos outros com estas palavras.

Aqui, Paulo usa a palavra grega ἀρπάζω (*harpazo*). Nessa passagem, o apóstolo afirma que Jesus voltará para buscar a Igreja, quando haverá o toque da trombeta e os mortos ressuscitarão, e os vivos serão levados ao encontro de Deus nos ares. Essa é a base para a ideia de “arreatamento”. Outros textos bíblicos cooperam para a construção dessa ideia: Dn 9.27, Mt 24.37-42 e 25.14-23, Lc 19.2-20, Rm 14.10, 1Co 3.11-15, 2Co 5.10, 1Ts 4.14-17, Hb 9.28 e Ap 1.7; 13.15.

O foco das discussões sobre o arreatamento é se ele acontecerá e como e quando isso ocorrerá. Essas questões não são consenso nas diferentes vertentes do cristianismo protestante. Em termos de estudos de escatologia, há os “pré-tribulacionistas”, os “pós-tribulacionistas”, os “mesotribulacionistas”, os que creem no “arreatamento parcial” e os que creem que não haverá “arreatamento”, tal qual afirmado pelas outras vertentes.

Essa ideia de arrebatamento, portanto, é uma elaboração posterior, com base no estudo de vários escritos. Como se observa, a Bíblia é bastante enigmática quanto ao que acontecerá no “fim dos tempos”. Além disso, o Livro de Apocalipse usa linguagem simbólica e figurativa, o que permite a profusão de interpretações.

Na revisão de Almeida, houve certa reflexão sobre alterar ou não o verbo e as formas de “arrebataram”, uma vez que se trata de um tema sensível dentro do cristianismo. A opção foi pela sua manutenção, embora não seja um verbo propriamente usual na língua portuguesa nos dias de hoje.

Romanos 1.24-25 (imundícia, concupiscências)

Revista e Atualizada (RA)

Por isso, Deus entregou **tais homens** à **imundícia**, pelas **concupiscências** de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Por isso, Deus **os** entregou à **impureza**, pelos **desejos** do coração deles, para desonrarem o seu corpo entre si. Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito para sempre. Amém!

Esse texto é exemplar por conter dois elementos importantes da revisão: a palavra “imundícia” e o termo “concupiscências”, ambos possuidores de cargas semânticas moralizantes.

Para muitos intérpretes, as palavras “imundícia”, “imundos” e “imundas” não traduzem bem o conceito de impureza na Bíblia, sobretudo na Bíblia hebraica. Isso porque “imundo” traz consigo uma noção pejorativa, de algo que é sujo ou nojento. E não é a isso que os textos aludem quando tratam do tema. Puro, na Bíblia, não é o oposto de sujo ou imundo. A questão não é higiênica, tampouco moral. É o que defende Mary Douglas, em seu livro *Pureza e Perigo*,

Nenhuma interpretação que trate isoladamente as interdições do Velho Testamento é válida. A única abordagem correcta é esquecer a higiene, a estética, a moral, a revulsão instintiva e mesmo os Cananeus e os magos zoroástricos. Há que partir dos textos. Cada injunção é precedida por um mandamento: Sereis santos. Devemos também procurar neste mandamento a razão destas injunções. (...) A santidade é o atributo de Deus. A sua raiz significa: separar (set apart). (...) No Velho Testamento, a benção é a fonte de todos os bens e a recusa da benção é a fonte de todos os perigos. ([s.d.] p. 40-41)

Puro e impuro estão ligados à noção de *kadosh*, “santo”, “separado”. Quando Deus chama o povo de Israel para aceitar essa aliança ética, ele pede separação, santidade. A pureza é o estado de manutenção da separação para Deus. Essa questão terá a ver com diferentes aspectos da vida

humana, mas o requisito é aceitar o que esse Deus exige do seu povo. Assim, uma revisão da palavra “imundo” ou “imundícia” não era apenas desejável como necessária. E, por isso, a comissão decidiu pela palavra “impureza”.

Quanto a “concupiscência”, embora seja uma palavra bastante associada à religião, às normas religiosas, não é precisamente um conceito. Trata-se de um verbete pouco comum da língua e remete a desejos da carne, que podem ser por bens materiais ou por prazeres sexuais. Nesses versículos, “concupiscências” deu lugar a “desejos”. Embora tenha havido uma perda de especificidade, também há uma atualização do texto, tornando-o mais contemporâneo e, talvez, menos carregado de moralismo.

Outros termos

Ainda muitos outros termos foram revisados na *Nova Almeida Atualizada*. Todos eles tiveram de ser pensados à luz dos usos da igreja protestante brasileira.

Mateus 27.39-42 (blasfemar, escarnecer)

Revista e Atualizada (RA)

Os que iam passando **blasfemavam** dele, meneando a cabeça e dizendo: Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz! De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, **escarnecendo**, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creremos nele

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Os que iam passando **blasfemavam** contra ele, balançando a cabeça e dizendo:
— Ei, você que destrói o santuário e em três dias o reedifica! Salve a si mesmo, se você é o Filho de Deus, e desça da cruz!

De igual modo, os principais sacerdotes com os escribas e anciãos, **zombando**, diziam:
— Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar. É rei de Israel! Que ele desça da cruz, e então creremos nele.

2Crônicas 2.4-6 (proposição, holocaustos)

Revista e Atualizada (RA)

Eis que estou para edificar a casa ao nome do SENHOR, meu Deus, e lha consagrar, para queimar perante ele incenso aromático, e lhe apresentar o **pão contínuo da proposição** e os **holocaustos** da manhã e da tarde, nos sábados, nas Festas da Lua Nova e nas festividades do SENHOR, nosso

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Eis que estou para edificar um templo ao nome do SENHOR, meu Deus, para consagrá-lo a ele, queimar diante dele incenso aromático e lhe apresentar o **pão contínuo da proposição** e os **holocaustos** da manhã e da tarde, nos sábados, nas Festas da Lua Nova e nas festividades do

Deus; o que é obrigação perpétua para Israel.
(Grifos nossos)

SENHOR, nosso Deus. Esta é uma obrigação perpétua para Israel. (Grifos nossos)

Hebreus 10.23-25 (congregar, admoestações)

Revista e Atualizada (RA)

Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de **congregar-nos**, como é costume de alguns; antes, façamos **admoestações** e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Cuide-mos também de nos animar uns aos outros no amor e na prática de boas obras. Não deixemos de nos **congregar**, como é costume de alguns. Pelo contrário, façamos **admoestações**, ainda mais agora que vocês veem que o Dia se aproxima.

Isaías 61.8-9 (iniquidade)

Revista e Atualizada (RA)

Porque eu, o SENHOR, amo o juízo e odeio a **iniquidade** do roubo; dar-lhes-ei fielmente a sua recompensa e com eles farei aliança eterna. A sua posteridade será conhecida entre as nações, os seus descendentes, no meio dos povos; todos quantos os virem os reconhecerão como família bendita do SENHOR.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

“Porque eu, o SENHOR,
amo a justiça
e odeio a **iniquidade** do roubo;
em fidelidade lhes darei
a sua recompensa
e com eles farei aliança eterna.
A posteridade deles
será conhecida entre as nações,
os seus descendentes,
no meio dos povos;
todos os que os virem
reconhecerão
que eles são família bendita
do SENHOR.”

Jó 13.9-10 (esquadrinhar)

Revista e Atualizada (RA)

Ser-vos-ia bom, se ele vos **esquadrinhasse**?
Ou zombareis dele, como se zomba de um homem qualquer?
Acerbamente vos repreenderá,
se em oculto fordes parciais.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Por acaso, seria bom
se ele os **examinasse**?
Ou vocês zombariam dele,
como zombam das pessoas?
Ele certamente os repreenderá,
se em oculto forem parciais.

Lamentações 1.21-22 (apregoar, prevaricações)

Revista e Atualizada (RA)

Ouvem que eu suspiro,
mas não tenho quem me console;
todos os meus inimigos que souberam do meu
[mal
folgam, porque tu o fizeste;
mas, em trazendo tu o dia que **apregoaste**,
serão semelhantes a mim.
Venha toda a sua iniquidade
à tua presença,
e faze-lhes como me fizeste a mim
por causa de todas as minhas **prevaricações**;
porque os meus gemidos são muitos,
e o meu coração está desfalecido.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Chim — Ouvem-se os meus gemidos,
mas não tenho quem me console.
Todos os meus inimigos
que souberam
da minha desgraça
se alegram, porque tu a fizeste
cair sobre mim;
mas, quando trouxeres
o dia que **anunciaste**,
eles serão semelhantes a mim.

Tau — Venha toda a sua iniquidade
à tua presença,
e faz com eles como fizeste comigo
por causa de todas as minhas **transgressões**;
porque os meus gemidos são muitos,
e o meu coração desfalece.

Judas 1.14-16 (miríades, ímpios, murmuradores)

Revista e Atualizada (RA)

Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas **santas miríades**, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os **ímpios**, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele. Os tais são **murmuradores**, são descontentes, andando segundo as suas paixões. A sua boca vive propalando grandes arrogâncias; são aduladores dos outros, por motivos interesseiros.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Foi a respeito deles que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: “Eis que o Senhor vem com **milhares de seus santos**, para exercer juízo contra todos e para convencer todos os **ímpios** a respeito de todas as obras ímpias que praticaram e a respeito de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele.” Esses tais são **murmuradores**, pessoas descontentes que andam segundo as suas paixões. A sua boca vive falando grandes arrogâncias; adulam os outros por motivos interesseiros.

Salmo 1.1-2 (escarnecedores, meditar)

Revista e Atualizada (RA)

Bem-aventurado o homem
que não anda no conselho dos ímpios,
não se detém no caminho dos pecadores,
nem se assenta na roda dos **escarnecedores**.
Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR,
e na sua lei **medita** de dia e de noite.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Bem-aventurado é aquele
que não anda
no conselho dos ímpios,
não se detém
no caminho dos pecadores,
nem se assenta
na roda dos **escarnecedores**.
Pelo contrário, o seu prazer está
na lei do SENHOR,
e na sua lei **medita**
de dia e de noite.

Provérbios 3.33-35 (ignomínia)

Revista e Atualizada (RA)

A maldição do SENHOR habita na casa do
[perverso,
porém a morada dos justos ele abençoa.
Certamente, ele escarnece dos
[escarnecedores,
mas dá graça aos humildes.
Os sábios herdarão honra,
mas os loucos tomam sobre si a **ignomínia**.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

A maldição do SENHOR
está sobre a casa dos ímpios,
porém a morada dos justos
ele abençoa.
Certamente ele zomba
dos zombadores,
mas dá graça aos humildes.
Os sábios herdarão honra,
mas aos tolos está reservada
a **vergonha**.

Não foram poucas as mudanças a esse respeito, embora se observe a manutenção de parte desse léxico conhecido dos leitores e das igrejas. Entendeu-se que a atualização da tradução de Almeida muitas vezes pressupõe mostrar o diferente, ou seja, levar aos leitores uma proposta que destoe do que conhecem, mas que seja uma possibilidade pertinente de tradução. Nem sempre é fácil caminhar na contramão da audiência, mas essa é uma boa prática, em muitos casos, com ganhos significativos no que diz respeito à compreensão do texto — objetivo maior dessa atualização.

6.5 Linguagem inclusiva de gênero

Gênesis 1.27

O primeiro texto escolhido para apresentar o tema da linguagem inclusiva ou neutra de gênero é o da narrativa primeva bíblica, quando, em Gn 1, o Senhor menciona a criação da humanidade.

Revista e Atualizada (RA)

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

A primeira linha do excerto, em hebraico *wayyibra elohim*, “E criou Deus”, na Almeida anterior havia sido traduzida por “Criou Deus, pois”. Na *Nova Almeida Atualizada*, houve uma readequação sintática: “Assim Deus criou”. A opção é pela ordem que soa mais natural em língua portuguesa, com sujeito antes do verbo/predicado. A tradução anterior, emulando a sintaxe do hebraico, preservava, em certo sentido, a forma do original. A opção da *Nova Almeida Atualizada*, ao reorganizar a ordem da frase, aproxima a tradução do leitor na língua de chegada, mas deforma o original, por meio de uma tendência que Antoine Berman (2007) denomina “racionalização”:

A racionalização diz respeito em primeiro lugar às **estruturas sintáticas do original**, bem como a este elemento delicado do texto em prosa que é a pontuação. A **racionalização recompõe as frases** e sequências de frases de maneira a arrumá-las conforme uma certa ideia da **ordem** de um discurso. (...) A racionalização conduz violentamente o original de sua arborescência à linearidade. (BERMAN, 2007, p. 48-49, grifos nossos)

Observa-se que houve a introdução de uma noção de linearidade estranha ao original, além de uma perda do ritmo. Isso pode ser aplicado a toda a revisão da tradução de Almeida, porque o mesmo processo, de reordenar as frases, foi feito ao longo da Bíblia inteira. Isso é explicado na própria *Apresentação* da obra, editada e publicada pela Sociedade Bíblica, em que se explicitam as razões para isso:

Levando em conta a ordem dos termos na frase, pode-se perceber que a Bíblia de Almeida replicava o original hebraico e grego, sendo normal ter o verbo antes do sujeito (“respondeu a mulher”, Jo 4.25). Nesta revisão, **a ordem foi alterada, em muitos casos, para sujeito antes do verbo** (“a mulher respondeu”), que é mais natural

em língua portuguesa — exceto em textos poéticos e orações, nos quais a expressividade da linguagem é privilegiada. (2017, p. VII, grifos nossos)

No trecho de Gn 1.27, houve também, por meio da revisão, a substituição da palavra “homem”, traduzindo o hebraico *adam*, por “ser humano”: “Deus criou o **ser humano** à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (NAA, grifos nossos).

Nesse versículo, encontra-se o termo hebraico *adam*, que pode designar “humanidade”, “ser humano”, “pessoa”, “homem” (gênero masculino) ou o nome próprio traduzido ao português como “Adão”, e o termo *zakar*, que designa “macho” ou sujeito do gênero masculino. São palavras distintas, inclusive no que concerne à raiz hebraica. A tradução de 1956 trazia uma mesma palavra (“homem”) para a tradução de ambos os termos. Já a revisão distinguiu-os. Portanto, desfez a tendência deformadora homogeneizante da primeira tradução.

Além disso, é importante ressaltar que uma característica do estilo de escrita bíblico é o “paralelismo”, ou seja, a repetição de uma mesma ideia expressa em uma frase subsequente.

Wayyibra elohim et-ha-adam besalmo
beselem elohim bara' oto
zakar unqebah bara' otam.

Por meio do recurso do paralelismo, compreende-se que Deus cria o ser humano à sua imagem, e que esse ser, essa criatura, “dividida” em dois gêneros, masculino e feminino, possui semelhança com o divino. Assim, traduzir, nesse contexto, *adam* por “ser humano”, em vez de “homem”, pode ser considerado a correção de um lapso, que inclusive engendrou grandes distorções na teologia cristã ao longo do tempo.

As traduções mais tradicionais quase sempre optaram por traduzir *adam* como “homem” nessa passagem bíblica. É claro que, em muitos idiomas, a palavra “homem” (masculino) pode se referir a uma generalização de “homem” e “mulher” — “homem” incluiria, por extensão de sentido, o gênero feminino. Esse uso da palavra vem sendo bastante questionado nos últimos anos, sobretudo por aqueles que defendem uma linguagem inclusiva⁶⁴.

Por outro lado, a tradução de *adam* por “homem” pode ter sido a escolha dos tradutores por uma exegese ou interpretação do texto que coroava o ser humano do sexo masculino como o ápice da criação, em detrimento da mulher. Isso levou a uma tradução androcêntrica e ao entendimento de que Deus criou, originalmente, o homem à sua imagem. A mulher, no entanto, não

⁶⁴ Para esse tema relacionado às traduções bíblicas, cf. SCHÄFFER, A. M. M. “Construindo (des)igualdades de gênero pela tradução”. *Anais do X SEL* - Seminário de Estudos Literários: “Cultura e Representação”. Disponível em http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/anamaria.pdf, acesso em 21 nov 2017.

partilharia dessa semelhança com o Criador. Tal leitura corroborou o discurso de subserviência feminina dentro do cristianismo e justificou a diminuição da figura feminina em igrejas cristãs de fala portuguesa (e o mesmo em outros idiomas) por muito tempo. A Nova Almeida Atualizada, com uma leitura mais conectada com o hebraico, opta por traduzir *adam* por “ser humano” — o que, de fato, faz mais sentido no contexto. Então, entende-se que Deus cria o gênero humano e, depois, separa-o em macho e fêmea (como fez com o restante da criação). E a ambos está destinada a semelhança com o ser que criou todas as coisas.

Aqui há um retorno, uma conexão com o original e uma eliminação, em relação à RA, de uma tendência deformadora de Berman denominada “homogeneização”, uma vez que, ao usar a palavra “homem” para designar o gênero humano, a RA não mantém a diferenciação de palavras que há o hebraico para designar ser humano e macho. Além disso, devido à redação da RA, é possível construir uma interpretação que, na prática, corrobora um discurso social quanto ao papel da mulher que não tem respaldo na narrativa do Gênesis, em que homem e mulher são criados em paridade.

1Coríntios 11.23-30

Esse é um texto importante para as igrejas cristãs, especialmente as protestantes. Em muitas, ele é recitado mensalmente, por ocasião do rito protestante da Santa Ceia.

Revista e Atualizada (RA)

Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha. Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. **Examine-se, pois, o homem a si mesmo**, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. Eis a

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Porque eu recebi do Senhor o que também lhes entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, pegou um pão e, tendo dado graças, o partiu e disse: “Isto é o meu corpo, que é dado por vocês; façam isto em memória de mim.” Do mesmo modo, depois da ceia, pegou também o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isto, todas as vezes que o beberem, em memória de mim.” Porque, todas as vezes que comerem este pão e beberem o cálice, vocês anunciam a morte do Senhor, até que ele venha.

Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor. **Que cada um examine a si mesmo** e, assim, coma do pão e beba do cálice. Pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. É por isso que há entre

razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem. (Grifos nossos)

vocês muitos fracos e doentes e não poucos que dormem. (Grifos nossos)

Em primeiro lugar, observa-se mudança no uso de pronomes de segunda pessoa: em vez de “vós”, tem-se “vocês”. No trecho “recebi do Senhor”, esse “Senhor” é Jesus, como é de costume evidenciar nos escritos de Paulo. Então o apóstolo começa a narrar o que aconteceu na última ceia com os discípulos, de modo bastante semelhante ao que está registrado nos Evangelhos. É quase como se Paulo os tivesse copiado (cf. Mt 26.26-30; Mc 14.22-26; Lc 22.14-20).

Quanto ao trecho em destaque no excerto, “Examine-se, pois, o homem a si mesmo”, essa é uma afirmação de Paulo que insta as pessoas a olharem para si antes de comerem o pão e beberem o cálice, num exercício de arrependimento de suas faltas. Esse versículo está intimamente relacionado com o v. 27, que afirma: “Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor” (NAA).

A questão para o tema da linguagem inclusiva é o uso, na RA, da palavra “homens”. A palavra empregada no grego é *ἄνθρωπος* (*anthrōpos*), que no contexto deve significar ser humano, pessoa. As traduções nas versões anteriores de Almeida trazem “homens”, mas há uma tendência nas traduções mais atuais de evitar o masculino como genérico: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice...” (RA). “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice” (RC). “Que cada um se examine a si mesmo e, assim, coma deste pão e beba deste cálice” (BPT). “Mas cada um prove-se a si mesmo, e assim coma do pão, e beba do cálice...” (TB). “Examine-se cada um a si mesmo, e então coma do pão e beba do cálice” (NVI-pt). “Examinem suas motivações, testem o coração e venham para a ceia com santo temor” (BAM). “Portanto, que cada um examine a sua consciência e então coma do pão e beba do cálice” (NTLH).

Nas traduções mais recentes, a tendência é usar palavras que não designem o gênero da pessoa a que se refere a sentença, evitando o entendimento de que essa palavra foi proferida para homens, e as mulheres estariam excluídas dessa prescrição. Aqui, a homens e mulheres é dito que examinem a si mesmos e, assim, participem da ceia. A NAA, não ignorando essa questão, revisou o texto e, igualmente, optou por uma formulação neutra: “Que cada um examine a si mesmo e, assim, coma do pão e beba do cálice.”

Eclesiastes 3.11-13

Revista e Atualizada (RA)

Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do **homem**, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim. Sei que nada há melhor para o **homem** do que regozijar-se e levar vida regalada; e também que é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Deus fez tudo formoso no seu devido tempo. Também pôs a eternidade no coração do **ser humano**, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim. Sei que não há nada melhor para o **ser humano** do que se alegrar e aproveitar a vida ao máximo. Sei também que poder comer, beber e desfrutar o que se conseguiu com todo o trabalho é dom de Deus

Outro exemplo de uso de uma linguagem neutra está em Eclesiastes. Esse é um texto da literatura sapiencial bíblica. Atribuído a Salomão, Eclesiastes reúne reflexões de um sábio a respeito da vida.

O texto anterior falava de “coração do homem”, uma expressão conhecida da tradução de Almeida para se referir ao coração humano. Nessa passagem, a revisão optou por “coração do ser humano” e “ser humano” para abranger homens e mulheres. Isso ocorreu em diversas passagens bíblicas, como forma de atenuar a linguagem masculina de Almeida.

Romanos 16.1-2

Revista e Atualizada (RA)

Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que está servindo à igreja de Cencreia, para que a recebais no Senhor como convém aos santos e a ajudeis em tudo que de vós vier a precisar; porque tem sido protetora de muitos e de mim inclusive.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Recomendo-lhes a nossa irmã Febe, que está servindo na igreja de Cencreia, para que vocês a recebam no Senhor como convém aos santos e a ajudem em tudo o que de vocês vier a precisar; porque ela tem sido protetora de muitos, inclusive de mim.

Esse é um texto muito especial em toda a Bíblia, porque traz uma personagem do sexo feminino, Febe, tratada como *diakonon* na igreja de Cencreia. É o mesmo termo usado em Filipenses 1.1: “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e **diáconos** que vivem em Filipos” (RA, grifo nosso). Também é o termo que Jesus emprega ao dizer: “Mas entre vocês não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vocês, que **se coloque a serviço dos outros**; e quem quiser ser o primeiro entre vocês, que seja servo de todos” (Mc 10.43-44, NAA, grifo nosso).

Segundo o léxico de Strong⁶⁵, *διάκονος* (*diakonos*) é um substantivo de dois gêneros que pode designar: “aquele que executa os comandos de outro, esp. de um mestre; um servo, atendente, ministro; o servo de um rei; um diácono, aquele que, em virtude do ofício designado para ele pela igreja, cuida dos pobres e tem a responsabilidade de distribuir o dinheiro coletado para seu uso; aquele que serve comida e bebida”. Febe é mencionada apenas aqui no Novo Testamento. Suas atribuições se assemelham muito ao que o léxico de Strong define como “diácono”. Apesar de a palavra grega poder ser traduzida como “aquele/a que serve”, “quem ocupa o cargo de servo/a”, “quem ajuda”, “quem coopera”, “que está a serviço de”, “diaconisa” pareceu adequado à pessoa de Febe. Além disso, todos os homens mencionados como *diakonon* no Novo Testamento são chamados, nas traduções bíblicas, de “diáconos”. Apenas em relação a Febe esse termo em grego era traduzido como “que está servindo”, “que serve”. Pareceu à comissão que seria oportuno corrigir a questão.

O diaconato, ao longo da história, se firmou como um ministério dentro de algumas denominações evangélicas, as quais não admitem mulheres na função. Assim, ao que parece, certas traduções acabaram por acatar a ideia de que uma mulher não poderia ser chamada de diaconisa na Bíblia, e isso se refletiu em seus textos ao longo da história.

Em princípio, a comissão decidiu uniformizar o tratamento dado aos homens e estendê-lo a Febe, chamando-a de “diaconisa”. É assim que o texto se apresenta em sua versão de prova e nas primeiras impressões. É assim, também, que a tradução tão famosa e tradicional Reina-Valera de 1960, em espanhol, já chamava Febe: “Os recomiendo además nuestra hermana Febe, la cual es diaconisa de la iglesia en Cencrea...” Isso se dá na maioria das traduções em espanhol. Assim, o texto da NAA ficou: “Recomendo-lhes a nossa irmã Febe, diaconisa na igreja de Cencrea...”

Porém, nos meses posteriores à publicação do texto, a Sociedade Bíblica do Brasil recebeu críticas e mensagens contestando o uso do substantivo “diaconisa” na Bíblia, argumentando em favor da tradição de Almeida, bem como afirmando incorreção no uso da palavra, já que, ao que parece, Febe não tinha um posto ou cargo denominado “diaconisa”, mas apenas era uma pessoa que ajudava a igreja em diversas tarefas. Em resposta, a comissão contra-argumentou, afirmando que “diaconisa” é uma forma legítima de traduzir o termo grego *diakonos*: “na Igreja primitiva, mulher que, entre outras funções, tratava do serviço do templo

⁶⁵ Disponível em <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?t=kjv&strongs=g1249>.

e cuidava dos pobres” (Houaiss). A NAA, assim, estava alinhada com a tendência das traduções mais recentes, de corrigir certas distorções no que se refere ao feminino na Bíblia.

As críticas continuaram a chegar ao longo dos meses, o que levou a uma reunião da equipe revisora, a fim de discutir uma possível solução para o tema. Percebeu-se a sensibilidade da questão. Tal alteração gerou uma discussão para além do que o texto em si diz. Assim, pensou-se em como resolver esse problema. Ponderou-se a respeito da expressão “que está servindo”, a qual estava na tradução RA. Considerou-se, assim, que ela traduz a essência do trabalho de Febe e de muitas outras mulheres no ministério de Jesus e dos apóstolos, bem como nas igrejas do primeiro século, e que não é demérito servir, considerando que o próprio Jesus se disse servo dos outros, além de recomendar que todos sejam servos de seus irmãos. Então, uma vez que a intenção não era levantar a polêmica da existência ou não de um ministério formalmente constituído no momento da escritura da carta de Paulo, mas de caracterizar Febe de uma forma legítima, a comissão decidiu retornar à redação da RA, atendendo a pedidos de leitores e igrejas brasileiras.

Efésios 4.10-14

Por fim, como amostra da questão do gênero, menciona-se a Carta de Paulo aos Efésios, em que alguns termos masculinos foram empregados na RA, os quais se apresentaram como desafios no momento de revisar.

Revista e Atualizada (RA)

Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas. E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à **perfeita varonilidade**, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como **meninos**, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos **homens**, pela astúcia com que induzem ao erro. (Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas. E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao **estado de pessoa madura**, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como **crianças**, arrastados pelas ondas e levados de um lado para outro por qualquer vento de doutrina, pela artimanha das **pessoas**, pela astúcia com que induzem ao erro. (Grifos nossos)

Observa-se, neste excerto, o uso de três expressões masculinas na RA: “varonilidade”, “meninos” e “homens”. Varonilidade traduz *andra teleion*. Esse é um conceito de difícil definição, que se contrapõe ao que vem a seguir: “... para que não mais sejamos como **meninos**” (RA, grifo nosso). Ou seja, a ideia é de maturidade. Isso significa que as pessoas devem ser maduras, adultas na fé, e não permanecer crianças. Não existe nenhuma relação com virilidade ou varonilidade, no sentido masculino — ser másculo, viripotente, vigoroso. Na Nova Almeida, esse verbete foi mudado para “estado de pessoa madura”, o que não pressupõe restrição alguma de gênero.

O segundo elemento, “meninos”, foi facilmente mudado para “crianças”, sem qualquer prejuízo de sentido. O grego traz *nēpioi*, “inexperientes”, “nécios”, “crianças”, a mesma palavra de Gl 4.3 (traduzida na RA por “menores”), Ef 4.14 (“meninos” na RA; “crianças” na NAA) e 1Tm 2.7.

Quanto à expressão “homens” do final do excerto, *anthrōpōn* foi vertido como “pessoas” na NAA. Com essas mudanças, a NAA não desejou incluir as mulheres em passagens das quais elas foram excluídas por seus autores, mas, mais precisamente, pelos tradutores anteriores, talvez imbuídos de uma visão na qual o masculino possui proeminência e o feminino, por sua vez, deve se sentir considerado e incluído. O que acontece, na prática, é que a leitura histórica desses textos eclipsou a figura feminina nas igrejas e na sociedade, uma vez que as mulheres reiteradamente são excluídas das promessas, das prescrições, dos ministérios etc. A ideia é que, por meio de uma leitura renovada, essa distorção seja aos poucos corrigida, por meio de uma compreensão igualmente renovada dos textos.

6.6 Textos iconizados ou de difícil tradução

João 1.1-4

A passagem bíblica de Jo 1.1-4 é um texto iconizado e considerado de difícil tradução. A Almeida *Revista e Atualizada* de 1959 traz a seguinte redação: “No princípio **era o Verbo**, e o Verbo estava com Deus, e **o Verbo era Deus**. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos **homens**” (grifos nossos).

A *Nova Almeida Atualizada* revisou essa passagem da seguinte forma: “No princípio **era o Verbo**, e o Verbo estava com Deus, e **o Verbo era Deus**. Ele estava no princípio com

Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos **homens**” (grifos nossos). Assim, não houve nenhuma alteração na redação antiga.

A palavra no grego traduzida por “homens” no final do versículo 4 é ἀνθρώπων, *anthrōpōn*. Em Mt 4.19 ela foi traduzida por “gente” (“Venham comigo, e eu os farei pescadores de gente...”). Em Mc 23.13 ela foi traduzida por “pessoas” (“Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas, porque vocês fecham o Reino dos Céus diante das pessoas...”). Em Mc 12.14 foi traduzida por “pessoas” (“Mestre, sabemos que o senhor é verdadeiro e não se importa com a opinião dos outros, porque não olha a aparência das pessoas...”). Esses casos todos pertencem aos Evangelhos. Obviamente, houve contextos em que se traduziu *anthropos* por “homens”, como em Lc 20.1 (“O batismo de João era do céu ou dos homens?”).

A justificativa para a ausência de uma adaptação que substituísse o masculino como genérico em João 1.4 (e talvez até em Lucas 20.1) é, justamente, a iconização e o valor que os leitores dão a essa redação cristalizada. No texto de Apresentação da NAA, a comissão deixou clara sua postura quanto a esse aspecto:

Em vários momentos, o termo “homens” foi substituído por “pessoas”, “seres humanos” e até mesmo “humanidade”, sempre que o referente são homens e mulheres. No entanto, isto não significa que se adotou linguagem inclusiva de forma ampla e consistente, mas sim que se buscou ser mais preciso e claro. (*Apresentação da Nova Almeida Atualizada*, p. VII)

O objetivo foi muito mais ser claro e preciso do que buscar uma consistência total na tradução de um mesmo termo ou até na adoção da linguagem chamada inclusiva.

Para além dessa questão, também não se mexeu no verbete “Verbo” (com a inicial maiúscula). É nele que residem as maiores discussões e controvérsias. Seria a melhor palavra para traduzir *logos*? No Evangelho de João, Jesus é apresentado como o *logos* de Deus, que existiu desde a eternidade com Deus e que se fez humano, mostrando assim o amor e a verdade de Deus ao mundo. João diz que o propósito desse Evangelho é fazer com que os leitores creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, por meio dessa fé, tenham vida (20.31). Para certos autores, uma tradução mais afinada deveria ser “No princípio era a Palavra”. Está claro que João almeja que seus leitores vejam um paralelo entre as palavras iniciais de seu Evangelho e as palavras de abertura do Livro de Gênesis: “No princípio criou Deus... E disse Deus...” Uma vez que, por meio da palavra, Deus fez todas as coisas, “palavra” designaria bem esse *logos* que é o próprio Jesus.

Todas as traduções mais novas em língua portuguesa, como a BPT, a NVI, a NVT, a NTLH e a BAM, utilizam o verbete “Palavra” (com inicial maiúscula) para traduzir o *logos* de Jo 1.1. As versões mais tradicionais, dentre as quais as de Almeida, mantêm “Verbo” como um termo conhecido nas igrejas e para os leitores cristãos. Esse debate ocupou as discussões da equipe. Alguns consultores externos manifestaram o desejo de mudança no texto: “Já não é tempo de romper com o ‘Verbo’ da Vulgata e traduzir *logos* por ‘Palavra’, como algumas versões já o fazem?” (W.P., por *e-mail*). Outra questão que surgiu como implicação desse tema foi o fato de “Verbo” ser um substantivo masculino, e “Palavra”, feminino. O masculino facilitaria a identificação com Jesus.

Assim, embora consciente da enorme discussão em torno dessa passagem bíblica, a comissão decidiu manter “Verbo” por tradição e respeito a uma redação tradicional e a um conceito que se construiu e cristalizou ao longo da história do protestantismo em países de fala portuguesa. Não se quis alterar a decisão tradutória de Almeida, e, assim, “Verbo” se manteve na NAA.

Deuteronômio 10.16

וּמִלֵּתֶם	אֶת עֲרֻלְתְּ	לִבְבְּכֶם	וְעֲרַפְכֶם	לֹא תִקְשׁוּ	עוֹד:
ûmaltem	‘ārlat	ləbābkem	wə‘ārpākem	taqšû	:ôd
mais. endurecereis não e a.vossa.nuca o.vosso.coração; o.prepúcio.de *** E.circuncidareis					

Esse pequeno excerto da Bíblia hebraica está inserido numa seção em que Moisés fala ao povo como profeta. Ele reflete sobre quem é Deus e o que ele espera de seu povo. Sua construção se dá da seguinte forma: Deus é aquele a quem pertence todo o universo (v. 14); ele escolheu o pequeno povo de Israel (v. 22) por amor aos antepassados deles (v. 15); Deus é grande, poderoso e causa medo (v. 17); mas ele também é justo e defende os direitos de todos, especialmente dos fracos (v. 18). Diante disso, o povo é chamado a ser igualmente fiel, não apenas no cumprimento dos preceitos, mas em seu coração, em humildade e santidade.

Diante disso, o versículo 16 traz uma sentença que na *Revista e Atualizada* foi traduzida assim: “Circuncidai, pois, o vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz.”

Esse texto foi escolhido como exemplo por conter duas imagens poéticas que exigem conhecimento de alguns elementos culturais bíblicos. A Almeida *Revista e Atualizada* as traduz quase literalmente, a saber: a circuncisão do prepúcio e o endurecer da cerviz.

Antes de explicar a decisão da revisão para esse pequeno versículo, cabe uma explanação maior dessas duas imagens. A circuncisão do prepúcio é um preceito positivo da Torá (uma lei para cumprir) e uma das marcas distintivas do povo de Israel na Bíblia. Hans Walter Wolff (2004) afirma sobre a circuncisão:

o sinal da circuncisão para Abraão (Gn 17) (...) significa um בְּרִית (*b^erit*) (Êx 31.16) para Israel, isto é, uma “obrigação perene” de Javé para com Israel e, de modo acentuado, uma promessa “para sempre” “para as gerações mais distantes” (vv. 13, 16). Assim se concede a Israel liberdade em esperança, a qual cada israelita já pode realizar provisoriamente na aceitação da oferta concreta de uma ordem de vida. (2004, [s.d.])

Para Ilana Strogenberg⁶⁶, do ponto de vista da antropologia social, a circuncisão, “como outras práticas de modificação corporal, é um ritual simbólico através do qual as sociedades imprimem, no corpo dos indivíduos, a marca de uma identidade cultural coletiva”.

A circuncisão bíblica foi instituída pela divindade ainda no contexto patriarcal, quando Deus estabeleceu uma aliança com Abraão e sua descendência e determinou que todos os israelitas do sexo masculino fossem circuncidados, a fim de fazer parte do “povo escolhido de Deus”:

Disse mais Deus a Abraão: Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações. Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: **todo macho entre vós será circuncidado. Circuncidareis a carne do vosso prepúcio**; será isso por **sinal de aliança** entre mim e vós. O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não for da tua estirpe. Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua. O incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo; quebrou a minha aliança. (Gn 17.9-14, RA, grifos nossos)

O prepúcio, no contexto bíblico, era cortado quando o menino recém-nascido completava oito dias. O pênis, destituído da pele, era uma marca física da aliança espiritual com Deus, ou seja, um sinal do aceite dos termos da aliança com a divindade e da inserção do indivíduo no povo eleito.

Na Bíblia hebraica, há apenas uma referência ao sangue da circuncisão, propriamente, em Êxodo 4.24-26:

Estando Moisés no caminho, numa estalagem, o SENHOR o encontrou e quis matá-lo. Então Zípora pegou uma pedra afiada, cortou o prepúcio de seu filho e com ele tocou os pés de Moisés. E lhe disse:

⁶⁶ STROZENBERG, Ilana. Entrevista. In: PERDOMO, Nathália. “Circuncisão: ritual ou artifício de sobrevivência?” Disponível em http://www.olharvirtual.ufrj.br/2010/imprimir.php?id_edicao=169&codigo=4, acesso em 18 mar. 2018.

— Sem dúvida, você é para mim um marido de sangue.
Assim, o SENHOR o deixou. Ela disse “marido de sangue” por causa da circuncisão.
(NAA)

O contexto dessa passagem é o momento imediatamente posterior ao episódio da sarça ardente, quando Moisés se encontrou com Deus. Depois que Deus ordenou a Moisés que libertasse o povo da escravidão do Egito, Moisés se vai, em direção à sua missão. E é justamente durante a viagem, na qual Moisés leva sua esposa midianita e o filho deles, que o Senhor o encontra e tenta matá-lo. Zípora faz a circuncisão do filho e profere a expressão “marido de sangue”, aplacando a ira divina. Em seguida, Moisés vai para o Egito e começa a cumprir o desígnio divino de libertar o povo hebreu.

Particularmente para os hebreus, a circuncisão é o momento da incorporação do indivíduo ao grupo. Considerando que Moisés já tivesse sido circuncidado (na Bíblia não é dito nada sobre uma circuncisão de Moisés), provavelmente o seu filho não o era. A libertação do povo do Egito, fundamental na história do povo de Deus, sem a qual Israel não existiria, seria feita com algo faltando: o filho que não estava circuncidado. Nesse momento fundamental, é importante ficar claro que os protagonistas pertencem de modo definitivo ao Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.

Assim, a circuncisão representa a passagem de um estado exterior à aliança para a incorporação na aliança. Era uma ordenança de sangue para o povo. Se os homens não cortassem a carne do prepúcio, o próprio Deus os cortaria de seu povo.

Quanto ao “coração”, os termos hebraicos *leb/lebab* não se referem à sede da emoção humana, como se dá em português, mas da razão e da intencionalidade. No coração repousam os pensamentos humanos dirigidos para o futuro, o planejamento, a vontade ou o desejo⁶⁷.

Sobre o segundo elemento da passagem de Dt 10.16, a cerviz (ou nuca) endurecida é uma metáfora para a obstinação humana, a dificuldade de se dobrar, de se curvar. Inclusive, o próprio NT continua empregando essa imagem para se referir a uma atitude de rebeldia diante de Deus: “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis” (At 7.51, RA).

⁶⁷ Wolff, em seu trabalho *Antropologia do Antigo Testamento* (2004), apresenta um mapa do uso das partes do corpo em hebraico para transmitir diferentes aspectos da pessoa (por exemplo, coração, alma, carne, sangue, cabeça, etc.). Estes podem ser expandidos para incluir osso, face e outras partes internas e externas do corpo. Para ser útil na tradução, um mapa semelhante deve ser feito na cultura do receptor. Por exemplo, no Mixe, língua do sul do México, o fígado é o órgão central, e praticamente todos os aspectos da pessoa se relacionam com essa imagem (por exemplo, vento + fígado = espírito).

Portanto, as imagens de Dt 10.16 podem sugerir verdadeira obediência à aliança (circuncidar o prepúcio do coração) e não ser obstinado (não endurecer a cerviz) — elementos que estão na Bíblia como parte do repertório cultural de seus escritores.

Em Dt 30.6, como um complemento do versículo comentado, tem-se: “O SENHOR, seu Deus, circuncidará o coração de vocês e o coração dos seus descendentes, para que vocês amem o SENHOR, seu Deus, de todo o coração e de toda a alma, para que vocês tenham vida” (NAA). Essa passagem ajuda a apreender o sentido do versículo aqui comentado. Amar, na Bíblia, implica obedecer. Sem isso, a sentença é a morte.

A tradução de Almeida na versão RA mantém as imagens do original, embora tenha deixado a palavra “prepúcio”, presente no hebraico, em elipse (provavelmente porque se subentende que a circuncisão é do prepúcio do pênis). Já a sua revisão ficou assim: “Portanto, circuncidem o coração de vocês e deixem de ser teimosos.” Embora tenha mantido a circuncisão do coração como uma imagem forte e expressiva, a NAA não desfez a elipse do prepúcio. Havia um comentário da comissão a esse respeito: “Colocamos ‘o prepúcio do coração de vocês’?” (QM). A reflexão de VS foi: “Acho que é um termo complicado. E tem um paralelo em Jr 4.4. Já na LXX isso foi simplificado: circuncidai a vossa dureza de coração.” Assim, a redação final do texto não traz o prepúcio.

Além disso, a NAA desfez a segunda metáfora, explicando-a: “e deixem de ser teimosos”. Há uma perda qualitativa do texto, a qual Antoine Berman (2007) classifica como uma deformação denominada “clarificação”:

A explicitação pode ser a manifestação de algo que não é aparente, mas oculto ou reprimido no original. A tradução pelo seu próprio movimento revela esse elemento. (...) Mas num sentido negativo, a explicação visa a tornar “claro” o que não é e não quer ser no original. A passagem da polissemia à monossemia é um modo de clarificação. (BERMAN, 2007, p. 51)

Apesar de o texto hebraico trazer imagens que poderiam ser obscuras ao leitor atual, ao que parece, elas não tinham a finalidade de ser obscuras à audiência original. Ou seja, não se tratava de “não querer ser claro” (como Berman argumenta: “a explicação visa a tornar ‘claro’ o que não é e não quer ser no original”). Os leitores da Bíblia, ou seja, o povo de Israel, conheciam os costumes culturais pertinentes ao seu contexto, e as expressões relacionadas a essa passagem bíblica lhes eram claras. Muito provavelmente era um texto de fácil entendimento e uma proposição bastante repetida.

Portanto, a revisão da tradução, ao desconstruir a metáfora da cerviz dura, contribui para a compreensão do leitor. Ela desconstrói uma imagem expressiva, uma metáfora, mas, como

efeito disso, torna o texto, para os leitores de hoje, como defende Nida, mais próximo do que o original fazia com seus leitores contemporâneos. Outras traduções contemporâneas da Bíblia, em menor ou maior grau, fazem o mesmo: “Que o sinal da aliança esteja gravado no vosso coração e deixem de ser rebeldes” (BPT, tradução para o português de Portugal); “Sejam fiéis, de coração, à sua aliança; e deixem de ser obstinados” (NVI); “Portanto, deixem de ser obstinados, cabeças-duras” (tradução ao português da Bíblia *The Message*, de Eugene Peterson); “Portanto, sejam obedientes a Deus e deixem de ser teimosos” (NTLH, da SBB); “Remember your agreement with the Lord and stop being so stubborn” (Contemporary English Version); “Por eso, despójate de lo pagano que hay en tu corazón, y ya no seas terco” (Nueva Versión Internacional); “Así que circunciden el prepucio de su corazón, y no sigan siendo obstinados...” (Reina-Valera Contemporánea); “Pongan en su corazón la marca de la alianza, y no sigan siendo tercos...” (Dios Habla Hoy); “P’esei no hasi kos di tèrko mas. Boso ta sirkunsidá na kurpa, pero sirkunsidá boso kurason tambe” (Beibel na Papiamentu Koriente); “Soyez donc entièrement consacrés au Seigneur votre Dieu, ne vous révoltez plus contre lui” (La Bible en Français Courant).

Essas são, em suas especificidades e dentro de seus projetos de tradução, interpretações da metáfora bíblica, um recurso, ao que parece, bastante comum para esse trecho das Escrituras. A Nova Almeida Atualizada, a fim de compor um texto marcado pela clareza, explica uma das metáforas do original e preserva a outra.

Salmo 23

Esse é, sem dúvida, o salmo mais conhecido de Davi. Nesse texto, o salmista compara Deus a um pastor e a si mesmo a uma ovelha. Dentre todos os textos famosos da Bíblia, o Salmo 23 é um dos mais queridos dos leitores, e, com certeza, na publicação de uma revisão, será um dos primeiros textos buscados, a fim de se verificar o que foi feito com sua redação.

Revista e Atualizada (RA)

O SENHOR é o meu pastor *Salmo de Davi*

O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará.
Ele me faz repousar em pastos verdejantes.
Leva-me para junto das águas de descanso;
refrigera-me a alma.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Deus, o nosso pastor *Salmo de Davi*

O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará.
Ele me faz repousar em pastos verdejantes.
Leva-me para junto das águas de descanso;
refrigera-me a alma.

Guia-me pelas veredas da justiça
 por amor do seu nome.
 Ainda que eu ande pelo vale da sombra da
 [morte,
 não temerei mal nenhum,
 porque tu estás comigo;
 o teu bordão e o teu cajado me consolam.
 Preparas-me uma mesa
 na presença dos meus adversários,
 unges-me a cabeça com óleo;
 o meu cálice transborda.
 Bondade e misericórdia certamente me
 [seguirão
 todos os dias da minha vida;
 e habitarei na Casa do SENHOR
 para todo o sempre.

Guia-me pelas veredas da justiça
 por amor do seu nome.
 Ainda que eu ande pelo vale da sombra da
 [morte,
 não temerei mal nenhum,
 porque tu estás comigo;
 o teu bordão e o teu cajado me consolam.
 Preparas-me uma mesa
 na presença dos meus adversários,
 unges a minha cabeça com óleo;
 o meu cálice transborda.
 Bondade e misericórdia certamente me
 [seguirão
 todos os dias da minha vida;
 e habitarei na Casa do SENHOR
 para todo o sempre.

Como se observa, quase nada foi alterado nesse Salmo. Apenas houve uma mudança na formatação: o salmo foi dividido em três estrofes. Em termos de atualização, algumas expressões talvez pudessem ter sido revisadas, como “refrigera-me” (algo como “alivia”, “acalma”) e a própria palavra “alma”, já que o termo hebraico traduzido por “alma” é נַפְשִׁי, *napshi*, pessoa, ser, vida. “Veredas” também poderia dar lugar a “caminhos”.

Porém, a decisão de manter a redação da RA se deveu à afeição dos leitores por esse texto tão conhecido e cristalizado, tal qual está. Considerou-se que, mesmo que algumas palavras não sejam tão usuais, os Salmos, como poesia, possuem uma linguagem mais expressiva, não havendo, portanto, necessidade de mudança.

João 3.16

O versículo 3 do capítulo 16 do Evangelho de João é um dos textos mais conhecidos da Bíblia. Muitos cristãos se lembram de seu conteúdo e alguns podem recitá-lo, pois o memorizaram. Diante disso, a comissão optou por manter a redação sem mudanças, exceto pela preposição “a” do verbo amar, que foi excluída:

Revista e Atualizada (RA)

Porque Deus amou **ao** mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. (Grifo nosso)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Porque Deus amou **o** mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. (Grifo nosso)

Com isso, os leitores podem encontrar uma redação familiar para um texto que já conhecem e é tão importante para eles.

Salmo 119.105

O Salmo 119 é o capítulo mais longo de toda a Bíblia. Ele é especial por ser um Salmo acróstico: cada conjunto de 8 versículos é iniciado por uma das letras hebraicas. Como o alfabeto possui 22 letras, o Salmo todo contém 176 versículos. Dentre todos eles, o mais famoso é o 105, que fala da palavra de Deus como luz. Na RA, a redação desse versículo, embora simples, contém a figura de linguagem denominada “zeugma”, ou a elipse ou omissão de elemento já mencionado, por meio da vírgula. Para muitos leitores, essa vírgula, em vez de indicar a repetição do verbo ser, representa um problema. A pausa, ali, parece injustificada na leitura. Assim, a pedido de leitores, esse breve texto foi sutilmente modificado:

Revista e Atualizada (RA)

Lâmpada para os meus pés é a tua palavra
e, luz para os meus caminhos.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Lâmpada para os meus pés
é a tua palavra,
é luz para os meus caminhos

O texto foi repensado e reescrito, de modo que, em sua versão final, não traz a omissão por meio da vírgula. Houve, assim, a deliberada repetição do verbo, a fim de manter a sonoridade do versículo já conhecido.

Filipenses 4.11-13

Em Filipenses, o apóstolo Paulo afirma, de modo magistral: “Tudo posso naquele que me fortalece.” Muitas vezes, essa afirmação é descontextualizada e compreendida incorretamente, já que o verbo “poder”, em português, é polissêmico, e suas acepções podem levar a leituras distintas, tais como a de que ao cristão tudo é permitido, no sentido de liberdade, ou

que ele é capaz de tudo, no sentido de habilidade. Mas, ao ser lida em seu contexto, revela a total submissão de Paulo a Deus. Por meio dela, o apóstolo afirma sua dependência de Deus e diz que é possível enfrentar qualquer situação, seja de abundância ou de carência, desde que seja fortalecido por Deus.

No momento de revisar esse texto, a comissão decidiu mudar a expressão “por causa da pobreza” por “porque esteja necessitado”. Essa expressão é usada em outro lugar apenas em Mc 12.44, onde se refere à carência material de uma viúva. A fim de tornar o texto mais claro, mudou-se a redação.

Paulo, no trecho anterior, afirma sua atitude de independência e contentamento. Ele não nega que esteve em necessidade, mas o suprimento de sua necessidade não é o motivo de sua alegria. Ele mostra, por meio da frase “Digo isto, não porque...” que não quer que seus leitores cheguem a uma conclusão errada. Então, na oração que começa com “Tanto sei”, a expressão que foi traduzida na RA como “estar humilhado” é mudada. No grego, ela pode também significar “estar necessitado” (de bens materiais). Com a intenção de não deixar margem a dúvidas, substituiu-se a expressão. Da mesma forma, “estar honrado” foi substituído por “ter em abundância”. Mais adiante, “e em todas as circunstâncias, já tenho experiência” deu lugar a “aprendi o segredo de toda e qualquer circunstância”, ambos alinhados com o grego *memuēmai*.

Outros verbetes que foram atualizados são “fartura”, que deu lugar a “estar alimentado”, e “escassez”, que deu lugar a “passar necessidade”. Por fim, a frase final se manteve inalterada.

Mesmo com tantas mudanças significativas no texto, observa-se que sua sonoridade permanece, porque as mudanças são pontuais, e, em geral, refletem a polissemia dos verbos e expressões no grego:

Revista e Atualizada (RA)

Digo isto, não **por causa da pobreza**, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. **Tanto sei estar humilhado como também ser honrado**; de tudo e em todas as circunstâncias, **já tenho experiência**, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece. (Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Digo isto, não **porque esteja necessitado**, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. **Sei o que é passar necessidade e sei também o que é ter em abundância**; aprendi o **segredo** de toda e qualquer circunstância, tanto de estar alimentado como de ter fome, tanto de ter em abundância como de passar necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece. (Grifos nossos)

Mateus 28.19-20

Na Igreja Protestante, surgiu uma expressão particular para se referir ao chamado de Deus à evangelização de pessoas e povos inalcançados: “ide”. Ide é a forma imperativa do verbo ir na segunda pessoa do plural. Trata-se da primeira palavra do versículo 19 de Mateus 28 na tradução de Almeida na versão *Revista e Atualizada*. O “ide” se tornou um substantivo, que designa a “grande comissão”, o chamado divino para os cristãos irem pelo mundo e pregarem a mensagem de salvação de Jesus. Portanto, é um conceito conhecido e proferido pelas igrejas e pelos cristãos protestantes.

No entanto, na revisão, houve a decisão de mexer nas formas de segunda pessoa do plural, como visto ao longo desta dissertação. Como esse é um texto iconizado, que deu origem ao conceito do “ide”, esse foi um desafio no momento de revisar. A decisão da comissão foi por adaptar o versículo para a forma “vocês”, atentando para manter a sonoridade próxima à do versículo da RA.

Para começar, houve um deslocamento da conjunção “portanto”, que passou a iniciar a frase. O “ide” deu lugar a “vão”, e o “fazei” foi substituído por “façam”. Na substituição, houve uso de “vocês” duas vezes, uma das quais poderia ter sido facilmente substituída por “lhes” (em vez de “a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês”, “a guardar todas as coisas que lhes tenho ordenado”), evitando, assim, a repetição indesejada de “vocês”.

Por fim, “consumação do século” deu lugar a “fim dos tempos”. Para VS, com a mudança, essa frase ficaria bem mais compreensível aos leitores. A expressão no grego é a mesma usada em Mt 13.39, Mt 13.40, Mt 13.49 e Mt 24.3. Como houve a mudança aqui, foi necessário uniformizar. Em todas essas passagens, assim como em Mt 28.20, ficou “fim dos tempos”.

Revista e Atualizada (RA)

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês. E eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos.

A sonoridade desse texto foi preservada, com algumas mudanças sutis, que têm a ver com os princípios de tradução do projeto, como a reorganização sintática, e com a clarificação de termos.

Salmo 37.4-5**Revista e Atualizada (RA)**

Agrada-te do SENHOR,
e ele satisfará os desejos do teu coração.
Entrega o teu caminho ao SENHOR,
confia nele, e o mais ele fará.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Agrade-se do SENHOR,
e ele satisfará os desejos
do seu coração.

Entregue o seu caminho ao SENHOR,
confie nele, e o mais ele fará.

Nesse caso, observa-se apenas a adaptação relacionada à segunda pessoa, que foi substituída pelo “você” em elipse, com os verbos em terceira pessoa. Nenhuma alteração foi feita para além disso. Em nota, VS faz o seguinte comentário: “O verbo hebraico (traduzido por ‘Agrada-te’) é um tanto raro — 15 vezes — e significa ‘ter prazer em’. A RA traduziu bem. Mas só aqui aparece essa formulação. No mais das vezes, foi retido o ‘deleitar-se’... BPT usa ‘buscar a felicidade’, e NTLH tem algo parecido.” Mesmo com essa anotação, a equipe decidiu manter o verbo “agradar-se”, que, embora soe um pouco estranho (uma vez que sua acepção mais conhecida é “contentar alguém”), na sua forma pronominal significa “comprazer-se em”, “experimentar prazer, deleite”, “sentir-se encantado” (Houaiss). Assim, a forma final desse texto permanece muito parecida com o texto da RA.

Gênesis 1.1-3

<p>1 בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ:</p> <p>hā'āreṣ wə'et haššamayim 'et 'ēlohîm bārā' bəre'sît</p> <p>a.terra. e os.céus *** Deus criou Em.início,</p>	
<p>2 וְהָאָרֶץ הָיְתָה תוֹהוּ וָבֹהוּ וְחֹשֶׁךְ עַל־פְּנֵי תְהוֹם וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל־פְּנֵי הַמַּיִם:</p> <p>:hammāyim 'al-panē mərəḥepet 'ēlohîm wərūaḥ təhôm 'al-panē wəḥošekā wābohû tohû hāytāh wəhā'āreṣ</p> <p>as.águas. sobre.as.faces.de o.que.pairava Deus, e.o.sopro.de abismo; sobre.faces.de e.escuridão e.vacuidade, infirmitade era E.a.terra</p>	
<p>3 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהי אֹר וַיְהי־אֹר:</p> <p>:wayhî-ôr 'ôr yehî 'ēlohîm wayyo'mer</p> <p>E.houve.luz. luz. Que.haja Deus: E.disse</p>	

Esse é o texto de abertura da Bíblia, um relato cosmogônico, que traz consigo muitas características do pensamento semítico, além de ser uma base importante para a teologia judaica

e cristã. Por isso, entrou para o *corpus* deste estudo. De acordo com ele, Deus cria todas as coisas em seis dias (Gn 1.1—2.1). Nos primeiros quatro dias, Deus cria o Universo e todos os elementos que o compõem (vs. 3-19); no quinto dia, cria as aves e os seres marinhos (vs. 20-23); e, no sexto dia, ele cria os animais terrestres e os seres humanos (vs. 24-31). Com exceção do segundo dia (vs. 6-8), o relato de cada dia da criação termina com a afirmação de que Deus viu que o que havia feito “era bom” (vs. 4,10,12,18,21,25,31). No sétimo dia, Deus descansou e abençoou o sábado como um dia sagrado (2.2-3).

Quanto à tradução dessa passagem, a RA e NAA trazem:

Revista e Atualizada (RA)

A criação dos céus e da terra e de tudo o que neles há

No princípio, **criou Deus** os céus e a terra. A terra, **porém, estava** sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus **pairava** por sobre as águas.

Disse Deus: Haja luz; e houve luz.
(Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

A criação do Universo

No princípio, **Deus criou** os céus e a terra.

A terra **era** sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus **se movia** sobre as águas.

Então Deus disse:
— Haja luz!
E houve luz. (Grifos nossos)

As mudanças são sutis, mas substantivas nessa passagem. Uma das primeiras questões que se apresentaram foi o título que antecede a perícopes. Os títulos são elementos externos. Eles não pertencem originalmente aos textos bíblicos, tampouco são obrigatórios, mas aparecem em praticamente todas as traduções, com a finalidade de orientar o leitor quanto ao conteúdo ou tema de um determinado conjunto textual. Com Almeida não é diferente — e, devido ao fato de se atualizar a linguagem da tradução, houve a necessidade de revisar os títulos também. Em uma das notas da comissão revisora, encontra-se a seguinte observação, feita por Vilson Scholz: “Aqui começamos a tarefa de rever os títulos, sem ter um AT hebraico com títulos... Minha preferência é tentar reduzir/resumir/simplificar os títulos onde possível.”

Quanto à passagem, o título anterior era extenso: “A criação dos céus e da terra e de tudo o que neles há”. A expressão “Os céus e a terra” (*et hashamayim ve’et haaretz*) aparece já no primeiro versículo de Gn 1. Trata-se do modo bíblico de falar de tudo o que existe. É uma expressão composta de dois opostos, como a expressão “bem e mal”, e nesse contexto significa o universo, ou tudo no universo, e não apenas a terra e o céu. Alguns tradutores podem achar que a expressão em língua portuguesa, “os céus e a terra”, não é suficiente para abarcar tudo o

que é entendido na expressão hebraica, e, por isso, a modificam, utilizando, por exemplo, “o céu, a terra e tudo o que existe” ou “tudo o que está na terra e no céu”. Depois de o tema ser discutido pela comissão, o título foi substituído por “A criação do Universo”, uma vez que “Universo” abrange todas as coisas criadas.

Já no começo desse excerto, observa-se a manutenção da exegese da RA. Outras traduções fazem da primeira parte do versículo 1 uma espécie de título. Aqui, essa parte se conserva como texto. Alguns estudiosos apontam que a frase hebraica iniciada por “No princípio” deveria ser traduzida como uma oração subordinada adverbial temporal, algo como “No princípio, quando Deus criou...” ou “Quando Deus começou a criar...” Nesse caso, o versículo 2 seria a oração principal, afirmando que a terra era sem forma e desolada no tempo em que Deus começou a criar. Não foi assim que a equipe decidiu revisar o texto. Optou-se por não alterar a exegese de Almeida e manter uma forma parecida à original.

O termo hebraico *bereshit*, que também é o título desse livro na Bíblia hebraica, havia sido traduzido na RA por “No princípio”. Isso também se manteve na NAA, devido à iconicidade desse texto, embora se pudesse ter pensado em formas alternativas, como “No início”, “no começo”, “ao princípio” etc.

Como se observa na comparação entre as duas redações, a ordem das palavras “criou” e “Deus” foi mudada. A Almeida *Revista e Atualizada* trazia a sintaxe da oração inicial invertida: verbo antecedendo o sujeito (“criou Deus”), que é a ordem do hebraico (*bara’ elohim*). Essa ordem está presente em várias formulações na Bíblia de Almeida, inclusive na tradução dos textos gregos do Novo Testamento (“disse Jesus”; “tomou Jesus consigo a Pedro” etc.). Essa é forma que aparece nas traduções bíblicas mais clássicas ou arcaicas, como a *Revista e Corrigida*, a *Corrigida Fiel*, a *Tradução Brasileira*, a *Reina-Valera 1960* (em espanhol) etc. A comissão revisora de Almeida, em conjunto, entendeu que uma das maneiras de atualizar o texto traduzido, de modo que soasse menos solene e mais natural, era reordenando as frases que haviam sido “arreesadas”: “Jesus disse”, “Jesus tomou Pedro consigo” etc. Isso recaiu sobre esse texto de Gn 1, que passou a ser “Deus criou”.

Outra particularidade da revisão foi a eliminação de “porém” na segunda oração, que não se encontra em mais nenhuma tradução, nem sequer na Almeida *Revista e Corrigida*. Essa era uma opção unicamente encontrada na RA, que a NAA tratou de eliminar. Além disso, o verbo “estar” foi substituído por “ser”, em referência à terra sem forma e vazia, algo que a *Revista e Corrigida* já trazia e que havia sido mudado pela comissão de 1959.

“Deus” traduz o hebraico *elohim*. É a única palavra para a divindade encontrada na história da criação. A palavra hebraica é plural em forma, mas funciona, em termos gramaticais, como um substantivo singular — e, por isso, é traduzida aqui por “Deus”, e não “deuses” (como acontece com *elohim* em Jeremias 7.18: “Os filhos apanham a lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres amassam a farinha, para se fazerem bolos à Rainha dos Céus. Também oferecem libações a outros **deuses**, para me provocarem à ira”).

O verbo *bara'*, que significa “trazer à existência”, “fazer com que algo seja”, é usado apenas para Deus — e, portanto, criar, na Bíblia, aparece como uma atividade exclusivamente divina. O verbo *bara'* é substituído pelo verbo “fazer” nos versículos 7, 16, 25 e 26, mas o sentido é o mesmo.

Quanto ao versículo 2, a palavra “terra”, do versículo 1, é retomada. “Céu”, por sua vez, não é mencionado novamente até o versículo 8, em que o “firmamento” é criado e nomeado.

“Sem forma e vazia” traduz o hebraico *tohu wabohu*, que tem sido objeto de numerosas discussões. O primeiro elemento, *tohu*, aparece vinte vezes no Antigo Testamento, enquanto *bohu* é encontrado apenas três vezes, sempre ligado a *tohu*. *Bohu*, portanto, não parece ser uma palavra independente, mas aliterativa, que às vezes é adicionada à primeira palavra. A palavra *tohu*, que carrega o significado principal da expressão, é usada para descrever o deserto em Dt 32.10; Jó 6.18; 12.24 e Sl 107.40. O termo também é usado para se referir ao juízo de Deus, no qual a ordem é transformada em caos, em Is 24.10. Com o mesmo sentido, a expressão dupla é usada em Is 34.11 e Jr 4.23.

Em Gênesis, vê-se que a terra era vazia e caótica. Nos primeiros três dias da criação, Deus dá a ela uma forma reconhecível. Depois, Deus a enche com seres vivos. As traduções modernas lidam com essa expressão de duas maneiras: (a) usando dois termos descritivos separados e conectados por “e”; por exemplo, “sem forma e vazia” (RA, RC, TB, NVIpt), “sem forma e sem ordem” (BPT), “desordenada y vacía” (RV60), “without form, and void” (KJVA, ESV); e (b) como palavra principal com um adjetivo ou expressão descritiva adicional; por exemplo, “uma massa sem forma, um vazio sem fim” (BAM), “era um vazio, sem nenhum ser vivente” (NTLH), “um caos total” (NVI-es).

Na passagem “Havia trevas sobre a face do abismo...”, a palavra “trevas” se liga, quanto ao sentido, à expressão “sem forma e vazia” do trecho anterior. A mesma palavra é usada em Is 45.19 associada ao caos, ao *tohu*. Em Sl 88.6, as trevas descrevem o *sheol*, o mundo dos mortos, e em Sl 44.19 estão associadas ao lugar de chacais, o deserto. “Trevas”, portanto, refere-se à presença do caos e à falta de ordem que existia no momento em que Deus

começou a criar. Além de ser uma palavra bastante característica do léxico religioso, “trevas” traduz a noção da escuridão mais densa, total e extrema — a completa ausência de luz. Já “a face do abismo” é uma expressão que poderia ser traduzida por “a superfície das águas” ou “as águas profundas”. Observa-se, portanto, um caos primordial com um importante elemento aquoso — desconhecido (e, assim, indomável) para os escritores do Antigo Oriente Próximo.

A expressão hebraica *ruach 'elohim* é traduzida tradicionalmente por “Espírito de Deus”, algo que se adotou na *Nova Almeida Atualizada*. Mas alguns tradutores, como Haroldo de Campos, em seu *Bere 'shit*, traduzem-na de uma forma menos usual:

No começar Deus criando
O fogoágua e a terra

E a terra era lodo torvo
E a terra sobre o rosto do abismo
E o sopro-Deus
Revoa sobre o rosto da água

A tradução “sopro” ou “vento” para a palavra hebraica *ruach* enfatiza outro de seus significados. Haroldo o adotou, criando um belo neologismo, embora tenha sido mais conservador ao traduzir *elohim* por Deus. Outra possibilidade seria “sopro-poderoso”, já que *elohim* é usado na Bíblia também como adjetivo, no sentido de “poderoso”, “impressionante” (cf. Gn 23.6, em que os hititas falam de Abraão como *nasi' 'elohim*, “poderoso príncipe”; Gn 30.8 e Êx 9.28, “poderosos trovões”; ou Jn 3.3, “cidade extraordinariamente poderosa”). Na expressão “sopro-Deus”, de Campos, *elohim* é entendido não como aquele que causa o vento, mas como o próprio vento, o que pode se ligar à noção posterior de Espírito Santo. Todas essas variações de tradução são possíveis. A comissão da *Nova Almeida*, ao decidir por “Espírito de Deus”, se ancora na tradição das traduções já conhecidas dos leitores e das igrejas protestantes.

Ao final do segundo versículo, a expressão “**pairava** por sobre as águas”, da Almeida anterior, deu lugar a “**se movia** sobre as águas”. O verbo hebraico *merahepet*, em destaque, aparece apenas outras duas vezes na Bíblia (Dt 32.11; Jr 23.9). Em Deuteronômio, o temos associado à águia que “voa” sobre seus filhotes; já em Jeremias, a imagem é de ossos estremeendo. Segundo alguns autores, a mesma raiz ocorre em ugarítico, com o significado de “estar em movimento”. Assim, a imagem é a do Espírito de Deus, ou vento de Deus, voando, se movendo sobre as águas, e não “pairando”, como na Almeida anterior.

A comissão, a esse respeito, produziu a seguinte nota:

O verbo pairar me deixa um pouco em dúvida. No hebraico, *rahap* pode ser traduzido por pairar, voar por, mover-se sobre etc. Mas veja, em Dt 32.11 o mesmo verbo é traduzido por “voeja sobre”, um verbo que sugere movimento: “Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes, estende as asas e, tomando-os, os leva sobre elas...” Em português, pairar dá a ideia de certa imobilidade ou lentidão (e até inércia). Para mim, a NTLH, nesse sentido, foi por um caminho interessante: “se movia por cima da água”, assim como a KJV: “And the Spirit of God moved upon the face of the waters”, ou a própria RV60: “Espírito de Dios se movía sobre la faz de las aguas”. Até por que o Espírito aparece como um ser criativo, e a ideia de mobilidade parece mais adequada. O que acham? (QM)

A nota foi respondida por VS:

De acordo, especialmente diante dos detalhes da exposição. Quando isto foi feito, ainda havia grande reticência quanto à introdução de mudanças em textos mais ou menos consagrados. Acho agora que é um ajuste que se justifica. Esse pairar — presente em BPT — talvez tenha influência da figura da pomba (em inglês, hovering). O movimento casa bem com a noção de espírito/vento, que é defendida por alguns. Mas o movimento cabe bem ao Pneuma também.

Assim, o texto foi alterado, e ficou da seguinte forma: “o Espírito de Deus se movia sobre as águas”. Houve, ainda, eliminação da dupla de preposições (por sobre), mantendo-se apenas “sobre”. Embora a redação final seja levemente diferente da redação já conhecida, nenhum leitor enviou à Sociedade Bíblica do Brasil qualquer comentário negativo diante das mudanças, e, em testes de leitura, os versículos iniciais de Gênesis se mostraram bastante fluidos e compreensíveis — o que era esperado pela comissão. Por fim, outra reformulação visível no texto foi feita em termos de formatação. Os períodos, como se observa, foram separados em parágrafos, e a fala de Deus foi colocada em outra linha com travessão. Além disso, foi acrescida uma exclamação: “— Haja luz!” Isso reforça a ideia da palavra que cria, do Deus que, por meio de seu Espírito criativo e de sua palavra, traz ordem ao caos e produz vida.

Isaías 53.3-5

Os capítulos 40—55 do Livro do profeta Isaías tratam de um povo em sofrimento, fora de sua terra, humilhado, explorado e sem esperança. É nessas condições que o profeta anuncia a libertação aos israelitas, garantindo que Deus os levará de volta do cativeiro para que possam começar uma vida nova na terra de Israel. Assim, Deus se mostra o Deus da história, aquele que tem um plano para o seu povo, o qual terá a missão de ser uma bênção para todas as nações da terra. Nesse contexto, as passagens a respeito do “Servo do Senhor”, dentre as quais Is 53.3-5, estão entre as mais conhecidas da Bíblia hebraica. É um texto considerado messiânico, muito lido nas igrejas.

Revista e Atualizada (RA)

Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.

Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o **reputávamos** por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado **pelas** nossas transgressões e **moído pelas** nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas **pisaduras** fomos sarados.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores e que sabe o que é padecer. E, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o **considerávamos** como aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado **por causa das** nossas transgressões e **esmagado por causa das** nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas **feridas** fomos sarados.

A primeira mudança evidente é na formatação, que na NAA está como poesia, versificada. Também se dividiu o texto em estrofes. Há, ainda, uma mudança na pontuação do texto, que está de acordo com o projeto da Nova Almeida. Nesse caso, entendeu-se que pausas maiores organizariam melhor o texto.

Alguns verbetes-chave dessa passagem não foram alterados, como é o caso de “padecer”, “enfermidades”, “traspassado”, “transgressões” e “iniquidades”. Apesar de alguns serem pouco usados no português atual, como é o caso de “padecer” e “traspassar”, pela iconicidade do texto, se mantiveram. Outros sofreram alteração, como é o caso de “reputávamos”, que deu lugar a “considerávamos”, “moído”, que foi mudado para “esmagado”, e “pisaduras”, que deu lugar a “feridas”.

No caso de “moídos”, no v. 5, observa-se que o mesmo verbo no hebraico foi traduzido por “esmagar” em Is 3.15 e 19.10. Esse verbo ainda se repete no v. 10. Embora moído não seja uma ideia difícil, optou-se pela uniformização.

Quanto ao caso de “pisaduras”, o hebraico traz וּבְחֻבָּתָיו, “as feridas dele”. Para que “pisaduras” não fosse tomado como sinônimo de “pisada”, como se o texto dissesse que pelas pisadas do Servo Sofredor as pessoas são saradas, houve atualização do verbete, numa tentativa de facilitar a compreensão e evitar confusões.

Em termos gerais, a sonoridade dessa passagem bíblica se manteve, uma vez que as mudanças foram pontuais. Com isso, novamente o leitor não tem uma surpresa ao se deparar com o texto de Almeida muito modificado em relação às versões mais conhecidas.

Rute 1.16-17

Essa passagem conta uma parte da história de Rute, uma jovem do país de Moabe, que se casou com um israelita. Ele morre, e Rute se apega à sua sogra, demonstrando profunda devoção ao Deus de Israel. Rute e a sogra Noemi vão morar em Belém e, depois de algum tempo, Rute se casa novamente, agora com um parente do seu primeiro marido. E foi por causa desse segundo casamento que Rute se tornou bisavó de Davi, o maior rei de Israel.

Esse texto de Rute, escolhido para integrar o *corpus*, se tornou muito conhecido dos leitores e trata justamente da conversa derradeira entre nora e sogra, a qual define o futuro delas. Representa uma das demonstrações de amor e fidelidade mais fortes da Bíblia.

Revista e Atualizada (RA)

Disse, porém, Rute: Não **me instes** para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e aí serei sepultada; faça-me o SENHOR o que **bem lhe aprouver**, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti. (Grifos nossos)

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Porém Rute respondeu:

— Não **insista** para que eu a deixe nem me obrigue a não segui-la! Porque aonde quer que você for, irei eu; e onde quer que pousar, ali pousarei eu. O seu povo é o meu povo, e o seu Deus é o meu Deus. Onde quer que você morrer, morrerei eu e aí serei sepultada. Que o SENHOR **me castigue**, se outra coisa que não seja a morte me separar de você. (Grifos nossos)

Algumas traduções da Bíblia colocam esse texto como seção poética. Não foi o caso da NAA. No entanto, considerando a expressividade da passagem, a equipe optou por manter a sua dramaticidade e poeticidade. Um rearranjo sintático, por exemplo, poderia ter empobrecido construções como “irei eu”, “pousarei eu”. A opção pelo uso de “você” também poderia ter engendrado a destruição da poética da passagem, mas a mudança foi propositadamente sutil. Além disso, a comissão se preocupou em preservar a sonoridade, pela opção de um verbo parecido a “instar”, ou seja, “insistir”.

A grande mudança se deu na seguinte frase da RA: “... faça-me o SENHOR o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti”, que na NAA ficou: “Que o SENHOR me castigue, se outra coisa que não seja a morte me separar de você.” Fazer o que bem lhe aprouver não é necessariamente a mesma coisa de “castigar”. Em nota, VS escreveu: “Surgiu a tradução idiomática ou compreensível: Que o SENHOR me castigue, e uma nota com o texto literal. Mas daí terá de ser literal mesmo: ‘Assim faça o SENHOR comigo e assim acrescente’. Daí ficará claro, para todos, em especial os literalistas, que não tem como fazer tradução

ao pé da letra.” De fato, a versão final do texto revisado não é literal, mas dinâmica, como Nida propôs, privilegiando o sentido e a compreensão dos leitores.

Eclesiastes 3.1-8

Esse é um texto do Livro de Eclesiastes, onde estão registrados os pensamentos do “Pregador” (*Cohélet*), um homem que meditou profundamente sobre a vida humana, com as suas injustiças e decepções, e concluiu que “tudo é vaidade”.

O trecho selecionado para essa categoria trata do tempo — afirmando que há um tempo determinado para cada coisa na vida.

Revista e Atualizada (RA)

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de **derribar** e tempo de **edificar**; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de **afastar-se de** abraçar; tempo de **buscar** e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de **deitar fora**; tempo de rasgar e tempo de **coser**; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de **aborrecer**; tempo de guerra e tempo de paz.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Tudo tem o seu tempo determinado,
e há tempo para todo propósito debaixo do céu:
há tempo de nascer
e tempo de morrer;
tempo de plantar
e tempo de arrancar o que se plantou;
tempo de matar
e tempo de curar;
tempo de **derrubar**
e tempo de **construir**;
tempo de chorar
e tempo de rir;
tempo de prantear
e tempo de saltar de alegria;
tempo de espalhar pedras
e tempo de ajuntar pedras;
tempo de abraçar
e tempo de **deixar de** abraçar;
tempo de **procurar**
e tempo de perder;
tempo de guardar
e tempo de **jogar fora**;
tempo de rasgar
e tempo de **costurar**;
tempo de ficar calado
e tempo de falar;
tempo de amar
e tempo de **odiar**;
tempo de guerra
e tempo de paz.

A primeira mudança foi estrutural, reorganizando a passagem no formato de um poema. Além dessa, outras mudanças pontuais foram feitas, sobretudo no que diz respeito a palavras pouco conhecidas ou com sentido incomum em nossos dias. O caso mais emblemático é “aborrecer” com o sentido de “odiar”. No português corrente, uma das primeiras acepções do verbo “aborrecer” é “irritar”. Assim, a dupla “amar” e “aborrecer” sugeriria que há tempo de amar alguém, agradando essa pessoa, fazendo-a feliz, e há tempo de aborrecer essa pessoa, chateá-la. Ou tempo de amar *versus* tempo de se irritar com outra pessoa. O contraste aqui é o mais óbvio: amor e ódio. Por isso, o verbo aborrecer foi mudado, a fim de evitar um entendimento equivocado dos elementos colocados em oposição.

Outras atualizações lexicais foram “coser”, que deu lugar a “costurar”; a forma arcaica “derribar”, substituída por “derrubar”; “edificar”, que foi mudado para “construir”; a locução “deitar fora”, que foi substituída por “jogar fora”; e “buscar”, que deu lugar a “procurar”.

Mateus 5.3-12

Esses versículos ficaram conhecidos como “O Sermão do Monte”, ou “O Sermão das Bem-aventuranças”, e tratam dos ensinamentos mais profundos de Jesus aos seus discípulos.

Revista e Atualizada (RA)

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.
 Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
 Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.
 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
 Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.
 Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.
 Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso

Nova Almeida Atualizada (NAA)

— Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus.
 — Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
 — Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
 — Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.
 — Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
 — Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.
 — Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
 — Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.
 — Bem-aventurados são vocês quando, por minha causa, os insultarem e os perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vocês.

galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.

Alegrem-se e exultem, porque é grande a sua recompensa nos céus; pois assim perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.

“Bem-aventurados” foi como João Ferreira de Almeida traduziu, em 1681, o termo grego μακάριοι (*makarioi*), e é assim que muitas traduções ainda o fazem. Mas “felizes” é preferido por traduções mais contemporâneas, como NTLH, BPT, DHH e NVT, só para citar algumas. O adjetivo grego é o equivalente do adjetivo hebraico usado frequentemente nos Salmos (Sl 1.1; 32.1) e em Provérbios (Pv 8.32,34). Essa é uma decisão sensível, uma vez que “bem-aventurança” e “bem-aventurado” se cristalizaram ao longo do tempo.

Quanto a “humildes de espírito”, na NAA essa expressão foi alterada para “pobres em espírito”. No ensinamento de Jesus, os “pobres em espírito” são aqueles cujas circunstâncias os forçam a pôr toda a sua confiança e esperança em Deus. Portanto, a tradução poderia dizer: “sabem que são espiritualmente pobres” (NTLH) ou “que reconhecem (ou confessam) que precisam (da ajuda) de Deus”, “os que confiam completamente em Deus”. A NAA não reelaborou o texto nem se utilizou do recurso da explicação, mas substituiu “humildes de espírito” por “pobres em espírito” (*ptōchoi tōi pneumati*). Uma consequência negativa disso pode ser a má compreensão do texto. “Pobre de espírito”, nos dias de hoje, é uma expressão que pode se referir a pessoas mesquinhas. O texto não se refere a elas, mas a pessoas com um coração que reconhece sua própria condição diante de Deus.

Outra mudança foi reino de Deus, que foi grafado com a inicial maiúscula. Trata-se, de fato, de um conceito, muito mais do que um lugar. Reino de Deus, para os cristãos, não é apenas a localização em que os crentes em Deus viverão na vida eterna, mas uma ideia ou noção que Deus entregou à humanidade na vinda de seu Filho. É um modo de vida, uma mentalidade, uma forma de ser no mundo. Pessoas bem-aventuradas já vivem o Reino de Deus em sua vida, ainda que não tenham morrido.

O verbete “farto”, por sua vez, deu lugar a “saciado”, que parece transmitir com mais sensibilidade e delicadeza a ideia dos que têm fome e sede de justiça. Eles não serão “fartos”, mas saciados por Deus.

A linguagem, no último trecho, foi mudada da segunda pessoa do plural (“vós”) para vocês. Com isso, houve adaptações necessárias no texto. Nessa parte, “injuriar” deu lugar a “insultar”; “regozijar” a “alegrar”; e “galardão” foi mudado para “recompensa”.

Outros textos iconizados

Há muitos textos iconizados que sofreram pouquíssimas mudanças, em geral, bastante pontuais. As modificações mais substanciais se relacionam ao uso de pronomes. Abaixo, como exemplo, elencam-se outras passagens com suas alterações destacadas, a fim de atestar a sutileza das modificações:

Romanos 8.36-39

Revista e Atualizada (RA)

Como está escrito:

Por amor de ti, somos entregues à morte **o dia todo**, fomos considerados como ovelhas para o matadouro.

Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.

Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá **separar-nos** do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Como está escrito:

“Por amor de ti, somos entregues à morte **continuamente**; fomos considerados como ovelhas para o matadouro.”

Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá **nos separar** do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Hebreus 11.6

Revista e Atualizada (RA)

De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, **porquanto** é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que **se torna galardoador dos** que o buscam.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, **porque** é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que **re-compensa os** que o buscam.

*Romanos 6.23***Revista e Atualizada (RA)**

porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.

*João 14.6***Revista e Atualizada (RA)**

Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Jesus **respondeu**:
— Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.

*Romanos 8.28-30***Revista e Atualizada (RA)**

Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. **Porquanto aos** que de antemão conheceu, também **os** predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. **Pois aqueles que Deus** de antemão conheceu **ele** também predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

*Gálatas 5.22-24***Revista e Atualizada (RA)**

Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e **concupiscências**.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e **os seus desejos**.

*Salmo 145.1-3****Revista e Atualizada (RA)***

Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei;
 bendirei o teu nome
 para todo o sempre.
 Todos os dias te bendirei
 e louvarei o teu nome
 para todo o sempre.
 Grande é o SENHOR
 e mui digno de ser louvado;
 a sua grandeza é insondável.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Eu te exaltarei, ó Deus meu e Rei;
 bendirei o teu nome
 para todo o sempre.
 Todos os dias te bendirei
 e louvarei o teu nome
 para todo o sempre.
 Grande é o SENHOR
 e mui digno de ser louvado;
 a sua grandeza é insondável.

*Mateus 6.33****Revista e Atualizada (RA)***

buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Mas busquem em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas.

*Josué 1.9****Revista e Atualizada (RA)***

Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o SENHOR, teu Deus, é contigo por onde quer que andares.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Não foi isso que eu ordenei? Seja forte e corajoso! Não tenha medo, nem fique assustado, porque o SENHOR, seu Deus, estará com você por onde quer que você andar.

*João 8.32****Revista e Atualizada (RA)***

e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.

*Colossenses 3.13-14**Revista e Atualizada (RA)*

Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra **outrem**. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Suportem-se uns aos outros e perdoem-se mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra **outra pessoa**. Assim como o Senhor perdoou vocês, perdoem também uns aos outros. Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição.

*Lucas 6.37-38**Revista e Atualizada (RA)*

Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á; boa medida, **re-calcada**, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

— Não julguem e vocês não serão julgados; não condenem e vocês não serão condenados; perdoem e serão perdoados; deem e lhes será dado; boa medida, **prensada**, sacudida e transbordante será dada a vocês; porque com a medida com que tiverem medido vocês serão medidos também.

*Mateus 6.9-13**Revista e Atualizada (RA)*

Portanto, vós orareis assim:
Pai nosso, que estás nos céus,
santificado seja o teu nome;
venha o teu **reino**;
faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu;
o pão nosso de cada dia **dá-nos** hoje;
e perdoa-nos as nossas dívidas,
assim como nós **temos perdoado** aos nossos devedores;
e não nos deixes cair em tentação;
mas livra-nos do mal
(pois teu é o **reino**, o poder e a glória para sempre. Amém)!

Nova Almeida Atualizada (NAA)

— Portanto, orem assim:
“Pai nosso, que estás nos céus,
santificado seja o teu nome;
venha o teu **Reino**;
seja feita a tua vontade,
assim na terra como no céu;
o pão nosso de cada dia
nos dá hoje;
e perdoa-nos as nossas dívidas,
assim como nós
também perdoamos
aos nossos devedores;
e não nos deixes
cair em tentação;
mas livra-nos do mal
(pois teu é o **Reino**,
o poder e a glória
para sempre. Amém)!”

Jeremias 29.11-13

Revista e Atualizada (RA)

Eu é que sei que pensamentos tenho a **vosso** respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para **vos dar o fim que desejais**. Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

Eu é que sei que pensamentos tenho a respeito **de vocês**, diz o SENHOR. **São** pensamentos de paz e não de mal, para **dar-lhes um futuro e uma esperança**. Então vocês me invocarão, se aproximarão de mim em oração, e eu os ouvirei. Vocês me buscarão e me acharão quando me buscarem de todo o coração.

Romanos 12.2

Revista e Atualizada (RA)

E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Nova Almeida Atualizada (NAA)

E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

6.7 Questões sobre a recepção da revisão

Depois da análise de *corpus*, esse último item é dedicado a reflexões sobre a recepção da NAA. Como a revisão está terminada, a presente pesquisa pôde incorporar as primeiras reações do público leitor ao receber o texto final dessa revisão.

Desde o começo, a SBB se preocupou em envolver igrejas e leitores no processo de revisão. Depois da publicação do texto, muitas denominações cristãs tomaram a decisão de adotar a NAA como texto oficial — unicamente ou em conjunto com outra tradução já usada, como a RC — ou recomendá-la como boa tradução. No meio digital, houve *reviews* e debates sobre a tradução. Além disso, muitas mensagens foram enviadas à SBB felicitando a organização pelo projeto e pela redação final. Também houve críticas e sugestões relacionadas a pontos específicos do novo texto. E, em menor quantidade, alguns leitores escreveram rechaçando a versão.

Está claro que, ao decidir ouvir os leitores e as igrejas, a SBB abriu espaço para livres manifestações, o que inclui todo tipo de comentário. Algumas passagens bíblicas, em especial, geraram controvérsias.

Um exemplo de crítica aconteceu em agosto de 2017, durante um evento organizado pela Sociedade Bíblica do Brasil na cidade de Barueri, a saber, o Fórum de Ciências Bíblicas. Ali, um leitor tomou a palavra ao microfone numa palestra sobre traduções bíblicas em português e criticou a opção da revisão de Almeida na passagem da ressurreição de Lázaro. Na publicação de prova da *Nova Almeida Atualizada*, lançada em 2016, na redação dessa passagem, Marta dizia a Jesus: “**Senhor, se você** estivesse aqui, o meu irmão não teria morrido” (Jo 11.21, grifos nossos). O uso de “você” nessa passagem para se referir a Jesus se justificaria pela intimidade conhecida entre as personagens, já que Lázaro, Marta e Maria eram amigos pessoais de Jesus. Mas o leitor em questão não gostou dessa opção. Na versão anterior, o texto trazia a palavra “Senhor” traduzindo *kurios* e o “tu” traduzindo o pronome que se refere a Jesus. O “você”, para aquele leitor, vulgarizou a relação da mulher com Cristo e empobreceu o texto.

O que a comissão ponderou foi que, ainda que se quisesse conferir ao tom da conversa um pouco mais de respeito ou formalidade, o pronome não poderia ficar em elipse, mas seria preciso explicitá-lo. O que se poderia fazer seria usar o “senhor”, mas isso levaria a uma repetição indesejada da palavra: “Senhor, se o senhor estivesse aqui, o meu irmão não teria morrido.” Além disso, o *kurios* é traduzido por “Senhor”, com a inicial maiúscula, em reconhecimento à divindade de Jesus; já o pronome de tratamento ficaria com a inicial minúscula, o que poderia gerar outras dúvidas nos leitores quanto à falta de uniformidade no tratamento a Jesus. Por fim, depois de muitas discussões, o texto ficou assim: “**Se o Senhor estivesse aqui**, o meu irmão não teria morrido” (grifos nosso), com a elipse do vocativo e uma compensação, utilizando o Senhor (com a inicial maiúscula, o *kurios*) no meio da frase — o que acarretou uma perda para o texto, mas pareceu a solução mais equilibrada à questão.

Outro exemplo paradigmático é a passagem do Livro do profeta Isaías, capítulo 28, versículos 10 e 13. O texto antigo, ou seja, a RA, trazia a seguinte redação na passagem completa:

Mas também estes cambaleiam por causa do vinho e não podem ter-se em pé por causa da bebida forte; o sacerdote e o profeta cambaleiam por causa da bebida forte, são vencidos pelo vinho, não podem ter-se em pé por causa da bebida forte; erram na visão, tropeçam no juízo. Porque todas as mesas estão cheias de vômitos, e não há lugar sem imundícia. A quem, pois, se ensinaria o conhecimento? E a quem se daria a entender o que se ouviu? Acaso, aos desmamados e aos que foram afastados dos seios maternos? **Porque é preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali.** Pelo que por lábios gaguejantes e por língua estranha falará o SENHOR a este povo, ao qual ele disse: Este é o descanso, daí descanso ao cansado; e este é o refrigério; mas não quiseram ouvir. Assim, pois, a palavra do SENHOR lhes será **preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali;** para que vão, e caiam para trás, e se quebrem, se enlacem, e sejam presos. (Grifos nossos)

Considerando os originais, esse é um dos textos mais difíceis de se traduzir em toda a Bíblia. No v. 10, há a seguinte formulação: קִי צוֹ לְצִוִּי צוֹ לְצִוִּי קוֹ לָקוֹ קוֹ לָקוֹ זַעֲרִיר זַעֲרִיר זַעֲרִיר זַעֲרִיר. Ou, transliterado: *kî šaw lāšāw šaw lāšāw qaw lāqāw qaw lāqāw za‘êr šām za‘êr šām*.

A partícula hebraica *kî* provavelmente é um marcador enfático. O que vem em seguida é o problema. O significado das palavras hebraicas individuais é incerto. A maior parte das traduções bíblicas opta por transmitir o possível sentido dessas palavras, o que, para muitos intérpretes da Bíblia, faz com que se perca o ponto central do verso. É o caso da RA, transcrita acima.

O som e o ritmo das palavras hebraicas é um componente importante aqui. Há repetição de sons onomatopoéticos, provavelmente retirados de alguma fraseologia proverbial, talvez imitando o balbúcio de bebês. Essas sílabas podem ser derivadas da instrução de um mestre ao ensinar o alfabeto, por exemplo. Essa interpretação estaria de acordo com o caráter pedagógico do capítulo e aumentaria o contraste na referência aos “lábios estranhos e outras línguas” com os quais Deus ameaça ensinar seu povo (MONTGOMERY, 1912, p. 141-142). Além disso, o léxico de Brown-Driver-Briggs⁶⁸ acrescenta que, no v. 10, o termo *tsav* é usado “in mocking mimicry of Isaiah’s words”.

A tradução *La Bible en français courant*, de 1997, por exemplo, traduz esse texto assim: “Écoutez-le: Blablabla, blablabla, et patati et patata” (similar ao que faz a *German Gute Nachricht*: “Was soll dieses ewige ›La, la - la, la. Ma, ma - ma, ma. Du da, paß auf?‹”). A *Revised English Bible*, por sua vez, traduz da seguinte forma: “A babble of meaningless noises, mere sounds on every side!” A NTLH traz a seguinte redação: “Ele está pensando que nós somos crianças e quer nos ensinar o beabá.” A *Bíblia para Todos*, de Portugal, trouxe o seguinte: “Ora ouçam: «tsav latsav, tsav latsav kav lakav, kav lakav, menino aqui, menino ali.»” (uma transliteração). Já a *Dios Habla Hoy*, em espanhol, tem: “... que apenas estuvieran aprendiendo a leer: ba be bi bo bu!” A *Contemporary English Version* traduziu o texto assim: “You don’t even listen — all you hear is senseless sound after senseless sound.” Já a *Nueva Versión Internacional* trouxe: “¿Niños que repiten: ‘a-b-c-ch-d, a-e-i-o-u, un poquito aquí, un poquito allá?’” A *Reina-Valera Contemporánea* tem: “Pues salen con su ta-ta-ta, bla-bla-bla, pe-pe-pe, to-to-to”. Já a *Bíblia do Peregrino* traz: “... cê com cê, pê com pê, menino aqui, menino lá.”

⁶⁸ Recurso disponível na versão 7.5 do software *Paratext*.

Uma opção de tradução seria transliterar o hebraico, como fez a Bíblia de Jerusalém, mas, para a comissão revisora, isso não seria muito significativo. O que a NAA fez foi revisar essa passagem, optando por uma formulação mais coadunada com as novas leituras do texto:

Porque é beabá, beabá,
blá-blá-blá, blá-blá-blá,
pouco aqui, pouco acolá.”

(...)
Mas eles não quiseram ouvir.
Assim, a palavra do SENHOR lhes será
um “beabá, beabá,
blá-blá-blá, blá-blá-blá,
pouco aqui, pouco acolá”,
para que andem, caiam para trás,
sejam despedaçados,
enlaçados e presos.

Desde sua publicação, a SBB passou a receber manifestações a respeito dessa passagem bíblica. O argumento principal foi de que o texto soa estranho com a expressão “blá-blá-blá”, algo que não parece cair bem na Bíblia, especialmente numa tradução formal como Almeida. Um dos leitores, por exemplo, chegou a escrever:

Creio que vocês mandaram mal na tradução desse verso. As palavras significam “regras”, “comandos”, “disputas”. Existe sim um trocadilho com palavras, mas não apontando para linguagem de criança ou de tagarelices sem sentido, mas apontando para uma linguagem de lei e de demandas. Mesmo que quisessem apenas traduzir a sensação de quem ouviu tais palavras em hebraico, não conseguiram. Vocês deviam ter enfatizado o legalismo inútil desse povo, que é o que esse texto está acusando. O blá-blá-blá para nós produz outra ideia. Por favor, tratem esse texto com mais carinho! É uma Almeida! Nem as traduções mais dinâmicas fizeram isso! (Recebido por *e-mail*.)

Outros leitores destacaram outros aspectos da passagem revisada:

Queria deixar uma sugestão aos amados irmãos da comissão revisora da NAA para o final de Isaías 28:10b e 13b. Ao invés de “pouco aqui, pouco acolá”, vocês poderiam traduzir “pouco aqui, pouco ali”, visto que “acolá” é arcaico. Eu imagino que a intenção foi tentar produzir uma rima, porém, no hebraico, a última frase (ze’êr sham, ze’êr sham) não rima com as duas frases anteriores (çav laçav, çav laçav, kav lakav, kav lakav). Portanto, não haveria necessidade de usar um arcaísmo como “acolá”. (Recebido por *e-mail*.)

A primeira reação de um dos membros da comissão foi a de pensar que, se fosse necessário mudar esse texto, que se voltasse à redação da RA e se colocasse uma nota de rodapé com informações sobre o hebraico. Outra parte da equipe rejeitou a ideia. Entendeu-se que certo estranhamento seria normal, já que o texto havia sido radicalmente revisado e, numa tradução como Almeida, nunca se apresentou tal passagem dessa forma.

Porém as críticas continuaram a chegar. O incômodo oscilava: ora se apresentava como algo relativo à falta da palavra “mandamento”, como se Isaías estivesse combatendo um legalismo (algo que não existia naquela época), ora se manifestava como rejeição a uma redação tão diferente do estilo de Almeida. Alguns criticaram o fato de a opção divergir de traduções clássicas, como a King James.

No Facebook, uma pessoa compartilhou a foto da página impressa da Bíblia NAA justamente com a expressão de Is 28.10, o que provocou reações extremadas entre alguns leitores, afirmando que a SBB havia passado dos limites com essa tradução. Algumas pessoas também se chocaram com a mudança porque costumavam usar Is 28.10,13 para defender como se deve ler a Bíblia: “estude por capítulos (Is 28.10)”⁶⁹.

Em maio de 2018, a comissão, a pedidos, elaborou um texto para esclarecer a opção de tradução que gerou tanta polêmica, convocando os leitores a um “pequeno exercício de hermenêutica bíblica”. A certa altura, o texto afirma:

Num belo estilo poético, caracterizado pela repetição de linhas (chamado de paralelismo dos membros), Isaías fala sobre os que cambaleiam por causa do vinho e não podem ficar em pé por causa da bebida forte: os sacerdotes e os profetas. (...) Ainda em estilo poético, marcado pelas repetições, os líderes do povo perguntam: “A quem ele quer ensinar o conhecimento? E a quem ele quer explicar a mensagem?” Parecem perguntas inocentes, mas, à luz do que segue, elas assumem um tom de arrogância e deboche. (...) E agora vem o v. 10. Não há nada igual a ele em toda a Bíblia (exceto a repetição no v. 13). A parte inicial desse texto, transliterada do hebraico, foi colocada em nota de rodapé na *Nova Almeida Atualizada*: tsav latsav tsav latsav kav lakav kav lakav. A parte final, que não foi incluída na nota, tem o mesmo caráter repetitivo: zeer sham zeer sham. (...) Como traduzir esse texto hebraico? Tem quem não traduza, mas apenas translitere o texto hebraico.

Houve um breve comentário sobre a opção de tradução encontrada na Almeida RA. Essa forma de traduzir, segundo o texto,

remonta, no mínimo, ao tempo de Jerônimo, pois está na Vulgata: “manda remanda manda remanda expecta reexpecta modicum ibi modicum ibi”. A tradução por “preceito” parece justificada, na medida em que se pode ver uma conexão entre o termo hebraico “tsav” e o verbo hebraico “tsavah” (ordenar). No entanto, essa tradução é difícil de sustentar, pois o “la” em “latsav”, na combinação “tsav latsav”, não pode significar “repetição” (como Jerônimo traduziu) ou “sobre” (como aparece em Almeida). Em outras palavras, existe, na tradução de Jerônimo e também na de Almeida, um elemento de tradução dinâmica. A este argumento linguístico soma-se um argumento contextual: o mesmo texto hebraico dificilmente pode significar “preceito sobre preceito” mais adiante, em Is 28.13, em referência à palavra de Deus. Naquele contexto, a palavra de Deus não é uma exigência, mas uma sentença condenatória. Algo semelhante ao que se tem em Is 6.9-10.

⁶⁹ Cf. <http://www.levandoapalavra.com/123/?p=288>; também <https://ocaminharcomdeus.webnode.com/como-estudar-a-palavra-de-deus/>.

Faz mais sentido afirmar, segundo a comissão, “que se trata de fala de bebê ou, mais provavelmente, de exercícios usados na alfabetização de crianças”. Não é algo que Isaías efetivamente tenha falado, mas uma imitação zombeteira de tudo o que ele tinha anunciado: “As palavras usadas em tom de zombaria e reproduzidas por Isaías no v. 10 se tornariam palavra divina de juízo na boca do conquistador assírio, no v. 13. Os zombadores andariam, cairiam para trás, seriam despedaçados, enlaçados e presos”.

O texto encerra assim:

(...) se Is 28.10 tem alguma lição de ordem hermenêutica, ela poderia ser resumida assim: É preciso ler o texto com cuidado, ler todo o texto, não ser dogmático (por se tratar de um texto que não é totalmente claro) e ler esse texto dentro do seu contexto. Mas, acima de tudo, esse texto ensina que é preciso levar a palavra de Deus a sério, jamais dizendo: “Ah, isso é só coisa de criança!”

Apesar da publicação, mais críticas começaram a chegar, culminando em dezembro de 2018, numa espécie de “viralização” do texto de Isaías e uma reação em cadeia de leitores rejeitando a proposta de tradução — e, por extensão, a própria NAA. Finalmente, em 2019, houve ponderação das críticas de leitores e elaboração de uma nova redação para o texto. Decidiu-se não retornar à exegese da RA, mas reelaborar a redação que causou tanto espanto nos leitores. O texto dos vs. 10-13 ficou, então, assim:

Porque nos fala como a crianças,
repetindo palavras e frases.
Uma palavra, depois mais outra,
um pouco aqui, um pouco ali.

Pois bem, por meio de lábios zombeteiros
e de uma língua estranha
o SENHOR falará a este povo,
ao qual ele disse:
“Este é o descanso;
deem descanso ao cansado.
E este é o refrigerio.”
Mas eles não quiseram ouvir.
Assim, a palavra do SENHOR lhes será
como a fala de crianças:
palavras e frases repetidas,
uma palavra, depois mais outra,
um pouco aqui, um pouco ali.
Isso para que andem, caiam para trás,
sejam despedaçados,
enlaçados e presos.

Houve atenção ao posicionamento dos leitores e das igrejas, o que levou à reformulação do texto, sem, no entanto, voltar à redação anterior. Não há, portanto, um abandono da interpretação do texto feita pela comissão, mas sim uma tentativa de tradução que equilibrasse a questão.

Há manutenção de certa aliteração (“um pouco aqui, um pouco ali”) e explicitação da fala de crianças (“Porque nos fala como a crianças, repetindo palavras e frases. Uma palavra, depois mais outra...”). Não se pode negar a pressão grande que uma parcela dos leitores exerceu nesse caso, o que influenciou diretamente a decisão de retificar a tradução. Talvez — e essa é uma leitura subjetiva — essa efervescência nas redes sociais possa estar ligada ao contexto em que o Brasil vive, de articulação e barulho nas redes sociais em torno de certos temas e grande polarização de opiniões. Talvez isso tenha cooperado para o avultamento da questão.

Depois da mudança textual, que foi feita nos aplicativos de celular em que a tradução NAA está, no *website* da SBB e nas novas impressões e edições, houve prontas manifestações — todas positivas e agradecidas.

Esse é apenas um exemplo mais extremo da interação da SBB com as igrejas e os leitores. Obviamente, se trata de uma crítica negativa a uma opção da comissão. Não foi a tônica de todos os leitores. Mas interessa, a fim de refletirmos sobre a própria dinâmica do projeto, influenciada pelo público a que se destina. Essa situação também evidencia a questão da sensibilidade em tradução bíblica, algo que jamais deve sair do horizonte dos tradutores, revisores e pesquisadores do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar os percursos de um projeto de revisão de uma tradução bíblica e comentar as decisões da equipe, registrando o trabalho que foi feito, foi o principal propósito desta pesquisa. O objeto deste estudo foi uma tradução clássica da Bíblia para o português, considerada fiel pelos leitores e que há muitos anos não recebia atualizações. Assim, a caracterizamos como um texto tradicional, marcado por questões de sensibilidade.

Por meio da delimitação de um *corpus* de excertos, analisados a partir de seis categorias, este trabalho, à luz das reflexões de Eugene Nida, da analítica de Berman e do conceito de sensibilidade em tradução, propôs oferecer subsídios para uma descrição pormenorizada do projeto de revisão da Bíblia de Almeida na versão *Revista e Atualizada*. Dentre outras coisas, isso foi feito por meio da revisitação das escolhas da comissão revisora, da qual a autora deste trabalho fez parte.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar uma questão importante: os dilemas e desafios de comentar um trabalho do qual se fez parte. Kaisa Koskinen, em seu livro *Translating Institutions*, na parte intitulada “Who is Who: Positioning Myself”, propôs uma autorreflexão, colocando em discussão seu papel como pesquisadora com a experiência de já ter sido, no passado, tradutora da União Europeia, instituição que ela analisa. Dentre tantas questões que pontua, Kaisa Koskinen menciona a natureza paradoxal do trabalho do pesquisador que também é tradutor (ou, no caso desta dissertação, revisor). A identidade do pesquisador, quem ele é, onde atua e com que olhar se apresenta diante de seu objeto impactam os rumos e os resultados da pesquisa, além de o colocarem em uma posição nem sempre fácil ou isenta de conflitos.

A autora deste trabalho também participou da revisão que ela comenta — o que significa ter atuado como revisora e, ao mesmo tempo, ter refletido em âmbito acadêmico sobre o processo de revisão da tradução, apresentando-o na forma desta dissertação. É verdade que, quando do ingresso no programa de pós-graduação em Estudos da Tradução, da FFLCH-USP, a revisão da tradução de Almeida estava em curso havia alguns anos. Os princípios de tradução tinham sido delineados em conjunto com as igrejas e o trabalho já estava avançado. Apesar disso, ainda não havia uma “forma final” do texto, nem reações ou repercussão da publicação da revisão, embora já houvesse certa pressão para o término do trabalho.

Nesse momento, de integração de um trabalho prático com as reflexões acadêmicas, toma-se consciência da situação ambivalente à qual o pesquisador se sujeita ao criticar o próprio trabalho. Essa posição assumida, como se percebeu ao longo do tempo, facilitou, por um lado, o acesso

a meandros do projeto talvez indisponíveis a outros pesquisadores. Um observador externo provavelmente teria tido mais dificuldades de adentrar certas particularidades do trabalho. Além disso, a pesquisadora teve à disposição suas próprias vivências e memórias para compor a pesquisa. Porém, houve momentos em que essa posição levou a situações pouco confortáveis.

À medida que o conhecimento no campo da tradução se aprimorava, por meio dos produtivos encontros com o orientador, dos cursos frequentados na USP, das trocas com colegas do departamento, das conversas com professores da área, das leituras e do estudo, a revisão avançava, e, com um olhar em constante transformação, a pesquisadora via esse novo texto ganhar forma, não apenas de maneira passiva, mas participando de suas mudanças junto à equipe. Mirando tudo isso em retrospecto, é possível perceber que o desconforto tem sua natureza justamente no conflito existente entre o que se aprende e entende sobre tradução e aquilo que é possível realizar dentro de um projeto com um escopo pré-determinado.

O que se observou, ao comentar os textos, por meio também da tentativa de explicitação do raciocínio que levou à tomada de determinadas decisões de revisão, é que bíblias são um objeto de análise singular. Há várias questões *sui generis* diretamente relacionadas ao trabalho de tradução da Bíblia, dentre as quais a noção de “texto sagrado”, que implica reconhecimento da importância e do valor que não apenas os leitores dão a essa obra, mas também os próprios tradutores. Além disso, o *status* desse texto para a comunidade religiosa é o de revelação da própria divindade, o que também pressiona e impacta o trabalho.

A revisão é um tema que se revelou extremamente importante no campo da tradução bíblica, a despeito da pouca abordagem que recebeu no âmbito acadêmico. Por meio de alguns exemplos, observou-se que essa é uma atividade constante no campo da tradução bíblica e que merece maior exploração.

No comentário aos textos da revisão, o que se buscou propriamente foi contextualizar e discutir os elementos trabalhados em cada passagem bíblica do *corpus*. Além disso, foram apresentadas dúvidas que surgiram ao longo da revisão, caminhos possíveis (e rotas efetivamente tomadas), discussões que ocorreram em equipe (e as posições, por vezes divergentes, daqueles que fizeram parte dela) — até se chegar ao texto tal qual se apresentou ao fim da revisão.

As principais mudanças identificadas tiveram a ver com atualização lexical, eliminação de mesóclises e rearranjos na sintaxe e na pontuação dos textos. Isso tudo foi feito a fim de facilitar a leitura e a compreensão. Além dessas, houve a mudança da segunda pessoa pronominal para as formas “você” e “vocês”, “senhor” e “senhores”, “senhora” e “senhoras” e a

adoção, em certos casos, de uma linguagem inclusiva de gênero, substituindo termos como “homens” por palavras como “pessoas”, “seres humanos” e “gente”.

Espera-se que esse intento tenha possibilitado uma visão abrangente do trabalho de revisão, incluindo os desafios, em diferentes níveis, desse projeto.

Quanto à analítica de Berman, ela se mostrou, por um lado, um método interessante de análise. Ela avalia a tradução à luz do original. No caso de uma revisão, há, na prática, dois “originais”, por assim dizer: o primeiro, aquele na língua de composição do texto (no caso da Bíblia, os textos em hebraico, aramaico e grego); e o segundo, o “original” na língua de chegada, ou seja, a tradução que é objeto da revisão (nesse caso, o texto de Almeida em português). Ambos os textos são fundamentais, embora o texto na língua de partida seja o norteador da avaliação, de onde se buscará as conclusões quanto à existência ou não das tendências deformadoras. Isso porque as deformações que a tradução promove destroem sistematicamente o texto na língua de origem, prejudicando a qualidade da tradução e o contato do leitor com a obra.

Ao mesmo tempo, o trabalho com os textos permitiu, em certo sentido, repensar a própria crítica que Berman faz. Não é recomendável que os parâmetros que ele propõe levem à desqualificação das traduções, de forma sumária. É preciso, antes, observar o escopo dos projetos de tradução e avaliar de que modo essas tendências que ele aponta se apresentam.

Na *Nova Almeida Atualizada*, observou-se, por exemplo, um esforço em adotar opções que corrigissem problemas na tradução anterior, como no caso de Gênesis 1.27, com a substituição do termo “homem” (*adam*) por “ser humano”, mantendo a palavra “homem” como tradução de *zakar*, pessoa do sexo masculino. Esse é um ganho bastante significativo dessa tradução em termos de enquadrar-se ao original, além de ter potencial para impactar as comunidades leitoras.

Em outras passagens bíblicas, por outro lado, evidenciou-se um alongamento dos textos, justamente pelo acréscimo de clarificações e pela necessidade de introduzir mais pronomes, com a mudança da segunda para a terceira pessoa. Além disso, algumas atualizações da linguagem, ao eliminar certos verbetes e expressões, substituindo-os por vocábulos conhecidos, produziram uma perda de especificidade nos termos.

Um exemplo está em 2Cr 13.5, um texto que não entrou na análise do *corpus*, mas que vale a pena mencionar. A atualização proposta ali clarificou a tradução, porém tirou do texto bíblico uma imagem importante. Onde originalmente a Almeida trazia “aliança de sal”, e o hebraico, a mesma coisa, depois da revisão ficou “aliança perpétua”. A justificativa da equipe foi facilitar a compreensão do leitor. Porém, o sal é um elemento importante no contexto da

Bíblia hebraica, inclusive retomado no Novo Testamento como metáfora. Para Antoine Berman, esse processo deforma os originais.

Assim como muitas traduções bíblicas para idiomas vernáculos, a *Nova Almeida Atualizada* apresenta uma deformação chamada por Berman de “destruição dos ritmos”. Pouquíssimas traduções bíblicas incorporam o ritmo da poesia e da prosa hebraica em seus textos — os poucos exemplos que se podem apontar em língua portuguesa, como as traduções de Haroldo de Campos do *Bere’shit* (Gênesis) e de *Qohéleth* (Eclesiastes), acabam sendo tomados por “experimentais” ou exóticos. Além disso, por razões diversas, não alcançam leitores religiosos. No caso da NAA, ao reordenar frases e organizar o texto em português, produziu-se esse apagamento do ritmo. Observa-se, ainda, a dificuldade em experimentar a poesia bíblica, embora o formato dos textos tenha mudado, o que também não coopera para a recriação do ritmo na tradução.

Por outro lado, a NAA corrige uma tendência da tradução de 1959, que opta pelo uso de muitas palavras diferentes para a tradução de verbetes e conceitos que no original são um só. Isso fez com que muitas “palavras-guias” no hebraico fossem reencontradas.

Por meio dos exemplos extraídos da revisão, pôde-se empreender uma avaliação do que foi feito e concluir que foi um trabalho de fôlego. É verdade que, na análise, quanto aos critérios da analítica de Berman, a revisão introduziu certas tendências deformadoras na tradução, como o rearranjo sintático e o alongamento, com o argumento da inteligibilidade. Porém, isso fez parte do próprio projeto, tal qual determinado em diálogo com as igrejas. Portanto, não se tratou de uma decisão unilateral, mas de uma proposta que atendeu a um desejo manifestado *a priori* justamente por aqueles que leem a tradução. Por outro lado, a NAA corrigiu algumas tendências deformadoras do original introduzidas pela tradução anterior.

Foi possível perceber novos caminhos que se desvelaram ao longo da revisão do texto. Isso foi sendo descoberto à medida que a equipe equilibrava os pressupostos de tradução e as possibilidades de traduzir, compreendendo o tipo de interferência a ser feita nos textos.

Após quatro anos, o trabalho redundou numa publicação nova, com potencial de impactar muitos brasileiros. A expectativa da comissão e da Sociedade Bíblica do Brasil foi a de compor uma tradução que alcançasse jovens e novos leitores da Bíblia, falantes do português atual, a fim de que encontrassem para si um texto contemporâneo, inteligível e, ao mesmo tempo, que se mantivesse “Almeida”.

Reconheceu-se, por meio do trabalho de revisão, a existência de certos limites a que toda tradução, em maior ou menor grau, está fadada, além da convivência, num mesmo projeto,

de ganhos e perdas. A comissão em todo o tempo lutou com a pressão da recepção, ou seja, leitores e igrejas cristãs — um grupo grande e heterogêneo, que possui expectativas e demandas difíceis de serem supridas integralmente. Mas, ao mesmo tempo, observou-se que, embora difícil, não é impossível romper com certas tradições e propor o novo.

Atualizar uma tradução clássica e sensível, que há muito tempo não sofre alterações, de um texto com *status* sagrado, com todos os problemas que isso pressupõe, é, sem dúvida, um trabalho desafiador, que coloca sobre os ombros de revisores e tradutores uma enorme responsabilidade — e os sujeita, inevitavelmente, sobretudo em nossos dias, aos holofotes da crítica.

REFERÊNCIAS

- ABDULKADER JR., I. P. **Uma tradução outra: a tradução dialógica de Franz Rosenzweig posta em diálogo**. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.
- ACKROYD, P. R.; EVANS, C. F. (Eds.). **The Cambridge History of the Bible**. From the beginnings to Jerome (vol. 1). Cambridge: Cambridge University Press/Cambridge Histories Online, 2008.
- ALAND, K.; ALAND, B. **O texto do Novo Testamento** — Introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- ALTER, R. **Genesis**: Translation and commentary. New York: W.W. Norton, 1996.
- _____. **A arte da narrativa bíblica**. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTER, R.; KERMODE, F. (Orgs.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: UNESP, 1997.
- ALVES, Herculano. **A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida**. Coimbra: Sociedade Bíblica de Portugal/Sociedade Bíblica do Brasil/Difusora Bíblica, 2006.
- _____. Panorama das traduções da Bíblia em português no século XX e a sua recepção no meio católico. In: CAVACO, Timóteo; DANIEL, Simão (Orgs.). **A Bíblia e suas edições em língua portuguesa**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/Sociedade Bíblica de Portugal, 2010, p. 209-236.
- ARDUINI, Stefano; HODGSON JR., Robert. **Similarity and difference in translation**. Roma: Guaraldi, Rimini, 2004.
- ASNIS, Nelson. A prática da circuncisão no judaísmo em questão. **WebMosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall** v. 7 n. 1, jan.-jun. 2015. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/59267>, acesso em 20 mar. 2018.
- BAKER, M. (Org.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London/New York: Routledge, 2001.
- BARNWELL, K. **Tradução bíblica**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BASCOM, Robert. The role of culture in translation. Málaga, Spain, **TTW** 2000, p. 1-26.
- BASSNETT, S. **Translation studies**. London/New York: Routledge, 2002.
- BATNITZKY, L. Translation as transcendence: a glimpse into the workshop of the Buber-Rosenzweig Bible translation. **New German Critique**, n. 70, 1997, p. 87-116.
- BEAUMONT, M. **Guia prático da Bíblia**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1987.

BÍBLIA PARA TODOS. Tradução Interconfessional. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portugal, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Almeida Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

_____. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

_____. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

_____. **Almeida Revista e Corrigida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

_____. **Tradução Brasileira**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

_____. **Tradução da CNBB**. Brasília: Canção Nova/CNBB, 2010.

_____. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Editora Vida, 2004.

BIDERMANN, Maria Teresa Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. **Alfa: Revista de Linguística** n. 18-19. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972-1973, p. 339-382.

BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an appendix containing the biblical aramaic: coded with the numbering system from Strong's exhaustive concordance of the Bible hardcover. Hendrickson Pub, Reprint edition, June 1, 1996.

BYUN, Gilja; KIM, Wonbo. The importance of Nida (1964)'s theory in translation. **Journal of Linguistic Studies** vol. 19, n. 1, 2014, p. 107-126.

CAMPOS, Haroldo de. **Bere'shit**. A cena da origem. São Paulo: Perspectiva, 1993.

_____. Da tradução como criação e como crítica. In: **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Qohélet/O-que-sabe**: Eclesiastes, poema sapiencial. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CARVALHO NETO, G. L. **Metarrepresentação em tradução**: uma análise relevantista dos processos inferenciais de tradutores expertos na tradução de textos sensíveis (sagrados). Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

CATFORD, J. C. Translation shifts. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000, p. 141-147.

CAVACO, Timóteo A. J. O contexto específico das origens da Sociedade Bíblica e os seus "vários começos" em Portugal. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões** ano IV, 2005, n. 7/8, p. 31-49.

CAVALCANTE, Jairo Paes. **O método de tradução de João Ferreira de Almeida: o caso do Evangelho de Mateus**. Dissertação (Mestrado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013.

CHAGAS, H. S. **Domínio discursivo e doutrinas religiosas em traduções da Bíblia para a língua portuguesa: mapeamento linguístico-discursivo no livro de Lucas (Novo Testamento)**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.

CHAVES, Elaine. **A implementação do pronome você: a contribuição das pistas gráficas**. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

CHWARTS, Suzana. Família e clã nas narrativas patriarcais e na literatura profética: um breve comentário. **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica** n. 14, p. 126-140, 26 dez. 2016. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/125036/122075>, acesso em 27 mar. 2018.

CIAMPA, R. E. The terms of translation: ideological challenges for Bible translators. **International Journal of Frontier Missiology** 28:3, p. 139-148, 2011. Disponível em http://www.ijfm.org/PDFs_IJFM/28_3_PDFs/IJFM_28_3-Ciampa.pdf, acesso em 21 ago. 2016.

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

COMMITTEE ON PROBLEMS IN BIBLE TRANSLATION. **Problems in Bible translation**, 1954. Disponível em <https://www.adventistbiblicalresearch.org/materials/books/problems-bible-translations>, acesso em 25 ago. 2016.

DAVIDSON, F. (Ed.). **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DE BLOIS, Kees; SOESILO, Daud; BUZZETTI, Carlo. **UBS Guidelines for revision of Scripture Translations**. United Bible Societies, Triennial Translation Workshop, 2010.

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. **Translators through history**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1984.

DE WAARD, J.; NIDA, E. **From one language to another**. Nashville: Thomas Nelson, 1986.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Trad. Sónia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70 [s.d.].

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

_____. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. São Paulo: Record, 2007.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos**. São Paulo: Loyola, 2005.

ESPERANÇA, Augusto (Ed.). **Deus, o homem e a Bíblia: João Ferreira de Almeida (1629-1691)**. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portugal, 1993.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. Revelação ou entendimento: alguns apontamentos sobre a tradução de textos religiosos. **Trab. Ling. Aplic.** n(50.2), Campinas, jul./dez. 2011, p. 235-256.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem studies. In: **Poetics today**. Durham: Duke University Press, 1990.

FERNANDES, Luis Henrique Menezes. **Diferença da Cristandade**. A controvérsia religiosa nas Índias Orientais holandesas e o significado histórico da primeira tradução da Bíblia em português (1642-1694). Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo. Bíblia. Novo Testamento, Os Quatro Evangelhos. Traduzido do grego por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, 424 p. ISBN 9788535928815. **Rev. Estud. Class. Campinas** v. 18, n. 1, jan./jun. 2018, p. 119-122.

GENTZLER, E. **Contemporary translation theories**. London/New York: Routledge, 2001.

GEORGE, Calvin. **La historia de la Biblia Reina-Valera 1960**. Kearney, NE: Morris Publishing, 2005.

GIRALDI, Luiz Antonio. **Semeadores da Palavra**: personagens que tiveram participação decisiva na divulgação da Bíblia no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

_____. **A Bíblia no Brasil República**: Como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

_____. **A Bíblia no Brasil Império**: Como um livro proibido durante o Brasil colônia tornou-se umas das obras mais lidas nos tempos do Império. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

_____. **História da Bíblia no Brasil**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

_____. **The American Bible Society in Brazil**. New York: The American Bible Society, 2009.

GOHN, C. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. In: PAGANO, A. S. (Org.). **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001, p. 147-170.

GONÇALVES, A. C. Almeida, continua no Brasil. **Revista Igreja Luterana** v. 20, 1959, p. 126-127.

GREENSLADE, S. L. (Ed.). **The Cambridge History of the Bible: The West from the Reformation to the present day** (vol. 3). Cambridge: Cambridge University Press/Cambridge Histories Online, 2008.

HALLOCK, E. F.; SWELLENGREBEL, J. L. **A maior dádiva e o mais precioso tesouro: a biografia de João Ferreira de Almeida**. Rio de Janeiro: JUERP, 2000.

HAMESSE, J. A história da leitura. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; IBOPE. **Retratos da Leitura no Brasil**. 2016. Disponível em http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf, acesso em 16 ago. 2016.

KERR, G. J. Dynamic equivalence and its daughters: placing Bible translation theories in their historical context. **Journal of Translation** vol. 7, n. 1, 2011, p. 1-19.

KETZER, Estevan de Negreiros. Por uma ética do ritmo: A tradu(i)ção bíblica de Henri Meschonnic. **Arquivo Maaravi Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 10, n. 19, nov. 2016. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/10969>, acesso em 28 abr. 2017.

KIM, Dohun. Dynamic Equivalence: Nida's Perspective and Beyond. **Skase Journal of Translation and Interpretation (online)** vol. 8, n. 1, 2015. Disponível em http://www.skase.sk/Volumes/JTI09/pdf_doc/03.pdf, acesso em 21 set. 2018.

KONINGS, J. Traduções bíblicas católicas no Brasil (2000-2015). **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.**, v. 8, n. 1, Curitiba, jan./abr. 2016, p. 89-102. Disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis>, acesso em 25 ago. 2016.

_____. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil. **Persp. Teol.** 35, 2003, p. 215-238. Disponível em <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/viewFile/574/998>, acesso em 16 nov. 2018.

KOSKINEN, Kaisa. **Translating Institutions: An ethnographic study of EU translation**. Manchester: St. Jerome, 2008.

LAMPE, G. W. H. (Ed.). **The Cambridge History of the Bible: The West from the Fathers to the Reformation (vol. 2)**. Cambridge: Cambridge University Press/Cambridge Histories Online: 2008.

LEFEVERE, A. **Translation, rewriting and the manipulation of literary frame**. London/ New York: Routledge, 1992.

_____. **Translation**. History, culture: a sourcebook. London: Routledge, 1992.

LEVÝ, JIŘÍ. A tradução como um processo de tomada de decisão. Trad. Gustavo Althoff e Cristiane Vidal. **Scientia Traductionis** n. 11, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/download/1980-4237.2012n11p72/22525>, acesso em 6 dez. 2018.

LOPES, Mariú Moreira Madureira. A sensibilidade na tradução de textos sagrados. **Todas as Letras** v. 11, n. 2, São Paulo, 2009, p. 62-73.

LOW, J.; NIDA, E. **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MALMKJAER, K. **Linguistics and language translation**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.

MARGOT, J. C. **Traducir sin traicionar**: teoria de la traducción aplicada a los textos bíblicos. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987.

MESCHONNIC, Henri. Manifesto em defesa do ritmo (1999). **Caderno de Leituras** n. 40, out. 2015. Disponível em <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/10/Caderno-n.40-ok1.pdf>, acesso em 6 jul. 2018.

_____. **Poética do traduzir**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. Traduzir: escrever ou desescrever. **Scientia Translationis** n. 7, 2010.

_____. **Linguagem**: ritmo e vida. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

_____. **Au commencement**: traduction de la genese. Paris: Desclée de Brouwer, 2002.

_____. **Critique du rythme**. Paris: Verdier, 1982.

METZGER, B. M. Persistent problems confronting Bible translators. **Bibliotheca Sacra** 150, jul.-set. 1993, p. 273-84. Disponível em https://faculty.gordon.edu/hu/bi/ted_hildebrandt/new_testament_greek/text/metzger-translationproblems03-bs.pdf, acesso em 22 ago. 2016.

MILLER, S. M.; HUBER, R. V. **A Bíblia e sua história**. O surgimento e o impacto da Bíblia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MILTON, J. **Tradução**: teoria e prática. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **O Clube do Livro e a tradução**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **O poder da tradução**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. As traduções do Clube do Livro. **TradTerm** 3, 1996, p. 47-65.

MONTGOMERY, James A. Notes on the Old Testament. **JBL**, 1912, pp.141-142.

MOORE, G. F. The Vulgate chapters and numbered verses in the Hebrew Bible. **Journal of Biblical Literature** vol. 12, n. 1, 1893, p. 73-78. Disponível em https://www.jstor.org/stable/3259119?seq=1#metadata_info_tab_contents, acesso em 8 dez. 2018.

MOREIRA, T. S. **Os Salmos na NTLH**: uma análise da equivalência dinâmica aplicada à poesia hebraica. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Aires A. Dizer a Bíblia em português: fragmentos de uma história incompleta. In: CAVACO, Timóteo; DANIEL, Simão. **A Bíblia e suas edições em língua portuguesa**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/Sociedade Bíblica de Portugal, 2010.

NIDA, E. A. **Fascinated by languages**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

_____. **Contexts in translating**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

_____. **Translating meaning**. San Dimas, California: English Language Institute, 1982.

_____. **Toward a science of translation**: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating. Leiden: E. J. Brill, 1964.

NIDA, E. A.; TABER, C. R. **The theory and practice of translation**. Leiden: E. J. Brill, 1982.

NORD, C. Loyalty revisited. Bible translation as a case in point. **The translator** v. 7, n. 2, 2001, p. 185-202.

_____. **Translating as a purposeful activity**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

_____. **Text analysis in translation**. Theory, methodology, and didactic applications of a model for translation-oriented text analysis. Amsterdam: Rodopi, 1991.

NOSS, P. A. (Ed.) **A history of Bible translation**. Vol. 1. Rome: Edizioni di Storia e Letteratura, 2007.

NOVO TESTAMENTO, SALMOS E PROVÉRBIOS. Almeida Revista e Atualizada, Nova Edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

OLIVEIRA, M. C. C. **O pensamento tradutório judaico**: Franz Rosenzweig em diálogo com Benjamin, Derrida e Haroldo de Campos. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Letras, Estudos Literários/FALE-UFMG, 2000.

OMANSON, R. L. **Variantes textuais do Novo Testamento**. Análise e avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PAROSCHI, W. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. Henri Meschonnic, tradução bíblica e tradição: a escolha do ritmo. **WebMosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall** v. 7, n. 1, jan.-jun. 2015. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/59268/35274>, acesso em 17 abr. 2017.

PETERSON, Eugene. **A Mensagem**. São Paulo: Editora Vida, 2011.

PYM, Anthony. “All things to all people”. On Nida and involvement. **Intercultural Studies Group**, Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Spain, set. 2008. Disponível em

http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/2008_Nida_and_involvement.pdf, acesso em 24 abr. 2017.

RAUPP, M. **A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra.** Tese (Doutorado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

RIBEIRO NETO, J. **A influência da tradição na tradução e interpretação de Isaías 52.13—53.12.** Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Tradução da Bíblia Hebraica em dez versões brasileiras. **Cad. Trad.** vol. 38, n. 3, Florianópolis set./dez. 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-79682018000300068&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt, acesso em 2 mai. 2019.

SANTOS, Antonio Ribeiro dos. Memória sobre algumas traduções, e edições bíblicas menos vulgares; em língua portuguesa, especialmente sobre as obras de João Ferreira de Almeida. **Memórias da literatura Portuguesa** tomo VII. Lisboa: 1806.

SCHÄFFER, A. M. M. “Construindo (des)igualdades de gênero pela tradução”. **Anais do X SEL - Seminário de Estudos Literários: “Cultura e Representação”.** Disponível em http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/anamaria.pdf, acesso em 21 nov 2017.

SCHÄFFNER, C. The concept of norms in translation studies. **Current Issues in Language & Society** vol. 5, n. 1-2, 1998.

SCHOLZ, V.; BRATCHER, R. G. **Novo Testamento Interlinear grego-português.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

SCHOLZ, V. As traduções da Bíblia publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil: breve histórico e características. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.** v. 8, n. 1, p. 73-88, jan.-abr. 2016. Disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis>, acesso em 24 ago. 2016.

_____. O desafio da tradução bíblica para o português hoje. In: CAVACO, Timóteo; DANIEL Simão (Orgs.). **A Bíblia e suas edições em língua portuguesa.** Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/Sociedade Bíblica de Portugal, 2010.

_____. Bíblia de Almeida: sua origem, as revisões e os princípios envolvidos. In: SEIBERT, E. W. (Org.) **Fórum de Ciências Bíblicas.** Vol. 1. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 7-35.

_____. **Princípios de interpretação bíblica:** introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários. Canoas: Ed. Ulbra, 2006.

SCORGIE, G. G.; STRAUSS, M. L.; VOTH, S. M. (Orgs.). **The challenge of Bible translation.** Michigan: Zondervan/Grand Rapids, 2003.

SIMMS, K. **Translating sensitive texts:** linguistic aspects. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1997.

SOUZA, T. P. (trad.); MILTON, J. Tradução e adaptação. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. A. (Orgs.). **Tradução &:** perspectivas teóricas e práticas (*online*). São Paulo: Editora Unesp/Cultura Acadêmica, 2015, p. 17-43.

STINE, Philip C. Dynamic equivalence reconsidered. **In The Translator** vol. 10, n. 1, 2004, p. 129-135.

STRONG, James. **Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002; 2005.

TOMÉ, João Pedro Meireles. João Ferreira Annes de Almeida (1628-1691): Reconstituição biográfica do seu percurso educativo (1628-1642). **Omni Tempore**. Encontros da Primavera 2016, 2 (2017), p. 174-214. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15563.pdf>, acesso em 8 fev. 2018.

TOV, Emanuel. **Crítica textual da Bíblia hebraica**. São Paulo: BV Books, 2017.

UNITED BIBLE SOCIETIES. Global Scripture Distribution Report 2015. **Annual Progress**. Disponível em <https://www.unitedbiblesocieties.org/scripture-distribution-remains-steady-around-the-world/>, acesso em 17 ago. 2016.

_____. **The Bible Translator**. London Thousand Oaks, CA, New Delhi, Singapore e Washington DC: SAGE, [s.d.].

VENUTI, L. **The translator's invisibility**. London/New York: Routledge, 2007.

VENUTI, L. (ed.). **Translation studies reader**. London/New York: Routledge, 2000.

WAISMAN, S. **Borges y la traducción**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.

WALLS, Andrew F. **The missionary movement in Christian history: Studies in the transmission of faith**. New York: Orbis Books, 1996.

WENDLAND, E. **Contextual frames of reference in translation**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2008.

WOLFF, H. W. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2004.

WYCLIFFE, Aliança Global. **Estatísticas das Escrituras e línguas 2015**. Disponível em <http://www.wycliffe.net/pt/resources/scripture-access-statistics>, acesso em 17 ago. 2016.

XIANG, Yinhua. Validity of the principle of dynamic equivalence. **Journal of Language Teaching and Research** vol. 3, n. 1, 2012, p. 200-204.